CAM
10 P

[redacted]

Vê-se no prologo aos Leitores que precede ás Rimas ser esta a 1ª Edição, e como tal é considerada. Este prologo é de Fernão Rodrigues Lobo Surrupita, advogado na Corte.

Encadernação . . . 200 —

A — 10

10

Soneto ×

Com grandes esperanças ià cantej
Com que os Deuses no Olympo conquistara
Despois uim a chorar porq cantára,
E agora choro ja, porque chorej
Se cuido nas passadas que ià dej
Custame esta lembrança sô tas cara,
que a dor de ver as magoas q passara
tenho pola mor magoa que passei.
Pois logo se està claro que hum torm
Da causa, q outro n'alma se acrecente,
Ia nunca posso ter contentamento
Mas esta fantesia seme mente.?
Ô ocioso, & cego pensamento
Ainda Eu imagino Em ser Contente.

N.B. Estes sonetos com excepcao do que vai marcado com a nota (a) achao-se impressos na Edicao de 1598.

Soneto

Des pois que quis Amor q̃ Eu so passasse
quanto mal á ꝑ m.tos repartiu.
Entregoume â fortuna porq̃ uiu
que nao tinha mais mal q̃ Em mi mostrasse
Ellá ꝑ que do Amor se auentajasse
no tormento q̃ o Ceo me permittiu
o que ꝑ ninguem se consentiu,
ꝑ mi so mandou q̃ se inuentasse.
Eis me aqui uou com uario som grita
(copioso exemplario pera agente)
que destes dous tyrannos se soggei
Desuarios em uersos concertando.
triste quem seu descanso tanto estrei
que deste tam pequeno esta conten

RHYTHMAS DE LVIS DE CAMOES,

Diuididas em cinco partes.

Dirigidas ao muito Illuſtre ſenhor D. Gonçalo Coutinho.

Impreſſas com licença do ſupremo Conſelho da geral Inquiſição, & Ordinario.

EM LISBOA,
Por Manoel de Lyra, Anno de M. D. LXXXXV.
A cuſta de Eſteuão Lopez mercador de libros.

T. NORTON.

VI por mandado de sua A. o liuro intitulado Rimas de poesia de Luis de Camões, assi como vay nam tem cousa que seja contra a nossa sancta Fe Catholica, ou contra os bós costumes, & guarda delles, antes com sua poesia pode ensinar, & com a variedade deleytar a muytos. Vsa o autor como poeta destes vocabulos Deoses, Fado, Fortuna, & outros semelhantes, os quais ja algũs lhe tacharão, mas sem rezão, porque não pode prejudicar as consciencias, o que nam encontra as escripturas, nem a verdadeira Theologia: Este vocabulo Deoses he vsado na sagrada Escrittura a cada passo. Fado se admite na Theologia, como se pode ver em S. Thomas 1. par. q. 116. art. 1. & sequentibus, & 3. cõtra gẽtes, c. 9 onde approua o parecer daquelles que disseram fatum esse ordinationem quæ est in rebus ex diuina prouidentia. E mais abaxo accrecẽta, Secũdum hanc ergo acceptionem negare fatũ, est prouidentiam diuinam negare. De fortuna loquitur August. lib. 1. quæstionum super Genesim. q. 91. diz Fortuna intelligenda est pro his rebus quæ fortuitô videntur accidere, nõ quia nomem aliquod sit. E que o autor vse destes vocabulos neste sentido, esta claro de outros lugares seus, como mostrey largamente na approuação que dey as Lusiadas do mesmo autor que agora nouamẽte se imprimem; o q̃ visto bem se pode este liuro imprimir.

F. Manoel Coelho.

Vista a informação, podese imprimir este liuro, & depois de impresso torne a este Conselho, pera se conferir, & se lhe dar licença pera correr. Em Lisboa a 17 de Nouembro de 94.

Obispo Deluas. Diogo de Sousa. Marcos Teixeira.

¶ *Podese imprimir a 3. de Dezembro de 94.*

Ioão de Lucena Homem.

CAM 10 P

EV ELREY Faço ſaber aos que eſte meu aluara virem, que Eſteuão Lopez liureyro, morador neſta Cidade de Lisboa, me enuiou dizer por ſua petição, que eu ouuera por bẽ de lhe dar licença por elle ter ja a da ſancta Inquiſição, & do Ordinario, pera ſe poderem imprimir varias Rimas poéticas de Luis de Camões, que inda não forão impreſſas: & para ſe tornar a imprimir o liuro dos ſeus Luziadas q̃ ja foy impreſſo, por agora auer poucos, & porque tiuera trabalho em ajuntar as ditas obras, & gaſtara muito na impreſſam, me pedia ouueſſe por bem de lhe conceder priuilegio, para ninguem poder imprimir, nem vender os ditos liuros ſem ſua licença, & receberia merce. E viſto ſeu requerimento, & por lha fazer ey por bem, & me praz que por tempo de dez annos, nenhum imprimidor, nem liureyro algum, nem outra peſſoa de qualquer qualidade que ſeja, não poſſa imprimir, nẽ vender em todos eſtes Reynos & Senhorios de Portugal, nem trazer de fora delles os ditos liuros, ſenam aquelles liureyros, & peſſoas que para iſſo tiuerem licença do dito Eſteuão Lopez. E qualquer imprimidor, liureyro, ou peſſoa que durãdo os ditos dez annos, imprimir, ou vender os ditos liuros de varias Rimas, & o das luziadas de Luis de Camões, nos ditos Reynos, & Senhorios, ou os trouxer de fora delles ſem licẽça do dito Eſteuão Lopez, perderá para elle todos os volumes que aſsi imprimir, vender, ou de fora trouxer: & além diſſo encorrerá em pena de vinte cruzados, ametade para minha Camara, & a outra ametade para quem o acuſar. E mando a todas minhas juſtiças, officiaes, a que o conhecimento diſto pertencer, que lhe cumprão, guardem, & façam inteiramente comprir, & guardar eſte aluara, como ſe nelle contem: o qual me praz que valha, & tenha força & vigor, poſto q̃ o effeito delle aja de durar màis de hũ anno, ſem embargo da Ordenação do ſegundo liuro, titulo vinte, que o contrario diſpoem. Belchior Pinto o fez em Lisboa a trinta de Dezembro, de mil & quinhentos, & nouenta & cinco. Ioão da Coſta o fez eſcreuer.

REY.

BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA

❡ Ao muito Illustre Senhor D. Gonçalo Coutinho.

DVAS razões, muito Illustre Senhor, me mouerã a tirar a luz esta parte das obras do admirau Luys de Camões Principe dos Poëtas. A primeyr serem ellas taes, que meresce o autor este nome. segunda ter eu a v.m. por meu senhor, para me v ler de seu emparo nos casos a que se arrisca que sae a publico, & ambas me obrigam a offerecellas a v.m. & pedirlh que sofra arrimallas a seu nome. Porque se me render louuor de bo juyzo a escolha que fiz de taõ alta poësia para a imprimir, quero f car de todo acreditado, na eleyção do padroeyro que tomo para defender. Quam alta, & quam excellente obra seja esta, bem posso e cusar de o encarecer, pois a ponho no theatro do mũdo, na mais pur & emendada impressam que pude auer. Nella está retratado, antes v uo aquelle admirauel engenho, de quẽ affirmo q̃ se viuera pudera fa zer immortal o nome Portuguez, & ainda das feridas de nossas cala midades, em que tantos falsos escrittores taõ pesadamente nos ma goarão, soubera tirar louuores, & tropheos. Não posso declarar com espanta a agudeza de seus conceitos, como obriga a propriedade da palauras, como enleua o encarecimento das razões. Que alteza tem de sẽtẽças, que metaphoras, que hiperboles, que figuras tã Poëticas! Admirauel he a grauidade dos Sonetos, a graça das Odes, & Cãçoes a malencolia tam musica, das Elegias, a brandura tam namorada das Eglogas. Que direy da policia & facilidade do verso? da elegãcia dos termos da riqueza da lingoa? Por hũa parte me parece que tira a todo homẽ a esperança de ser Poëta: por outra toda a disculpa ao que vão mendigãdo lingoajes estrangeiras para compor nellas, & ta chão a nossa de esteril: defeito seu, mais q̃ culpa della. Apontei estas cousas, que v.m. não ignora, porque quero que entenda que sei co- nhecer o preço do que dou. Por onde me hei por muy obrigado a mi nha ventura, por me appresentar occasião, em que desejando muito seruir a v.m. quasi igualei a vontade com a obra. Mas tambem con- fesso que lhe não deuerei nunca poderme dar cousa que iguale ao merescimento de v.m. Em cujos louuores não quero entrar, porque vejo diante o mar Oceano muito mais largo, & estendido do que na verdade he. Baste que se fiz algum seruiço a v.m. com as poesias de Camões, muito mayor o fiz a elle, em as entregar a v.m. de quẽ se sabe q̃ em dotes de animo, he mayor q̃ todos seus iguaes, & nas do

corpo

corpo igual a todos os mayores do mundo. Porque quanto à isto que menos importa a casa dos Coutinhos he hũa das muy poucas, que começarão com o Reyno em Portugal, & com ella permanescerão. Mas que digo começarão? No mesmo tempo do primeiro Rey Afonso consta per escripturas antiguas, que auia Coutinhos, que erão conquistadores per si. Para o que era necessario terem a sangue illustre para obrigar o pouo, & riqueza para o pagar: que sam os dous esteos que conseruão a nobreza. De como se continuou por estes quatrocentos annos por virtude propria, mais que fauor alheo dao testemunho todos os lugares, em que Portugueses fizerão feitos de valor, semeados de ossos de Coutinhos. E como a virtude per si mesmo sem outra valia se sustenta, deu a este Reyno doze, & mais casas, q̃ oje cõ esplendor illustre se continuan liberaes de valerosos peitos para a guerra, & não a varas de perfundos juyzios para a administração da paz. Entre estas deu dous Condados, dos quaes, & do mais antigo & verdadeyro desta familia (inda que oje etincto por se iuntar com a casa Real, pello casamento do Iffante dom Fernando, yrmão del Rey dom Ioão o terceyro, com a senhora dona Guimar, vltima possuydora delle) he v.m. decendente per linha legitima masculina. Quanto as partes do animo de que Deos dotou a v. m. bom indicio nos deu v.m. dellas na sua empresa da olyueyra, que tanto tẽpo ha que vsa em suas armas. Porque esta he aquella que engeitou o Reinado das outras aruores, que dignamente lhe offereciam. E esta he aquella que he Symbolo da paz, & brãdura cortezã de que v.m. he dotado. Esta he a aruore de Pallas, que mestura cõ as armas todas as boas sciencias & disciplinas com tal conserto, que reciprocamente se communicão admirauel lustre, como as vemos em v. m. na letra, MIHI TAXUS. Estou contemplando o queixume geral dos grandes entendimentos, que sentenciosamente se descobre nella: os quaes hũa vez por nam serem conhecidos daquelles a quem elles faltão, & outra por serem dos mesmos enuejados nunca alcanção o que merescem. De maneira que o saber pella Olyueira, significando, que lhes ouuera de ser occasião de sobirem a grandes estados, lhes causa effeitos de cõtradição & odio, entendidos no veneno do texo. Outras muitas applicações se podem descubrir nesta empreza, assi ao sentido moral, como ao namorado, que todos me dão certos penhores do profundo juyzo de v.m. das quaes nã trato, pellas não danar cõ a pobreza de meu estillo, & por deixar que especular aos bõs engenhos. E bẽ mostra v. m. nellas as partes excellentes de seu animo, de que não direy mais, porq̃ sey q̃ não bastão liuros inteiros, quãto mais prologo curto

¶ 3 Mas

Más como não ey de exalçar atè o ceo a magnifica & mui heroica obra que v.m.fez em dar ſepultura honrada aos oſſos deſte admirauel varão, que pobre & plebeiamente jazião no Moſteiro de ſanta Anna. Tomou v.m. â ſua conta a obrigação cõmua, não deſte Reino ſoo, mas de toda Eſpànha: & aſsi recolheo para ſi toda a gloria que a toda eſta prouincia viera, ſe para tão deuida obra ſe ajuntara. Baſtânte razão era eſta para ſuas Poeſias ſerem dedicadas ao nome de v.m.& não conhecerem outro. Aceiteas v.m. defendaas, honreas, que ſe v.m. o fizer entre os eſtrangeiros, elle lhe pagara com honrar ſeu nome entre os eſtrangeiros & naturaes. Porque a verdadeira patria dos altos engenhos, não he o lugar que conhecem por naſcimento, he sô o entendimento claro & perfeito, que ſabe eſtimar as couſas grandes, & leuantadas. E aſsi o emparo que v.m.lhe der entre juizos pobres que o perſeguem, como eſtrangeiro, pagarâ com fazer enuejado o nome de v.m. entre os ricos & excellentes que o eſtimão como natural. E bem he razão, que pois elle por meo de v.m. começa oje a viuer noua vida per gloria de ſeus eſcrittos, fique a memoria de v.m. pello ſeu, liure das leis da morte & do eſquecimento, cõforme â antiga & bem prouada profecia Poetica. Por maneira, que ſe v.m. lhe for Achilles entre aquelles, ſeja elle para v.m. Homero entre hũs & outros. Noſſo Senhor a muito illuſtre peſſoa de v.m. guarde, vida & caſa accreſcente como pode. De Liſboa 27. de Feuereiro de 95.

Beja as maõs a v.m.

Eſteuão Lopez.

IN LAVDEM LODOVICI Camonij Principis Poëtarũ.

Emanuelis Souſæ Coutigni Epigramma.

QVod Maro ſublimi, quod ſuaui Pindarus, alto
Quod Sophocles, triſti Naſo quod ore canit.
Mœſtitiam, caſus, horrentia prælia, amores,
Iuncta ſimul, cantu ſed grauiore damus.
Quis nam author? Camonius. Vnde hic? Protulit illum
Lyſia in Eoas imperioſa plagas.
Vnus tanta dedit? Dedit, & maiora daturus,
Ni celeri fato corriperetur, erat.
Vltimus hic choreis Muſarum præfuit, illo
Plenior Aonidûm eſt, nobiliorq́ chorus.
Flos veteris, virtusq́ nouæ fuit ille Camænæ,
Debita iure ſibi ſceptra poëſis habet.
In Luſitanos Heliconis culmina tractus
Tranſtulit, antra, Lyras, ſerta, fluenta, Deas.
Currere Caſtalios noſtra de rupe liquores,
Iuſsit ab inuito prata virere ſolo.
Cerne per incultos Tempe meliora receſſus,
Cerne ſatas ſterili ceſpite veris opes.
Omnibus Occidui tibi rident floribus horti:

BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA

Non ego iam Lysios credo, sed Elysios.
Orpheus attonitas dulci modulamine cautes,
Traxit et ab Stygio squallida monstra foro.
Thessalicos, Lodoice, sacro cum flumine montes,
Pieridûmq; trahis, cælitûumq; choros.
Sunt maiora tuæ Orphœis miracula vocis.
Attica, quid faceres, si tibi lingua foret?

ALIVD EIVSDEM.

Ad Dominum Gondisaluum Coutignum.

Nominibus gentis, donis, Coutigne, Mineruæ,
Nobilitatis honos, Pieridûmq; decus.
Victa situ in tenebris Camonij Musa iacebat,
Quo nihil in toto grandius orbe sonat.
Per te squallentem cultum deponit, et audet
Obsita Lysiacæ plectra ferire Lyræ.
Ac velut Orphœo reuocasti munere amicum,
Orphœus existet nominis ille tui.
Sic vos alterno viuetis munere, et Orpheus
Alter erit Musæ, nominis alter erit.

DE LVIS FRANCO,
SONETO.

SOpra la polue, & l'oßa regnar morte
Potrà, & ne i mortali hauer l'impero,
Et sepellir il nome al nuouo Homero,
Et negarli il sepolchro l'empia sorte.
Però la fama del morir piu forte
Lo rese chiaro al vno, e altro Hemisphero,
V' regna Phebo, e oue il popol piu fiero
Habita Hircania, Scythia, & Caspie porte.
Di Gonzallo mercê gentil Coutigno,
Per Muse illustre, & arme, & aui Illustri.
Ch' al Camões nella morte fu Mecena.
Per cui Phenice egli rinasce, e vn cigno,
Per cui viurà nel mondo mille lustri:
La sua dolce, & altißona camena.

Diogo Bernardes, em louuor de Luys de Camoes.

Soneto.

Quem louuarâ Camões qu' elle não seja?
Quem não vê que cansa em vão engenho, & arte?
Elle se louua a si soo, em toda parte,
E toda parte, elle soo enche d'inueja.
Quem iuntos n'hum sprito ver deseja
Quantos dões, entre mil Phebo reparte
(Quer elle de amor cante, quer de Marte,)
Por mais não desejar, elle soo veja.
Honrou a patria em tudo: imiga sorte
A fez, com elle soo, ser encolhida,
Em premio d'estender della a memoria.
Mas se lhe foy fortuna escassa em vida
Não lhe pode tirar despois da morte
Hum rico emparo de sua fama & gloria.

AO AVTOR,
De Diego Taborda Leitão,

SONETO.

SPirito, que ao Empyreo cèo voaste,
Das Musas cà na terra tão chorado,
Quanto milhor terás ja la cantado,
Do muito que taõ bem nos cà cantaste?
Partistete de nòs, sòs nos deixaste,
A ser la doutro lauro laureado,
Differente daquelle que te hão dado
Os que cà com teus versos tanto honraste.
Là Hymnos, Odes, cantos mais suaues
Pòdes cantar na Angelica Hierarchia,
Onde essa voz de cisne mais se apurã.
Nem te podem faltar materias graues,
Em que occupes melhor a fantasia,
Qu'emfim o de cà passa, o de là dura.

COMO Este liuro há de vir a maõs de muitos. E não he posſiuel em todos ſer igoal a noticia das couſas, que ſe requerem para entendimento delle, não paresceo pouco acertado aduertir breuemente algũas, aſsi ſobre o titulo & diuiſaõ da obra, como tambem ſobre o autor della: & começando pello titulo, eſta palaura Rhythimas, (que os Italianos, & Franceſes pronunciaõ ſem aſpirações) deſcende de ῥυθμὸς, vocabulo Grego, q̃ quer dizer numero, ou armonia, como declara Diomedes grámatico, & Nicolao Peroto na Cornucopia no Comento do 4. Epygráma. E em ambas as ſignificações conuem propriamente ao verſo de medida Italiana, porque não ſomente conſiſte em certo numero de ſyllabas, mas tambem na armonia cauſada dos accentos & conſoantes, como proua Benedetto Varchi no Dialogo Herculano, na pregunta 9. Nem iſto recebe duuida porque geralmẽte o corpo de toda a ſorte de poëma ſe forma de numero, & armonia, donde nasceo chamarlhe Poſsidonio Stoico, dicção numeroſa, que conſta de medida certa, como refere Laertio na vida de Zenão: Em tanto que ſendo Socrates auiſado por hum oraculo, ſe queria alcançar a bemauenturança applicaſſe o animo à muſica, entendeo que ſatisfazia ao intento daquelle auiſo em ſe empregar todo em fazer verſos por ſer a armonia & numeros delles parte da meſma muſica, como cõta Cælio Calcagnino na oração que fez em louuor das artes. Donde tambem procedeo a ethymologia deſte nome, Poeta, que conforme a opinião de Euſtathio ſeguida por Rhodagino no lib. 4. cap. 4. ſe deriua de ποιεῖν, que ſignifica ἐμμέτρως, que quer dizer cantar, & o meſmo nome de Muſa ſignifica canto como afirma o meſmo Nicolao Perotto ſobre o 5. Epygrama, & por iſſo Dante chamou a poeſia, ficção, Rhetorica poſta em muſica. E que o titulo de Rhythmas, conuenha à toda eſta obra, moſtraſe tambem claramente por hum diſcurſo que faz o Cardeal Petro Bembo no liuro 2. das Proſas, onde diz que as Rhythmas, ou Rimas (como elle ſcreue) ſaõ de tres maneiras, porque ou ſaõ reguladas, ou liures: ou parte liures, parte reguladas. Reguladas ſe chamaõ aquellas que vão ſempre atadas a hũa meſma regra, como ſaõ os Tercettos, de que ſe crè ſer inuentor Dante, porque antes delle ſe não achão feitos por outrem. E aſsi as oitauas

que inuentarão os Sicilianos fazendoas de dous consoantes atè o cabo, & despois forão reduzidas a melhor forma pellos Thoscanos, accrescentandolhe terceyro consoante nos dous versos vltimos: & as Sextinas, que forão inuenção dos Prouensais, especialmente de Arnaldo Danielo. Rimas liures são aquellas que não guardam regra algũa, nem no numero dos versos, nem na correspondencia dos cõsoantes, como sam os Madrigais, deriuados de Mádra, palaura Thoscana, por ser cõposição villanesca, a que respondem os nossos villácetes. Rimas parte liures, parte reguladas são as que em algũas cousas vaõ soggeitas a regra, & noutras são isentas della: como sam os Sonettos, & Canções, porque os Sonettos ainda que no numero dos versos, & disposição delles, teem obrigação de seguir sempre hũa mesma regra: com tudo na correspondencia dos consoantes, não tẽ obrigação certa, como mostra Ringifo na sua arte poëtica no cap. 43. seguindo todauia a obseruação que com muito engenho & juizo aduertio Torquato Tasso no seu dialogo da poësia toscana. E as canções tem á mesma natureza, como apponta o mesmo Ringifo no cap. 59. & nos siguintes. E cõ isto temos satisfeito ao titulo.

Seguese a diuisaõ da obra, que vai repartida em cinco partes, porque o numero quinquennario pertence particularmente à obras de poësia, & eloquencia, o que se vè claramente porque conforme a doutrina dos Platonicos era dedicado à Mercurio, & aos outros Deoses que no seu rito gentilico erão padroeiros das artes, como screue Rhodagino, lib. 12. c. 10. & a Mercurio tinhão elles por diuindade da eloquencia, & por isso lhe consagrauão as lingoas, como refere Vincencio Cartario no liuro das imageẽs dos deoses, sobre a imagẽ de Mercurio: & sendo asi da eloquencia, ficaua tambem sendo da poesia pella l[illegible]nça que ambas entre si teem cõforme a definição de Dáte, & Posidonio. E por isso a quinta letra do alphabeto Grego era dedicada à Apollo, como screue Guillelmo Onciaco no liuro dos lugares numerais cap. 5. & as Musas posto que seião noue, sò à cinco dellas tocaua o ministerio da poesia, porque à Clio se attribuia o soggeito della presidindo à historia: à Polihymnia o ornamento da lingoagẽ: á Calliope o verso Heroico: a Melpomene o Tragico: á Thalia o Comico conforme ao Epygráma vulgar que anda entre os de Virgilio. Seguindo pois esta diuisaõ se deu a primeira parte aos sonetos por ser composição de mais merecimento, por causa das difficuldades della asi em não admittir nenhũa palaura ociosa nẽ de pouca

efficacia, como em auer de cerrar toda a materia delle dentro no limite de quatorze versos, fechando o vltimo tercetto de maneira, que naõ fique ao entendimento desejo de passar auante, cousa em q̃ muitos poëtas, que andaõ nas asas da fama, teueraõ pouca felicidade. A segunda parte se deu às Canções, & Odes, que respondem aos versos Lyricos, como mostra Fernando de Herrera, no seu doctissimo Cõmento sobre a 1. Cançaõ de Garcilasso. A terceira, a Elegias, & Oitauas, de que naõ achamos que vsasse Petrarcha, mas de ambas estas composições vsou felicemente Ariosto, & por ventura que soube melhor imitar na graça & perfeiçaõ do verso Elegiaco à Tibullo, & Propertio, que saõ os Principes deste genero, que na maiestade do Heroico à Virgilio. A quarta a Eglogas, por ser specie de composiçaõ, em q̃ se requere menos sufficiencia, & nelle deixando Theocrito, & Virgilio, teue particular excellencia Sannazaro, como nas Piscatorias Bernardino Rota. A quinta & vltima parte se deu as grosas & voltas, & outras composições de verso pequeno, que saõ propriss da nossa Hespanha, em que Gregorio Syluestre se auentajou notauelmente entre todos os Hespanhoes, & teuera o primeiro lugar, se Luis de Camões lho naõ ganhara, asśi na agudeza dos conceitos, & propriedade das palauras, como na habilidade de metter regras imposśiueis, q̃ mostrou muito mais nas outras rimas, como logo diremos. E cõtinuando com elle (que he a terceira parte deste prologo) he euidẽte temeridade querer louuallo, porq̃ ainda que os outros poetas fossem particularmente abalisados em algũa perfeiçaõ special, todauia à hũs faltou a natureza, q̃ lhes fezesse facil a contextura do verso, laurandoo cõ tanta aspereza & difficuldade, qne paresce q̃ estaõ alli as palauras violentadas, & os cõceitos encerrados nellas per força, & asśi carescem da suauidade em que consiste a mesma poesia, conforme a doutrina de Fracastorio, no seu Dialogo, intitulado Naugerio, tirada de Horacio & Quintiliano. Outros q̃ alcãçaraõ ter mais natureza, ou por acertarem de ser pouco felices na eleiçaõ das palauras, ou por naõ terem cabedal com que atauiar a oraçaõ, asśi da lindeza da lingoagem, como de tropos & figuras, sem as quais Cicero nem Virgilio nunqua falaraõ, vsaõ de hũs termos taõ humildes & vulgares, como se a natureza da poesia naõ consistira em ser leuantada do vso commum de falar, conforme a opiniaõ de Plutarcho, no seu trattado da Poetica, & de Rhodagino, no cap. 4. do lib. 4. Outros que se melhoraõ mais na lingoagem, naõ teem

nenhũa

nenhũa erudição com que illustrem suas obras, sendo verdade como diz Rhodagino, no cap. 2. do mesmo liuro, que sò aquelles se chamaõ poetas legitimos, que mostraraõ noticia de diuersas sciencias em suas obras, como Orpheo, Homero, Virgilio, & Pyndaro. E pello contrario Luís de Camões està taõ afastado de todos estes defeitos, que juntamente vemos nelle natureza promptissima para declarar seus pensamentos, accompanhada de hũa facilidade natural, que enche os seus versos de suauidade, & com ella hũa lingoagem taõ pura, & ornada de todos os lumes da elocuçaõ, & taõ riqua de conceitos, & diuersas joyas de todas as sciencias, que paresce que nelle sô ajuntou a arte & a natureza tudo o que conuinha para subir ao mais alto da Poesia. E com ser excellente em toda a sorte de Rhythmas, & em especial no verso pequeno, como ja dissemos, muito mais o foi nas Canções, onde guardou de maneira todas as leis dellas, que nenhũa enueja pode ter à Petrarcha, Bembo, & Garcilasso, que neste genero saõ os mais louuados: & o mesmo lugar teem na na mayor parte dos Sonettos, & o teuera em todos, se algũs que aqui vaõ impressos por seus naõ foraõ feitos sem cuidado, á importunaçaõ de amigos, onde acontesce muitas vezes acudir mais à pressa com que os pedem, que à obrigaçaõ de os limar, & despois sem vontade do author se publicaõ por seus, & outros à volta disso que o naõ saõ, como aqui acontesceo no Sonetto 19. que despois do impresso se soube que naõ era seu. Trattar do stylo Heroico naõ he deste lugar, porque quem commentar a sua Lusiada, terà esse cuidado: mas o que com razaõ se pode affirmar, he que cumprio nella tanto à risca as obrigações do poema Epico, que se naõ parescera arrogancia, poderamos darlhe assẽto muito perto de Virgilio. Porque na grandeza, grauidade, & armonia das palauras, na traça & discurso da obra na alteza do soggeito seguio em tudo as pisadas de Virgilio: & nas ficções allegoricas (sem as quais naõ pode auer nenhum poema heroico conforme á opinião de Aristoteles, referida por Rhodagino no mesmo lib. 4. c. 4. E ao que escreue Plutarcho no lugar acima allegado, reprendendo á Empedocles, Parminedes, Nicandro, & Theognides, por vsurparem o nome de Poetas, sô com versos riquos de doutrina, mas desacompanhados de ficções) mostrou taõ admirauel engenho, que quasi se igualou a Homero, & ouxalà pudera humilhar a grandeza delle em algũas das Eglogas, cõformandose mais com o stylo Bucolico.

E posto

E posto que não faltão murmuradores q̃ calúniarão suas obras, não escurelsce isso o merelcimento dellas, porque tambem Virgilio & Homero passarão por este trance, que he naturál à todos os ingenhos raros: em tanto que soo de erros de Virgilio compos Carbilio Grámatico hum liuro inteiro, & Cęsar Caligula ousou affirmar, que nenhúa habilidade, nem erudição tiuera, & esteue determinado para mandar metter no fogo suas obras & retrattos que auia en algumas liurarias, como conta Suetonio Tranquillo, & Petro Crinito no li. 3. dos poetas latinos. E com isto não resta mais que lembrar, que os erros que ouuer nesta impressaõ, não passarão por alto à quem aiudou a compilar este liuro, mas achouse que era menos incoueniente irem asi como se acharão per cõferencia de algũs liuros de mão, onde estas obras andauaõ espedaçadas, que naõ violar as composições alheas, sem certeza euidente de sser a emẽda verdadeira, porque sempre aos bóos entendimentos fiqua reseruado julgarem que naõ saõ erros do author, senaõ vicio do tempo, & inaduertencia de quẽ as trasladou. E seguiose nisto o parescer de Augusto Cæsar, que na comissaõ que deu a Vario, & a Tucca para em mendar a Æneida de Virgilio, lhe defendeo expressamente que nenhũa cousa mudassem, nem acrescentassem, porque em effeito he confundir a substancia dos versos & conceitos do author com as palauras & inuençaõ de quem emmenda, sem fiquar ao diante certeza se o que se lee he proprio se em mendado. E por isso se não bolio em mais que soo naquillo que claramente constou seruicio de pena, & o mais vai asî como se achou scritto, & muito differente do que ouuera de ir se Luis de Camões em sua vida o dera à impressaõ: mas asi debaixo destas afrontas, que o tempo, & ignorancia lhe fezeraõ, resplandesce tanto a luz de seus merecimentos que basta para neste genero de poesia naõ auermos enueja á nenhũa naçaõ estrangeira.

RITHMAS
De Luis de Camões, repartidas em cinco partes.

Parte primeira dos Sonetos.

EM quanto quis fortuna que tiuesse
Esperança de algum contentamento,
O gosto de hum suaue pensamento
Me fez que seus effeitos escreuesse.
Porem temendo amor que auiso desse
Minha escriptura a algum juyzo isento,
Escureceom' o engenho co tormento,
Pera que seus enganos não dissesse.
Ó vos que amor obriga a ser sogeitos
A diuersas vontades, quando lerdes
Num breue liuro casos tão diuersos,
Verdades puras são, & não defeitos:
E sabey que segund' o amor tiuerdes,
Tereis o entendimento de meus versos.

SONETO. II.

EV cantarei de amor tão docemente,
Por hũs termos em ſi tão concertados,
Que dous mil accidentes namorados
Faça ſentir ao peito que não ſente.
Farei que amor a todos auiuente,
Pintando mil ſegredos delicados,
Brandas iras, ſoſpiros namorados,
Temeroſa ouſadia, & pena auſente.
Tambem ſenhora do deſprezo honeſto
De voſſa viſta branda & riguroſa,
Contentarm'hei dizendo a menos parte.
Porem pera cantar de voſſo geſto
A compoſiçam alta & milagroſa,
Aqui falta ſaber, engenho, & arte.

SONETO. III.

TAnto de meu eſtado m' acho incerto,
Qu' em viuo ardor tremendo eſtou de frio,
Sem cauſa juntamente choro, & rio,
O mundo todo abarco, & nada aperto.
He tudo quanto ſinto, hum deſconcerto:
D'alma hum fogo me ſae, da viſta hum rio,
Agora eſpero, agora deſconfio,
Agora deſuario, agora acerto.
Eſtando em terra, chego ao Ceo voando,
Num'hora acho mil annos, & he de geito
Qu'em mil annos não poſſo achar hum'hora,
Se me pregunta alguem porque aſsi ando,
Reſpondo que não ſey: porem ſoſpeito
Que ſoo porque vos vi, minha ſenhora.

SONETO.

TRansformase o amador na cousa amada,
Por virtude do muito imaginar,
Não tenho lógo mais que desejar,
Pois em mĩ tenho a parte desejada.
Se nella está minh'alma transformada.
Que mais deseja o corpo de alcançar?
Em si sômente pode descansar,
Pois consigo tal alma está liada.
Mas esta linda & pura semidea
Que como hum accidente em seu sogeito,
Assi coa alma minha se conforma;
Està no pensamento como idea
O viuo & puro amor de que sou feito,
Como a materia simplez busca a forma.

SONETO.

PAsso por meus trabalhos tão isento
De sentimento, grande nem pequeno,
Que sò polla vontade com que peno
Me fica amor deuendo mais tormento.
Mas vayme amor matando tanto a tento,
Temperando a triaga co veneno,
Que do penar a ordem desordeno,
Porque não mo consente o soffrimento.
Porem se esta fineza o amor sente,
E pagarme meu mal com mal pretende,
Tornamè comprazer como ao sol neue.
Mas se me vé cos males tão contente,
Faz se auaro da pena, porque entende
Que quanto mais me paga, mais me deue.

SONETO. VI.

EM flor vos arrancou de então crescida
(Ah senhor dom Antonio) a dura sorte,
Donde fazendo andaua o braço forte
A fama dos antigos esquecida;
Hũa sò razão tenho conhecida,
Com que tamanha magoa se conforte,
Que pois no mundo auia honrada morte
Que não podieis tér mais larga a vida.
Se meus humildes versos podem tanto,
Que co desejo meu se iguale a arte,
Especial materia me sereis.
E celebrado em triste, & longo canto
Se morrestes nas mãos do fero Marte,
Na memoria das gentes viuireis.

SONETO VII.

N'hum jardim adornado de verdura,
A que esmaltão por cima varias flores,
Entrou hum dia a Deosa dos amores,
Com a Deosa da caça, & da espessura:
Diana tomou logo hũa rosa pura,
Venus hum roxo lirio dos melhores;
Mas excedião muito ás outras flores
As violas, na graça, & fermosura.
Preguntão a Cupido que alli estaua
Qual daquellas tres flores tomaria,
Por mais suaue, pura, & mais fermosa?
Sonrindose o menino lhe tornaua,
Todas fermosas saõ, mas eu queria,
Viol' antes que lirio, nem que rosa.

SONETO. VIII.

TOdo o animal da calma repousaua,
Sò Liso o ardor della não sentia,
Que o repouso do fogo em que ardia
Consistia na Nympha que buscaua.
Os montes parescia que abalaua
O triste som das magoas que dezia;
Mas nada o duro peito commouia,
Que na vontade d'outrem posto estaua.
Cansado ja de andar pola espessura,
No tronco d'hũa faya por lembrança
Escreueo estas palauras de tristeza;
Nunca ponha ninguem sua esperança
Em peito feminil, que de natura
Somente em ser mudauel tem firmeza.

SONETO IX.

BVsque amor nouas artes, nouo engenho
Para mattarme, & nouas esquiuanças,
Que não pode tirarme as esperanças,
Que mal me tirarà o que eu não tenho.
Olhai de que esperanças me mantenho,
Vede que perigosas seguranças;
Que não temo contrastes, nem mudanças
Andando em brauo mar perdido o lenho.
Mas com quanto não pode auer desgosto
Onde esperança falta, la m'esconde
Amor hum mal, que matta, & não se vè:
Que dias ha que n'alma me tem posto
Hum não sey que, que nasce não sey onde,
Vem não sey como, & doe não sey porque.

SONETO X.

QVem vê senhora claro & manifesto
O lindo ser de vossos olhos bellos,
Se não perder a vista sò em vellos,
Ia não paga o que deue a vosso gesto.
Este me parecia preço honesto,
Mas eu por de ventagem merecellos
Dei mais a vida & alma por querellos
Donde ja me não fica mais de resto.
Asi que a vida,& alma,& esperança
E tudo quanto tenho,tudo he vosso,
E o proueito disso eu sò o leuo:
Porqu'he tamanha bemauenturança
O daruos quanto tenho,& quanto posso,
Que quanto mais vos pago, mais vos deuo.

SONETO XI.

QVando da bella vista,& doce riso,
Tomando estão meus olhos mantimento,
Tão enleuado sinto o pensamento
Que me faz ver na terra o paraysо.
Tanto do bem humano estou diuiso,
Que qualquer outro bem, julgo por vento
Asi que em caso tal segundo sento
Assaz de pouco faz quem perde o siso.
Em vos louuar senhora não me fundo,
Porque quem vossas cousas claro sente
Sentirá,que não pode merecellas;
Que de tanta estranheza sois ao mundo,
Que não he d'estranhar dama excellente
Que quem vos fez, fizesse ceo & estrellas.

SONETO XXII.

DOces lembranças da passada gloria,
Que me tirou fortuna roubadora,
Deixaime repousar em paz hũa ora,
Que comigo ganhais pouca vittoria.
Impressa tenho n'alma larga historia
Deste passado bem que nunca fora,
Ou fora, & não passara, mas ja agora
Em mĩ não pòde auer mais que a memoria.
Viuo em lembranças, mouro d'esquecido
De quem sempre deuera ser lembrado,
Se lhe lembrara estado tão contente:
ô quem tornar podèra a ser nascido,
Souberame lograr do bem passado,
Se conhecer soubera o mal presente.

SONETO. XIII.

ALma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida descontente,
Repousa la no ceo eternamente,
E viua eu ca na terra sempre triste;
Se la no assento Ethereo, onde subiste
Memoria desta vida se consente,
Não te esqueça daquelle amor ardente
Que ja nos olhos meus tão puro viste.
E se vires que pode merescerte
Algũa cousa a dor que me ficou
Da magoa sem remedio de perderte,
Roga a Deos que teus annos encurtou,
Que tão cedo de cà me leue a verte,
Quam cedo de meus olhos te leuou.

SONETO. XIIII.

N'hum bosque que das Nymphas se habitaua
Syluia Nympha linda andaua hum dia,
Subida n'hũa aruore sombria,
As amarellas flores apanhaua.
Cupido que alli sempre costumaua
A vir passar a sesta á sombra fria.
N'hum ramo o arco & settas que trazia,
Antes que adormecesse penduraua.
A Nympha com idoneo tempo vira,
Para tamanha impresa não dilata,
Mas cõ as armas foge ao moço esquiuo.
As settas traz nos olhos, com que tira:
ò pastores fugi, que a todos matta,
Senão a mĩ, que de matar me viuo.

SONETO XV.

OS Reinos, & os imperios poderosos
Que em grãdeza no mundo mais crescerão
Ou por valor de esforço florecerão,
Ou por varões nas letras espantosos.
Teue Grecia Themistocles, famosos
Os Scipiões a Roma engrandescerão,
Doze Pares a França gloria derão,
Cides a Espanha, & Laras bellicosos.
Ao nosso Portugal (que agora vemos
Tão differente de seu ser primeiro)
Os vossos derão honra & liberdade.
E em vos grã successor, & nouo herdeiro
Do Bragançáo estado, ha mil estremos
Iguaes ao sangue, & mòres que a idade.

SONETO XVI.

DE vos me aparto (ò vida) em tal mudança;
Sinto viuo da morte o ſentimento,
Não ſei pera que he ter contentamento,
Se mais ha de perder quem mais alcança:
Mas douuos eſta firme ſegurança,
Que poſto que me matte meu tormento,
Pellas agoas do eterno eſquecimento
Segura paſſarà minha lembrança.
Antes ſem vos meus olhos ſe entriſteção,
Que com qualquer couſ'outra ſe contentẽ,
Antes os eſqueçaes, que vos eſqueção.
Antes neſta lembrança ſe atormentem,
Que com eſquecimento deſmereção
A gloria que em ſoffrer tal pena ſentem.

SONETO.

CHara minha enemiga, em cuja mão
Pos meus contentamentos a ventura,
Faltoute ati na terra ſepultura,
Porque me falte a mĩ conſolação.
Eternamente as agoas lograrão
A tua peregrina fermoſura,
Mas em quanto me a mĩ a vida dura,
Sempre viua em minh'alma te acharão;
E ſe meus rudos verſos podem tanto,
Que poſſaõ prometerte longa hiſtoria
D'aquelle amor tão puro, & verdadeiro.
Celebrada ſeras ſempr em meu canto,
Porque em quãto no mũdo ouuer memoria,
Sera minha eſcrittura teu letreiro.

Soneto.

SONETO XVIII.

AQuella triste & leda madrugada,
Chea toda de magoa,& de piedade,
Em quanto ouuer no mundo saudade
Quero que seja sempre celebrada.
Ella sò, quando amena & marchetada
Saîa,dando ao mundo claridade,
Vio apartarse d'hũa outra vontade,
Que nunca poderà verse apartada.
Ella sò vio as lagrimas em fio,
Que d'hũs & d'outros olhos diriuadas
S'accrescẽtarão em grande & largo rio.
Ella vio as palauras magoadas,
Que podèrão tornar o fogo frio,
E dar descanso ás almas condenadas.

SONETO XIX.

ESpanta crescer tanto o Crocodilo,
Sò por seu acanhado nascimento,
Que se mayor nascera,mais isento
Estiuera d'espanto o patrio Nilo;
Em vão leuantarâ meu baixo estyllo
Vosso Pontifical nouo ornamento,
Pois no ventre o immortal merescimento
Volo talhou,pera despois vestillo.
Tardou,mas veo:que â quem mais meresce
Muito mais tarde vir o premio he certo,
E sempre tarda,inda que venha cedo.
Os ceos que do primeiro estão mais perto,
Mais de vagar se mouem, quem soubesse
Tras daquelle segredo este segredo!

SONETO XX.

SE quando vos perdi minha esperança
A memoria perdera juntamente,
Do doce bem passado, & mal presente,
Pouco sentira a dor de tal mudança.
Mas amor em quem tinha confiança,
Me representa mui miudamente
Quantas vezes me vi ledo & contente,
Por me tirar a vida esta lembrança.
De cousas de que não auia sinal,
Por as ter postas ja em esquecimento,
Destas me vejo agora perseguido;
Ah dura estrella minha! ah gran tormento!
Que mal pode ser mòr, que no meu mal
Ter lembrança do bem qu'he ja perdido?

SONETO XXI.

EM fermosa Lethea se confia,
Por onde vaydade tanta alcança,
Que tornada em soberba a confiança
Com os Deoses celestes competia.
Porque não fosse auante esta ousadia,
(Que nascem muitos erros da tardança)
Em effeito puserão a vingança,
Que tamanha doudice merescia.
Mas Oleno perdido por Lethea,
Não lhe soffrendo amor que sopportasse
Castigo duro tanta fermosura,
Quis padecer em si a pena alhea,
Mas porque a morte amor não apartasse,
Ambos tornados saõ em pedra dura.

SONETO. XXII

MAles que contra mi vos conjuraftes,
Quanto ha de durar tão duro intento?
Se dura porque dura meu tormento,
Basteuos quanto ja me atormentastes.
Mas se asi perfiaes, porque cudastes
Derrubar meu tão alto pensamento?
Mais pòde a causa delle, em q̃ o sustento
Que vos, q̃ della mesma o ser tomastes.
E pois vossa tenção com minha morte
Ha de acabar o mal destes amores,
Dai ja fim a hum tormento tão cõprido.
Porque dambos contentes seja a sorte,
Vos porque me acabastes, vencedores,
E eu porque acabei, de vos vencido.

SONETO. XXIII

EStase a Primauera trasladando
Em vossa vista deleitosa, & honesta,
Nas lindas faces, olhos, boca, & testa,
Boninas, lyrios, rosas debuxando.
De sorte vosso gesto matizando
Natura quanto pode manifesta,
Que o monte, o cãpo, o rio, & a floresta,
Se estão de vos senhora namorando.
Se agora não quereis que quem vos ama
Possa colher o fruito destas flores,
Perderão toda a graça vossos olhos.
Porque pouco aproueita linda dama,
Que semeasse amor em vos amores,
Se vossa condição produze abrolhos.

SONETO. XXIIII.

SEte annos de pastor Iacob seruia
Labão, pai de Rachel, serrana bella:
Mas não seruia ao pai, seruia a ella,
E a ella sô por premio pretendia.
Os dias na esperança de hum sò dia
Passaua, contentandose com vella:
Porem o pai vsando de cautella,
Em lugar de Rachel, lhe daua Lya.
Vendo o triste pastor que com enganos
Lhe fora asi negada a sua pastora,
Como se a não tiuera merecida:
Começa de seruir outros set'annos,
Dizendo; Mais seruira, se não fora
Pera tão longo amor tão curta a vida.

SONETO. XXV.

EStá o lasciuo & doce passarinho
Com o biquinho as penas ordenando,
O verso sem medida alegre, & brando,
Espedindo no rustico raminho.
O cruel caçador (que do caminho
Se vem calado & manso, desuiando)
Na pronta vista a seta endereitando,
Lhe dá no Stigio lago eterno ninho.
Dest'arte o coração, que liure andaua,
(Posto que ja de longe destinado)
Onde menos temia foi ferido.
Porque o frecheiro cego m'esperaua,
Pera que me tomasse descuidado,
Em vossos claros olhos escondido.

SONETO. XXVI.

PEdeme o desejo (dama) que vos veja,
Não entende o que pede, está enganado,
He este amor tão fino, & tão delgado,
Que quem o tem naõ sabe o que deseja:
Não ha cousa a qual natural seja,
Que não queira perpetuo seu estado,
Não quer logo o desejo o desejado,
Porque naõ falte nunca onde sobeja.
Mas este puro affeito em mĩ se danna,
Que como a graue pedra tem por arte
O centro desejar da natureza.
Asi o pensamento (polla parte
Que vay tomar de mĩ terreste humana,)
Foy senhora pedir esta bayxeza.

SONETO. XXVII.

POrque quereis senhora que offereça
A vida a tanto mal como padesço?
Se vos nasce do pouco que mereço
Bem por nascer està quem vos mereça.
Sabey que em fim por muito que vos peça,
Que posso merecer quanto vos peço,
Que nã cõsent' amor qu'em baixo preço
Tão alto pensamento se conheça.
Asi que a paga igual de minhas dores,
Com nada se restaura, mas deuesma,
Por ser capaz de tantos disfauores.
E se o valor de vossos seruidores
Ouuer de ser igual conuosco mesma,
Vos sò conuosco mesma andai d'amores.

SONETO.

SE tanta pena tenho merecida
Em pago de ſoffrer tantas durezas,
Prouay ſenhora em mĩ voſſas cruezas,
Que aqui tendes hũa alma offerecida.
Nella exprimentay ſe ſois ſeruida,
Deſprezos, disfauores, & aſperezas,
Que mòres ſoffrimentos, & firmezas
Soſtentarei na guerra deſta vida.
Mas contra voſſos olhos quaes ſerão?
Forçado he que tudo ſe lhe renda,
Mas porei por eſcudo o coração.
Porque em tão dura & aſpera contenda,
He bem que pois não acho defenſaõ,
Com me meter nas lanças me defenda.

SONETO.

QVando o ſol encuberto vai moſtrando
Ao mundo a luz quieta & duvidoſa,
Ao longo de hũa praya deleitoſa,
Vou na minha inimiga imaginando.
Aqui a vi os cabellos concertando,
Ali co a mão na face, tão fermoſa,
Aqui falando alegre, ali cudoſa,
Agora eſtando queda, agora andando.
Aqui eſteue ſentada, ali me vio,
Erguendo aquelles olhos tão iſentos,
Aqui mouida hum pouco, ali ſegura;
Aqui ſe entriſteceo, ali ſe rio,
Em fim neſtes canſados penſamentos
Paſſo eſta vida vãa, que ſempre dura.

Soneto.

SONETO. XXX.

HVm mouer d'olhos brando & piadoso,
Sem ver de que, hũ riso brãdo, & honesto,
Quasi forçado hum doce, & humilde gesto,
De qualquer alegria duuidoso.
Hum despejo quieto, & vergonhoso,
Hum repouso grauissimo, & modesto,
Hũa pura bondade, manifesto
Indicio da alma, limpo, & gracioso:
Hum encolhido ousar, hũa brandura,
Hum medo sem ter culpa, hum ar sereno,
Hum longo, & obediente soffrimento,
Esta foi a celeste fermosura
Da minha Circe, & o magico veneno
Que pode transformar meu pensamento.

SONETO XXXI.

Tomoume voſſa viſta ſoberana
Adonde tinha as armas mais â mão,
Por moſtrar que quem buſca defenſaõ
Contra eſſes bellos olhos, que ſ'engana,
Por ficar da vittoria mais vſana
Deixoume armar primeiro da razão:
Cuidei de me ſaluar, mas foi em vão,
Que contra o ceo não val defenſa humana.
Mas porem ſe vos tinha prometido
O voſſo alto deſtino eſta vittoria,
Seruos tudo bem pouco eſtà ſabido.
Que poſto que eſtiueſſe apercebido,
Não leuais de vencerme grande gloria,
Mayor a leuo eu de ſer vencido.

SONETO. XXXII.

NAõ paſſes caminhante: Quem me chama?
Hũa memoria noua, & nunca ouuida,
D'hum q̃ trocou finita & humana vida,
Por diuina, infinita, & clara fama.
Quem he, que tão gentil louuor derrama?
Quẽ derramar ſeu ſangue não duuida
Por ſeguir a bandeira eſclareſcida
D'hum capitão de Chriſto, que mais ama.
Ditoſo fim, ditoſo ſacrificio,
Que a Deos ſe fez, & ao mundo juntamẽte,
Apregoando direi tão alta ſorte.
Mais poderâs contar a toda a gente,
Que ſempre deu ſua vida claro indicio
De vir a merecer tão ſanta morte.

SONETO XXXIII.

FErmoſos olhos, que na idade noſſa
Moſtrais do ceo certiſsimos ſinais
Se quereis conhecer quanto poſſais,
Olhaime a mĩ, que ſou feitura voſſa,
Vereis que de viuer me deſapoſſa
Aquelle riſo com que a vida dais,
Vereis como de amor não quero mais,
Por mais que o tẽpo corra, & o dãno poſſa.
E ſe dentro neſt'alma ver quiſerdes
Como n'hum claro eſpelho, alli vereis
Tambem a voſſa angelica & ſerena:
Mas eu cuido que ſò por não me verdes
Veruos em mĩ ſenhora não quereis
Tanto goſto leuais de minha pena.

SONETO XXXIIII.

O Fogo que na branda cera ardia,
Vendo o rosto gentil qu'eu n'alma vejo,
Se acendeo d'outro fogo do desejo,
Por alcançar a luz que vence o dia.
Como de dous ardores se encendia,
Da grande impaciencia fez despejo,
E remetendo com furor sobejo
Vos foi beijar na parte onde se via.
Ditosa aquella flãma que se atreue
Apagar seus ardores & tormentos,
Na vista de que o mundo tremer deue.
Namoraõse senhora os Elementos,
De vos, & queima o fogo aquella neue,
Que queima corações & pensamentos.

SONETO XXXV.

ALegres campos, verdes aruoredos,
Claras & frescas agoas de cristal,
Que em vos os debuxais ao natural,
Descorrendo da altura dos rochedos:
Siluestres montes, asperos penedos.
Compostos em concerto desigual,
Sabei que sem licença de meu mal
Ia não podeis fazer meus olhos ledos.
E pois me ja não vedes como vistes,
Não me alegrem verduras deleitosas,
Nem agoas que correndo alegres vem,
Semearei em vos lembranças tristes,
Regandovos com lagrimas saudosas,
E nascerão saudades de meu bem.

SONETO XXXVI.

QVantas vezes do fuſo ſ'eſquecia
Daliana, banhando o lindo ſeo,
Tantas vezes de hum aſpero receo
Salteado Laurenio, a cor perdia.
Ella que a Syluio mais que a ſi queria,
Pera podello ver não tinha meo:
Ora como curâra o mal alheo
Quem o ſeu mal tão mal curar ſabia?
Elle que vio tão clara eſta verdade,
Com ſolluços dezia (que a eſpeſſura
Commouia de magoa, a piedade)
Como pode a deſordem da Natura,
Fazer tão differentes na vontade
A quem fez tão conformes na ventura?

SONETO. XLIII.

O Como ſe me alonga de anno em anno
A peregrinação canſada minha!
Como ſ'encurta, & como ao fim caminha,
Eſte meu breue & vão diſcurſo humano!
Vayſe gaſtando a idade, & creſce o danno,
Perdeſeme hum remedio, que inda tinha,
Se por experiencia ſe adeuinha,
Qualquer grãde eſperança he grand'engano.
Corro apos eſte bem, que não ſe alcança,
No meo do caminho me falleſce,
Mil vezes cayo, & perco a confiança.
Quando ella foge, eu tardo, & na tardança
Se os olhos ergo a ver ſe inda pareſce,
Da viſta ſe me perde, & da eſperança.

Soneto.

SONETO XXXVIII.

O Cisne quando ſente ſer chegada
A hora que poem termo a ſua vida,
Muſica com voz alta, & mui ſubida
Leuanta pola praya inhabitada.
Deſeja ter a vida prolongada,
Chorando do viuer a deſpedida,
Com grande ſaudade da partida,
Celebra o triſte fim deſta jornada.
Aſsi ſenhora minha quando via
O triſte fim que dauão meus amores,
Eſtando poſto ja no eſtremo fio,
Com mais ſuaue canto & armonia
Diſcantei pellos voſſos disfauores
La vueſtra falſa fè, y el amor mio.

SONETO XXXIX.

PEllos eſtremos raros que moſtrou
Em ſaber Pallas, Venus em fermoſa,
Diana em caſta, Iuno em animoſa,
Africa, Europa, & Aſia, as adorou:
Aquelle ſaber grande que ajuntou
Eſprito & corpo em liga generoſa,
Eſta mundana machina luſtroſa,
De ſò quatro Elementos fabricou.
Mas mòr milagre fez a natureza
Em vos ſenhoras, pondo em cada hũa
O que por todas quatro repartio
A vos ſeu reſplandor deu Sol & Lua,
A vos com viua luz graça, & pureza,
Ar, fogo, terra, & agoa, vos ſeruio.

SONETO XXXXVI.

APollo, & as noue Musas, discantando
Com a dourada lyra, me influîão
Na suaue armonia que fazião,
Quando tomei a pena começando;
Ditoso seja o dia & hora quando
Tão delicados olhos me ferião,
Ditosos os sentidos que sentião
Estarse em seu desejo traspassando.
Assi cantaua, quando amor virou
A roda, à esperança que corria,
Tão ligeira, que quasi era inuisiuel.
Conuerteuseme em noite o claro dia.
E se algũa esperança me ficou,
Sera de mayor mal, se for posiuel.

SONETO XXXXVII.

LEmbranças saudosas, se cudais
De me acabar a vida neste estado,
Não viuo com meu mal tão enganado,
Que não espere delle muito mais,
De muito longe ja me costumais,
A viuer d'algum bem desesperado,
Ia tenho coa fortuna concertado
De soffrer os trabalhos que me dais.
Atado ao remo tenho a paciencia,
Pera quantos desgostos der a vida,
Cuide em quanto quiser o pensamento.
Que pois não ahi outra resistencia,
Pera tão certa queda da caida,
Apararlh'ei debaixo o soffrimento.

SONETO.
XXXXII.

SE algũa hora em vos a piedade
De tão longo tormento ſe ſentira,
Não conſentira amor que me partira
De voſſos olhos, minha ſaudade.
Aparteime de vos, mas a vontade,
Que pello uatural n'alma vos tira,
Me faz crer que eſta auſencia he de mintira,
Mas inda mal porem porque he verdade.
Irm'ey ſenhora, & neſte apartamento,
Tomarão triſtes lagrimas vingança.
Nos olhos de quem foſtes mantimento:
E aßi darei vida a meu tormento,
Qu'emfim cà me acharà minha lembrança,
Sepultado no voſſo eſquecimento.

SONETO. XXXIX.

Lindo & suttil trançado, que ficaste
Em penhor do remedio que mereſço,
Se sò contigo vendote endoudeço,
Que fora cos cabellos que apertaste?
Aquellas tranças d'ouro que ligaste
Que os rayos do ſol tem em pouco preço,
Não ſei ſe para engano do que peço
Se para me atar, os deſataste?
Lindo trançado, em minhas mãos te vejo,
E por ſatisfação de minhas dores
Como quem não tem outra, ey de tomarte,
E ſe não for contente meu deſejo,
Dirlh'ei que neſta regra dos amores
Pello todo tambem ſe toma a parte.

SONETO XXXXIIII.

TEmpo he ja que minha confiança
Se deça de hũa falſa opinião,
Mas amor não ſe rege por razão,
Não poſſo perder logo a eſperança:
A vida ſi, que hũa aſpera mudança
Não deixa viuer tanto hum coração;
E eu na morte tenho a ſaluação?
Si: mas quem a deſeja não a alcança.
Forçado he logo qu'eu eſpere & viua,
Ah dura lei de amor, que não conſente
Quietação n'hũa alma qu'he cattiua.
Se hei de viuer em fim forçadamente
Pera que quero a gloria fugitiua,
D'hũa eſperança vãa que me atormente?

SONETO XXXXV.

AMor, co a eſperança ja perdida
Teu ſoberano templo viſitei,
Por ſinal do naufragio que paſſei
Em lugar dos veſtidos pus a vida.
Que queres mais de mĩ, que deſtruida
Me tẽs a gloria toda que alcancei?
Não cuides de forçarme, que não ſei
Tornar a entrar onde não ha ſaida.
Ves aqui alma, vida, & eſperança,
Deſpojos doces de meu bem paſſado,
Em quanto quis aquella qu'eu adoro:
Nella podes tomar de mĩ vingança,
E s'inda não eſtás de mĩ vingado,
Contentate co as lagrimas que choro.

SONETO XXXX.

TOmaua Deliana por vingança
Da culpa do paſtor que tanto amaua,
Caſar com Gil vaqueiro, & em ſi vingaua
O erro alheo, & perfida eſquiuança.
A deſcrição ſegura, a confiança,
As roſas que ſeu roſto debuxaua,
O deſcontentamento lhas ſecaua,
Que tudo muda hũa aſpera mudança.
Gentil planta diſpoſta em ſecca terra,
Lindo fruito de dura mão colhido,
Lembranças d'outro amor, & fè perjura,
Tornàrão verde prado em dura ſerra,
Intereſſe enganoſo, amor fingido,
Fizerão deſditoſa a fermoſura.

SONETO XXXXI.

GRam tempo ha ja que ſoube da ventura,
A vida que me tinha deſtinada,
Que a longa experiencia da paſſada
Me daua claro indicio da futura.
Amor fero, cruel, fortuna dura,
Bem tendes voſſa força exprimentada,
Aſſolai, deſtrui, não fique nada,
Vingaiuos deſta vida, qu'inda dura.
Soube amor da ventura que a não tinha,
E porque mais ſentiſſe a falta della,
De imagẽs impoſsiueis me mantinha.
Mas vos ſenhora, pois que minha eſtrella
Não foi melhor, viuei neſta alma minha,
Que não tem a fortuna poder nella.

SONETO XXXXVIII.

APartauase Nise de Montano,
Em cuja alma partindose ficaua,
Que o pastor na memoria a debuxaua,
Por poder sustentarse deste engano.
Pellas prayas do Indico Occeano
Sobre o curuo cajado s'encostaua,
E os olhos pellas agoas alongaua,
Que pouco se doîaõ de seu danno.
Pois com tamanha magoa & saudade:
(Dezia) quis deixarme a em que adoro,
Por testemunhas tomo ceo & estrellas;
Mas se em vos ondas mora piedade,
Leuai tambem as lagrimas que choro,
Pois asi me leuais a causa dellas.

SONETO. XXXXIX.

QVando vejo que meu destino ordena
Que por me exprimentar de vos m'aparte,
Deixando de meu bem tão grande parte,
Que a mesma culpa fica graue pena:
O duro disfauor que me condenna
Quando pella memoria se reparte,
Enduresce os sentidos de tal arte
Que a dor da ausencia fica mais pequena.
Pois como pode ser que na mudança
Daquillo que mais quero estẽ tão fora
De me não apartar tambem da vida?
Eu refrearei tão aspera esquiuança
Porque mais sentirei partir senhora
Sem sentir muito a pena da partida.

Soneto.

SONETO L.

DEpois de tantos dias mal gaſtados,
Depois de tantas noites mal dormidas,
Depois de tantas lagrimas vertidas,
Tantos ſoſpiros vãos, vãmente dados.
Como não ſois vos ja deſenganados,
(Deſejos) que de couſas eſquecidas
Quereis remediar mortais feridas,
Qu'amor fez ſẽ remedio, o tẽpo, os fados?
Se não tiuereis ja experiencia
Das ſemrazões d'amor a quem ſeruiſtes,
Fraqueza fora em vos a reſiſtencia.
Mas pois por voſſo mal ſeus males viſtes;
Que tempo não curou, nem lõga auſencia,
Que bem delle eſperais; deſejos triſtes?

SONETO LI.

NAyades, vos que os rios habitais
Que os ſaudoſos campos vão regando,
De meus olhos vereis eſtar manando,
Outros que quaſi aos voſſos ſam iguais:
Dryades, vos que as ſettas atirais,
Os fugitiuos ceruos derrubando,
Outros olhos vereis que triumphando
Derrubão corações, que valem mais,
Deixai as aljauas logo, & as agoas frias,
E vinde Nymphas minhas, ſe quereis
Saber como de hũs olhos naſcem magoas;
Vereis como ſe paſſaõ em vão os dias,
Mas não vireis em vão, que cà achareis
Nos ſeus as ſettas, & nos meus as agoas.

SONETO. LIII.

MVdãoſe os tempos, mudãoſe as vontades,
Mudaſe o ſer, mudaſe a confiança,
Todo o mundo he compoſto de mudança,
Tomando ſempre nouas qualidades,
Continuamente vemos nouidades,
Differentes em tudo da eſperança,
Do mal ficão as magoas na lembrança,
E do bem (ſe algum ouue) as ſaudades:
O tempo cobre o chão de verde manto,
Que ja cuberto foi de neue fria,
E emfim conuerte em choro o doce canto.
E a fora eſte mudarſe cada dia.
Outra mudança faz de mòr eſpanto,
Que não ſe muda ja como ſoia.

SONETO LIIII.

SE as penas com que amor tão mal me tratta
Quiſer que tanto tempo viua dellas
Que veja eſcuro o lume das eſtrellas,
Em cuja viſta o meu ſe acende & matta.
E ſe o tempo que tudo desbarata
Seccar as freſcas roſas ſem colhelas,
Moſtrando a linda cor das tranças bellas
Mudada de ouro fino em bella prata:
Vereis ſenhora então tambem mudado
O penſamento, & aſpereza voſſa,
Quando não ſirua ja ſua mudança:
Suſpirareis então pello paſſado,
Em tempo, quando executar ſe poſſa
Em voſſo arrepender minha vingança.

SONETO LV.

A ſepultura delRei dom Ioão Terceiro.

QVem jaz no grã ſepulchro, que deſcreue
Tão illuſtres ſinais no forte eſcudo?
Ninguem, que niſſo em fim ſe torna tudo,
Mas foi quem tudo pode, & tudo teue.
Foi Rei: fez tudo quanto a Rei ſe deue,
Pos na guerra & na paz deuido eſtudo,
Mas quão peſado foi ao Mouro rudo
Tanto lhe ſeja agora a terra leue.
Alexandre ſerâ? Ninguem ſe engane
Que ſuſtentar, mais que adquirir ſe eſtima:
Sera Adriano grã ſenhor do mundo?
Mais obſeruante foi da lei de cima.
He Numa? Numa não, mas he Ioanne,
De Portugal Terceiro, ſem ſegundo.

SONETO. LVI.

QVem pode liure ser gentil senhora,
Vendovos com juyzo sosegado,
Se o minino que de olhos he priuado,
Nas mininas dos vossos olhos mora?
Alli manda, alli reina, alli namora,
Alli viue das gentes venerado,
Que o viuo lume, & o rosto delicado,
Images são, nas quais o amor se adora.
Quem vè que em branca neue nascem rosas,
Que fios crespos d'ouro vão cercando,
Se por antre esta luz a vista passa:
Rayos d'ouro verà, que as duuidosas
Almas estão no peito traspassando
Assi como hum crystal o sol traspassa.

SONETO. LVII.

COmo fizeste Porcia tal ferida?
Foy voluntaria, ou foi por innocencia?
Mas foi fazer amor experiencia
Se podia soffrer tirarme a vida.
E com teu proprio sangue te conuida
A não pores à vida resistencia?
Andome acostumando à paciencia,
Porque o temor a morte não impida.
Pois porque comes logo fogo ardente,
Se a ferro te costumas? Porque ordena
Amor, que morra & pene juntamente.
E tẽs a dor de ferro por pequena?
Si: que a dor costumada não se sente,
E eu não quero a morte sem a pena.

SONETO LVIII.

AO AVTOR.

QVem he este que na harpa Lusitana
Abate as Musas Gregas & Latinas?
E faz que ao mundo esqueção as Plautinas
Graças, com graça alegre, & lyra vfana?
Luis de Camões he, que a soberana
Potencia lhe influîo partes diuinas,
Por quem espirão as flores & boninas,
Da Homerica Musa Italiana.
Se tu (triumphante Roma) este alcançaras
No teu theatro, & Scena luminosa,
Nunca do gran Terentio te admiraras,
Mas antes sem contraste, curiosa
Estatua d'ouro alli lhe leuantaras,
Contente de ventura tão ditosa.

SONETO LIX.

Reposta sua

DE tão diuino accento & voz humana,
De tão doces palauras peregrinas,
Bem sei que minhas obras não são dinas,
Que o rudo engenho meu me desengana.
Mas de vossos escrittos corre & mana,
Licor que vence as aguas Cabalinas,
E conuosco do Tejo as flores finas
Farão enueja â copia Mantuana:
E pois a vos de si não sendo auaras
As filhas de Mnemosine fermosa,
Partes dadas vos tem ao mundo caras,
A minha Musa & a vossa tão famosa,
Ambas posso chamar ao mundo raras,
A vossa d'alta, a minha d'enuejosa.

SONETO LX.

Aa ſepultura de dom Fernando de Caſtro.

DEbaixo deſta pedra eſtâ metido
Das ſanguinoſas armas deſcanſado,
O capitão illuſtre, aßinalado,
Dom Fernando de Caſtro eſclareſcido:
Por todo o Oriente tão temido,
E da inueja da fama tão cantado:
Eſte pois sò agora ſepultado
Eſtà aqui ja em terra conuertido.
Alegrate ò guerreira Luſitania
Por eſte Viriato que criaſte,
E chorao perdido eternamente.
Exemplo toma niſto de Dardania,
Que ſe a Roma co elle anichilaſte,
Nem por iſſo Carthago eſtà contente.

SONETO LXI.

A dom Luis d'Attaide ViſoRei.

Q Ve vençais no Oriente tantos Reis,
Que de nouo nos deis da India o eſtado,
Que eſcureſçais a fama que ganhado
Tinhão os que a ganharão a infieis.
Que do tempo tenhais vencido as leis:
Que tudo emfim vençais co tempo armado;
Mais he vencer na patria deſarmado
Os monſtros, & as chimeras que venceis:
E aſsi ſobre vencerdes tanto imigo,
E por armas ſazer que ſem ſegundo
Voſſo nome no mundo ouuido ſeja,
O que nos dà mais nome inda no mundo,
He vencerdes ſenhor no Reino amigo,
Tantas ingratidões, taõ grande inueja.

SONETO LXII.

Partindose pera a India.

EV me aparto de vos Nymphas do Tejo,
Quando menos temia esta partida,
E se minh'alma vay entristescida,
Nos olhos o vereis com que vos vejo.
Pequenas esperanças, mal sobejo,
Vontade que a razão leua vencida,
Asinha darão fim à triste vida,
Se vos não torno â ver como desejo.
Nunca a noite entretanto, nunca o dia,
Verâ de mi partir voßa lembrança,
Amor que vay comigo o certifica.
Por mais que na tornada aja tardança,
Sempre me farão triste companhia,
Saudades do bem qu'em vos me fica.

SONETO LXIII.

VOſſos olhos ſenhora que competem
Co ſol em fermoſura & claridade,
Enchem os meus de tal ſuauidade,
Que em lagrimas de vellos ſe derretem.
Meus ſentidos vencidos ſe ſometem
Aſsi cegos a tanta diuindade,
E da triſte priſaõ, da eſcuridade,
Cheos de medo por fugir remetem.
Mas ſe niſto me vedes por acerto,
O aſpero deſprezo com que olhais
Torna a eſpertar a alma enfraqueſcida.
ô gentil cura, & eſtranho deſconcerto,
Que farà o fauor que vos não dais,
Quando o voſſo deſprezo torna a vida?

SONETO LXIIII.

FErmoſura do ceo a nòs deſcida,
Que nenhum coração deixais iſeuto,
Satisfazendo a todo o penſamento,
Sem ſeres de nenhum bem entendida.
Que lingoa auerà tão atreuida,
Que tenha de louuarte atreuimento,
Pois a parte melhor do entendimento
No menos que em ti ha ſe vè perdida?
Se teu valor contemplo, a melhor parte
Vendo que abre na terra hum paraiſo,
O engenho me falta, o eſprito mingoa;
Mas o que mais me tolhe inda louuarte,
He que quando te vejo perco a lingoa,
E quando te não vejo perco o ſiſo.

Soneto.

SONETO LXV.

POis meus olhos não cansaõ de chorar
Triſtezas que não cansaó de cansarme,
Pois não abrãda o fogo em que abraſarme
Pode quem eu jamais pude abrandar;
Não canſe o cego amor de me guiar
A parte donde não ſaiba tornarme,
Nem deixe o mundo todo de eſcutarme
Em quanto me a voz fraca não deixar.
E ſe em montes, rios, ou em valles,
Piedade mora, ou dentro mora amor
Em feras, aues, prantas, pedras, agoas;
Oução a longa hiſtoria de meus malles
E curem ſua dor com minha dor,
Que grandes magoas podẽ curar magoas.

SONETO LXVI.

DAyme hũa lei ſenhora de quereruos
Que a guarde, ſopena de enojaruos,
Que a fè que me obriga a tanto amaruos,
Fara que fique em ley de obedeceruos.
Tudo me defendei, ſenão ſò veruos,
E dentro na minh'alma contemplaruos,
Que ſe aſsi não chegar a contentaruos,
Aomenos que não chegue âborreceruos.
E ſe eſſa condição cruel & eſquiua
Que me deis lei de vida não conſente,
Daima ſenhora ja, ſeja de morte.
Se nem eſſa me dais, he bem que viua
Sem ſaber como viuo triſtemente,
Mas contente porem de minha ſorte.

Começão

SEGVNDA PARTE

Das Canções.

Canção primeira.

FErmosa & gentil dama, quando vejo
A testa douro & neue, o lindo aspeito,
A boca graciosa, o riso honesto,
O marmoreo collo, o branco peito:
De meu não quero mais que meu desejo,
Nem mais de vos que ver tão lindo gesto,
Alli me manifesto
Por vosso a Deos & ao mundo: alli m'inflamo
Nas lagrimas que choro,
E de mĩ que vos amo,
Em ver que soube amaruos, me namoro:
E fico por mĩ sò perdido de arte
Qu'ei ciumes de mĩ por voßa parte.

Se p or ventura viuo descontente
Por fraqueza d'espirito padescendo,
A doce pena qu'entender não sey,
Fujo de mĩ, & acolhome correndo
A voßa vista, & fico tão contente,
Que zombo dos tormentos que passei:

De quem me queixarei
Se vos me dais a vida deste geito,
Nos malles que padesço
Senão de meu sogeito,
Que não cabe com bem de tanto preço?
Mas ainda isso de mĩ cudar não posso,
D'estar muito soberbo com ser vosso.

Se por algum acerto amor vos erra
Por parte do desejo, cometendo
Algum nefando & torpe desatino,
Se ainda mais que ver emfim pretendo,
Fraquezas sam do corpo, qu'he de terra,
Mas não do pensamento, que he diuino:
Se tão alto imagino
Que de vista me perco, pecco nisto,
Desculpame o que vejo,
Que se emfim resisto
Contra tão atreuido & vão desejo,
Façome forte em vossa vista pura,
E armase de vossa fermosura.

Das delicadas sombrancelhas pretas,
Os arcos com que fere amor tomou,
E fez a linda corda dos cabellos.

E porque de vos tudo lhe quadrou
Dos rayos desses olhos fez as settas,
Com que fere quem alça os seus a vellos:
Olhos que sam tão bellos,
Dão armas de ventagem ao amor,
Com que as almas destrue,
Porem se he grande a dor
Coa alteza do mal, a restitue,
E as armas com que mata sam de sorte
Que ainda lhe ficais deuendo a morte.

Lagrimas, & suspiros, pensamentos,
Quem delles se queixar, fermosa dama
Mimoso està do mal que por vos sente,
Que mayor bem deseja quem vos ama
Que estar desabafando seus tormentos,
Chorando, imaginando docemente?
Quem viue descontente
Não ha de dar aliuio a seu desgosto,
Porque se lhe agradesça
Mas com alegre rosto
Soffra seus males pera que os meresça:
Que quem do mal se queixa que padesce,
Fallo porque esta gloria não conhesce.

De modo que se cae o pensamento,
Em algũa fraqueza de contente,
He porque este segredo não conheço:
Assi que com razões não tão somente
Desculpo ao Amor de meu tormento,
Mas ainda a culpa sua lhe agradesço:
Por esta fè meresço
A graça que esses olhos acompanha.
O bem do doce riso,
Mas porem não se ganha
C'hum paraiso outro paraiso:
E assi de enleada a esperança
Se satisfaz co bem que não alcança.

Se com razões escuso meu remedio
Sabe canção que porque não vejo
Engano com palauras o desejo.

Canção segunda.

A Instabilidade da fortuna,
Os enganos suaues de amor cego,
Suaues (se durarão longamente)
Direi, por dar á vida algum sossego;
Que pois a graue pena me importuna,
Importune meu canto a toda gente.

E se o passado bem co mal presente
Me enduresce a voz no peito frio,
O grande desuario
Dará de minha pena sinal certo,
Que hum erro em tantos erros he concerto.
E pois nesta verdade me confio,
(Se verdade se achar no mal que digo)
Saiba o mundo de amor o desconcerto,
Que ja co a razão se fez amigo,
Sô por não deixar culpa sem castigo.

Ia amor fez leis, sem ter comigo algũa,
Ia se tornou de cego arrazoado;
Sò por vsar comigo semrazões:
E se em algũa cousa o tenho errado,
Com siso grande dor não vi nenhũa;
Nem elle deu sem erros affeições,
Mas por vsar de suas isenções
Buscou fingidas causas por matarme;
Que pera derrubarme
No abismo infernal de meu tormento,
Não foi soberbo nunca o pensamento,
Nem pretende mais alto aleuantarme
Daquillo que elle quis; & se elle ordena
Que eu pague seu ousado atreuimento,
Saiba que o mesmo amor que me condena
Me fez cayr na culpa, & mais na pena.

Os olhos que eu adoro, aquelle dia
Que decerão ao baixo pensamento,
N'alma os apousentei suauemente,
E pretendendo mais, como auarento,

O coração lhe dei por iguaria,
Qu' a meu mandado tinha obediente:
Porem como ante si lhe foi presente,
Que entenderão o fim de meu desejo,
Ou por outro despejo,
Que a lingoa descubrio por desuario,
De sede morto estou posto n'hum rio,
Onde de meu seruiço o frutto vejo;
Mas logo se alça se a colhelo venho,
E fogeme a agoa, se beber porfio;
Assi que em fome & sede me mantenho,
Não tem Tantalo a pena que eu sostenho.

Depois que aquella em quem minh'alma viue
Quis alcançar o baixo atreuimento,
Debaixo deste engano a alcancei,
A nuuem do contino pensamento
Ma afigurou nos braços, & assi a tiue,
Sonhando o que acordado desejei;
Porque a meu desejo me gabei
De alcançar hum bem de tanto preço;
Allem do que padesço
Atado em hũa roda estou penando,
Que em mil mudanças me anda rodeando,
Onde se a algum bem subo, logo deço,
E assi ganho & perco a confiança,
E assi de mi fugindo, tras mi ando.
E assi me tem atado hũa vingança,
Como Ixião, tão firme na mudança.

Quando a vista suaue & inhumana

Meu humano deſejo de atreuido
Cometeo,ſem ſaber o que fazia,
O cego moço,que co a ſetta inſana
O peccado vingou deſta ouſadia;
E afora eſte mal que eu mereſcia,
Me deu outra maneira de tormento,
Que nunqua o penſamento
(Que ſempre voa d'hũa a outra parte)
Deſtas entranhas triſtes não ſe farte,
Imaginando ſobre o famulento,
Quanto mais come, mais eſtá creſcendo;
Porque de atormentarme não ſe aparte;
Aſsi que pera a pena eſtou viuendo,
Sou outro nouo Ticio,& não m'entendo.

De vontades alheas que roubaua,
E que enganoſamente recolhia,
Em meu fingido peito me mantinha,
De maneira o engano lhe fingia,
Que depois que a meu mando as ſojugaua,
Com amor as mattaua,qu'eu não tinha:
Porem logo o caſtigo que conuinha
O vingatiuo amor me fez ſentir,
Fazendome ſubir
Ao monte da aſpereza que em vos vejo,
Co peſado penedo do deſejo,
Que do cume do bem me vay cair;
Torno a ſubillo ao deſejado aſſento,
Torna a cayrme,embalde emfim pelejo,
Não te eſpantes Siſipho deſte alento,
Que ás coſtas o ſubi do ſofrimento.

D Deſta

Desta arte o summo bem se me offeresce
Ao faminto desejo, porque sinta
A perda de perdello mais penosa,
Como o auaro a quem o sonho pinta
Achar thesouro grande, onde enriquesce,
E farta sua sede cobiçosa;
E acordando com furia presurosa,
Vay cauar o lugar onde sonhaua:
Mas tudo o que buscaua
Lhe conuerte em caruão a desuentura;
Alli sua cobiça mais se appura,
Por lhe faltar aquillo que esperaua;
Dest'arte amor me faz perder o siso,
Porque aquelles que estão na noite escura,
Nunqua sentirão tanto o triste abyso,
Se ignorarem o bem do parayso.

Canção nomais, que ja não sei que digo;
Mas porque a dor me seja menos forte,
Diga o pregaõ a causa desta morte.

Canção terceira.

IA a roxa manhã clara
Do Oriente, as portas vem abrindo,
Dos montes descubrindo
A negra escuridão da luz auara,

O ſol que nunqua para,
De ſua alegre viſta ſaudoſo,
Tras ella preſſuroſo,
Nos cauallos canſados do traballo,
Que reſpirão nas heruas freſco orualho,
Se eſtende claro, alegre, & luminoſo,
Os paſſaros voando,
De raminho em raminho madulando,
Com hũa ſuaue & doce melodia
O claro dia eſtão manifeſtando.

A manhã bella & amena
Seu roſto deſcubrindo, a eſpeſſura
Se cobre de verdura,
Branda, ſuaue, angelica, ſerena,
ô deleitoſa pena,
ô effeito d'amor tão preeminente!
Que permitte & conſente
Que onde quer que me ache, & onde eſteja,
O ſeraphico geſto ſempre veja,
Por quem de viuer triſte ſou contente!
Mas tu Aurora pura
De tanto bem dâ graças â ventura,
Pois as foi pòr em ti tão differentes,
Que repreſentes tanta fermoſura.

A luz suaue & leda
A meus olhos me mostra por quẽ mouro,
E os cabellos d'ouro
Não igual'aos que vi, mas arremeda:
Esta he a luz que arreda
A negra escuridão do sentimento
Ao doce pensamento:
O orualho das flores delicadas,
São nos meus olhos lagrimas cansadas,
Qu'eu choro co prazer de meu tormento:
Os passaros que cantão
Os meus espritos sam que a voz leuantão
Manifestando o gesto peregrino,
Cõ tão diuino som q̃ o mundo espantão.

Assi como acontesce
A quem a chara vida està perdendo,
Que em quanto vay morrendo
Algũa visaõ santa lhe aparesce:
A mi em quem fallesce
A vida, que sois vos minha senhora,
A esta alma que em vos mora,
(Em quanto da prisaõ se estâ apartãdo)
Vos estais juntamente apresentando,
Em forma da fermosa & roxa Aurora,

ô ditosa partida,
ô gloria soberana, alta, & subida,
Se mo não impedir o meu desejo,
Porqu'o que vejo emfim me torna a vida.

Porem a Natureza
Que nesta vista pura se mantinha,
Me falta tão asinha,
Quão asinha o Sol falta à redondeza:
Se ouuerdes que he fraqueza
Morrer em tão penoso & triste estado,
Amor serà culpado,
Ou vòs, onde elle viue tão isento,
Que causastes tão longo apartamento,
Porque perdesse a vida co cuidado,
Que se viuer não posso,
Hum homem sou sò de carne & osso,
Esta vida que perco amor ma deu,
Que não sou meu: se mouro o danno he vosso.

Canção de Cisne feita n'hora estrema,
Na dura pedra fria
Da memoria, te deixo em companhia
Do letreiro de minha sepultura,
Que a sombra escura ja me impedia.

Canção quarta.

VAõ as serenas agoas
Do Mondego descendo,
Mansamẽte, que ate o mar não parão,
Por onde minhas magoas
Pouco a pouco crescendo,
Para nunca acabar se começarão:
Alli se ajuntarão
Neste lugar ameno,
Aonde agora mouro,
Testa de neue & ouro,
Riso brando, suaue, olhar sereno;
Hum gesto delicado,
Que sempre n'alma m'estarà pintado.

Nesta florida terra,
Leda, fresca, & serena;
Ledo & contente para mĩ viuia
Em paz com minha guerra,
Contente com a pena
Que de tão bellos olhos procedia;
Hum dia n'outro dia
O esperar m'enganaua,
Longo tempo passei,
Com a vida folguei,
Sò porqu'em bem tamanho m'empregàua;
Mas que me presta ja
Que taõ fermosos olhos não os ha.

O quem me alli dissera

Que

Que de amor tão profundo
O fim podesse ver ind'algũa hora;
O quem cudar podera
Que ouuesse ahi no mundo
Apartarme'eu de vos minha senhora,
Para que desd'agora
Perdesse a esperança,
E o vão pensamento,
Desfeito em hum momento,
Sem me poder ficar mais q̃ a lẽbrança,
Que sempre estará firme
Ate o derradeiro despedirme.

Mas a mòr alegria
Que daqui leuar posso,
Com a qual defenderme triste espero,
He que nunca sentia
No tempo que fui vosso
Quererdesme vos quãto vos eu quero;
Porque o tormento fero
De vosso apartamento
Não vos dará tal pena,
Como a que me condena:
Que mais sentirei vosso sentimento,
Que o que minh'alma sente
Morra eu senhora, & vos ficai cõtente.

Canção tu estaras
Aqui acompanhando,
Estes campos, & estas claras agoas,
E por mĩ ficaras
Chorando & suspirando,

E ao mundo mostrando tantas magoas,
Que de tão larga historia,
Minhas lagrimas fiquem por memoria.

Canção quinta.

SE este meu pensamento
Como he doce & suaue,
Daalma podesse vir gritando fora,
Mostrando seu tormento,
Cruel, aspero, & graue,
Diante de vos sò minha senhora,
Podera ser que agora
O vosso peito duro
Tornara manso & brando:
E eu que sempre ando
Passaro solitario humilde, escuro,
Tornado hum Cisne puro,
Brando & sonoro pello ar voando,
Com canto manifesto,
Pintara meu tormento, & vosso gesto.

Pintara os olhos bellos
Que trazem nas mininas
O minino que os seus nelles cegou,

E os dourados cabellos
Em tranças de ouro finas
A quem o sol seus rayos abaixou,
A testa que ordenou
Natura tão fermosa,
O bem proporcionado
Nariz, lindo, afilado,
Que a cada parte tem a fresca rosa,
A boca graciosa,
Que querella louuar he escusado:
Em fim he hum thesouro,
Os dentes perlas, as palauras ouro.

Virase claramente
ô dama delicada,
Que em vos se esmerou a natureza,
E eu de gente em gente
Trouxera trasladada
Em meu tormento vossa gentileza,
Somente a aspereza
De vossa condição,
Senhora não dißera,
Porque se não soubera
Que em vos podia auer algum senão:
E se alguem com razão

Porque

Porque morres dissera, responderà
Mouro porqu'he tão bella
Qu'inda não sou pera morrer por ella.

E se polla ventura
Dama vos offendesse
Escreuendo de vos o que não sento,
E vossa fermosura
Tão baixo não descesse,
Que a alcançaße hũ baixo entendimento:
Seria o fundamento
Daquillo que cantasse
Todo de puro amor,
Porque vosso louuor
Em figura de magoas se mostrasse:
E onde se julgaße
A causa pello effeito, minha dor
Diria alli sem medo
Quem me sentir verà de quem procedo.

Então amostraria
Os olhos saudosos,
O suspirar que a alma traz consigo,
A fingida alegria,
Os passos vagarosos,

O fallar, o esquecerme do que digo,
Hum pelejar comigo,
E logo disculparme,
Hum recear ousando,
Andar meu bem buscando,
E de poder achallo acouardarme:
Emfim aueriguarme
Que o fim de tudo quanto estou fallando,
São lagrimas & amores,
São vossas isenções, & minhas dores.

Mas quem terà senhora
Palauras com que iguale
Com vossa fermosura minha pena:
Que em doce voz de fora
Aquella gloria falle
Que dentro na minh'alma amor ordena,
Não pode tão piquena
Força d'engenho humano,
Com carga tão pesada,
Se não for ajudada
D'hum piadoso olhar, d'hum doce engano:
Que fazendome o danno
Tão deleitoso, & a dor tão moderada,
Que emfim se conuertesse
Nos gostos dos louuores que escreuesse.

Canção

Canção não digas mais, & se teus versos
A pena vem pequenos,
Não queirão de ti mais, que diras menos.

Canção seista.

COm força desusada
A quenta o fogo eterno
Hũa ilha, lá nas partes do Oriente,
De estranhos habitada,
Aonde o duro inuerno
Os campos reuerdesce alegremente;
A Lusitana gente
Por armas sanguinosas,
Tem della o senhorio:
Cercada está d'hum rio
De maritimas agoas saudosas;
Das heruas que aqui nascem,
Os gados juntamẽte, & os olhos pascẽ.

Aqui minha ventura
Quis que hũa gram parte
Da vida que não tinha se passasse,
Para que a sepultura
Nas mãos do fero Marte
De sangue, & de lembranças matizasse;
Se amor determinasse
Que a troco desta vida.

Dè mĩ qualquer memoria
Ficasse como hystoria,
Que de hũs fermosos olhos fosse lida,
A vida & alegria:
Por tão doce memoria trocaria.

Mas este fingimento
Por minha dura sorte
Com falsas esperanças me conuida;
Não cuide o pensamento
Que pòde achar na morte
O que não pode achar tão longa vida;
Està ja tão perdida
A minha confiança,
Que de desesperado
Em ver meu triste estado,
Tambem da morte perco a esperança;
Mas ô que se algum dia
Desesperar podesse, viuiria.

De quanto tenho visto
Iagora não m'espanto,
Que atè desesperar se me defende;
Outrem foi causa disto,
Que eu nunqua pude tanto,
Que causasse este fogo que me encende:
Se cudão que me offende
Temor de esquecimento,
Ouxala meu perigo
Me fora tão amigo
Que algum temor deixara ao pensamento,

Quem

Quem vio tamanho enleo,
Que ouuesse ahi esperança sem receo?

Quem tem que perder possa
Se pode recear,
Mas triste quem não pode ja perder;
Senhora a culpa he vossa,
Que pera me mattar
Bastára hũa hora sò de vos não ver:
Posestesme em poder
De falsas esperanças,
E do que mais me espanto
Que nunqua vali tanto
Que viuesse tābem com esquiuāças;
Valia tão pequena
Não pode merescer tão doce pena.

Ouuese amor comigo
Taõ brando, & pouco irado,
Quāto agora em meus males se conhesce,
Que não há mòr castigo
Pera quem tem errado,
Que negarlhe o castigo que meresce;
E bem como acontesce
Que asi como ao doente
Da cura despedido,
O medico sabido
Tudo qnanto deseja lhe consente,
Asi me consentia
Esperança, desejo, & ousadia.

E agora

E agora venho a dar
Conta do bem paſſado,
A eſta triſte vida, & longa auſencia
Quem pode imaginar
Que pode auer peccado
Que mereſça tão graue penitencia?
Olhai que he conſciencia
Por tão pequeno erro
Senhora tanta pena:
Não vedes que he onzena?
Mas ſe tão longo & miſero deſterro
vos dá contentamento,
Nunca me acabe nelle meu tormento.

Rio fermoſo, & claro,
E vos ò aruoredos.
Que os juſtos vencedores corais,
E ao cultor auaro,
Continuamente ledos,
D'hum tronco ſô diuerſos fruttos dais,
Aſsi nunca ſintais
Do tempo injuria algũa,
Que em vos achem abrigo
As magoas que aqui digo,
Em quanto der o ſol virtude á lũa:
Porque de gente em gente
Saibão que ja não mata a vida auſente.

Canção neſte deſterro viuirâs,
Voz nua & deſcuberta,
Ate que o tempo em Ecco te conuerta.

Canção

Canção settima.

MAndame amor que cante docemente,
O que elle ja em minh'alma tem impresso,
Com prosupposto de desabafarme:
E porque com meu mal seja contente,
Diz que ser de tão lindos olhos preso
Contallo bastaria a contentarme,
Este excellente modo de enganarme
Tomàra eu de amor por interesse,
Se não se arrependesse
Co a pena o engenho escurescendo.
Porem a mais me atreuo,
Em virtude do gesto de que escreuo,
E se he mais o que canto que o q̃ entendo,
Inuoco o lindo aspeito,
Que pòde mais que amor em meu defeito.

Sem conhecer amor viuer soìa,
Seu arco & seus enganos desprezando,
Quando viuendo delles me mantinha
O amor enganoso, que fingia

Mil vontades alheas enganando,
Me fazia zombar de quem o tinha:
No Touro entraua Phebo, & Progne vinha
O corno de Acheloo Flora entornaua,
Quando o amor ſoltaua
Os fios d'ouro, as tranças encreſpadas,
Ao doce vento eſquiuas,
Dos olhos rutilando o lume viuas,
E as roſas antre a neue ſemeadas,
Co riſo tão galante,
Que hum peito desfizera de diamante.

Hum não ſei que ſuaue reſpirando,
Cauſaua hum admirado & nouo eſpanto,
Que as couſas inſenſiueis o ſentião:
E as garrulas aues leuantando
Vozes deſordenadas em ſeu canto,
Como em meu deſejo ſe encendião,
As fontes cryſtallinas não corrião,
Inflammadas na linda viſta pura,
Floreſcia a verdura
Que andando cos diuinos pès tocaua,
Os ramos ſe abaixauão,
Tendo inueja das heruas que piſauão,
(Ou porque tudo ante ella ſe abaixaua)

Não ouue cousa emfim
Que não pasmasse della, & eu de mĩ.

Porque quando vi dar entendimento
As cousas que o não tinhaõ, o temor
Me fez cudar que effeito em mĩ faria
Conhecime não ter conhecimento,
E nisto sò o tiue, porque amor
Mo deixou, porque visse o que podia:
Tanta vingança amor de mĩ queria,
Que mudaua a humana natureza:
Os montes, & a dureza
Delles, em mĩ por troca traspassaua:
ô que gentil partido,
Trocar o ser do monte sem sentido,
Pollo que n'hum juyzo humano estaua!
Olhay que doce engano,
Tirar cõmum proueito de meu dano!

Assi que indo perdendo o sentimento
A parte racional me entristecia,
Vella a hum appetite sommettida,
Mas dentro n'alma o fim do pensamento
Por tão sublime causa me dezia
Qu'era razão ser a razão vencida.

Aßi que quando a via ser perdida,
A mesma perdição a restauraua,
E em mansa paz estaua
Cadahum com seu contrario n'hum sogeito,
ô gran concerto este:
Quem será que nã julgue por celeste
A causa donde vem tamanho effeito,
Que faz n'hum coração
Que venha o appetite a ser razão?

Aqui senti de amor a mòr fineza,
Como foi ver sentir o insensiuel,
E o ver a mĩ de mĩ mesmo perderme:
Emfim senti negarse a natureza,
Por onde cri que tudo era poßiuel
Aos lindos olhos seus, senão quererme,
Despois que ja senti desfallecerme,
Em lugar do sentido que perdia
Nõ sei que m'escreuia
Dentro n'alma co as letras da memoria,
O mais deste processo
Co claro gesto juntamente impresso,
Que foi a causa de tão longa historia,
Se bem a declarei
Eu não a escreuo, d'alma a trasladei.

Canção ſe quem te ler
Naõ crer dos olhos lindos o que dizes,
Pello que em ſi eſcondem,
Os ſentidos humanos lhe reſpondem.
Bem podem dos diuinos ſer juyzes.

Canção oitaua.

TOmei a triſte pena:
Ia de deſeſperado
De vos lembrar as muitas que padeſço,
Com ver que me condena.
A ficar eu culpado
O mal que me tratais,& o q̃ mereſço.
Confeſſo que conheço
Que em parte eu cauſei
O mal em que me vejo,
Pois ſempre meu deſejo
Tão comprido,em vos cumprir deixei;
Mas não tiue ſoſpeita
Que ſeguiſſeis tenção tão imperfeita.

Se em voſſo eſquecimento
Tão enuolto eſtou
Como os ſinais demoſtrão que moſtrais,
Viuo neſte tormento,
Lembranças mais não dou
Que as que de razão tomar queirais:
Olhai que me trattais

Asi de dia em dia
Com vossas esquiuanças,
E as vossas esperanças
De que vãmente eu m'enriquescia,
Renouão a memoria
Pois cõ tela de vos sò tenho gloria.

E se isto conhecesseis
Que he verdade pura,
Como ouro de Arabia reluzente,
Inda que não quisesseis
A condição tão dura
Mudareis n'outra muito differente,
E eu como innocente
Que estou neste caso,
Isto em mãos posera
De quem sentença dera,
Que ficasse o direito justo & raso.
Se não arreceara
Que a vos por mi, a mi por vos matara.

Em vos escritta vi
Vossa grande dureza,
E n'alma escritta está, que de vos viue,
Não que acabasse alli
Sua grande firmeza
O triste desengano que então tiue;
Porque antes que a dor priue
De todo meus sentidos,
Ao grande tormento
Acode o entendimento,

Com dous fortes soldados, guarnescidos
De rica pedraria,
Que ficão sendo minha luz & guia.
Destes acompanhado
Estou posto sem medo
A tudo o que o fatal destino ordene,
Pode ser que cansado,
Ou seja tarde, ou cedo,
Com pena de penarme me despene:
E quando me condene
(Que isto he o que espero)
Inda a mayores dores
Perdidos os temores
Por mais que venha não direi não quero,
Com tudo estou tão forte
Que nem me mudarâ a mesma morte.

Canção se ja não queres
Ver tanta crueldade,
La vas onde veras minha verdade.

Canção nona.

IUnto d'hum seco, fero, & esteril monte,
Inutil, & despido, caluo, informe,
Da natureza em tudo aborrescido,
Onde nem aue voa, ou fera dorme,
Nem rio claro corre, ou ferue fonte,
Nem verde ramo faz doce ruido,

Cujo nome do vulgo introduzido
Por antiphrasi he felix infelice,
O qual a natureza
Situou junto â parte
Onde hum braço de mar alto reparte
Abaßia da Arabica aspereza,
Onde fundada já foi Berenice,
Ficando à parte donde
O sol que nelle ferue se lh'esconde.

Nelle aparesce o Cabo com que a costa
Africana, que vem do Austro correndo,
Limite faz, Aromata chamado,
Aromata outro tempo, que voluendo
Os ceos, a ruda lingoa mal composta,
Dos proprios outro nome lhe tem dado,
Aqui, no mar que quer apressurado
Entrar polla garganta deste braço,
Me trouxe hum tempo & teue
Minha fera ventura
Aqui nesta remota, aspera, & dura
Parte do mundo, quis que a vida breue
Tambem de si deixasse hum breue espaço,
Porque ficaße a vida
Pello mundo em pedaços repartida.

Aqui m'achei gastando hũs tristes dias,
Tristes, forçados, maos, & solitarios,
Trabalhosos, de dor, & d'ira cheos,
Não tendo tãosòmente por contrarios
A vida, o sol ardente, & agoas frias,
Os ares grossos, feruidos, & feos,
Mas os meus pensamentos que sam meos
Para enganar a propria natureza,
Tambem vi contra mi,
Trazendome à memoria
Algũa ja passada & breue gloria,
Qu'eu ja no mundo vi quando viui,
Por me dobrar dos malles a aspereza,
Por me mostrar que auia
No mundo muitas horas de alegria.

Aqui estiu'eu co estes pensamentos
Gastãdo o temp' & a vida, os quais tão alto
Me subião nas asas, que caîa
(E vede se seria leue o salto,
De sonhados & vaõs contentamentos)
Em desesperação de ver hum dia
Aqui o imaginar se conuertia
N'hum subito chorar, & n'hũs sospiros,
Que rompião os ares:

Aqui a alma catiua
Chagada toda estaua em carne viua,
De dores rodeada, & de pesares,
Desamparada & descuberta aos tiros
Da soberba fortuna,
Soberba, inexorauel, & importuna.

Não tinha parte donde se deitasse,
Nem esperança algũa onde a cabeça
Hum pouco reclinasse por descanso,
Todo lhe he dor & causa que padesça,
Mas que pereça não, porque passasse
O que quis o destino nunca manso,
ô que este irado mar gritando amanso,
Estes ventos da voz importunados,
Parece que se enfreão,
Somente o ceo seuero
As estrellas & o fado sempre fero
Com o meu perpetuo danno se recreão,
Mostrandose potentes & indignados,
Contra hum corpo terreno,
Bicho da terra vil, & tão pequeno.

Se de tantos trabalhos sò tirasse
Saber inda por certo que algũa hora

Lembraua a hũs claros olhos que ja vi,
E se esta triste voz rompendo fora,
As orelhas angelicas tocasse
Daquella em cujo riso ja viui,
A qual tornada hum pouco sobre si,
Reuoluendo na mente pressurosa
Os tempos jà passados,
De meus doces errores,
De meus suaues males, & furores,
Por ella padescidos & buscados,
Tornada (inda que tarde) piadosa,
Hum pouco lhe pesasse,
E consigo por dura se julgasse.

Isto sò que soubesse, me seria
Descanso para a vida que me fica,
Co isto afagaria o soffrimento,
Ah senhora senhora, que tão rica
Estais, que câ tão longe de alegria
Me sustentais c'hum doce fingimento,
Em vos affigurando o pensamento
Foge todo o trabalho, & toda a pena:
Sò com vossas lembranças
Me acho seguro & forte
Contra o rosto feroz da fera morte:

E logo se me ajuntão esperanças
Com que a fronte tornada mais serena.
Torna os tormentos graues
Em saudades brandas, & suaues.

Aqui coelles fico preguntando
Aos ventos amorosos que respirão
Da parte donde estais por vos senhora
As aues que alli voão se vos virão,
Que fazieis, que estaueis praticando,
Onde, como, comquem, que dia, & qu'ora?
Alli a vida cansada, que melhora
Toma nouos espritos com que vença,
A fortuna & trabalho,
Sò por tornar a veruos,
Sô por ir a seruiruos, & quereruos,
Dizme o tempo que a tudo darà talho,
Mas o desejo ardente, que detença
Nunca soffreo, sem tento
M'abre as chagas de nouo ao soffrimento.

Assi viuo, & se alguem te preguntasse
Canção, como não mouro,
Podeslhe responder, que porque mouro.

Canção decima.

VInde quà meu tão certo ſecretario,
Dos queixumes que ſempre ando fazẽdo,
Papel, com que a pena deſafogo,
As ſemrazões digamos que viuendo
Me faz o inexorauel, & contrario
Deſtino ſurdo, a lagrimas & a rogo
Deitemos agoa pouca, em muito fogo,
Acendaſe com gritos hũ tormento,
Que a todas as memorias ſeja eſtranho,
Digamos mal tamanho
A Deos, ao mnndo, â gente, & enfim ao vento,
A quem ja muitas vezes o contei
Tanto debalde, como o conto agora,
Mas ja que para errores fui naſcido,
Vir eſte a ſer hum delles não duuido;
Que pois ja de acertar eſtou tão fora,
Não me culpem tambem ſe niſto errei;
Siquer eſte refugio ſó terei,
Fallar, & errar ſem culpa liuremente,
Triſte quem de tão pouco eſtà contente.

Ia me deſenganei que de queixarme,
Não ſe alcança remedio, mas quem pena
Forçado he gritar, ſe a dor he grande,
Gritarei, mas he debil & piquena
A voz para poder deſabafarme;
Porque nem com gritar a dor ſe abrande,
Quem me dará ſiquer que fora á mande.

Lagrimas

Lagrimas & ſoſpiros infinitos,
Iguais ao mal que dentro n'alma mora?
Mas quem pode algũa hora
Medir o mal com lagrimas, ou gritos?
Emfim direi aquillo que m'enſinão
A ira, a magoa, & dellas a lembrança,
Qu'he outra dor por ſi mais dura & firme;
Chegai deſeſperados para ouuirme,
E fujão os que viuem de eſperança,
Ou aquelles que nellas imaginão,
Porque amor & fortuna determinão
De lhe darem poder para entenderem
A medida dos malles que teuerem.

Foi minha ama hũa fera, que o deſtino
Não quis que molher foſſe a que teueſſe
Tal nome para mĩ, nem a aueria,
Aſsi criado fui, porque bebeſſe
O veneno amoroſo de minino,
Que na mayor idade beberia:
E por coſtume não me mattaria.
Logo então vi a imagem & ſemelhança
D'aquella humana fera tão fermoſa,
Suaue & venenoſa,
Que me criou aos peitos da eſperança;
De quem eu vi deſpois o original;
Que de todos os grandes deſatinos
Faz a culpa ſoberba & ſoberana;
Pareceme que tinha forma humana,
Mas ſcentillaua ſpiritos diuinos,
Hum meneo & preſença tinha tal,

Que

Que ſe vangloriaua todo o mal
Na viſta della; a ſombra coa viueza
Excedia o poder da natureza.

Que genero tão nouo de tormento
Teue amor, que não foſſe não ſômente
Prouado em mĩ, mas todo executado?
Implacaueis durezas que o feruente
Deſejo, que dà força ao penſamento,
Tinhão de ſeu propoſito aballado;
E de ſe ver corrido & injuriado
Aqui ſombras phantaſticas, trazidas
De algũas temerarias eſperanças,
As bemauenturanças,
Nellas tãmbem pintadas & fingidas;
Mas a dor do deſprezo recebido,
Que a phanthaſia me deſatinaua,
Eſtes enganos punha em deſconcerto;
Aqui o adeuinhar, & o ter por certo
Que era verdade quanto adeuinhaua,
E logo o deſdizerme de corrido,
Dar ás couſas que via outro ſentido,
E pera tudo emfim buſcar razões,
Mas erão muitas mais as ſemrazões.

Pois quem pòde pintar a vida auſente
Com hum deſcontentarme quanto via,
E aquelle eſtar tão longe donde eſtaua,
O fallar ſem ſaber o que dezia;
Andar ſem ver por onde, & juntamente
Sospirar, ſem ſaber que ſoſpiraua;

Pois quando aquelle mal me atormentaua
E aquella dor que das Tartareas agoas
Saîo ao mundo, & mais que todas doe,
Que tantas vezes soe
Duras iras tornar em brandas magoas,
Agora co furor da magoa irado,
Querer & não querer deixar de amar,
E mudar noutra parte por vingança
O desejo priuado de esperança,
Que tão mal se podia ja mudar,
Agora a saudade do passado
Tormento, puro, doce, & magoado,
Fazia conuerter estes furores
Em magoadas lagrimas de amores.

Que desculpas comigo que buscaua
Quando o suaue amor me não soffria
Culpa na cousa amada, & tão amada,
Em fim erão remedios que fingia
O medo do tormento que ensinaua,
A vida a sostentarse de enganada,
Nisto hũa parte della foi passada,
Na qual se tiue algum contentamento
Breue, imperfeito, timido, indecente,
Não foi senão semente
De longo & amarissimo tormento;
Este curso contino de tristeza,
Estes passos tão vãmente espalhados,
Me forão apagando o ardente gosto,
Que tão de siso n'alma tinha posto,
D'aquelles pensamentos namorados,

Em

Em que eu criei a tenra natureza,
Que do longo costume da aspereza
Contra quem força humana não resiste,
Se conuerteo no gosto de ser triste.

Dest'arte a vida noutra fui trocando,
Eu não, mas o destino fero, irado,
Qu'eu inda asi por outra a não trocara;
Fezme deixar o patrio ninho amado,
Passando o longo mar, que ameaçando
Tantas vezes me esteue a vida chara;
Agora exprimentando a furia rara
De Marte, que cos olhos quis que logo
Visse & tocasse o acerbo frutto seu,
E neste escudo meu,
A pintura verão do infesto fogo;
Agora peregrino vago, & errante,
Vendo nações, lingoages, & costumes,
Ceos varios, qualidades differentes,
Sò por seguir còm passos diligentes
A ti fortuna injusta, que consumes
As idades, leuandolhe diante
Hũa esperança em vista de diamante,
Mas quando das mãos cae se conhece
Que he fragil vidro aquillo que aparece.

A piadade humana me faltaua,
A gente amiga ja contraria via,
No primeiro perigo & no segundo
Terra em que pòr os pès me fallescia,
Ar pera respirar se me negaua,
E faltauam'emfim o temp' & o mundo:

Que ſegredo tão arduo,& tão profundo,
Naſcer para viuer,& para a vida
Faltarme quanto o mundo tem para ella:
E não poder perdella,
Eſtando tantas vezes ja perdida?
Emfim não ouue trance de fortuna,
Nem perigos, nem caſos duuidoſos,
Injuſtiças daquelles,que o confuſo
Regimento do mundo,antiguo abuſo,
Faz ſobre os outros homẽs poderoſos,
Qu'eu não paſſaſſe,atado à grã coluna
Do ſoffrimento meu,que a importuna
Perſiguição de males em pedaços
Mil vezes fez á força de ſeus braços.

Não conto tantos males como aquelle,
Que depois da tormenta procelloſa,
Os caſos della conta em porto ledo;
Que inda agora a fortuna fluctuoſa
A tamanhas miſerias me compelle,
Que de dar hum ſò paſſo tenho medo;
Ia de mal que me venha não me arredo,
Nem bem que me falleſça ja pretendo,
Que para mĩ não val aſtucia humana,
De força ſoberana,
Da prouidencia emfim diuina pendo,
Iſto que cuido,& vejo ás vezes tomo
Para conſolação de tantos dános:
Mas a fraqueza humana quando lança
Os olhos na que corre,& não a alcança,
Senão memoria dos paſſados annos,

As agoas que então bebo, & o pão que como,
Lagrimas tristes saõ, qu'eu nunca domo,
Senão com fabricar na fantasia
Fantasticas pinturas de alegria.

Que se possiuel fosse que tornasse
O tempo para tras como a memoria,
Pellos vestigios da primeira idade,
E de nouo tecendo a antigua hystoria
De meus doces errores me leuasse
Pellas flores que vi da mocidade,
E a lembrança da longa saudade
Então fosse mayor contentamento,
Vendo a conuersação leda & suaue,
Ond'hũa & outra chaue
Esteue de meu nouo pensamento,
Os campos, as passadas, os sinais,
A fermosura, os olhos, a brandura,
A graça, a mansidão, a cortesiã,
A sincera amizade, que desuia
Toda a baxa tenção, terrena, impura,
Como a qual outra algũa não vi mais,
Ah vãs memorias, onde me leuais
O fraco coração? que inda não posso
Domar este tão vão desejo vosso.

No mais canção no mais, qu'irei fallando
Sem o sentir mil annos, & se a caso
Te culparem de larga, & de pesada,
Não pode ser (lhe dize) limitada
A agoa do mar em tão pequeno vaso,

Nem

Nem eu delicadezas vou cantando
Co gosto do louuor, mas explicando
Puras verdades ja por mĩ passadas,
Oxalá forão fabulas sonhadas.

SEXTINAS.

FOgeme pouquo a pouquo a curta vida,
(Se por caso he verdade qu'inda viuo)
Vayseme o breue tempo d'ante os olhos,
Choro pello passado, & em quanto choro
Se me passão os dias passo & passo:
Vaiseme em fim a idade, & fica a pena.

Que maneira tão aspera de pena
Que nunqua hũa hora vio tão longa vida,
Em que possa do mal mouerse hum passo,
Que mais me monta ser morto, que viuo?
Para que choro emfim? para que fallo?
Se lograrme não pude de meus olhos?

ô fermosos, gentis, & claros olhos
Cuja ausencia me moue a tanta pena,
Quanta se não comprende em quanto fallo,
Se no fim de tão longa & curta vida
De vos m'inda inflamasse o rayo viuo,
Por bem teria tudo quanto passo.

Mas bem sei, que primeiro o estremo passo
Me ha de vir a cerrar os tristes olhos,
Que amor me mostre aquelles por que viuo.
Testemunhas serão a tinta & pena,
Que escreuerão de tão molesta vida,
O menos que passei, & o mais que fallo.

Ô que não sei qu'escreuo, nem que fallo:
Que se de hum pensamento n'outro passo,
Vejo tão triste genero de vida,
Que se lhe não valerem tantos olhos,
Não posso imaginar, qual seja a pena
Que traslade esta pena com que viuo.

N'alma tenho contino hum fogo viuo
Que se não respirasse no que fallo,
Estaria ja feita cinza a pena:
Mas sobr'a mayor dòr que soffro & passo,
Me temperão as lagrimas dos olhos,
Com que fugindo não se acaba a vida.

Morrendo estou na vida, & em morte viuo,
Vejo sem olhos, & sem lingoa fallo,
E juntamente passo gloria, & pena.

Prosegue a segunda parte com as Odes.

Ode primeira, à Lũa.

DEtem hum pouco Musa o largo prato,
Que amor te abre do peito,
E vistida de rico & ledo manto
Demos honra & respeito
A aquella cujo obieito
Todo o mundo alumia,
E quando escuro está he mais que o dia.

ô Dellia, que a pesar da neuoa grossa
Cos teus rayos de prata
A escura noite fazes que não possa
Encontrar o que tratta,
E o que n'alma retratta,
Amor por teu diuino
Rosto, porque endoudeço, & desatino.

Tu que de fermosissimas estrellas,
Coroas & rodeas
Teus cabellos d'argento, & faces bellas,
E os campos fermoseas,

Co as rosas que semeas,
Co as boninas que geras,
O teu celeste amor na Primauera.

Pois Delia dos teus cêos vẽdo estàs quantos
Furtos de puridades
Suspiros, magoas, ais, musicas, prantos,
As amantes vontades,
Hũas por saudades,
Outras por crùs indicios,
Fazem das proprias vidas sacrificios.

Vejo teu Endimião por estes montes,
Suspenso o cèo olhando,
E o teu nome cos olhos feitos fontes,
Embalde, & em vão chamando,
Pedindo & suspirando
Merces á tua beldade,
Sem em ti achar hũa hora piedade.

Por ti feito pastor de branco armento,
As seluas solitarias
Acompanhado sò do pensamento,
Conuersa as alimarias,
De todo amor contrarias
Mas não como ti duras,
Onde lamenta & chora desuenturas.

Por ti guarda o sitio fresco d'Ilio
Suas sombras fermosas,
Para ti Erymanto, & o lindo Epillio

As mais purpureas rosas,
E as drogas cheirosas
Deste nosso Oriente,
Tambem Arabia Felix eminente.

De que Panthera, Tigre, ou Leopardo
As asperas entranhas,
Não temerão o agudo & fero dardo,
Quando pellas montanhas
Mui remotas & estranhas,
Ligeira atrauessauas
Tão fermosa, que amor de amor matauas?

Das castas virgẽs sempre os altos gritos
Clara lucina ouuiste,
Renouandolhe a força & os espritos:
Mas os daquelle triste
Ia nunca consentiste
Ouuillos hum momento,
Para ser menos graue seu tormento.

Não fujas de mĩ assi, nem assi te escondas,
D'hum tão fiel amante,
Olha como sospirão estas ondas,
E como o velho Atlante,
O seu colo arrogante,
Moue piadosamente
Ouuindo a minha voz fraca & doente.

Triste de mĩ que o pior he queixarme,
Pois minhas queixas digo,

A quem ja ergue a mão para mattarme,
Como a cruel imigo,
Mas eu meu fado sigo,
Que a isto me destina,
E isto sò pretende, & sò m'ensina.

Quãtos dias ha que o cèo me desengàna,
E eu sempre porfio,
Cada vez mais na minha teima insana,
Tendo liure aluedrio,
Não fujo o desuario,
E este que em mi vejo,
Para esperança minha, & meu desejo.

ô quãto melhor fora que dormissem
Hum sono perenal,
Estes meus olhos tristes, & não vissem
A causa de seu mal,
Fugir a tempo tal,
Mais que d'antes por thema,
Mais cruel que vssa fera, mais que ema.

Ay de mĩ que me abraso em fogo viuo,
Com mil mortes ao lado,
E quãdo mouro mais, então mais viuo
Porque assi me ha ordenado
Meu infelice estado,
Que quando me conuida
A morte para a morte tenha vida.

Minha secreta amiga mansa noite,

Eſtas roſas (por quanto
Ouuiſte meus queixumes (hora doute-
Eſte freſco Adianto,
Humido inda do pranto
E lagrimas da eſpoſa
Do cioſo Tithão branca & fermoſa.

Ode ſegunda.

TAõ ſuaue, tão freſca, & tão fermoſa,
Nunqua no ceo ſahio,
A Aurora no principio do verão,
Aas flores dando a graça coſtumada,
Como a fermoſa manſa fera, quando
Hum penſamento viuo me inſpirou,
Por quem me deſconheço.

Bonina pudibunda, ou freſco roſa,
Nunqua no campo abrio,
Quando os rayos do ſol no Touro eſtão
De cores differentes eſmaltada
Como eſta flor, que os olhos inclinando
O ſoffrimento triſte coſtumou
A a pena que padeſço.

Ligeira:

Ligeira, bella Nympha, linda, irosa,
Não creo que seguio
Satyro, cujo brando coração
D'amores commouesse fera irada,
Que aßi fosse fugindo, & desprezando
Este tormento, onde amor mostrou
Tão prospero começo.

Nunqua emfim cousa bella, & rigurosa
Natura produzio,
Que iguale àquella forma & condição,
Que as dores em que viuo estima em nada:
Mas com tão doce gesto, irado, & brando
O sentimento, & a vida me enleuou
Que a pena lhe agradesço.

Bem cudei de exaltar em verso, ou prosa,
Aquillo que a alma vio,
Antre a doce dureza & mansidão,
Primores de belleza desusada,
Mas quando quis voar ao ceo cantando,
Entendimento, & engenho, me cegou,
Luz de tão alto preço.

Naquella alta pureza deleitosa,

Que

Que ao mundo ſe encubrio
E nos olhos angelicos, que ſam
Senhores daſta vida deſtinada,
E naquelles cabellos que ſoltando
Ao manſo vento a vida me enredou,
Me alegro, & entriſteſço.

Saudade & ſoſpeita perigoſa,
Que amor conſtituyo,
Por caſtigo daquelles que ſe vão,
Temores, penas d'alma deſprezada,
Fera eſquiuança, que me vay tirando
O mantimento que me ſuſtentou,
A tudo me offereço.

Ode terceira.

SE de meu penſamento
Tanta razão tiuera de agrauarme,
Quanta de meu tormento
A tenho de queixarme,
Poderas triſte lyra conſolarme.

E minha voz canſada
Que noutro tempo foi alegre & pura,
Não fora aſsi tornada,
Tão rouca, tão peſada, nem tão dura.

A ſer

A ser como sohia
Podera leuantar vossos louuores,
Vos minha Hierarchia
Ouuireis meus amores,
Que exemplo saõ ao mũdo ja de dore

Alegres meus cudados,
Contentes dias, horas, & momentos,
ò quam bem alembrados
Sois de meus pensamentos,
Reinando agora em mĩ duros tormẽto

Ay gostos fugitiuos,
Ay gloria já acabada, & consumida,
Crueis males esquiuos,
Qual me deixais a vida
Quam chea de pesar; quam destruida

Mas como não he morta
A triste vida jâ, que tanto dura?
Como não abre a porta
A tanta desuentura,
Qu'em vão co seu poder o tempo cu

..as para padescella
Se esforça meu sogeito, & conualesc
Que sò pera dizella
A força me fallesce,
E de todo me cansa, & m'enfraquesce

ô bem afortunado

Tu que alcançaste com lyra toante
Orpheo ser escutado,
Do fero Rhadamante,
E cos teus olhos ver a doce amante.

A's infernais figuras
Moueste com teu canto docemente:
As tres furias escuras,
Implacaueis á gente,
Quietas se tornárão de repente.

Ficou como pasmado
Todo o Stygio Reino co teu canto,
E quasi descansado
De seu eterno pranto,
Cessou de alçar Sisipho o graue cãto:

A ordem se mudaua
Das penas que ordenaua alli Plutão,
Em descanso tornaua
A roda de Ixião,
E em gloria quantas penas alli saõ.

Pello qual admirada
A Rainha infernal, & cõmouida
Te deu a desejada
Esposa que perdida,
De tantos dias ja tiuera auida.

Pois minha desuentura
Como ja não abrãda hũa alma humana,

Que

Que he contra mĩ mais dura,
E mui mais deshumana,
Que o furor de Caliröe profana.

ô crua, esquiua, & fera,
Duro peito, cruel, impedernido,
De algũa tigre fera,
Da Hircania nascido,
Ou dantre as duras rochas produzido.

Mas que digo coitado
E de quẽ fio em vão minhas querellas?
Só vos (ò do salgado
Humido Reino) bellas
E claras Nymphas, condoeyuos dellas.

E d'ouro guarnescidas
Vossas louras cabeças, leuantando
Sobol'agoa erguidas,
As tranças gottejando,
Sahi alegres todas, ver qual ando.

Sahi em companhia
Cantando & colhendo as lindas flores,
Vereis minha agonia
Ouuireis meus amores,
Assentareis meus prantos, meus clamores.

Vereis o mais perdido
E mais mofino corpo que he gerado,
Que està ja conuertido

Em choro, & neste estado
Sòmente viue nelle o seu cudado.

Ode quarta.

FErmosa fera humana,
Em cujo coração soberbo & rudo
A força soberana
Do vingatiuo amor, que vence tudo
As pontas amoladas
De quantas settas tinha tem quebradas.

Amada Circe minha,
(Posto que minha naõ) com tudo amada,
A quem hum bem que tinha
Da doce liberdade desejada,
Pouco a pouco entreguei,
E se mais tenho inda entregarei.

Pois natureza irosa
Da razão te deu partes tão contrarias,
Que sendo tão fermosa
Folgues de te queimar en flãmas varias,
Sem arder em nenhũa,
Mais qu'em quanto alumia o mũdo a lũa.

Pois

Pois triumphando vas
Com diuersos despojos de ptrdidos,
Que tu priuando estâs
De razão, de juizo, & de sentidos.
E quasi a todos dando,
Aquelle bem que a todos vas negando.

Pois tanto te contenta
Ver o nocturno moço em ferro enuolto
Debaixo da tormenta
De Iupiter em agoa & vento solto,
A porta que impedido
Lhe tem seu bẽ de magoa adormescido.

Porque não tẽs receo
Que tantas innocẽcias & esquiuãças,
A Deosa que poem freo
A soberbas, & doudas esperanças,
Castigue com rigor
E contra ti se acenda o fero Amor.

Olha a fermosa Flora
De despojos de mil sospiros rica,
Pello capitão chora
Que là em Thesallia emfim vẽcido fica.

E foi ſublime tanto
Qu'altares lhe deu Roma, & nome ſanto.

Olha em Lesbo aquella
No ſeu Pſalteiro inſigne conheſcida
Dos muitos que por ella
Se perderão, perdeo a chara vida
Na rocha que ſe inflama
Com ſer remedio eſtremo de quem ama.

Pello moço eſcolhido,
Onde mais ſe moſtrauão as tres graças,
Que Venus eſcondido
Para ſi teue hum tempo antre as alfaças,
Pagou coa morte fria
A mà vida que a muitos ja daria.

E vendoſe deixada
Daquelle por quem tantos ja deixára,
Se foi deſeſperada
Precipitar da infame Rocha chara,
Que o mal de mal querida
Sabe que vida lhe he perder a vida.

Tomaime brauos mares,

Tomaime vos, pois outrem me deixou,
E aſsi dos altos ares,
Pendendo com furor ſe arremeſſou,
Acude tu ſuaue,
Acude poderoſa, & diuina aue.

Toma nas aſas tuas
Minino pio Elyſa ſem perigo,
Antes que neſſas cruas
Agoas, quando apague o fogo antigo,
He digno amor tamanho
De viuer, & ſer tido por eſtranho?

Não que he razão que ſeja
Para as lobas iſentas que amor vendem,
Exemplo onde ſe veja
Que tambem ficão preſas as que prendem:
Aſsi deu por ſentença
Nemeſis, que amor quis que tudo vença.

Ode quinta.

NVnca manhã suaue
Estendendo seus rayos pello mundo,
Despois de noite graue,
Tempestuosa, negra, em mar profundo,
Alegrou tanto nao, que ja no fundo
Se vio em mares grossos,
Como a luz clara a mĩ dos olhos vossos.

Aquella fermosura
Que sò no virar delles resplandesce,
Com que a sombra escura
Clara se faz, & o campo reuerdesce,
Quando meu pensamento se entristesce,
Ella & sua viueza
Me desfazem a nuuem da tristeza.

O meu peito onde estais,
He pera tanto bem pequeno vaso,
Quando a caso virais
Os olhos que de mĩ não fazem caso,
Todo gentil senhora então me abraso
Na luz que me consume,
Bem como a borboleta faz no lume.

Se mil almas tiuera
Que a tão fermosos olhos entregara,
Todas quantas tiuera
Pollas pestanas delles pendurara,
E enleuadas na vista pura & clara,
(Posto que disso indignas,)
Se andarão sempre vendo nas mininas.

E vos que descuidada
Agora viuireis de tais querellas,
D'almas minhas cercada
Não podesseis tirar os olhos dellas,
Não pode ser que vendo a vossa antr'ellas
A dor que lhe mostrassem
Tantas hũa alma sò não abrandassem.

Mas pois o peito ardente
Hũa sö pòde ter, fermosa dama,
Basta que esta sòmente
Como se fossem duas mil vos ama:
Para que a dor de sua ardente flama
Conuosco tanto possa,
Que não queiras ver cinza hũa alma vossa.

TERCEIRA PARTE.

Das Elegias, & algũas Oitauas.

ELEGIA PRIMEIRA.

O Poeta Simonides fallando
Co capitão Themistocles hum dia
Em cousas de sciencia praticando,
Hũa arte singular lhe prometia,
Que então compunha, com que lhe ensinasse
A se lembrar de tudo o que fazia.
Onde tão sutis regras lhe mostrasse
Que nunqua lhe passaße da memoria
Em nenhum tempo as cousas que paßasse.
Bem merescia certo fama & gloria,
Quem daua regra contra o esquecimento,
Qu'enterra em si qualquer antigua hystoria.
Mas o capitão claro cujo intento
Bem differente estaua, porque auia
As passadas lembranças por tormento.
Ô illustre Simonides (dizia)
Pois tanto em teu engenho te confias,
Que mostras à memoria noua via,
Se me desses hũa arte que em meus dias
Me não lembrasse nada do passado,

ô quanto milhor obra me farias.
Se este excellente ditto ponderado
Fosse por quem se visse estar ausente
Em lougas esperanças degradado,
ô como bradaria justamente
Simonides inuenta nouas artes
Não meças o passado co presente.
Que se he forçado andar por varias partes
Buscando à vida algum descanso honesto,
Que tu fortuna injusta mal repartes,
E se o duro trabalho he manifesto
Que por graue que seja, ha de passarse
Com animoso sprito, & ledo gesto,
De que serue âs pessoas alembrarse
Do que se passou ja, pois tudo passa
Senão de entristecerse, & magoarse?
Se n'outro corpo hũa alma se traspassa,
Não, como quis Pithagoras na morte,
Mas como manda Amor na vida escassa,
E se este amor no mundo está de sorte
Que na virtude sò d'hum lindo obiecto
Tem hum corpo sem alma viuo & forte,
Onde este obiecto falta, que he defecto
Tamanho pera a vida, que ja nella
M'està chamando à pena a duro Alecto:

Porque me não criàra minha estrella
Seluatica no mundo, & habitante
Na dura Scythia, ou na aspereza della?
Ou no Caucaso horrendo fraco infante,
Criado ao peito d'algũa tigre Hyrcana,
Homem fora formado de diamante.
Porque a ceruiz ferina & inhumana
Não sommettera ao jugo & dura lei
Daquelle que dâ vida quando engana:
Ou em pago das agoas que estillei
As que do mar passei forão de Lethe,
Para que m'esquecera o que passei.
Que o bem que a esperança vãa promete,
Ou a morte o estorua, ou a mudança,
Que he mal que hũa alma em lagrimas derrete.
Ia senhor cairà como a lembrança
No mal do bem passado, he triste & dura,
Pois nasce aonde morre a esperança.
E se quiser saber como se apura
N'hũa alma saudosa, não se enfade
De ler tão longa & misera escrittura.
Soltaua Eolo a redea & liberdade
Ao manso Fauonio brandamente,
E eu ja tinha solta a saudade,
Neptuno tinha posto o seu Tridente.

A proa a branca escuma diuidia,
Coa gente maritima contente.
O coro das Nereidas nos seguia,
Os ventos namorada Galathea,
Consigo sossegados os mouia.
Das argenteas conchinhas Panopea
Andaua pello mar fazendo molhos
Melanto, Diamene, com Legea.
Eu trazendo lembranças por antolhos
Trazia os olhos na agoa sossegada,
E a agoa sem sossego nos meus olhos.
A bemauenturança ja passada
Diante mĩ tinha tão presente,
Como se não mudasse o tempo nada.
E com o gesto immoto, & descontente,
C'hum sospiro profundo, & mal ouuido,
Por não mostrar meu mal a toda a gente:
Dizia, ò claras Nymphas, se o sentido
Em puro amor tiuestes, & inda agora
Da memoria o não tendes esquecido,
Se por ventura fordes algũa hora
Aonde entra o gran Tejo a dar tributo
A Thetis, que vos tendes por senhora,
Ou por verdes o prado verde enxuto
Ou por colherdes ouro rutilante,

Das Tagicas areas rico frutto:
Nellas em verso heroico & elegante,
Escreuei c'hũa concha o que em mĩ vistes,
Pode ser que algũm peito se quebrante.
E contando de mĩ memorias tristes,
Os pastores do Tejo que me ouuião
Oução de vos as magoas que me ouuistes.
Ellas que ja no gesto me entendião,
Nos meneos das ondas me mostrauão
Que em quanto lhe pedia consentião.
Estas lembranças que me acompanhauão
Polla tranquillidade da bonança,
Nem na tormenta graue me deixauão;
Porque chegado ao cabo da esperança,
Começo da saudade que renoua,
Lembrando a longa & aspera mudança.
Debaixo estando ja da estrella noua,
Que no nouo Hemispherio resplandesce,
Dando do segundo axe certa proua.
Eis a noite com nuuẽs escuresce
Do ar supitamente foge o dia,
E o largo Oceano se embrauesce:
A machina do mundo paresçia
Que em tormenta se vinha desfazendo,
Em serras todo o mar se conuertia.

Lutando

Luttando Boreas fero, & Noto horrendo,
Sonoras tempestades leuantauão,
Das naos as velas concauas rompendo.
As cordas co ruido assuuiauão,
Os marinheiros ja desesperados
Com gritos pera o ceo o ar coalhauão.
Os rayos por Vulcano fabricados
Vibraua o fero & aspero Tonante,
Tremendo os Polos ambos de assombrados.
Alli amor mostrandose possante
E que por nenhum modo não fugia,
Mas quanto mais trabalho mais constante,
Vendo a morte diante, em mĩ dezia,
Se algũa ora senhora vos lembrasse
Nada do que passei me lembraria.
Emfim nunca ouue cousa que mudasse
O firme amor do intrinsico daquelle
Em cujo peito hũa vez de siso entrasse.
Hũa cousa senhor por certo asselle,
Que nunqua amor se affina, nem se appura
Em quanto està presente a causa delle.
Dest'arte me chegou minha ventura
A esta desejada & longa terra,
De todo o pobre honrado sepultura.
Vi quanta vaidade em nos s'encerra,

E dos propios quam pouca, contra quem
Foi logo necessario termos guerra.
Que hũa ilha que o Rei de Porcà tem
Que o Rei da Pimenta lhe tomára,
Fomos tomarlha, & sucedeonos bem.
Com hũa armada grossa, que ajuntàra
O Visorei de Goa, nos partimos
Com toda a gente darmas que se achâra,
E com pouco trabalho destruimos
A gente no curuo arco exercitada.
Com mortes cõ incendios os punimos.
Era a ilha com agoas alagada,
De modo que se andaua em almadias,
Emfim outra Veneza trasladada,
Nella nos detiuemos sòs dous dias,
Que forão para algũs os derradeiros,
Que passârão de Styge as agoas frias.
Que estes são os remedios verdadeiros
Que pera a vida estão apparelhados
Aos que a querem ter por caualleiros.
ô lauradores bemauenturados,
Se conhecessem seu contentamento,
Como viuem no campo sossegados.
Dalhes a justa terra o mantimento,
Dalhes a fonte clara a agoa pura,

Mungem

Mungem suas ouelhas cento a cento.
Não vem o mar irado, a noite escura,
Por ir buscar a pedra do Oriente,
Não temem o furor da guerra dura.
Viue hum com suas aruores contente,
Sem lhe quebrar o sono sosségado
O cudado do ouro reluzente.
Se lhe falta o vestido perfumado,
E da fermosa cor Aßyria tinto,
E dos torçaes Attalicos laurado:
Se não tem as dilicias de Corintho,
E se de Pario os marmores lhe faltão
O Piropo, a Esmeralda, & o Iacintho,
Se suas casas d'ouro não se esmaltão,
Esmaltaselhe o campo de mil flores,
Onde os cabritos seus comendo saltão.
Alli amostra o campo varias cores,
Vem se os ramos pender co frutto ameno,
Alli se affina o canto dos pastores.
Alli cantara Tityro, & Sileno,
Emfim por estas partes caminhou
A saã justiça pera o cèo sereno.
Ditoso seja aquelle que alcançou
Poder viuer na doce companhia
Das mansas ouelhinhas que criou.

Este bem facilmente alcançaria
As causas naturais de toda a cousa,
Como se gera a chuua & neue fria.
Os trabalhos do sol que não repousa,
E porque nos dà a lũa a luz albea,
Se tolhernos de Phebo os rayos ousa.
E como tão de pressa o cèo rodea,
E como hum sò os outros traz consigo,
E se he benigna ou dura Scytharea.
Bem mal pode entender isto que digo,
Quẽ ha de andar seguindo o fero Marte
Que traz os olhos sempre em seu perigo.
Porem seja senhor de qualquer arte,
Que posto que a fortuna possa tanto,
Que tão lõge de todo o bem me aparte,
Não poderâ apartar meu duro canto
Desta obrigação sua, em quãto a morte
Me não entrega ao duro Rhadamanto,
Se pera tristes ha tão leda sorte.

Elegia

Elegia segunda.

A DOM ANTONIO DE NOronha estando na India.

AQuella que de amor descomedido
Pello fermoso moço se perdeo,
Que sò por si de amores foi perdido.
Despois que a Deosa em pedra a conuerteo,
De seu humano gesto verdadeiro,
A vltima voz sò lhe concedeo.
Assi meu mal do proprio ser primeiro
Outra cousa nenhũa me consente,
Que'este canto que escreuo derradeiro.
E se algũa pouca vida estando ausente
Me deixa amor, he porque o pensamento
Sinta a perda do bem d'estar presente.
Senhor vos espanta o sentimento
Que tenho em tanto mal para escreuelo,
Furto este breue tempo a meu tormento.
Porque quem tem poder para soffrello
Sem se acabar a vida co cuidado,
Tambem terá poder pera dizello.
Nem eu escreuo mal tão costumado,
Mas n'alma minha triste, & saudosa
A saudade escreue, & eu traslado.
Ando gastando a vida trabalhosa,
Espalhando a continua saudade,
Ao longo de hũa praya saudosa.
Vejo do mar a instabilidade,
Como com seu ruido impetuoso,

Retumba na mayor concauidade.
E com ſua branca eſcuma furioſo,
Na terra a ſeu peſar lhe eſtá tomando
Lugar onde ſe eſtenda cauernoſo.
Ella como mais fraca lhe eſtá dando
As concauas entrenhas onde eſteja
Suas ſalgadas ondas eſpalhando.
A todas eſtas couſas tenho inueja
Tamanha, que não ſei determinarme,
Por mais determinado que me veja.
Se quero em tanto mal deſeſperarme,
Não poſſo, porque amor & ſaudade,
Nem licença me dão para matarme.
Aas vezes cuido em mĩ ſe a nouidade
E eſtranheza das couſas coa mudança,
Se poderão mudar hũa vontade.
E com iſto afiguro na lembrança
A noua terra, o nouo tratto humano,
A eſtrangeira gente, & eſtranha vſança.
Subome ao monte que Hercules Thebano
Do altiſsimo Calpe diuidio,
Dando caminho ao mar Mediterrano.
Dalli eſtou tenteando aonde vio
O pomar das Heſperidas, mattando
A ſerpe que a ſeu paſſo reſiſtio.
Em outra parte eſtou afigurando
O poderoſo Antheo, que derrubado
Mais força ſe lhe eſtáua accreſcentando.
Mas do Herculeo braço ſojugado
No ar deixou a vida, não podendo
Da madre terra ja ſer ajudado.

Nem

Nem com isto em fim que estou dizendo,
Nem com as armas tão continuadas,
De lembranças passadas me defendo.
Todas as cousas vejo remudadas,
Porque o tempo ligeiro não consente
Que estejão de firmeza acompanhadas.
Vi ja que a Primauera de contente
De mil cores alegres reuestia
O monte, o rio, o campo alegremente.
Vi ja das altas aues a armonia,
Que ate aos montes duros conuidaua
A hum modo suaue de alegria.
Vi ja que tudo emfim me contentaua,
E que de muito cheo de firmeza
Hum mal por mil prazeres não trocaua.
Tal me tem a mudança & estranheza,
Que se vou pellos campos, a verdura
Paresce que se secca de tristeza.
Mas isto he ja costume da ventura,
Que os olhos que viuem descontentes,
Descontente o prazer se lhe afigura.
ô graues & insuffriueis accidentes
De fortuna & d'amor, que penitencia
Tão graue dais aos peitos innocentes.
Não basta exprimentarme a paciencia,
Com temores, & falsas esperanças,
Sem que tambem m'attẽte o mal d'ausencia
Trazeis hum brando animo em mudanças,
Para que nunca possa ser mudado,
De lagrimas, suspiros, & lembranças.

E se estiuer ao mal acostumado,
Tambem no mal não consentis firmeza,
Para que nunqua viua descansado.
Viuia eu sossegado na tristeza,
E alli não me faltaua hum brando engano,
Que tirasse os desejos da fraqueza.
E vendome enganado estar vfano,
Deu á roda fortuna,& deu comigo
Onde de nouo choro o nouo danno.
Ia deue de bastar o que aqui digo,
Para dar a entender o mais que callo,
A quem ja vio tão aspero perigo.
E se nos brauos peitos faz aballo
Hum peito magoado,& descontente,
Que obriga a quem o ouue a consolallo;
Não quero mais senão que largamente
Senhor me mandeis nouas dessa terra,
Ao menos poderei viuer contente.
Porque se o duro fado me desterra,
Tanto tempo do bem,que o fraco esprito
Desampare a prisaõ onde se encerra;
Ao som das negras agoas de Cocito
Ao pê dos carregados aruoredos
Cantarei o que n'alma tenho escritto.
E por entre esses horridos penedos,
A quem negou natura o claro dia,
Entre tormentos asperos & medos.
Com a tremula voz, cansada, & fria,
Celebrarei o gesto claro & puro,
Que nunqua perderei da fantasia.
E o musico de Thracia ja seguro

De perder sua Eurydice tangedo,
Me ajudara ferindo o ar escuro.
As namoradas sombras reuoluendo
Memorias do passado me ouuirão,
E com seu choro o rio irá crescendo.
Em Salmoneo as penas faltarão,
E das filhas de Bello juntamente
De lagrimas os vasos se enherão.
Que se o amor não se perde em vida ausente,
Menos se perderá por morte escura;
Porque em fim a alma viue eternamente,
E amor he affeito d'alma, & sempre dura.

Elegia segunda.

O Sulmonense Ouidio desterrado
Na aspereza do Pontho, imaginando
Verse de seus parentes apartado:
Sua chara molher desamparando,
Seus doces filhos, seu contentamento,
De sua patria os olhos apartando:
Não podendo encubrir o sentimento,
Aos montes, & às agoas se queixaua
De seu escuro & triste nascimento.
O curso das estrellas contemplaua,
E como por sua ordem discurria

O cèo, o ar, & a terra adonde estaua.
Os peixes pello mar nadando via,
As feras pello monte, procedendo
Como seu natural lhes permittia.
De suas fontes via estar nascendo
Os saudosos rios de cristal,
A sua natureza obedescendo.
Assi sò, de seu proprio natural,
Apartado se via em terra estranha,
A cuja triste dor não acha igual.
Sò sua doce Musa o acompanha,
Nos versos saudosos que escreuia,
E lagrimas com que alli o campo banha.
Dest'arte me afigura a fantasia
A vida com que viuo desterrado,
No bem que noutro tempo possuîa.
Alli contemplo o gosto ja passado,
Que nunqua passarâ polla memoria,
De quem o tem na mente debuxado.
Alli vejo a caduca & debil gloria,
Desenganar meu erro, coa mudança
Que faz a fragil vida transitoria:
Alli me representa esta lembrança
Quam pouca culpa tenho, & me entristesce,
Ver sem razão a pena que me alcança.

Que a pena que com cauſa ſe padeſce
 A cauſa tira o ſentimento della,
 Mas muito doe a que ſe não mereſce.
Quando a roxa manhã, fermoſa, & bella
 Abre as portas ao ſol, & cae o orualho,
 E torna a ſeus queixumes Philomela.
Eſte cudado que co ſono atalho
 Em ſonhos me pareſce, que o que a gente
 Para deſcanſo tem, me dà trabalho.
E depois de acordado cegamente
 (Ou por melhor dizer deſacordado,
 Que pouco acordo tem hum deſcontente)
Dalli me vou com paſſo carregado,
 A hum outeiro erguido, & alli me aſſento,
 Soltando a redea toda a meu cudado.
Depois de farto ja de meu tormento,
 Dalli eſtendo os olhos ſaudoſos
 Aa parte aonde tenho o penſamento.
Não vejo ſe não montes pedregoſos.
 E os campos ſem graça, & ſeccos vejo,
 Que ja floridos vira, & gracioſos.
Vejo o puro, ſuaue, & brando Tejo,
 Com as concauas barcas, que nadando
 Vão pondo em doce effeito ſeu deſejo.
Hũas co brando vento nauegando,

Outras cos leues remos brandamente
As cristallinas agoas apartando.
Dalli fallo coa agoa que não sente,
Com cujo sentimento a alma sai
Em lagrimas desfeita claramente.
Ô fugitiuas ondas esperai,
Que pois me não leuais em companhia,
Aomenos estas lagrimas leuai.
Ate que venha aquelle alegre dia,
Que eu va onde vos his contente & ledo,
Mas tanto tempo quem o passaria?
Não pòde tanto bem chegar tão cedo,
Porque primeiro a vida acabarà,
Que se acabe tão aspero degredo.
Mas esta triste morte que virà,
Se em tão contrario estado me acabasse,
A alma impaciente adonde irâ?
Que se âs portas Tartareas chegase
Temo que tanto mal polla memoria
Nem ao passar de Lethe lhe passasse.
Que se a Tantalo & Tycio for nottoria
A pena com que vay que a atormenta,
A pena que lâ tem terão por gloria.
Esta imaginação me accrescenta
Mil magoas no sentido, porque a vida

De imaginações tristes se sustenta.
Que pois de todo viue consumida,
Porque o mal que possue se resumma
Imagina na gloria possuîda.
Atte que a noite eterna me consuma,
Ou veja aquelle dia desejado,
Em que fortuna faça o que costuma,
Se nella habi mudar hum triste estado.

CAPITVLO.

AQuelle mouer d'olhos excellente,
Aquelle viuo spiritu inflãmado
Do cristallino rosto transparente,
Aquelle gesto immoto & repousado,
Qu'estando n'alma propriamente escritto,
Não pôde ser em verso trasladado,
Aquelle parecer que he infinito
Pera se comprender de engenho humano,
O qual offendo em quanto tenho dito;
Me inflamma o coração d'hum doce engano,
M'enleua, & engrandesce a fantasia,
Que não vi mayor gloria que meu danno.
ô bemauentnrado seja o dia
Em que tomei tão doce pensamento,
Que de todos os outros me desuia.

E bemauenturado o soffrimento
Que soube ser capaz de tanta pena,
Vendo que o foi da causa o entendimento.
Façame quem me mata, o mal que ordena,
Tratteme com enganos, desamores,
Que então me salua, quando me condena.
E se de tão suaues disfauores
Penando viue hũa alma consumida,
ò que doce penar, que doces dores!
E se hũa condição endurescida
Tambem me nega a morte por meu danno,
ò que doce morrer, que doce vida!
E se me mostra hum gesto brando & humano,
Como que de meu mal culpada se acha,
ò que doce mintir, que doce engano!
E se em quererlhe tanto ponho tacha,
Mostrando refrear o pensamento,
ò que doce singir, que doce cacha!
Assi que ponho ja no soffrimento
A parte principal de minha gloria,
Tomando por melhor todo o tormento.
Se sinto tanto bem sò na memoria
De vos ver, linda dama, vencedora,
Que quero eu mais que ser vossa a vittoria?
Se tanto vossa vista mais namora,
Quanto eu sou menos para meresceruos,
Que quero eu mais, que teruos por senhora?
Se procede este bem de conheceruos,
E consiste o vencer em ser vencido,
Que quero eu mais senhora, que quereruos?
Se em meu proueito faz qualquer partido,

Sô na vista d'hũs olhos taõ serenos,
Que quero eu mais ganhar, que ser perdido?
Se meus baixos spritos de piquenos
Ainda não merescem seu tormento,
Que quero eu mais q̃ o mais não seja menos?
A causa emfim m'esforça o soffrimento,
Porque a pesar do mal que me resiste
De todos os trabalhos me contento,
Que â razão faz a pena alegre ou triste.

A dom Antonio de Noronha, sobre o
Desconcerto do mundo.

QVem pôde ser no mundo tão quieto?
Ou quem terâ tão liure o pensamento?
Quem taõ exprimentado, & taõ discreto,
Taõ fora emfim de humano entendimento?
Que ou com publico effeito, ou com secreto,
Lhe não reuolua & espante o sentimento,
Deixandolhe o juyzo quasi incerto,
Ver, & notar do mundo o desconcerto?

Quem ha que veja aquelle que viuia
De latrocinios, mortes, & adulterios,
Que ao juyzo das gentes merescia
Perpetua pena, immensos vituperios,
Se a fortuna em contrario o leua & guia,
Mostrando em fim que tudo são mysterios,
Em alteza d'estados triumphante,
Que por liure que seja não se espante?

Quem ha que veja aquelle que tão clara
Teue a vida, que em tudo por perfeito
O proprio Momo âs gentes o julgara,
Ainda que lhe vira aberto o peito,
Se a má fortuna ao bem sòmente auara.
O reprime, & lhe nega seu direito,
Que lhe não fique o peito congelado
Por mais & mais que seja exprimentado?

Democrito dos Deoses preferia
Que erão sòs dous, a pena & beneficio,
Segredo algum serà da fantasia,
De que eu achar não posso claro indicio,
Que se ambos vem por não cudada via,
A quem os não meresce, he grande vicio,
Em Deoses sem justiça & sem razão
Mas Democrito o disse, & Paulo não.

Dirm'eis que se este estranho desconcerto
Nouamente no mundo se mostraße,
Que por liure que fosse, & mui experto,
Não era d'espantar se me espantasse,
Mas que seja de Socrates foi certo
Que nenhum grande caso lhe mudasse
O vulto, ou de prudente, ou de constante,
Que tome exemplo delle, & não m'espante.

Pareſce a razão boa, mas eu digo
Que eſte vſo da fortuna tão dannado,
Que quanto mais vſado, & mais antigo
Tanto he mais eſtranhado, & blasphemado:
Pòrque ſe o cèo das gentes tão amigo
Não dâ â fortuna tempo limitado,
Não he para cauſar mui grande eſpanto,
Que mal tão mal olhado dure tanto.

Outro eſpanto mayor aqui me enlea,
Que com quanto fortuna tão profana
Com eſtes deſconcertos ſenhorea,
A nenhũa peſsoa deſengana,
Não ha ningem que aſsente, nem que crea
Eſte diſcurſo vão da vida humana,
Por mais que philoſophe, nem que entenda,
Que algum pouco do mundo naõ pretenda.

Diogenes piſaua de Plataõ
Com ſeus ſordidos pès o rico eſtrado,
Moſtrando outra mais alta preſunçaõ,
Em deſprezar o fauſto tão prezado,
Diogenes naõ ves que eſtremos ſaõ
Eſſes que ſegues de mais alto eſtado,
Que ſe de deſprezar te prezas muito,
Ia pretendes do mundo fama & fruito.

Deixo agora Reis grandes, cujo estudo
He fartar esta sede cubiçosa,
De querer dominar, & mandar tudo
Com fama larga, & pompa sumptuosa,
Deixo aquelles que tomão por escudo
De seus vicios, & vida vergonhosa,
A nobreza de seus antecessores,
E não cudão de si que são peores.

Deixo aquelle a quem o sono esperta
Do gran fauor do Rei que serue & adora,
Que se mantem desta aura, falsa, incerta,
Que dos corações tanto he senhora.
Deixo aquelles que estão coa boca aberta
Por se encher de thesouros d'hora em hora,
Doentes desta falsa hydropesia,
Que quanto mais alcança, mais queria.

Deixo outras obras vãs do vulgo errado,
A quem não ha ninguem que contradiga,
Nem doutra cousa algũa he sojugado
Que de hũa opinião, & vsança antiga:
Mas pregunto ora a Cesar esforçado,
Ou a Platão diuino, que me diga.
Este das muitas terras em que andou,
Estoutro de vencellas, que alcançou?

Cesar dirá, Sou dino de memoria,
Vencendo varios pouos esforçados,
Fui Monarcha do mundo, & larga hystoria
Ficará de meus feitos sublimados,
He verdade: mas esse mando & gloria
Lograsteo muito tempo? os conjurados
Bruto & Cassio o dirão que se venceste
Emfim emfim âs mãos dos teus morreste.

Dirà Platão por ver o Ethna & o Nilo
Fui a Cicilia, ao Egypto, & a outras partes,
Sò por ver & escreuer em alto estillo
Da natural sciencia em muitas artes,
O tempo he breue, & queres consumillo,
Platão, todo em trabalhos: & repartes
Tão mal de teu estudo as breues horas,
Quem emfim do falso Phebo o filho adoras.

Pois quando do mundo està apartada
A alma desta prisão terreste & escura,
Està em tamanhas cousas occupada,
Que da fama que fica nada cura,
Pois se o corpo terreno sinta nada
O Synico o dirá, se por ventura
No campo onde deitado morto estaua
De si os cães & as aues enxotaua.

Quem tão baixa tiuesse a fantasia
Que nunqua em mòres cousas a metesse,
Que em sô leuar seu gado á fonte fria,
E mungirlhe do leite que bebeße,
Quão bemauenturado que seria,
Que por mais que fortuna reuoluesse,
Nunqua em si sentiria mayor pena,
Que pesarlhe da vida ser pequena.

Veria erguer do sol a roxa face,
Veria correr sempre a clara fonte,
Sem imaginar a agoa donde nasce,
Nem quem a luz esconde no Orizonte,
Tangendo a frauta donde o gado pasce,
Conhesceria as heruas do alto monte,
Em Deos creria simples & quieto,
Sem mais especular nenhum secreto.

De hum certo Trasilao se lee & escreue
Entre as cousas da velha antiguidade,
Que perdido hum grã tempo o siso teue
Por causa d'hũa grande infirmidade,
E em quanto de si fora doudo esteue
Tinha por teima, & cria por verdade
Que erão suas as naos que nauegauão,
Quantas no porto Pirèo anchorauão.

Por hum ſenhor mui grande ſe teria
(Alem da vida alegre que paſſaua)
Pois nas que ſe perdião não perdia,
E das que vinhão ſaluas ſe alegraua,
Não tardou muito tempo, quando hum dia
Huncrito ſeu irmão, que auſente eſtaua,
Aa terra chega, & vendo o irmão perdido,
Do fraternal amor foi cõmouido.

Aos medicos o entrega, & com auiſo
O faz eſtar â cura refuſada,
Triſte, que por tornarlhe o charo ſiſo,
Lhe tira a doce vida deſcanſada,
As heruas Appollinias de improuiſo
O tornão à ſaude atras paſsada,
Seſudo Traſilao, ao charo irmão
Agradeſce a vontade, a obra não.

Porque depois de verſe no perigo
Dos trabalhos que o ſiſo lhe obrigaua,
E depois de não ver o eſtado antigo
Que a vã apinião lhe apreſentaua,
ô imigo irmão com cor d'amigo,
Para que me tiraſte (ſuſpiraua)
Da mais quieta vida, & liure em tudo,
Que nunqua pode ter nenhum ſeſudo.

Porque Rei, porque duque me trocàra?
Porque ſenhor de grande fortaleza?
Que me daua que o mundo ſe acabâra?
Ou que a ordem mudaſſe a natureza?
Agora heme peſada a vida chara.
Sei que couſa he trabalho, & que triſteza,
Torname a meu eſtado, que eu te auiſo
Que na doudice sò conſiſte o ſiſo.

Vedes aqui ſenhor, mui claramente
Como fortuna em todos tem poder,
Senão sò no que menos ſabe & ſente:
Em quem nenhum deſejo pòde auer,
Eſte ſe pode rir da cega gente,
Neſte não pòde nada conteſcer,
Nem eſtarâ ſuſpenſo na balança
Do temor mao da perfida eſperauça.

Mas ſe o ſereno cèo me concedera
Qualquer quieto, humilde, & doce eſtado,
Onde com minhas Muſas sò viuera,
Sem verme em terra alhea degradado,
E alli outrem ninguem me conheſcera
Nem eu conheſcera outro mais honrado,
Senão a vos tambem, como eu, contente,
Que bem ſei que o ſerieis facilmente.

E ao longo d'hũa clara & pura fonte,
Que em burbulhas nascendo conuidasse
Ao doce passarinho que nos conte
Quem da clara consorte o apartasse:
Depois cubrindo a neue o verde monte
Ao gasalhado o frio nos leuasse,
Auiuando o juyzo ao doce estudo,
Mais certo manjar d'alma emfim que tudo.

Cantàranos aquelle que tão claro
O fez o fogo da aruore Phebea,
A qual elle em estillo grande & raro,
Louuando, o cristallino rio enfrea,
Tangeranos na frauta Sannazaro,
Hora nos montes, hora pella aldea,
Passara celebrando o Tejo vfano
O brando & doce Lasso Castelhano.

E comnosco tambem se acharà aquella
Cuja lembrança, & cujo claro gesto
N'alma somente vejo: porque nella
Està em essencia, puro & manifesto,
Por alta influição de minha estrella,
Mitigando o firme peito honesto,
Entretescendo rosas nos cabellos
De que tomasse a luz o sol em vellos.

E alli em quanto as flores acolhesse,
Ou pello inuerno ao fogo accommodado,
Quanto de mĩ sentira nos dissesse
De puro amor o peito salteado,
Naõ pedira então que amor me desse
De Trasilao o insano & doudo estado,
Mas que entaõ me dobrasse o entendimento,
Por ter de tanto bem conhecimento.

Mas para onde me leua a fantasia,
Porque imagino em bemauenturanças
Se taõ longe a fortuna me desuia,
Qu'inda me não consente as esperanças?
Se hum nouo pensamento amor me cria,
Onde o lugar, o tempo, as esquiuanças
Do bem me fazem tão desamparado,
Que não pode ser mais que imaginado.

Fortuna em fim co Amor se conjurou
Contra mĩ, porque mais me magoasse,
Amor a hum vaõ desejo me obrigou,
Sò para que a fortuna mo negasse,
A este estado o tempo me achegou,
E nelle quis que a vida se acabasse,
Se ha em mĩ acabarse, qu'eu não creo,
Que atte da muita vida me receo.

OITAVA RHIMA,

A dom Constantino, Visorei na India.

Como nos vossos ombros tão constantes
(Principe illustre & raro) sustenteis
Tantos negocios arduos & importantes,
Dignos do largo Imperio que regeis,
Como sempre nas armas rutilantes
Vestido, o mar & a terra segureis
Do pirata insolente, & do tyranno
Iugo do potentissimo Ottomano.

E como com virtude necessaria,
Mal entendida do juyzo alheo,
Aa desordem do vulgo temeraria
Na santa paz ponhaes o duro freo,
Se com minha escrittura longa & varia
Vos occupasse o tempo, certo creo
Que com ridiculosa fantasia
Contra o commum proueito peccaria.

E não menos ſeria reputado
Por doce adulador, ſagaz & agudo,
Que contra meu tão baixo & triſte eſtado
Buſco fauor em vos, que podeis tudo,
Se contra a opinião do vulgo errado
Vos celebraſſe em verſo humilde & rudo:
Dirão que com liſonja ajuda peço
Contra a miſeria injuſta que padeſço.

Porem porque a virtude pòde tanto
No liure arbitrio (como diſſe bem
A Dario Rei, o moço ſabio & ſanto,
Que foi reedificar Hieruſalem)
Eſta me obriga que em humilde canto
Contra a tenção que a plebe ignara tem,
Vos faça claro o que vos não alcança,
E não de premio algum vil d'eſperança.

Romulo, Bacco, & outros, que alcançârão
Nomes de Semideoſes ſoberanos,
Em quanto pello mundo exercitárão
Altos feitos, & quaſi mais que humanos
Com juſtiſsima cauſa ſe queixârão
Que não lhe reſponderão os mundanos
Fauores, do rumor juſtos & iguoaes,
A ſeus mereſcimentos immortaes.

Aquelle que nos braços poderosos
Tirou a vida ao Tingitano Antheo,
A quem os seus trabalhos tão famosos
Fizerão cidadaõ do alto cêo,
Achou que a má tençaõ dos enuejosos
Naõ se doma senaõ despois que o vêo
Se rompe corporal, porque na vida,
Ninguem alcança a gloria merescida.

Pois logo se varões tão excellentes
Foraõ do baixo vulgo molestados,
O vituperio vil das rudes gentes
Em louuor dos Reais & sublimados,
Quem no lume dos vossos ascedentes,
Poderâ por os olhos, que abalados
Lhe não fiquem da luz vendo os mayores
Vossos passados Reis & emperadores.

Quem verâ aquelle pay da patria sua
Açoute do soberbo Castelhano,
Que o duro jugo sò coa espada nua
Remoueo do pescoço Lusitano,
Que não diga ô gran Nuno a eterna tua
Memoria causarà, se não m'engano,
Que qualquer teu menor tanto se estime,
Que nunqua possas ser senaõ sublime.

Nisto não fallo mais, porque conheço
Que da materia se me abaixa o engenho,
Mas pois que a dizer tudo me offeresço,
Que dias ha que no desejo o tenho,
Sendo vos de taõ alto & illustre preço
A vida fostes pòr n'hum fraco lenho,
Por largo mar, & vndosa tempestade,
Sò por seruir a Regia Magestade.

E despois de tomar a redea dura
Na maõ, do pouo indomito que estaua
Costumado à largueza, & á soltura
Do pesado gouerno que acabaua,
Quem naõ terâ por santa & justa cura
Qual de vosso conceito se esperaua,
A tão desenfreada infirmidade
Applicarlhe contraria qualidade?

Naõ he muito senhor, se o moderado
Gouerno se blasphema, & se desama,
Porque o pouo a larguezas costumado
Aa lei serena & justa dura chama,
Pois o zello em virtude sò fundado
De saluar almas da Tartarea flamma
Coa agoa salutifera de Christo,
Poderâ por ventura ser mal quisto?

Quem quiſeſſe negar tão gran verdade
Qual he o ſeu effeito ſanto & pio,
Negue tambem ao ſol a claridade,
E certifique mais que o fogo he frio:
Que o ſucceſſo he contrario da vontade,
As obras que ſaõ boas, & o deſuio:
Estâ nas mãos dos homẽs comettellas,
E nas de Deos està o ſucceſſo dellas.

Sey eu, & ſabem todos os futuros
Veraõ por vos o estado accreſcentado,
Seraõ memoria voſſa os fortes muros
Do Cambaico Dâmão bem ſuſtentado:
Da ruina mortal ſerão ſeguros,
Tendo todo o aliceſe ſeu fundado
Sobre orfás emparadas com maridos,
E pagos os ſeruiços bem deuidos.

Camanha infamia aa Principe he perderſe
Ponto do eſtado ſeu, que inteiro herdou,
Por tão celebre gloria póde terſe
Se accreſcentado & proſpero o deixou,
Nunqua conſintio Roma ennobrecerſe
Com triumpho ninguem, ſe não ganhou
Prouincia que o Imperio accreſcentaſſe,
Por mayores vittorias que alcançaſſe.

Pòde tomar o vosso nome dino
Damão por honra sua clara & pura,
Como ja do primeiro Constantino
Tomou Bizancio aquelle que inda dura,
E tu Rei que no Reino Neptunino
La no seo Gangetico a natura
Te aposentou, de seres enemigo
Deste estado, não ficas sem castigo.

Bem viste contra ti nadantes naues,
Cortar a espumosa agoa nauegando,
Ouuiste o som das tubas não suaues,
Mas com temor horrifero soando,
Sentiste os golpes asperos & graues
Do braço Lusitano nunqua brando,
Não soffreste o grã brado penetrante
Que os trouões imita do Tonante.

Mas antes dando as costas & a vittoria
Aa Bargances ventura, não corrido,
Dèste bem a entender camanha gloria
He de tal vencedor seres vencido,
Quem fez obras tão dignas de memoria
Sempre serà famoso & conhescido,
Onde os juyzos altos se estimarem,
Que estes sòs tem poder de fama darem.

Não vos temais ſenhor do pouo ignaro,
E ingrato a quem tanto fez por elle,
Mas ſabei, que he ſinal de ſerdes claro,
Serdes agora tão mal quiſto delle:
Themiſtocles da patria ſua emparo,
O forte liberal Cimon, & aquelle
Que leis ao pouo deu de Eſparta antigo,
Teſtemunhas ſerão diſto que digo.

Pois ao juſto Ariſtides hum robuſto
Votando no Oſtraciſmo coſtumado,
Lhe diſſe claro aſsi porque era juſto,
Deſejaua que foſſe deſterrado,
Pachitas por fugir do pouo injuſto,
Calũnioſo, dando no Senado
Conta de Lesbos, que elle ja mandàra,
Se tirou com ſua eſpada a vida chara.

Demoſthenes deitado das tormentas
Populares, a Pallas foi dizendo
De que tres monſtros grandes te contentas,
Do Drago, E mocho, & do vil pouo horrendo?
Que glorias immortaes ouue, que iſentas
Do veneno vulgar foſſem? & vendo
Pois mil exemplos deixo de Romanos,
E vos tambem ſois hum dos Luſitanos.

OITAVA RHIMA,

Sobre a ſetta que o ſanto Padre mandou a elRey dom Sebaſtião, no anno do Senhor de 1575.

MVi alto Rey, a quem os cèos em ſorte
Derão o nome Auguſto, & ſublimado,
Daquelle cavalleiro que na morte
Por Chriſto foi de ſettas mil paſſado,
Pois delle o fiel peito, caſto, & forte
Co nome Imperial tendes tomado,
Tomai tambem a ſetta veneranda,
Que a vos o ſucceſſor de Pedro manda.

Ia por ſorte do cèo, que o conſentio,
Tendes o braço ſeu, reliquia chara,
Defenſor contra o gladio que ferio
O pouo que Dauid contar mandara.
No qual, pois tudo em vos ſe permittio,
Preſagio temos, & eſperança clara
Que ſereis braço forte & ſoberano,
Contra o ſoberbo gladio Mauritano.

E o

E o que este presagio agora encerra,
Nos faz ter por mais certo & verdadeiro
A setta que vos dâ quem he na terra
Das reliquias celestes dispenseiro,
Que as vossas settas saãs na justa guerra
Agudas entrarão por derradeiro,
Cayndo a vossos pès pouo sem lei
Nos peitos que inimigos são do Rei.

Quando vossas bandeiras despregaua
Albuquerque fortissimo com gloria,
Pollas prayas da Persia, & alcançaua
De nacões tão remotas a vittoria,
As settas embebidas que tiraua
O arco Armusiano, he larga hystoria,
Que no ar, Deos querendo, se virauão.
Pregandose nos peitos que as tirauão.

O querido de Deos por quem peleja
O ar tambem, & o vento conjurado,
Ao atambor acode porque veja
Que quem a Deos ama, he de Deos amado,
Os contrarios reueis â madre Igreja
Atroarão co tom do cèo irado,
Que assi deu ja fauor mayor que humano,
A Iosue Hebreo, a Theodosio Hispano.

Pois se as settas tiradas da inimiga
Corda, contra si sò nociuas saõ,
Que faraõ Rei as vossas, que tem liga
Coa que ja tocou Sebastiaõ?
Tinta vem do seu sangue, com que obriga
A leuantar a Deos o coração,
Crendo que as que vos atirareis
No sangue Sarraceno as tingireis.

Ascanio (se trazer me he concedido
Entre santos exemplos hum profano)
Rei do largo imperio conhecido,
Romano, & sò reliquia do Troyano,
Vingou com setta & animo attreuido
As soberbas palauras de Numano,
E logo foi dalli remunerado,
Com louuores d'Appollo celebrado.

Assi vos Rei, que fostes segurança
De nossa liberdade, & que nos dais
De grandes bẽs certissima esperança,
Nos costumes & aspeito que mostrais
Concebemos segura confiança
Que Deos a quem seruis & venerais
Vos farâ vingador dos seus reueis,
E os premios vos darâ que mereceis.

Estes humildes versos, que pregão
São destes vossos Reinos com verdade,
Recebei com humilde & leda mão,
Pois he deuido a Reis benignidade,
Tenhão (se não merescem galardão)
Fauor sequer da Regia Magestade,
Assi tenhais de quem ja tendes tanto
Com o nome & reliquia fauor santo.

Fim da Terceira parte.

QVARTA PARTE, DAS ECGLOGAS.

¶ Aa morte de dom Antonio de Noronha, que morreo em Africa, & à morte de dom Ioão III. de Portugal, & de dona Ioana, mãi delRey dom Sebastião.

ECGLOGA PRIMEIRA.

Vmbrano, & Frondelio, pastores.

VMBRANO.

QVe grande variedade vão fazendo
Frondelio amigo, as oras apreßadas,
Como se vão as cousas conuertendo,
Em outras cousas varias, & inspiradas:
Hum dia a outro dia vay trazendo
Por suas mesmas horas ja ordenadas,
Mas quaõ conformes saõ na quantidade,
Taõ differentes saõ na qualidade.

Em

Eu vi ja deste campo as varias flores
Aas estrellas do ceo fazendo inueja,
Vi andar adordanos os pastores
De quanto pollo mundo se deseja,
E vi co campo competir nas cores
Os trajos de obra tanta, & tão sobeja,
Que se a rica materia não faltaua,
A obra de mais rica sobejaua.

E vi perder seu preço âs brancas rosas,
E quasi escurecerse o claro dia
Diante d'hũas mostras perigosas,
Que Venus mais que nunqua engrandescia.
Emfim vi as pastoras tão fermosas
Que o amor de si mesmo se temia:
Mas mais temia o pensamento falto
De não ser para ter temor tão alto.

Agora tudo està tão differente,
Que moue os corações a grande espanto,
E paresce que Iupiter potente
Se enfada ja d'o mundo durar tanto,
O Tejo corre turuo & descontente,
As aues deixão seu suaue canto,
E o gado em ver que a herua lhe fallesce
Mais que de a não comer nos emmagresce.

Frõd. Vmbrano irmão, decreto he da natura
Inuiolauel, fixo, & sempiterno,
Que a todo o bem succeda desuentura,
E não aja prazer que seja eterno:
Ao claro dia segue a noite escura,
Ao verão suaue, o duro inuerno,
E se hahi quem sayba ter firmeza,
He sòmente esta lei de natureza.

Toda alegria grande & sumptuosa
A porta abrindo, vem ao triste estado;
Se hũa hora vejo alegre & deleitosa,
Temendo estou do mal aparelhado,
Não vès que mora a serpe venenosa
Entre as flores do fresco & verde prado?
Não te engane nenhum contentamento,
Que mais instauel he que o pensamento.

E praza a Deos que o triste & duro fado
De tamanhos desastres se contente,
Que sempre hum grande mal inopinado
He mais do que o espera a incauta gente:
Que vejo este carualho, que queimado
Tão grauemente foi do rayo ardente,
Não seja ora prodigio que declare
Que o Barbaro cultor meus campos are.

Vmb. Em quanto do ſeguro azambugeiro
Nos paſtores de Luſo ouuer cajados,
E o valor antigo que primeiro
Os fez no mundo taõ aſsinalados,
Naõ temas tu Frondelio companheiro,
Qu'em nenhum tempo ſejaõ ſojugados,
Nem que a ceruiz indomita obedeſça
A outro jugo algum que ſe offereça.

E poſto que a ſoberba ſe leuante
Do imigo, a torto & a direito,
Naõ creas tu que a força repugnante
Do fero, & nunca ja vencido peito
Que deſde quem poſſue o monte Athlante,
Atte onde bebe o Hidaſpe tem ſogeito,
O poſſa nunqua ſer de força alhea,
Em quanto o ſol a terra & o cèo rodea.

Frõ. Vmbrano, a temeraria ſegurança
Que em força, ou em razão naõ ſe aſſegura,
He falſa & vã, que a grande confiança
Naõ he ſempre ajudada da ventura,
Que la junto das aras da eſperança
Nemeſis moderada juſta & dura
Hum freo lh'eſtâ pondo, & lei terribel,
Que os limites não paſſe do poſsiuel.

E se attentas bem os grandes dannos
Que se nos vaõ mostrando cada dia,
Porás freo tambem a esses enganos
Que te està afigurando a ousadia,
Tu não ves como os lobos Tingitanos
Apartados de toda a couardia,
Matão os cães dos gados guardadores,
E não sòmente os caẽs, mas os pastores?

E o grande curral seguro & forte
Do alto monte Athlas, não ouuiste,
Que com sanguinolenta & fera morte
Despouoado foi por caso triste?
ô caso desastrado, ô dura sorte,
Contra quem força humana não resiste,
Que alli tambem da vida foi priuado
Tionio meu, ainda em flor cortado.

Vmbrano.

De lagrimas me banha todo o peito
Desse caso terribel a memoria,
Quando vejo quam sabio, & quão perfeito,
E quam merecedor de longa hystoria
Era esse teu pastor, que sem direito
Deu às Parcas a vida transitoria:
Mas não ha hi quem d'erua o gado farte,
Nem do juuenil sangue o fero Marte.

Porem, se te não for muito pesado,
(Ia que a triste morte me lembraste)
Cantares desse caso desastrado
Aquelles brandos versos que cantaste.
Quando ontem recolhendo o manso gado,
De nosoutros pastores te apartaste:
Qu'eu tambem, que as ouelhas recolhia
Não te podia ouuir como queria.

Frondelio.

Como ques que renoue ao pensamento
Tamanho mal, tamanha desuentura?
Porque espalhar sospiros vaõs ao vento,
Pera os que tristes saõ he falsa cura,
Mas pois tambem te moue o sentimento
Da morte de Fionio triste & escura,
Eu porei teu desejo em doce effeito,
Se a dor não m'impedir a voz no peito.

Vmbrano.

Canta agora pastor, que o gado pasce
Antre as humidas heruas sossegado,
E lâ nas altas serras, onde nasce
O sacro Tejo, à sombra recostado,
Com seus olhos no chão, a mão na face,
Estâ pera te ouuir aparelhado,
E em silencio triste estão as Nymphas,
Dos olhos estillando claras lymphas.

O prado, as flores brancas & vermelhas,
Està suauemente apresentando,
As doces & sollicitas abelhas
Com hum brando susurro vão voando,
As mansas & pacificas ouelhas,
Do comer esquecidas, inclinando
As cabeças estão ao som diuino
Que faz paßando o Tejo cristallino.

O vento dantre as aruores respira,
Fazendo companhia ao claro rio,
Nas sombras a aue garrula sospira
Suas magoas espalhando ao vento frio,
Toca Frondelio toca a doce lyra,
Que daquelle verde alamo sombrio
A branda Philomela entristescida
Ao saudoso canto te conuida.

Canta Frondelio.

Aquelle dia as agoas não gostàrão
As mimosas ouelhas, & os cordeiros
O campo enchèrão de amorosos gritos,
Não se dependurarão dos salgueiros
As cabras de tristeza, mas negârão

O pasto a si, & o leite aos cabritos,
Prodigios infinitos,
Mostraua aquelle dia,
Quando a Parca queria
Principio dar ao fero caso triste:
E tu tambem (ò coruo) o descubriste
Quando da mão direita em voz escura
Voando, repetiste
A tyrannica lei da morte dura.

Tionio meu, o Tejo cristallino,
E as aruores que tu ja desamparaste,
Chorão o mal de tua ausencia eterna,
Não sei porque tão cedo nos deixaste?
Mas foi consentimento do destino,
Por quem o mar & a terra se gouerna,
E a noite sempiterna,
Que tu tão cedo viste,
Cruel, acerba, & triste,
Sequer de tua idade não te dera
Que lograras a fresca primauera?
Não vsara comnosco tal crueza,
Que nem nos montes fera,
Nem pastor ha no campo sem tristeza.

Os Faunos certa guarda dos pastores
Ia não seguem as Nymphas na espessura,
Nem as Nymphas aos ceruos dão trabalho
Tudo como vês, he cheo de tristura,
Aas abelhas o campo nega as flores
E âs flores a Aurora nega o orualho,
Eu, que cantando espalho
Tristezas todo o dia,
A frauta que sohia
Mouer as altas aruores tangendo,
Se me vay de tristeza enrouquescendo,
Que tudo vejo triste neste monte,
E tu tambem correndo
Manas enuolta & triste (ò clara fonte.)

As Tagides no rio, & na espessura
No monte, as Oreadas, conhescendo
Quem te obrigou ao duro & fero Marte,
Como geral sentença vaõ dizendo
Que não pòde no mundo auer tristeza
Em cuja causa amor não tenha parte,
Porque assi desta arte
Nos olhos saudosos,
Nos passos vagarosos,
No rosto, que o amor & a fantasia

Da pallida viola lhe tingia,
A todos de si daua sinal certo
Do fogo que trazia
Que nunqua soube Amor ser incuberto.

Ia diante dos olhos lhe voauaõ
Imagẽs, & fantasticas pinturas,
E exercicios do falso pensamento;
E pellas solitarias espessuras,
En tre os penedos sòs que naõ fallauão,
Falaua & descubria seu tormento.
N'hum longo esquecimento
De si todo embebido,
Andaua taõ perdido;
Que quando algum pastor lhe perguntaua
A causa da tristeza que mostraua,
Como quem para penas sô viuia,
Sonrindo lhe tornaua,
Se naõ viuesse triste morreria.

Mas como este tormento o assinalou,
E tanto no seu rosto se mostrasse,
Entendido mui bem do pay sesudo,
Porque do pensamento lho tirasse,
Longe da causa delle o apartou,

Porque emfim longa auſencia acaba tudo:
Mas ò falſo Marte rudo,
Das vidas cubiçoſo,
Que aonde o generoſo
Peito reſuſcitaua em tanta gloria
De ſeus anteceßores a memoria,
Alli fero & cruel lhe deſtruiſte
Por injuſta vittoria
Primeiro que o cudado a vida triſte.

Pareſceme Tionio que te vejo
Por tingires a lança cobiçoſo,
Naquelle infido ſangue Mauritano
No Hiſpano ginete bellicoſo,
Que ardendo tambem vinha no deſejo
De derrubar por terra o Tingitano,
ô confiado engano,
ô incurtada vida,
Que a virtude opprimida
Da multidão forçoſa do inimigo,
Não pode defenderſe do perigo,
Porque aßi o deſtino o permittio,
E aßi leuou conſigo
O mais gentil paſtor que o Tejo vio.

Qual o mancebo Euryalo enredado
Entre o poder dos Rutulos, fartando
As iras da ſoberba & dura guerra,
Do criſtallino roſto a cor mudando,
Cujo purpureo ſangue derramado
Pellas aluas eſpaldas tinge a ſerra,
Que como flor que a terra
Lhe nega o mantimento,
Porque o tempo auarento
Tambem o largo humor lhe tem negado,
O collo inclina languido & canſado,
Tal te pinto Tionio dando o eſprito,
'A quem to tinha dado,
Qu'eſte he ſomente eterno & infinito.

Da boca congelada a alma pura
Co nome juntameute da inimiga,
E excellente Marfida derramaua,
E tu gentil ſenhora não te obriga
'A pranto ſempiterno, a morte dura,
De quem por ti ſomente a uida amaua,
Por ti aos Eccos daua
Accentos numeroſos,
Por ti aos bellicoſos
Exercicios ſe deu do fero Marte,

E tu ingrata, o amor ja noutra parte
Porâs, como acontesce ò fraco intento,
Que emfim emfim desta arte
Se muda o feminino pensamento,

Pastores deste valle ameno & frio,
Que de Tionio o caso desastrado
Quereis nas altas serras que se cante,
Hum tumulo de flores adornado,
Lhe edificai ao longo deste rio:
Que a vella enfree ao duro nauegante,
E o Lasso caminhante
Vendo tamanha magoa,
Arrase os olhos d'agoa,
Lendo na pedra dura o verso escritto,
Que diga assi: Memoria sou que grito
Para dar testemunho em toda parte
Do mais gentil esprito
Que tirárão do mundo Amor & Marte.

Vmbrano.

Qual o quieto sono aos cansados
Debaixo d'alguã aruore sombria,
Ou qual aos sequiosos & encalmados,

O vento respirante, & a fonte fria,
Tais me forão teus versos delicados,
Teu numeroso canto & melodia:
E ainda agora o tom suaue & brando,
Os ouuidos me fica adormentando.

Em quanto os peixes humidos tiuerem,
As areosas couas deste rio,
E correndo estas agoas conhescerem
Do largo mar o antigo senhorio,
E em quanto estas heruinhas pasto derem
Aas petulantes cabras, eu te fio
Que em virtude dos versos que cantaste
Sempre viua o pastor que tanto amaste.

Mas ja que pouco a pouco o sol nos falta,
E dos montes as sombras se accrescentão,
De flores mil o claro cèo se esmalta,
Que tão ledas aos olhos se apresentão,
Leuemos pello pê desta serra alta
Os gados, que jagora se contentão
Do que comido tem, Frondelio amigo,
Anda, que atte o outeiro irei contigo.

Frõd. Antes por este valle, amigo Vmbrano
Se te aprouuer, leuemos as ouelhas,
Que se eu por acerto naõ m'engano
D'aqui me soa hum Ecco nas orelhas,
O doce accento não paresce humano,
E se tu neste caso me aconselhas,
Eu quero ver daqui que cousa seja,
Qu'o tom m'espanta, & a voz me faz inueja.

Vmb. Contigo vou, que quanto mais m'achego
Mais gentil me paresce a voz que ouuiste,
Peregrina, excellente, & não te nego
Que me faz cà no peito a alma triste,
Ves como tem os ventos em sossego?
Nenhum rumor da serra lhe resiste,
Nenhum passaro voa, mas paresce
Que do canto vencido lhe obedesce.

Porem irmão melhor me parescia
Que nãa fossemos lâ, que estoruaremos:
Mas subidos nesta aruore sombria
Todo o valle d'aqui descubriremos,
Os çurrões & cajados toda via
Neste comprido tronco penduremos,
Para subir fica homem mais ligeiro,
Deixame tu Frondelio ir primeiro.

Espera

Espera asi, dart'ei de pè se queres,
Subirás sem trabalho, & sem ruido,
E depois que subido la estiueres,
Darm'as a mão de cima, qu'he partido:
Mas primeiro me dize, se puderes
Ver, donde nasce o canto nunqua ouuido,
Quem lança o doce accento delicado
Falla, que ja te vejo estar pasmado.

Vmbrano.

Cousas não costumadas na espessura,
Que nunqa vi, Frondelio, vejo agora,
Fermosas Nymphas vejo na verdura,
Cujo diuino gesto o cèo namora.
Hũa de desusada fermosura,
Que das outras parece ser senhora,
Sobre hum triste sepulchro, não cessando
Està perlas dos olhos distillando.

De todas estas altas semideas,
Que em torno estão do corpo sepultado,
Hũa regando as humidas areas
De flores tem o tumulo adornado,
Outras queimando lagrimas Sabeas
Enchem o ar de cheiro sublimado,
Outras em ricos panos mais auante,
Enuoluem brandamẽte hum nouo infante.

Hũa

Hũa que dantre as outras se apartou,
Com gritos que a montanha entristescerão,
Diz que depois que a morte a flor cortou,
Que as estrellas sòmente merescerão,
Que este penhor charissimo ficou
Daquelle a cujo imperio obedescerão
Douro, Mondego, Tejo, & Guadiana,
Tè o remoto mar da Taprobana.

Diz mais, que se encontrar este minino
A noite intempestiua amanhescendo,
Que o Tejo agora claro & cristallino
Tornarâ a fera Alecto em vulto horrendo,
Mas se for conseruado do destino,
Que as estrellas benignas prometendo
Lhe estão o largo pasto da Ampelusa,
Co monte que em mao ponto vio Medusa.

Este prodigio grande a Nympha bella
Com abundantes lagrimas recita,
Mas qual a eclypsada clara estrella,
Que entre as outras o cèo primeiro habita,
Tal cuberta de negro vejo aquella
A quem sò n'alma toca a gran desdita,
Dà câ Frondelio a mão, & sobe a ver
Tudo o mais que eu de dor não sei dizer.

Frond.

Frõ. Ô triste morte, esquiua, & mal olhada,
Que à tantas fermosuras injurias,
De aquella Deosa bella & delicada,
Sequer algum respeito ter deuias.
Esta he por certo Aonia filha amada
Daquelle gran pastor, que em nossos dias
Danubio enfrea, & manda o claro Ibero,
E espanta o morador do Euxino fero.

Morreolhe o excellente & poderoso,
(Que a isso està sogeita a vida humana)
Doce Tionio, d'Aonia charo esposo,
Ah lei dos fados aspera & tyranna,
Mas o som peregrino, & piadoso
Com que a fermosa Nympha a dor engana,
Escuta hum pouco, nota, & vê Vmbrano,
Quam bem que soa o verso Castelhano.

Aonia.

Alma y primero amor del alma mia,
Spiritu dichoso, en cuya vida
La mia estuuo en quanto Dios queria.
Sombra gentil, de su prision salida,
Que del mundo a la patria te boluiste
Donde fuiste engendrada, y procedida.

Rescibe

Rescibe allà este sacrificio triste,
Que te offrescen los ojos que te vieron,
Si la memoria dellos no perdiste.
Que pues los altos cielos permittieron,
Que no te acompanhasse em tal jornada,
Y para ornarse solo ati quisieron,
Nunqua permittiran que acompañada
De mĩ no sea esta memoria tuya,
Que està de tus despojos adornada.
Ni dexaran, por mas qu'el tiempo huya
D'estar en mĩ con sempiterno llanto,
Hasta que vida y alma se destruya.
Mas tu gentil spiritu entretanto
Que otros campos y flores vas pisando,
Y otras çampoñas oyes, y otro canto,
Aora embeuescido estès mirando
Allâ enel Empyreo aquella Idea
Qu'el mundo enfrena y rige con su mando.
Aora te possuya Scytharea,
En su tercero assiento, o porque amaste,
O porque nueua amante allà te sea.
Aora el sol te admire, si miraste
Como va por los signos encendido,
Las tierras alumbrando que dexaste.
Si en ver estos milagros no has perdido

La memoria de mi, o fue en tu mano
No paſſar por las agoas del oluido.
Buelue vn poco los ojos a eſte llano,
Veràs vna que a ti con triſte lloro
Sobre eſte marmol ſordo llama en vano.
Pero ſi entraren en los ſignos de oro,
Lagrimas y gemidos amoroſos,
Que muevan el ſuppremo y ſanto choro,
La lumbre de tus ojos tan hermoſos
Yo la vere mui preſto, y podrê verte,
Que a peſar delos hados enojoſos
Tambien para los triſtes vuo muerte.

BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA

EGLOGA II.

Almeno, & Agrario, pastores.

AO longo do sereno
Tejo, suaue & brando,
Nhum valle d'altas aruores sombrio,
Estaua o triste Almeno
Suspiros spalhando
Ao vento, & doces lagrimas ao rio.
No derradeiro fio
O tinha a esperança,
Que com doces enganos
Lhe sustentâra a vida tantos annos
N'hũa amorosa & branda confiança,
Que quem tanto queria
Paresce que não erra se confia,

A noite escura daua
Repouso aos cansados
Animais, esquecidos da verdura,
O valle triste estaua
C'hũs ramos carregados

Que a noite fazião mais escura:
Mostraua a espessura
Hum temeroso espanto,
As roucas rãs soauão
N'hum charco d'agoa negra, & ajudauão
Do passaro nocturno o triste canto.
O Tejo com som graue
Corria mais medonho que suaue;

Como toda a tristeza
No silencio consiste,
Parescia que o valle estaua mudo,
E com esta graueza
Estaua tudo triste.
Porem o triste Almeno mais que tudo:
Tomando por escudo
De sua doce pena
Para poder soffrella,
Estar imaginando a causa della,
Que em tanto mal, he cura bem piquena,
Mayor he o tormento,
Que toma por aliuio hum pensamento.

Ao rio se queixaua,
Com lagrimas em fio,

Com que cresciaõ as ondas outro tanto,
Seu doce canto daua
Tristes agoas ao rio,
E o rio triste som ao doce canto.
Co cansado pranto,
Que as agoas refreaua,
Responde o valle vmbroso,
Da mansa voz o accento temeroso,
Na outra parte do rio retumbaua,
Quando da fantasia
O silencio rompendo, assi dizia.

Corre suaue & brando
Com tuas claras agoas,
Saidas de meus olhos (doce Tejo)
Fè de meus males dando,
Para que minhas magoas
Sejaõ castigo igual de meu desejo,
Que pois em mĩ naõ vejo
Remedio nem o espero,
E a morte se despreza
De me mattar, deixandome à crueza
Daquella por quem meu tormento quero,
Saiba o mundo meu danno
Porque se desengane em meu engano.

Ia que minha ventura,
Ou quem me a causa ordena,
Quer por paga da dor tome soffrella,
Será mais certa cura
Para tamanha pena
Desesperar de auer ja cura nella,
Porque se minha estrella
Causou tal esquiuança,
Consinta meu cuidado,
Que me farte de ser desesperado,
Para desenganar minha esperança,
Que para isso nasci,
Para viuer na morte, & ella em mĩ.

Não cesse meu tormento,
De fazer seu officio,
Que aqui tem hũa alma ao jugo attada,
Nem falte o soffrimento,
Porque paresce vicio,
Para tão doce mal faltarme nada,
ô Nympha dilicada,
Honra da natureza,
Como póde isto ser,
Que de tão peregrino parecer
Podesse proceder tanta crueza?

Não vem de nenhum geito
De causa diuinal contrario effeito.

Pois como pena tanta
He contra a causa della?
Fòra he de natural minha tristeza:
Mas a mĩ que me espanta,
Não basta ò Nympha bella,
Que podes preuerter a natureza?
Não he a gentileza
De teu gesto celeste
Fora do natural?
Não pode a natureza fazer tal.
Tu mesma (bella Nympha) te fizeste
Porem porque tomaste
Tão dura condição se te formaste?

Por ti o alegre prado
Me he pesado & duro,
Abrolhos me parescem suas flores,
Por ti do manso gado
Como de mĩ, não curo,
Por não fazer offensa a teus amores.
Os jogos dos pastores,
As lutas entre a rama,

Nada me faz contente,
E sou ja do que fui tão differente,
Que quãdo por meu nome alguẽ me chama
Pasmo quando conheço
Que inda comigo mesmo me paresço.

O gado que apascento
São n'alma meus cudados,
E as flores que no campo sempre vejo
São no meu pensamento
Teus olhos debuxados,
Com que estou enganando meu desejo,
As agoas frias do Tejo
De doces se tornârão
Ardentes & salgadas,
Despois que minhas lagrimas cansadas
Com seu puro licor se misturàrão,
Como quando mistura
Hyppanis co Exampèo su'agoa pura.

Se ahi no mundo ouuesse
Ouuiresme algũa hora
Assentada na praya deste rio,
E de arte te dissesse
O mal que passo agora,

Que podesse mouerte o peito frio,
ô quanto desuario
Que estou affigurando:
Ia agora meu tormento
Não pode pedir mais o pensamento,
Que este fantasiar que imaginando
A vida me reserua,
Querer mais de meu mal serâ soberba.

Ia a esmaltada Aurora
Descobre o negro manto,
Da sombra que as montanhas encubria,
Descansa frauta agora,
Qua meu cansado canto
Não caresce que veja o claro dia:
Não canse a fantasia
De estar em si pintando
O gesto dilicado,
Em quanto tras ao pasto o manso gado.
Este pastor que la sò vem falando
Calarmeei sômente,
Que meu mal nem ouuirse me consente.

Agrario pastor.

Fermosa manhã clara & deleitosa,

Que como fresca rosa na verdura
Te mostras bella & pura, marchetando
As Nymphas espalhando seus cabellos
Nos verdes montes bellos, tu sò fazes
Quando a sombra desfazes, triste & escura,
Fermosa a espessura, & fresca a fonte,
Fermoso o alto monte, & o rochedo,
Fermoso o aruoredo, & deleitoso,
Emfim tudo fermoso co teu rosto,
D'ouro & rosas composto & claridade,
Trazes a saudade ao pensamento,
Mostrando n'hum momento o roxo dia,
Cò a doce armonia nos cantares,
Dos passaros a pares, que voando
Seu pasto andão buscando nos raminhos,
Para os amados ninhos, que mantem,
ô grande & summo bem de natureza,
Estranha subtileza de pintora,
Que matiza n'hũa hora de mil cores,
O cèo, a terra, as flores, monte, & prado,
ô tempo ja passado, quam presente
Te vejo abertamente na vontade,
Quamanha saudade tenho agora,
Do tempo que a pastora minha amaua,
E de quanto prezaua minha dor,

Então tinha o amor mayor poder,
Então n'hum sò querer nos igualaua,
Porque quando hum chamaua a quem queria,
O Ecco respondia da affeição,
No brando coração da doce immiga,
Nesta amorosa liga concertauão,
Os tempos que passauão com prazeres
Mostraua a flaua Ceres polas eiras,
Das brancas sementeiras ledo frutto,
Pagando seu tributo òs lauradores,
E enchia aos pastores todo o prado
Pales, do manso gado guardadora,
Zephiro, & a fresca Flora passeando
Os campos esmaltando de boninas,
Nas agoas cristallinas triste estaua
Narcisso, que inda olhaua n'agoa pura,
Sua linda figura delicada,
Mas Ecco namorada de seu gesto
Com pranto manifesto seu tormento,
No derradeiro accento lamentaua,
Alli tambem se achaua o sangue tinto
Do purpureo Iacintho, & o destroço
De Adonis lindo moço, morte fea,
Da bella Scytharea tão chorada,
Toda a terra esmaltada destas rosas,

Alli as Nymphas fermosas pellos prados
Os Faunos namorados apos ellas,
Mostrandolhe capellas de mil cores,
Que fazião das flores que colhiaõ,
As Nymphas lhe fogiaõ amedrentadas,
As fraldas leuantadas pellos montes,
A fresca agoa das fontes espalharse
Vertuno transformarse alli se via,
Pomona que trazia os doces fruitos,
Alli pastores muitos, que tangiaõ,
As gaitas que trazião, & cantando
Estauão enganando suas penas,
Tomando das Sirenas o exercicio,
Ouuiase Salicio lamentarse,
Da mudança queixarse crua & fea,
Da dura Galathea tão fermosa,
E da morte enuejosa Nemoroso
Ao monte cauernoso se querella,
Que sua Elisa bella em pouco espaço
Cortára inda em agraço a dura sorte,
ô immatura morte, que a ninguem
De quantos vida tem, nunca perdoas,
Mas tu tempo que voas apreßado,
Hum deleitoso estado quam asinha
Nesta vida mesquinha trãsfiguras,

Em mil desauenturas, & a lembrança
Nos deixas por herança do que leuas,
Assi que se nos ceuas com prazeres,
He para nos comeres no milhor,
Cada vez em peor te vas mudando,
Quanto vẽs inuentando, que oje approuas,
Logo amanhã reprouas com instancia,
ô estranha inconstancia, & tão profana,
De toda a cousa humana inferior,
A quem o cego error sempre anda annexo,
Mas eu de que me quexo? ou que digo?
Viue o tẽpo comigo, ou elle tem
Culpa no mal que vem da cega gente?
Por ventura elle sente, ou elle entende
Aquillo que defende o ser diuino?
Elle vsa de contino seu officio,
Que ja por exercicio lhe he diuido,
Dânos frutto colhido na sazão.
Do fermoso verão, & no inuerno,
Com seu humor eterno congellado,
Do vapor leuantado, co a quentura
Do sol, a terra dura lhe dâ alento,
Para que o mantimento produzindo
Estê sempre comprindo seu costume,
Assi que não consume de si nada,

Nem

Nem muda da passada vida hum dedo,
Antes sempre está quedo no diuido,
Porque este he seu partido, & sua vsança,
E nelle está mudança, & mais firmeza,
Mas quem a lei despreza, & pouco estima,
De quem de lá de cima está mouendo
O cèo sublime & horrendo, o mundo puro,
Este muda o seguro & firme estado,
Do tempo naõ mudado da verdade,
Naõ foi naquella idade de ouro claro,
O firme tempo caro & excellente,
Viuia então a gente moderada,
Sem ser a terra arada daua pão,
Sem ser cauado o chão as fruttas daua,
Nem chuua desejaua, nem quentura,
Supria então natura o necessario,
Pois quem foi tão contrario a esta vida?
Saturno, que perdida a luz serena,
Causou que em dura pena desterrado
Fosse do cèo deitado onde viuia,
Porque os filhos comia, que geraua,
Por isso se mudaua o tempo igual
Em mais baixo metal, & assi descendo
Nos veo assi trazendo a este estado,
Mas eu desatinado adonde vou?

Para onde me leuou a fantasia?
Qu'estou gastando o dia em uãs palauras?
Quero ora minhas cabras ir leuando
Ao manso Tejo brando, porque achar
No mundo que emendar, não he d'agora,
Basta que a vida fora delle tenho,
Com meu gado me auenho, & estou contente,
Porem se me não mente a vista, eu vejo
Nesta paya do Tejo, estar deitado
Almeno, que enleuado em pensamentos,
As horas & momentos vay gastando,
Par' elle vou chegando, sò por ver
Se poderei fazer que o mal que sente
Hum pouco se lhe ausente da memoria.

Almeno sonhando.

Ó doce pensamento, ò doce glorja,
  São estes por ventura os olhos bellos
  Que tem de meus sentidos a vittoria?
São estas (Nympha) as tranças dos cabellos
  Que fazem de seu preço o ouro alheo,
  E a mi de mi mesmo, sò com vellos?
He esta a alua colũna, o lindo esteo,
  Sustentador das obras mais que humanas,

Que

Que eu nos braços tenho, & não no creo?
Ah falso pensamento, que m'enganas,
Fazesme pòr a boca onde não deuo,
Com palauras de doudo, & quasi insanas
Como alçarte tão alto assi me atreuo?
Tais asas doutas eu, ou tu mas das?
Leuasme tu a mĩ, ou eu te leuo?
Não poderei eu ir onde tu vas?
Porem pois ir não posso onde tu fores
Quando fores, não tornes donde estàs.

Agrario.

Ô que triste successo foi de amores
O que a este pastor aconteceo,
Segundo ouui contar a outros pastores.
Que tanto por seu danno se perdeo,
Que o longo imaginar em seu tormento,
Em desatino amor lho conuerteo.
Ô forçoso vigor do pensamento,
Que pòde noutra cousa estar mudando,
A forma, a vida, o siso, o entendimento.
Estase hum triste amante transformando
Na vontade daquella que tanto ama,
De si sua propria essencia trasportando.

E nenhũa outra cousa mais desama
Que a si, se vê qu'em si ha algum sentido,
Que deste fogo insano não se inflama.
Almeno que aqui estâ tan influido
No fantastico sonho, que o cuidado
Lhe traz sempre ante os olhos esculpido.
Estaselhe pintando de enleuado
Que tem ja da fantastica pastora
O peito diamantino mitigado.
Em este doce engano estaua agora
Falando como em sonhos, mas achando
Ser vento o que sonhaua, grita & chora;
Desta arte andauaõ sonhos enganando,
O pastor somnolento, que a Diana
Andaua entre as ouelhas celebrando.
Dest'arte a nuuem falsa em forma humana
O vão pay dos Centauros enganâua,
Que Amor quando contenta sempre engana.
Como a este que consigo sô fallaua,
Cudando que fallaua de enleuado,
Com quem lhe o pensamento figuraua.
Não pôde quem quer muito ser culpado,
Em nenhum erro, quando vem a ser
O amor em doudice transformado.
Não he amor amor, se não vier

Com doudices, deshonras, dissensões,
Pazes, guerras, prazer, & desprazer.
Perigos, lingoas mâs, murmurações,
Ciumes, arroidos, competencias,
Temores, mortes, nojos, perdições:
Estas são verdadeiras experiencias
De quem poem o desejo onde não deue,
De quem engana alheas innocencias.
Mas isto tem Amor, que não se escreue
Senão onde he illicito & custoso,
E onde he mòr o perigo mais se attreue.
Paßaua alegre tempo, deleitoso
O Troyano pastor, em quanto andaua
Sem ter alto desejo, & perigoso.
Seus furiosos Touros coroaua,
E nos alamos altos escreuia
Teu nome (Ennone) quando a ti sò amaua.
Crescião os altos alamos, crescia
O amor que te tinha sem perigo,
E sem temor contente te seruia.
Mas despois que deixou entrar consigo
Illicito desejo, & pensamento,
De sua quietação tão inimigo,
A toda a patria pos em detrimento
Com morte de parentes, & de irmaõs.

Com cru incendio, & grande perdimento.
Nisto fenecem pensamentos vaõs,
Tristes seruiços mal galardoados,
Cuja gloria se passa dantre as maõs.
Lagrimas & suspiros arrancados.
Dalma todos se pagaõ com enganos,
E oxala fossem muitos enganados.
Andão com seu tormento taõ vfanos,
Gastando na doçura de hum cuidado
Apos hũa esperança tantos annos.
E tal ha taõ perdido namorado,
Tão contente co pouco, que daria
Por hum sò mouer d'olhos, todo o gado.
E em todo o pouoado & companhia,
Sendo ausentes de si, estaõ presentes
Com quem lhe pinta sempre a fantasia.
C'hum certo não sei que andaõ contentes,
E logo hum nada os torna ao contrario,
De todo o ser humano differentes.
ô tyrannico amor, ò caso vario,
Que obrigas hum querer que sempre seja
De si contino & aspero aduersario.
E outr'hora nenhũa alegre esteja,
Senaõ quando do seu despojo amado
Sua imiga estar triumphando veja.

Quero fallar com este, qu'enredado
Nesta cegeira está sem nenhum tento,
Acorda ja pastor desacordado.

Alm. ô porque me tiraste hum pensamento
Que agora estaua os olhos debuxando,
De quem aos meus foi doce mantimento.

Agrario.

Nessa imaginação estâs gastando
O tempo & a vida Almeno? ô perda grande,
Não ves quam mal os dias vas passando?

Almeno.

Fermosos olhos, ande a gente & ande,
Que nunca vos ireis desta alma minha,
Por mais que o tẽpo corra, & a morte o mãde.

Agrario.

Quem poderâ cuidar que tão asinha
Se perca o curso assi do siso humano,
Que corre por direita & justa linha?
Que sejas tão perdido por teu danno,
Almeno irmão, não he por certo auiso,
Mas mui grande doudice, & grande engano.

Almeno.

ô Agrario, que vendo o doce riso,
E o rosto tão fermoso, como esquiuo,
O menos que perdi, foi todo o siso.

E não entendo desque fui cattiuo,
Outra cousa de mi, senão que mouro
Nem isto entendo bem, pois inda viuo.
Aa sombra deste vmbroso, & verde louro,
Passo a vida, ora em lagrimas cansadas,
Ora em louuores dos cabellos d'ouro.
Se preguntares porque são choradas,
Ou porque tanta pena me consume,
Reuoluendo memorias magoadas.
Desque perdi da vista o claro lume,
E perdi a esperança, & a causa della,
Não choro por razão, mas por costume.
Não se pòde co fado ter cautella,
Nem pòde auer nenhum contentamento,
Que não seja trocado em dura estrella.
Que bem liure viuia & bem isento,
Sem nunca ser ao jugo somettido,
De nenhum amoroso pensamento.
Lembrame (Agrario amigo) que o sentido
Tão fora de amor tinha, que me ria
De quem por elle via andar perdido.
De varias cores sempre me vestia,
De boninas a fronte coroaua,
Nenhum pastor cantando me vencia.
A barba então nas faces me apontaua,

Na luta, no correr, & em qualquer manha,
Sempre a palma antre todos alcançaua.
Da minha idade tenra em tudo estranha,
Vendo, como acontesce affeiçoadas
Muitas Nymphas do rio, & da montanha:
Com palauras mimosas & forjadas
Da solta liberdade, & liure peito,
As trazia contentes, & enganadas.
Mas não querendo amor que deste geito
Dos corações andasse triumphando,
Em quem elle criou tão puro effeito:
Pouco & pouco me foi de mi leuando,
Dissimuladamente âs mãos de quem
Tod'esta injuria agora està vingando.

Agrario.

Deste teu caso Almeno eu sei mui bem
O principio & o fim, que Nemoroso
Contado tudo isso, & mais me tem.
Mas querote dizer se o enganoso
Amor, he costumado a desconcertos,
Que nunca amando fez pastor ditoso.
Ia que nelle estes casos são tão certos,
Porque os estranhas tanto, que de magoa
Te chorão as montanhas, & os desertos.
Vejote estar gastando em viua fragoa

E juntamente em lagrimas vencendo
A gran Sicilia em fogo, o Nilo em agoa.
Vejo que as tuas cabras nao querendo
Gostar as verdes heruas, se emmagrecem,
As tetas aos cabritos encolhendo.
Os campos que co tempo reuerdescem,
Os olhos alegrando descontentes,
Em te vendo paresce que entristescem.
Todos os teus amigos & parentes,
Que la da serra vem por consolarte,
Sentindo n'alma a pena que tu sentes.
Se querem de teus malles apartarte,
Deixando a casa & gado, vas fugindo,
Como ceruo ferido, a outra parte.
Não ves que amor as vidas consumindo
Viue sò de vontades enleuadas,
No falso parescer d'hum gesto lindo?
Nem as heruas das agoas desejadas
Se fartão, nem de flores as abelhas,
Nem este amor de lagrimas cansadas.
Quantas vezes perdido entre as ouelhas
Chorou Phebo de Daphne as esquiuanças
Regando as flores brancas & vermelhas.
Quantas vezes as asperas mudanças
O namrrado Gallo tem chorado,

De quem o tinha enuolto em esperanças.
Estaua o triste amante recostado,
Chorando ao pè d'hum freixo o triste caso,
Que o falso amor lhe tinha destinado,
Por elle o sacro Pindo, & o gran Parnaso
Na fonte de Aganippe distilando,
O fazião de lagrimas hum vaso.
Vinha o intenso Apollo alli culpando
A sobeja tristeza perigosa,
Com asperas palauras reprouando.
Gallo porque endoudeces, que a fermosa
Nympha que tanto amaste, descubrindo
Por falsa a fè que daua & mintirosa.
Pollas Alpinas neues vay seguindo
Outro amor, outro bem, outro desejo,
Como enemiga emfim de ti fugindo.
Mas o misero amante, que o sobejo
Mal empregado amor lhe defendia
Ter de tamanha fè vergonha ou pejo,
Da falsifica Nympha não sentia
Senão que o frio do gelado Rheno
Os delicados pês lhe offenderia.
Ora se tu ves claro, amigo Almeno,
Que de amor os desastres são de sorte
Que para mattar basta o mais piqueno,

Porque não pões hum freo a mal taõ forte,
Que em estado te poem, que sendo viuo
Ia não se entende em ti vida nem morte?

Almeno.

Agrario, se do gesto fugitiuo
Por caso da fortuna desastrado
Algũa hora deixar de ser cattiuo,
Ou sendo para as Vrsas degradado
Aonde Boreas tem o Occeano,
Cos frios Hyperboreos congelado,
Ou onde a filho de Clymene insano,
Mudando a cor das gentes totalmente,
As terras apartou do tratto humano
Ou se por qualquer outro accidente
Deixar este cudado tão ditoso,
Porquem sou de ser triste taõ contente.
Este rio, que passa deleitoso,
Tornando por detras, irà negando
Aa natureza o curso presuroso.
As feras pello mar iraõ buscando
Seu pasto, & andarsebão polla espessura
Das heruas os delpibns apascentando.
Ora se tu ves n'alma quaõ segura
Tenho esta fee, & amor, para que insistes
Nesse conselho & pratica tão dura?

Se de tua perfia não desistes
Vai repastar teu gado a outra parte,
Que he dura a companhia para os tristes.
Hũa sô cousa quero encomendarte,
Para repouso algum de meu engano,
Antes que o tempo emfim de mĩ te aparte.
Que se esta fera que anda em trajo humano,
Vires polla montanha andar vagando,
De meu despojo rica, & de meu danno,
Com os espritos viuos inflamando
O ar, o monte, & a serra, que consigo
Continuamente leua namorando.
Se queres contentarme como amigo,
Passando, lhe dirâs, gentil pastora
Não ha no mundo vicio sem castigo.
Tornada em duro marmore não fora
A fera Anaxarete, se amoroso
Mostrára o rosto angelico algũa hora.
Foi bem justo o castigo riguroso,
Porem quem te ama, Nympha, não queria
Noda tão fea em gesto tão fermoso.

Agrario.

Tudo farei Almeno, & mais faria,

Por te ver algum'hora descansado,
Se se acabão trabalhos algum dia.
Mas bem vès como Phebo ja impinado
Me manda que da calma iniqua & crua
Recolha em algum valle o manso gado.
Tu nessa fantasia falsa tua
Para engano mayor de teu perigo
Naõ queres companhia senão a sua.
Voume daqui, & fique Deos contigo,
E ficarâs melhor acompaahado.

Almeno.

Elle contigo va, como comigo
Me fica acompanhando meu cudado.

Outra

ECGLOGA III.

De Almeno, & Belisa, continuando cõ a passada.

PAssado ja algum tempo que os amores
D'Almeno por seu mal erão passados,
Porque nunca amor cumpre o que promete,
E antre hũs verdes vlmeiros apartados,
Regando pello campo as brancas flores,
Em lagrimas cansadas se derrete:
Quando a linda pastora que compete
Co monte em aspereza,
Co prado em gentileza,
Por quem o triste Almeno endoudecia,
Pella praya do Tejo discurria
A lauar a beatilha, & o trançado,
Ia o sol consentia
Que saiße da sombra o manso gado.

E acordado ja do pensamento
Que tão desacordado o sempre teue,
Vio por acerto o bem que incerto tinha:
E porque onde amor a mais se atreue
Alli mais enfraquesce o entendimento,

Não lhe soube dizer o que conuinha,
Como homem que aaprazada briga vinha
A quem de fòra engana
A confiança humana,
E depois vendo o rosto a quem resiste,
Treme, teme o perigo, & não insiste
Ia se arrepende, a audacia lhe fallesce,
Dest'arte o pastor triste
Ousa, arrecea, esforça, & enfraquesce.

E tendo aßi atonito o sentido,
Cometteo com furor desatinado
E tirou da fraquexa o coração,
Comettimento faz desesperado;
Que hũa sò saluação tem hum perdido,
Perder toda a esperança â saluação,
As magoas que passarão se dirão,
Mas as que ella dizia,
Lembrandolhe que via
As agoas murmurar do Tejo amenas,
Remeto a vos, ò Tagides Camenas,
Que de magoa não posso dizer tanto,
Porque em tamanhas penas
Me cansa a pena, & a dor m'impede o canto.

Belisa.

Belisa pastora.

Que alegre campo, & praya deleitosa,
E quam saudosa faz esta espessura
A fermosura angelica & serena,
Da tarde amena, & quam saudosamente
A sêsta ardente abranda suspirando
De quando em quando o vento alegre & frio.
No fundo rio os mudos peixes saltão,
No àr se esmaltão os cêos d'ouro & verde,
E Phebo perde a força da quentura,
Polla espessura leuão passeando
O gado brando, ao som das camphoninas,
Pisando as finas & fermosas flores,
Os guardadores, que cantando o gesto
Fermoso & honesto, das pastoras que amão,
Ao ar derramão mil sospiros vaõs,
Hum louua as mãos, & outro os olhos bellos,
Outro os cabellos douro em som suaue,
A amorosa aue leua o contraponto,
Mas ò que conto, & que saudosa hystoria
Que na memoria aqui se me offeresce:
Se não me esquece, ja neste lugar
Ouui soar nos valles algum dia,
E respondia o Ecco o nome em vão
N'hum coração, Belisa retumbando

Estou cudando como o tempo passa,
E quão escassa he toda alegre vida,
E quão comprida, quando he triste & dura.
Nesta espessura longo tempo amei,
Se me enganei com quem do peito amaua,
Não me pesaua de ser enganada,
Fui salteada emfim de hum pensamento,
Que hum mouimento tinha casto & são,
Conuersação foi fonte deste engano,
Que por meu danno entrou com falsa cor,
Porque o amor na Nympha que he segura
Entra em figura de vontade honesta,
Mas que me presta agora dar disculpa
Se ahi ouue culpa pola o firme amor,
Sô n'hum pastor que nunca o sol nem lua
Ou serra algũa, desd'o Ibero ao Indo,
Virão outro tão lindo, & tão manhoso,
Neste amoroso estado, & fè que tinha,
Qua n'alma minha tão secretamente,
Viui contente amando & encubrindo,
Elle fingindo mintirosos dannos,
Que são enganos que não custão nada,
Tendo alcançada ja no entendimento
A fè & intento meu sò nelle posto,
Que logo o rosto mostra os corações,

E as

E as affeições cos olhos se praticão,
Que mais publicão muito que palauras,
Com suas cabras sempre à parte vinha
Onde eu mantinha os olhos & o desejo,
Tu manso Tejo, & tu florido prado,
Do mais passado emfim que aqui não digo,
Sereis me obrigo testemunho certo,
Que descuberto vos foi tudo & claro,
ô tempo auaro, ô sorte nunca igual,
Camanho mal quereis â humana gente,
Porque hum contente estado assi trocastes?
Vos me tirastes do meu peito isento,
ô pensamento honesto, & repousado,
Ia dedicado ao coro de Diana,
Vos n'hũa vfana uida me pusestes,
E alli quisestes que gozasse o danno
Do doce engano, que se chama amor,
Com cujo error passaua o tempo ledo,
E vos tão cedo me tirais hum bem,
Que amor ja tem impresso na alma minha,
Depois que a tinha enuolta em esperanças,
E com lembranças tristes me deixais,
Mal me pagais a fè que sempre tiue:
Mas assi viue quem sem dita nasce,
Mas ja que a face alegre o sol esconde,

E

E não responde alguem a tantas magoas,
Senão as agoas que dos olhos saem,
As sombras caem, & vãose as alimarias
Das eruas varias fartas, seu caminho,
Buscando o ninho os passaros sem dono
Ia pello sono esquecem o comer,
Quero esquecer tambem tão doce historia,
Pois he memoria que traz mòr cuidado,
Isto he passado, & se me deu paixão,
Os dias vão gastando o mal & o bem,
E não conuem quererme magoar,
Do que emendar não posso ja com magoas,
Nas claras agoas deste rio brando,
Que vão regando o campo matizado,
Este trançado lauar quero emfim,
Que ja de mĩ m'esqueço coa lembrança
Desta mudança, que esquecer não sei
Inda qu'eu mudarei a opinião,
Qu'emfim homẽs são, a que o esquecimento
De pressa faz mudar o pensamento.

Almeno.

Se a vista não m'engana a fantasia,
Como ja m'enganou mil vezes, quando
Minha ventura enganos me soffria,

Pare-

Paresceme que vejo estar lauando
Hũa Nympha hum vèo no claro Tejo;
Que se m'està Belisa affigurando.
Não pòde ser verdade isto que vejo,
Que facilmente aos olhos se affigura
Aquillo que se pinta no desejo.
ô acontescimento que a ventura
Me dâ pera môr danno: esta he certo,
Que não he doutrem tanta fermosura.
Se poderei fallarlhe de mais perto?
Mas fugirmeha: não pòde ser, que o rio
Par'acolá não tem caminho aberto.
ô temor grande, ò grande desuario,
Que a voz m'impide, & a lingoa negligente
Dest'arte està tornando o peito frio.
De quanto me sobeja estando ausente,
Que pera lhe fallar sempre imagino,
Tudo me falta agora em estar presente.
ô aspeito suaue & peregrino,
Pois como tão asinha a si se esquece
Hũa fè verdadeira, hum amor fino?

Belisa.

ô altas semideas, pois padesçe
Em vosso rio a honra delicada,
De quem tamanha força não meresce,

Ou ſeja por vos (Nympha) reſeruada,
Ou n'algũa aruore alta ou pedra dura
Seja por vos aſinha transformada.

Almeno.

Ah Nympha não te mudes a figura,
Nem vos Deoſas queirais que eu ſeja parte
De ſe mudar tamanha fermoſura.
Porque a quem falta a voz para falarte,
E a quem falleſce a lingoa & ouſadia,
Tambem faltarão mãos para tocarte.

Beliſa.

Que me queres Almeno, ou que porfia
Foi a tua tão aſpera comigo,
Minha vontade naõ to mereſcia.
Se com o amor o fazes, eu te digo,
Que amor que tanto mal me faz em tudo,
Naõ pòde ſer amor, mas enemigo.
Naõ es tu de ſaber taõ falto & rudo,
Que taõ ſem ſiſo amaſſes, como amaſte,

Almeno.

Onde viſte tu Nympha amor ſeſudo?
Porque te naõ alembra que folgaſte
Com meus tormentos triſtes, & algũ hora
Com teus fermoſos olhos me olhaſte?

Como te esquesce ja (gentil pastora)
Que folgauas de ler nos freyxos verdes
O que de ti escriuia cada hora?
Como tão presto aßi a memoria perdes
Do amor que mostrauas, que eu não digo
Se vos ò altos montes não disserdes?
Porque te não alembras do pirigo
A que sò por me ouuir te auenturauas
Buscando horas de sèsta, horas d'abrigo?
Coa maçãa de discordia me tirauas
Que Venus que aganhou por fermosura
Tu como mais fermosa lha ganhauas.
E escondendote entre a espessura,
Hias fogindo como vergonhosa
Da namorada & doce trauessura.
Não era esta a maçã d'ouro fermosa,
Com que encuberta aßi de astucia tanta
Cedipe se enganou de cubiçosa.
Nem a que curso teue de Athalanta
Mas era aquella com que Galathea
O pastor catiuou como elle canta.
Se más tencões poserão nodoa fea
Em nosso firme amor de inueja pura
Porque pagarei eu a culpa alhea?

Quem

Quem desta fê, quem deste amor não cura
Nunca teue sogeito o coração,
Que o firme amor coa alma eterna dura.
Belisa.
Mal conheçes Almeno hũa affeição
Que se eu desse amor tenho esquecimento
Meus olhos magoados to dirão.
Mas teu sobejo & liure atreuimento
E teu pouco segredo, discudando
Foy causa deste longo apartamento.
Ves as Nimphas do Tejo que mudando
Me vão ja pouco apouco o claro gosto
Noutra forma mais dura traspasando.
Hum sô segredo meu te manifesto,
Que te quis muito em quanto Deos queria,
Mas de pura affeição, & amor honesto.
E pois teu mao cudado & ousadia
Causou tão dura & aspera mudança
Folgo que muitas vezes to dizia.
Ficate embora, & perde a confiança
Que mais me não veras, como ja viste
Que assi se desengana hũa esperança.
Almeno.
ô duro apartamento, ò vida triste

ô nunca acontescida desuentura,
Pois como, Nympha, asi te despidiste?
Asi se ha de ir tornando sem ter cura
Nessa siluestre & aspera rudeza,
Tão branda & excellente fermosura?
Tua nunca entendida gentileza,
E teus membros asi se trasformarão,
Negandoselhe a propria natureza?
Dest'arte teus cabellos se tornârão,
Deixando ja seu preço ao ouro fino,
Em folhas que a cor tem do que negárão?
Se este consentimento foi diuino,
Consintame tambem que perca a vida,
Antes que a mais me obrigue o desatino.
Que se a fortuna dura embrauescida
Tanto em meu tormento se desmede,
Não viua mais hũa alma tão perdida,
E vos feras do monte, pois vos pede
Minha pena o remedio derradeiro,
Fartai ja de meu sangue vossa sede.
E vos pastores rudos deste outeiro,
Porque a todos emfim se manifeste
Que cousa he amor puro & verdadeiro,
Ao pè deste funereo acipreste

Me fareis hum ſepulchro ſem arreo
De boninas que o prado ameno veſte.
Com deſuſadas muſicas de Orpheo
Que me vos cantareis, & deſta ſorte
Não auerei inueja ao Mauſoleo,
E porque minha cinza ſe conforte
Em voſſos metros doces & ſuaues,
As exequias fareis de minha morte.
Alli responderaõ as altas aues
Naõ modulas no canto, nem laſciuas,
Mas de dor hora roucas, hora graues.
Não correraõ as agoas fugitiuas
Alegres por aqui, mas ſaudoſas,
Que pareſçaõ que vem dos olhos viuas.
Naſceraõ pellas prayas deleitoſas
Os aſperos obrolhos em lugar
Dos roxos lirios, das pudicas roſas,
Não trarão as ouelhas a paſtar
D'arredor do ſepulchro os guardadores
Que não comeraõ nada de peſar.
Virão os Faunos, guarda dos paſtores
Se morri por amores preguntando,
Responderão os Eccos, Por amores.
E para os que aqui forem caminhando,

Hum epitaphio triste se lerâ
Que esteja minha morte declarando:
E no tronco d'hũa aruore estarâ
N'hũa ruda cortiça pendurado
Escritto c'hũa fouce, aßi dirâ.
Almeno fui pastor de manso gado,
Em quanto consintio minha ventura
De Nymphas & pastoras celebrado.
Se algũa hora por dita na espessura
Se perder o amor & a affeição,
Tirem a pedra desta sepultura,
E em figura de cinza os acharaõ.

EGLOGA IIII.

A hũa dama.

Frondoso, & Duriano, Pastores.

CAntando por hum valle docemente
Desciaõ dous pastores quando Phebo
No reino de Neptuno se escondia,
De idade cadahum era mancebo,
Mas velho no cuidado & descontente
Do que lhe elle causaua parescia,
O que cadahum dizia
Lamentando seu mal, seu duro fado,
Naõ sou eu taõ ousado,
Que o ouse a cantar sem vossa ajuda,
Porque se a minha ruda
Frauta, deste amor vosso for dina
Posso escusar a fonte Caballina

Em vos tenho Helicon, tenho Pegaso,
Em vos tenho Caliope, em vos Thalia,
E as outras sete irmãs do fero Marte
Em vos perde Minerua sua valia,

Em vos estão os sonos de Parnaso,
Das Pierides em vos s'encerra a arte,
Co a mais piquena parte
Senhora, que me deis da ajuda vossa,
Podeis fazer qu'eu possa
Escreuer ao sol resplandescente,
Podeis fazer que a gente
Em mĩ do gran poder vosso se espante,
E que vossos louuores sempre cante.

Podeis fazer que cresça d'hora em hora,
O nome Lusitano, & faça inueja
A Smirna, que de Homero se engrãdesce,
Podeis fazer tambem que o mundo veja
Soar na ruda frauta o que a sonora
Cithara Mantuana sô meresce,
Ia agora me paresce
Que podem começar os meus pastores,
Trattar de seus amores,
Porque inda que presentes não estejão
As que elles ver desejão
Mudança do lugar menos de estado,
Não muda hum coraçaõ de seu cudado.

Ia deixaua dos montes a altura
E nas ſalgadas ondas ſe eſcondia
O ſol, quando Frondoſo & Duriano
Ao longo de hum ribeiro que corria
Polla mais freſca parte da verdura,
Claro, ſuaue, & manſo todo o anno
Lamentando ſeu danno,
Vinha ja recolhendo o manſo gado,
E hum eſtando calado,
Em quanto hũ pouco o outro ſe queixaua,
Apos elle tornaua
A dizer de ſeu mal o que ſentia,
E em quanto elle fallaua, o outro ouuia.

Vinhãoſe aſsi queixando aos penedos,
Aos ſilueſtres montes, & aſpereza,
Que quaſi de ſeus males ſe doîaõ,
Alli as pedras perdião ſua dureza,
Alli os correntes rios eſtar quedos
Prontos a ſuas queixas pareſcião,
E sò as que podião
Eſtes males curar que ellas cauſauaõ,
O ouuido lhe negauão
Por perderem de todo a eſperança,

Mas

Mas elles que mudança
De amor com tantos males naõ fazião,
Fallando inda com ellas lhes deziaõ.

Frondoso.

Isto he o que aquella verdadeira
Fè, com que te amei sempre merescia,
Sem nunca te deixar hum sò momento,
Como (cruel Belisa) te esquecia
Hum mal cuja esperança derradeira
Em ti sò tinha posto seu assento?
Naõ vias meu tormento?
Não vias tu a fè com que te amaua?
Porque não te abrandaua
Este amor, que me tu tão mal pagaste?
Mas pois ja me deixaste
Co a esperança de ti toda perdida,
Perca quem te perdeo tambem a vida.

Duriano.

Se os males que por ti tenho soffrido,
(ô Siluana em meus males tão constante)
Quiseras que algũ'hora te dißera
Ainda que de duro diamante
Fora teu cruel peito endurescido,
Creo que a piedade te moucra,

Iágora em branda cera
Os montes são tornados, & os penedos,
E os rios que estão quedos,
Sentirão meus suspiros minhas queixas,
Tu sò (cruel) me deixas
Qu'es mais que montes & penedos dura,
E fugitiua mais que a agoa pura.

Frondoso.

Onde estâ aquella falla, que soîa
Sò com seu doce tom, que me chegaua
A auiuarme os spiritos cansados?
Onde estâ o olhar brando, que cegaua
O sol resplandescente oa meo dia?
Onde estão os cabellos dilicados,
Que ao vento espalhados
O ouro escuresciaõ, & a mĩ mattauão?
E a quantos os olhauaõ
Causauaõ tambem nouos accidentes?
Porque cruel consentes
Que goze outro a gloria a mĩ deuida?
Perca quem te perdeo tambem a vida.

Duriano.

Não vejo bem ja que a meu mal espere,
Senão se he esperar que morte dura

Emfim

Emfim me venha dar tua ſaudade,
Vejo faltarme a tua fermoſura,
A vontade me diz que deſeſpere,
Contradizme a razaõ eſta vontade,
Diz que n'hũa beldade
Em quem moſtrou o cabo a natureza,
Naõ ha tanta crueza
Qu'hũ tão firme amor deſprezar queira,
E hũa fê uerdadeira
Mas tu que de razaõ nunca curaſte
Porque era darme a vida, ma tiraſte.

Frondoſo.

A quem (Beliſa ingrata) te entregaſte?
A quem dêſte (cruel) a fermoſura
Que sô a meu tormento ſe deuia?
Porq̃ hũa fê deixaſte firme & pura?
Porque taõ ſem reſpeito me trocaſte,
Por quem sò nem olhàrte mereſcia?
E o bem que te queria,
Que nunca perderei ſenão por morte,
Naõ he de mayor ſorte
Que quãto a cega gente eſtima & preza?
Sò a tua crueza
Foi niſto contra mĩ endureſcida,

Perca

Perqua quem te perdeo tambem a vida,

Doriano.

Leuasteme meu bem n'hum sô momento,
Leuasteme com elle juntamente
De cobrallo jamais a confiança,
Deixasteme em lugar delle sòmente
Hũa continua dor, & hum tormento,
Hum mal de que não pòde auer mudança,
Tu que eras a esperança
Dos males que me tu cruel causaste,
De todo te trocaste,
Com Amor conjurada em minha morte,
Porem se minha sorte
Consente que por ti seja causada,
Morte não foi mais bemauenturada.

Frondoso.

Não naceste de algũa pedra dura,
Não te gerou algũa tigre Hircana,
Nað foi tua criação entre a rudeza,
A quem (cruel) saiste deshumana?
No cêo formada foi tua fermosura,
Onde a mesma brandura he natureza,
Esta tua dureza
Donde teue principio, ou a tomaste?

Porque dura engeitaste
Hum verdadeiro amor que tu bem vias?
Hũa fè que conhescias,
Por outra de ti nunca conhescida?
Perca quem te perdeo tambem a vida.

Doriano.

Vaise co seu pastor o manso gado,
Porque de amor entende âquella parte
Que a bruta natureza lhe ensina,
O rustico leaõ sem nenhũa arte
Do instinto natural sò insinado,
Aonde sente amor alli se inclina,
E tu que de diuina
Naõ tẽs menos que Venus & cupido,
Porque sequer co ouuido
Hum amor verdadeiro naõ socorres?
Ou porque te não corres
Que te vença o leaõ em piedade,
Se Venus naõ te vence na beldade?

Frondoso.

A mĩ naõ me faltaua o que se preza
Entre os celestes Deoses, que formàraõ
A tua mais que humana fermosura,
Em mĩ os voluntarios cèos faltâraõ.

Em mĩ se preuerteo a natureza
D'hũa cruel fermosa criatura,
Mas pois Belisa dura,
Que do mais alto cèo a nos vieste,
E em peito celeste
Hum tal contrario pode aposentarse,
Naõ he contrario acharse
Tamanha fè, taõ mal agradescida,
Perca quem te perdeo tambem a vida.

Doriano.

Por ti a noite escura me contenta,
Por ti o claro dia me auorresce,
Abrolhos para mi saõ frescas flores,
A doce philomela m'entristesce,
Todo o contentamento me atormenta
Com a contemplaçaõ de teus amores,
As festas dos pastores,
Que podem alegrar toda a tristeza,
Em mi tua crueza
Faz que o mal cad'hora ua dobrando
ô cruel, atè quando
Durarâ em ti hum tal auorrescimento?
E a vida em mi, que soffre tal tormento?

Frondoso.

Fugiste de hum amor tão conhecido
Fugiste de hũa fè tão clara & firme,
E seguiste a quem nunca conheceste,
Não por fugir d'amor, mas por fugirme,
Que bem vias que tinha merescido
O amor que tu a outrem concedeste,
A mĩ não me fizeste
Nenhũa semrazão, que bem conheço
Que tanto não mereço,
Fizestea aquelle bem firme & sincero,
Que sabes que te quero
Em lhe tirar a gloria merecida,
Perca quem te perdeo tambem a vida.

Doriano.

Cresce cad'hora em mĩ mais o cudado,
E vejo que em ti cresce juntamente
Cad'hora mais de mĩ o esquecimento,
ô Syluana cruel porque consente
O teu feminil peito delicado,
Esquecerlhe hum tão aspero tormento?
Tal auorrescimento
Meresce hum capital teu inimigo,
Não j'eu que sò contigo

Estou contente, & nada mais desejo,
Se algũa hora te vejo
Tu es hum sò bem meu, hũa sò gloria,
Que nunca se me aparta da memoria.

Frondoso.

Olhos que virão ja tua fermosura
Vida que sò de verte se sostinha,
Vontade que em ti era transformada,
Hũa alma que a tua em si sò tinha,
Tão vnida consigo, quanto a pura
Alma co debil corpo està pegada:
E agora apartada
Te vee de si com tal apartamento,
Qual serà seu tormanto?
Qual serâ aquelle mal que tem presente?
Mayor he que o que sente
O triste corpo na vltima partida,
Perca quem te perdeo tambem a vida.

Doriano.

Regendo noutro tempo o manso gado
Tangendo minha frauta nestes valles,
Passaua a doce vida alegremente,
Não sentia o tormento destes males,
Menos sintia o mal deste cudado,

Que tudo então em mĩ era contente,
Agora não somente
Desta vida suaue me apartaste,
Mas outra me deixaste
Que ao duro mal que sinto ca no peito
Me tem ja tão affeito,
Que sinto ja por gloria minha pena,
Por natureza o mal que me condena.

Frondoso.

Iuntamente viuer compridos annos,
Os fados te concedão, que quiserão
Ajuntarte com tal contentamento,
Pois para ti os bẽs todos nascerão,
Tormentos para mĩ, males & danos,
Logra tu so teu bem, eu meu tormento,
Nenhum apartamento
Belisa, me fara deixar de amarte,
Porque em nenhũa parte
Poderas nunca estar sem mĩ hum'ora,
Consente pois agora
Que em pago desta fe tão conhescida
Perca quem te perdeo tambem a vida.

Doriano.

Vejate eu (crua) amar quem te desame,

Porque saibas que cousa he ser amada,
De quem tu auorresces & desprezas,
Vejate eu ser ainda desprezada
De quem tu mais desejas que te ame,
Porque sintas em ti tuas cruezas,
Sintas tuas durezas,
E quanto pôde o seu cruel effeito,
N'hum coração sogeito,
Porqu' em sintindo o mal qu'eu sinto agora,
Espero que algum'hora
Faça o teu proprio mal de mĩ lembrarte,
Ia que não pode o meu nunca abrandarte.

Frondoso.

Mil annos de tormento me paresce
Cada hora que sem ti, & sem esperança
Viuo de poder mais tornar a verte,
Sustentame esta vida tua lembrança,
A vida sobre tudo me entristesce,
A vida antes perdera que perderte,
Mas eu se por quererte,
Hum bem que em ti sò tem seu firme assento
Padesce tal tormento,
Que inda espera de ti quem te desame,
Ou ao menos te ame,

Com algum falso amor, ou fee fingida,
Perca quem te perdeo tambem a vida.

Doriano.

Entaõ (cruel) verâs se te meresce
Com tamanho desprezo ser trattada,
Hũa alma que de amarte sò se preza:
Mas como podes tu ser desprezada,
Se o menos que em ti fòra se paresce
Abrandar pòde montes & aspereza?
Porque se a natureza
Em ti o remate pos da fermosura,
Qual serà a pedra dura
Que a teu vallor resista brandamente?
Quanto mais fraca gente
Que ao humano parecer não se defende,
E a mesma Venus Deosa ao teu se rende.

Frondoso.

E pois fe verdadeira, amor perfeito
Tormento desigual, & vida triste,
Iunta com hum cotino soffrimento,
E hum mal em que todo o mal consiste,
Naõ poderaã mouer teu duro peito,
A amostrares sequer contentamento
De veres meu tormento,

Mas antes isto tudo desprezaste,
E a outrem te entregaste,
Por não me ficar nada em que esperasse:
Senão quando acabasse
A vida, que a meu mal he tão comprida,
Perca quem te perdeo tambem a vida.

Doriano.

Longo curso de tempo, & apartado
Lugar, a hum coração que està entregue
Não podem apartar de seu intento
Porque foges (cruel) a quem te segue?
Não ves que teu fugir he escusado?
Que sem mi nunca estàs hum sò momento,
Nenhum apartamento
(Inda que a alma do corpo se aparte,)
Poderâ ausentarte
Desta alma triste, que continuamente
Em si te tem presente,
Torna cruel, não fujas a quem te ama,
Vem dar a morte ou vida a quẽ te chama.

Frondoso.

A noite escura, triste, & tenebrosa,
Que ja tinha estendido o negro manto,
De escuridade a terra toda enchendo,

Fez por a estes pastores fim ao canto,
Que ao longo da ribeira deleitosa,
Vinhaõ seu manso gado recolhendo,
Se aquillo que eu pretendo.
Deste trabalho auer, que he todo vosso,
Senhora alcançar posso,
Não serà muito auer tambem a gloria,
E o lauro da vittoria,
Que Virgilio procura, & auer pretende,
Pois o mesmo Virgilio a vos se rende.

EGLOGA V.

PROSEGVINDO A PASSADA, A Dom Antonio de Noronha.

A Quem darei queixumes namorados,
Do meu pastor queixoso namorado?
A branda voz, sospiros magoados,
A causa porque n'alma he magoado,
De quem serão seus males consolados,
Quem lhe fará diuido gasalhado,
Sò vos (senhor) famoso & excellente,
Especial em graças entre a gente?

Por partes mil lançando a fantasia,
Busquei na terra estrella que guiasse
Meus rudos versos, em cuja companhia
A santa piedade sempre andasse
Luzente & clara como a luz do dia,
Que o rude engenho meu me alumiasse,
Em vossas perfeições (gran senhor) vejo
Cumprido inda alem o meu desejo.

A vos se dem a quem junto se ha dado
Brandura, mansidão, engenho, & arte,
D'hum sprito diuino acompanhado,
Dos sobrehumanos hum em toda a parte,
Em vos as graças todas se hão juntado,
De vos em outras partes se reparte,
Sois claro rayo, sois ardente chama,
Gloria & louuor do tempo, azas da fama.

Em quanto aparelho hum nouo esprito,
E voz de cisne tal que o mundo espante,
Com que de vos, senhor, em alto grito
Louuores mil em toda a parte cante,
Ouui o canto agreste em tronco escritto,
Entre vacas & gado petulante:
Que quando tempo for em milhor modo
Por vos me ouuirá o mundo todo.

As vãs querellas bandas, & amorosas,
Sejão de vos trattadas brandamente,
Verdades d'alma pouco venturosas,
Saidas cõ suspiro viuo, & ardente,
Que em vossas mãos se entregão valerosas,
Para despois viuerem entre a gente,
Chorando sempre a antigua crueldade,
E os corações mouerem a piedade.

Ia declinaua o ſol contra o Oriente,
E o mais do dia ja era paſſado,
Quando o paſtor co graue mal que ſente,
Por dar aliuio em parte a ſeu cudado,
Se queixa da paſtora docemente,
Cudando de ninguem ſer eſcutado,
Eu que o ouui d'hũa aruore, eſcreuia
As magoas que cantou, & aſſi dizia.

Ou tu do monte Pindaro es naſcida,
Ou marmor te pario fermoſa & dura,
Que não pòde ſer ſeja concebida
Dureza tal de humana criatura,
Ou es quiçais em pedra conuertida,
E tẽs de natureza tal ventura:
Porem não fez em ti boa impreſſão,
Tornarte sò de marmore o coração.

Ia eſta minha voz rouca & choroſa,
Aa gente mais remota moueria,
E ſe tocaſſe a vea lacrimoſa,
Os tigres em Hircania amanſaria,
Se não foras cruel quanto fermoſa,
Meu longo ſuſpirar te abrandaria,
Mas ſuſpirar por ti, & bem quererte,
Que fazem ſenão mais endurecerte?

Sem

Se deixàras vencer a crueldade
De tua taõ perfeita fermosura,
Hum pouco viras bem minha vontade,
E viras esta fè taõ limpa & pura,
Por ventura que ouueras piedade
E tiuera eu quiçaes melhor ventura
Mas nunca achei melhor tua belleza,
Senão com verse em ti tua dureza.

Ia hum peito abrandara que não sente
Meu duro & graue mal segundo he forte,
Se descera ao inferno fero & ardente
Mouera a piedade a mesma morte,
Se hũa gotta de agoa brandamente
Abranda hum penedo duro & forte.
Como lagrimas tantas não farão
Hum piqueno sinal num coração?

Na testa tenho hũa fonte viua dagoa,
Que por meus olhos tristes se derrama,
No peito está de fogo hũa viua fragoa,
Que tudo em si conuerte & tudo inflama,
A mor ao derredor por mayor magoa
Voando mais a sende a ardente chama,
E se ques ver se ardentes são seus tiros,
Olha se são ardentes meus suspiros.

Quando

Quando rumor algum grande se sente,
Que se acende fogo em casa, ou torre,
De pura compaixão vai toda agente
Gritando agoa ao fogo, & cada hum corre,
Assi anda meu peito em chama ardente
E co a agoa dos olhos se socorre,
Que quem me abrasa outra agoa me defende,
Porque com esta o fogo mais se acende.

Quando o Sol sae lá no Oriente
O seu antiguo curso começando,
Fermoso, intenso, puro, & refulgente,
O monte, campo, mar, tudo alegrando,
Quando de nos se esconde no Ponente
E noutras terras sae alumyando
Sempre em quanto dâ ao mundo giro
Por ti meus olhos chorão, & eu sospiro.

Caminha o dia todo o caminhante,
Vem acabado anoite em que descansa,
Trabalha na tormenta o mareante,
Goza o dia sereno & de bonança
Recobra o anno fertil, & abundante
Na terra o laurador se nella cansa,
Mas eu de meu trabalho, & mal tão forte,
Tormento espero em fim, & crua morte.

Com

Co ouuir meu mal as roſas matutinas,
De dò de mĩ ſe cerrão & emmurcheſcem,
Co meu ſuſpiro ardente, as cores finas
Perdem o crauo, & lirio, & não floreſcem,
Co a roxa aurora as pallidas boninas
Em vez de ſe alegrarem ſe entriſteſcem,
Deixa ſeu canto Progne & Philomena,
Que mais lhe doe que a ſua a minha pena.

Reſponde o monte concauo a meus ais,
E tu como aſpide cerraslhe o ouuido,
As aruores do campo, os animais,
Moſtrão ſentir meu mal ſem ter ſentido,
E a ti as minhas dores deſiguais
Não mouem eſſe peito endureſcido:
Por mais & mais que chamo, não reſpondes,
E quanto mais te buſco, mais te eſcondes.

Naquella parte adonde coſtumauas
Apaſcentar teus olhos, & teu gado,
Alli onde mil vezes me moſtrauas
Ser eu de ti o paſto deſejado,
Mil vezes te buſquei por ver ſe dauas
Ainda algum deſcanſo a meu cudado,
No campo em vão te buſco, & buſco o monte,
Qual o ferido ceruo buſca a fonte.

Este lugar de ti desamparado,
Com cujas sombras frias ja folgaste,
Agora triste & escuro he ja tornado,
Que todo o bem contigo nos leuaste:
Tu eras nosso sol mais desejado,
Não temos luz despois que nos deixaste,
Torna meu claro sol, vem ja meu bem,
Qual he o Iosue que te detem?

Depois que deste valle te apartaste,
Não pasce o branco gado com secura,
Secouse o campo desque lhe negaste
Dos teus fermosos olhos a luz pura;
Secouse a fonte donde ja te olhaste,
Quando melhor que agora aspera & dura,
Nega, sem ti, a terra dando gritos,
Pasto às cabras, & leite aos cabritos.

Sem ti doce cruel minha inimiga,
A clara luz escura me paresce,
Este ribeiro, quàndo amor me obriga,
Com meu chorar por ti contino cresce,
Não ha fera que a fome não persiga,
Nem o campo sem ti ja não floresce,
Cegos estão meus olhos, ja não vem,
Pois que não podem ver meu claro bem.

O campo como de antes naõ se esmalta
De boninas azues, brancas, vermelhas,
Naõ choue ao pasto, ja q̃ ha d'agoa falta,
As mansas & pacificas ouelhas
Sem ti perecem, & o cêo tambem lhes falta,
Não achão flor as melifluas abelhas,
Com lagrimas que manão dos meus olhos,
Produze a terra ja asperos abrolhos.

Torna pois ja pastora a este prado,
E restituirâs esta alegria,
Alegrarás o monte, o campo, o gado,
Alegrarâs tambem a fonte fria,
Torna, vem ja meu sol tão desejado,
Faze esta noite escura em claro dia
E alegra ja esta magoada vida,
Toda em tua ausencia consumida.

Vem como quando o rayo eminente
Do nosso Orizonte, que escondido
Deixa hum certo temor â mortal gente,
Que causa ver o Orbe escurescido,
E quando torna a vir claro & luzente
Alegra o mundo todo entristescido,
Assi he para mĩ tua luz pura,
Claro sol, & ausente noite escura.

Tu esquesida ja do bem passado,
E do primeyro amor que me mostraste,
Teu coração de mĩ tens apartado,
E o lugar tambem desamparaste:
Não te quero eu a ti mais que a meu gado?
Não sou eu mesmo aquelle que tu amaste?
Pois onde merésci tão grão desuio?
Ouueme, pois me ves ja morto & frio.

Bem ves que por amor se moue tudo,
E não ha quem d'amor se veja isento,
O animal mais simple, baixo, & rudo,
O de mais leuantado pensamento,
Atè debaixo d'agoa o peixe mudo
Lá tem d'amor tambem seu mouimento,
A aue, que no ar cantando voa
Tambem por outra aue se affeiçoa.

A musica do léue passarinho
Que sem concerto algũ solta & derrama,
Saltando de raminho em raminho,
Cantando com amor suspira & chama,
Te achar no amado & doce ninho
Aquelle a quem busca & a quem ama,
Descansa do trabalho que tomàra
Tendo sò seu descanso em quem achàra.

A fera

A fera que he mais fera, & o lião,
Sempre acha outro leão, & outra fera,
Em quem poſſa empregar hũa affeição,
Que lhe a conuerſação no peito gera,
Tambem ſabe ſentir ſua paixaõ,
Tambem ſuſpira, morre, & deſeſpera,
Acena, ſalta, brada, ferue, & geme,
E não temendo nada, amor sò teme.

O ceruo que eſcondido & emboſcado,
Temendo o cubiçoſo caçador,
Eſtà na ſelua, mõnte, boſque, ou prado,
Alli onde eſtà & viue, viue amor,
D'amor & de temor acompanhado,
Com juſta cauſa amor tem, & temor,
Temor de quem alli ferillo vinha,
E a amor a quem ja ferido o tinha.

Se o animal inſenſiuel que não ſente
Tambem ſente d'amor a frecha dura,
Porque te não abranda o fogo ardente
Que procede de tua fermoſura,
Porque eſcondes a luz do ſol â gente?
Que neſſes olhos trazes bella & pura,
Mais bella, mais ſuaue, & mais fermoſa,
Que o lirio, o Iaſmin, o crauo, a roſa.

Pòde ser se me viras, que sintiras,
Ver desfazer hum peito em triste pranto,
E bem pouco fizeras se me viras,
Ia que eu sò por te ver suspiro tanto,
As magoas & suspiros que me ouuiras,
Te podêrão mouer a grande espanto,
A dor, a piedade, a sentimento,
E mais que pera mais he meu tormento.

Os pensamentos vãos, que o vento leue
O suspirar em vão tambem ao vento,
O esperar a calma, a chuua, a neue,
E não te poder ver hum sò momento,
Tormento he que sômente ati se deue,
E se pode inda auer mayor tormento,
Quem te vio, & se vê de si ausente
Muito mais passarâ mais leuemente.

Faz moßa a pedra dura em sua dureza,
Coa agoa que lhe toca brandamente,
Abranda o ferro forte a fortaleza
Se lhe toca tambem o fogo ardente,
Sò em ti não conheço a natureza,
Que a ser de pedra, ferro, ou de serpente,
Ia teu peito cruel fora desfeito
Do fogo, & das lagrimas que deito.

Quando a fermosa Aurora mostra a fronte
Alegra toda a terra vendo o dia,
Quando Phebo aparesce no Orizonte,
Manifesta tambem grande alegria,
Contente come o gado ao pè do monte,
Alegre vay beber à fonte fria,
Tudo contente està, alegre tudo,
Eu sò, sò, pensatiuo, triste, & mudo.

Se da alma & do corpo tẽs a palma,
E do corpo sem alma não tẽs dò,
Ha dò do corpo sò que està sem alma,
Pois sem alma não viue o corpo sô.
Na chama, no ardor, no fogo, & calma,
Na affeição, no querer, eu sou hum sò,
Não acharâs vontade mais cattiua,
Nem outra como a tua tão esquiua.

Se te apartas por naõ ouuir meu rogo,
Onde estiueres te ei de importunar,
Posto que va por agoa, ferro, ou fogo,
Contigo em toda a parte m'has de achar,
Que a chama que me abrasa he de tal fogo,
Que em quanto eu viuo for ha de durar,
E o nô que me tem preso he de tal sorte,
Que não se ha de soltar em vida ou morte.

Neste

Neste meu coração sempre estarás
Em quanto a alma estiuer com elle vnida,
Meu spiritu tambem possuirâs
Despois que a alma do corpo for partida,
Por mais & mais que faças, não faras
Que não te ame nesta & na outra vida,
Impossiuel serà que eternamente
Estês de mĩ ausente estando ausente.

Cà me acompanharà tua memoria,
Se o rio que se diz do esquecimento
Da minha não borrar taõ longa hystoria,
Tão graue mal, tão duro apartamento,
Atè que eu te veja entrar na gloria,
Viuirei n'hum contino sentimento,
Inda então serâ (se isto ser possa)
Seruir esta alma minha lâ a vossa.

Aqui com graue dor, com triste accento,
Deu o triste pastor fim a seu canto,
Co rosto baixo, & alto o pensamento
Seus olhos começaraõ nouo pranto,
Mil vezes fez parar no ar o vento,
E apiadou no cêo o coro santo,
As circunstantes seluas se abaixárão,
De dò das tristes magoas que escutâraõ.

Com hũa mão na face, & encostado,
Em sua dor tão enleuado estaua,
Que como em graue sono sepultado
Não vio o sol que ja no mar entraua:
Berrando anda em roda o manso gado,
Que o seguro curral ja desejaua,
Nas couas as raposas, & em seu ninhos
Se recolhem os simples passarinhos.

Ia sobre hum secco ramo estaua posto
O mocho co funesto & triste pranto,
A cujo som o pastor ergueo o rosto,
E vio a terra enuolta em negro manto,
Quebrando então o fio a seu gosto,
Mas não quebrando o fio a seu pranto,
Para melhor cudar em seu cudado,
Leuou para os currais o manso gado.

EGLOGA VI.

AO DVQVE DAVEIRO.

Alicuto pescador, Agrario pastor.

A Rustica contenda desusada
Entre as Musas dos bosques, das areas,
De seus rudos cultores moduladas:
A cujo som attonitas & albeas
Do monte as brancas vaccas estiuerão,
E do rio as saxatiles lampreas,
Desejo de cantar, que se mouerão
Os troncos & as auenas dos pastores,
E os siluestres brutos sospenderão:
Não menos o cantar dos pescadores
As ondas amansou do alto pego,
E fez ouuir os mudos nadadores.
E se por sustentarse o moço cego
Nos trabalhos agrestes a alma inflama,
O que he mais proprio no ocio, & no sossego.
Mais marauilhas dando a voz da fama
No mesmo mar vndoso, & vento frio,
Brasas roxas acende a roxa flama.

Vos (ô ramo de hum tronco alto & sombrio)
Cuja frondente coma ja cubrio
De Luso todo o gado & senhorio.
E cujo são madeiro ja saio
A lançar a forçosa & larga rede,
No mais remoto mar que o mundo vio.
E vos cujo valor tão alto excede
Que cantalo em voz alta & diuina
A fonte de Parnaso moue a sede.
Ouui da minha humilde çanfonina,
A armonia que vos aleuantais
Tanto, que de vos mesmo a fazeis dina.
E se agora que affabil me escutais
Não ouuirdes cantar com alta tuba
O que vos deue o mundo que dourais,
Se os Reis auos vossos, que de Iuba
Os Reinos deuastàrão, não ouuis,
Que nas azas do verso excelso suba,
Se não sabem as frautas pastoris
Pintar de Toro os campos, semeados
De armas, corpos fortes, & gentis,
Por hum moço animoso sustentados,
Contra o indomo pai de toda Espanha,
Contra a fortuna vãa, & injustos fados.

Hum moço cujo esforço, animo, & manha
Fez decer do Olympo o duro Marte,
E darlhe a quinta Esphera que acompanha.
Se não sabem cantar a menos parte
Do sapiente peito, & gran conselho
Que póde (ó Reino illustre) descansarte,
Peito que o douto Apollo fez vermelho,
Deixar o sacro monte & ás noue irmãs,
Diz que a elle se affeitem como a espelho:
Saberaõ sò cantar as suas vãs
Contendas, de Alicuto vil & Agrario,
Hum d'escamas cuberto, outro de lãs.
Vereis (Duque sereno) o estillo vario,
A nòs nouo, mas noutro mar cantado,
D'hum que sò foi das Musas secretario.
O pescador sincero, que amansado
Tem o pego do Pocrita co canto,
Pellas sonoras ondas compaßado.
Deste seguindo o som que pòde tanto,
E misturando o antigo Mantuano,
Façamos nouo estillo, & nouo espanto.
Partirase do monte Agrario insano,
Para onde a força sò do pensamento,
Lhe encaminhaua o lasso peso humano.

Embebido n'hum longo esquecimento
De si, & do seu gado, & pobre fato,
Apos d'hum doce sonho, & fingimento.
Rompendo as siluas horridas do mato,
Vai por cima de outeiros & penedos,
Fugindo emfim de todo humano tratto.
Ante os seus olhos leua os olhos ledos,
Da branca Diamene, que enuerdesce:
Sò co meneo os valles & rochedos.
Ora se ri consigo quando tece
Na fantasia algum prazer fingido,
Hora falla, hora mudo se entristesce.
Qual a tenra nouilha, que corrido
Tem montanhas fragosas, & espessuras,
Por buscar o cornigero marido,
E cansada nas humidas verduras,
Cair se deixa ao longo do ribeiro,
Ia quando as sombras vem descendo escuras.
E nem coa noite ao valle seu primeiro,
Se lembra de tornar como soía,
Perdida pello bruto companheiro.
Tal Agrario chegado emfim se via,
Onde o gran pego horrissono suspira,
N'hũa praya arenosa, humida & fria.

Tanto que ao mar estranho os olhos vira,
Tornando em si de longe ouuio tocarse
De douta mão, naõ vista, & noua lyra.
Fello o som desusado desuiarse,
Para onde mais soaua desejando
DE ouuir & conuersar, & de prouarse,
Não tinha muito espaço andado, quando
N'hũa concauidade de hum penedo
Que pouco & pouco fora o mar cauando,
Topou c'hum pescador que pronto & quedo
N'hũa pedra assentado brandamente
Tangendo, fazia o mar sereno & ledo.
Mancebo era de idade florescente,
Pescador grande do alto, conhecido
Pello nome de toda a humida gente.
Alicuto se chama, que perdido
Era pella fermosa Lenoria,
Nympha que tem o mar ennobrescido.
Por ella as redes lança noite & dia,
Por ella as ondas tumidas despreza,
Por ella soffre o sol & a chuua fria.
Co seu nome mil vezes a braueza
Dos ventos feros amansou co verso,
Que remoue das rochas a dureza.

E agora em som de voz suaue & terso
Està seu nome aos eccos ensinando
Por estillo do agreste som diuerso:
Do qual Agrario attonito afloxando
Da fantasia hum pouco seu cudado,
Suspenso esteue, os numeros notando:
Mas Alicuto vendose estrouado
Pello pastor da musica diuina
Aleuantando o rosto sossegado,
Lhe diz assi: Vaqueiro da campina
Que vẽs buscar às arenosas prayas,
Ond'a bella Amphitrite sò domina?
Que razão ha pastor porque te sayas
Pera o nosso escamo & vil terreno,
Dos mui floridos myrthos, & altas fayas?
Que se agora o mar ves brando & sereno,
E estenderemse as ondas pella area
Amansadas das agoas com que peno,
Veras logo o como desenfrea
Eolo o vento pello mar vndoso,
De sorte que Neptuno o arrecea.
Responde Agrario: ò musico & amoroso
Pescador, eu não venho a ver o lago
Brauo quieto, ou o vento brando, & iroso.

Mas o meu pensamento, com que apago
As flamas ao desejo, me trazia
Sem ouuir & sem ver suspenso & vago.
Atè que a tua Angelica armonia
Me acordou, vendo o som com que aqui cantas
A a tua perigosa Lemnoria.
Mas se de verme ca no mar te espantas,
Eu me espanto tambem do estillo nouo
Com que as ondas horrisonas quebrantas:
O qual posto que certo louuo & aprouo
Desejo de prouar contra o siluestre
Antigo pastoril, que eu mal renouo.
E tu que no tocar parestes mestre,
Podes julgar se ha clara differença
Entre o nouo maritimo & o campestre.
Não ha (disse Alicuto) em mi detença,
Mas antes aluoroço, inda que veja
Que essa tua confiança sò me vença.
Mas porque saibas que nenhũa inueja
Os pescadores tem aos pastores,
No som que pello mundo se deseja,
Toma a lyra na mão que os moradores
Do vitreo fundo vejo ja juntarse,
Para ouuir nossos rusticos amores.

E bem

E bem ves pella praya apresentarse
  Nas conchas varia cor à vista humana,
  E o mar vir por antr'ellas, & tornarse.
Sossegado do vento a furia insana,
  Encrespa brandamente o ameno rio
  Que seu licor aqui mestura & dana.
Este penedo concauo & sombrio,
  Que de cangrejos ves estar cuberto,
  Nos dà abrigo do sol quieto & frio.
Tudo nos mostra emfim repouso certo,
  E nos conuida ao canto com que os mudos
  Peixes saem ouuindo ao ar aberto.
Assi se desafião estes rudos
  Poetas, nos officios discrepantes,
  Nos engenhos porem sotis & agudos.
E ja mil companheiros circunstantes
  Estauão para ouuir & aparelhauão
  Ao vencedor os premios semelhantes.
Quando ja as lyras subito tocauão
  Agrario começaua & da armonia
  Os pescadores todos se admirauão,
  E desta arte Alicuto respondia.

Agrario.

Vos semicapros Deoses do alto monte,
Faunos longeuos, Satyros, Syluanos,
E vos Deosas do bosque & clara fronte,
Ou dos troncos que viuem largos annos,
Se tendes pronta hum pouco a sacra fonte,
A nossos versos rusticos & humanos,
Ou me dai ja a coroa de loureiro,
Ou penda a minha lyra d'hum pinheiro.

ALICVTO.

Vos humidas Deidades deste pego,
Tritões ceruleos, Proteo, com Palemo,
E vos Nereidas do sal em que nauego,
Porque do vento as furias pouco temo.
Se as vossas ricas aras nunca nego,
O congro nadador na pâ do Remo,
Não consintais que a musica marinha
Vencida seja aqui da lyra minha.

AGRARIO.

Pastor se fez hum tempo o moço louro,
Que do sol as carretas moue & guia,
Ouuio o rio Amphriso a lyra douro,
Que o seu sacro inuentor alli tangia.
Io foi vacca, Iupiter foi touro,
Mansas ouelhas junto da agoa fria
Guardou o fermoso Adonis, & tornado
Em bezerro Neptuno foi ja achado.

Alicuto. Pescador ja foi Glauco, o qual agora
Deos he do mar Protheo, & Focas guarda
Nasceo no pego a Deosa que he senhora
Do amoroso prazer, que sempre tarda,
Se foi bezerro o Deos que a moradora
Tambẽ ja foi Delphin, & quem resguarda
Verâ que os moços pescadores erão
Que o escuro enigma ao vate derão.

AGRARIO.

Fermosa Dinamene, se dos ninhos
Os implumes penhores ja furtei
Aa doce philomena, & dos mortinhos
Para ti (fera) as flores apanhei,
E se os crespos madronhos nos raminhos
Ati com tanto gosto apresentei,
Porque não das a Agrario desditoso
Hum sò reuoluer d'olhos piadoso?

ALICVTO.

Para quem trago eu d'agoa em vaso cauo
Os curuos camarões viuos saltando?
Para quem as conchinhas ruiuas cauo?
Na praya os brancos buzios apanhando?
Para quem de margulho no mar brauo
Os ramos de coral venho arrancando?
Senão pera a fermosa Lenoria,
Que c'hum sò riso a vida me daria?

Agr. Quẽ vio ja o desgrenhado & crespo inuerno,
D'altas nuuẽs vestido, horrido, & feo,
Ennegrescendo a vista o cèo superno,
Quando arranca os troncos o rio cheo,
Rayos, chuuas, trouões, hum triste inferno,
Mostra ao mundo hum pallido receo,
Tal he o amor cioso a quem sospeita
Que outrem de seus trabalhos se aproueita.

ALICVTO.

Se alguem vio pello alto o sibilante
Furor, deitando flamas & bramidos,
Quando as pasmosas serras traz diante
Horrido aos olhos, horrido aos ouuidos,
Abraços derrubando o ja nutante
Mundo, cos Elementos destruidos,
Assi me representa a fantasia
A desesperação de ver hum dia.

AGRARIO.

Minh'alua Dinamene, a Primauera
Que os campos deleitosos pinta & veste,
E rindose hũa cor aos olhos gêra
Com que na terra vem o arco celeste,
O cheiro, rosas, flores, a verde era,
Com toda a fermosura amena, agreste,
Não he para meus olhos tão fermosa,
Como a tua que abate o lirio & rosa.

Alic. As conchinhas da praya que apresentão
A cor das nuuens, quando nasce o dia,
O canto das Sirenas, que adormentaõ
A tinta que no murice se cria,
Nauegar pellas agoas que se assentão
Co brando bafo quando a sesta he fria;
Não podem Nympha minha assi aprazerme,
Como verte hũa hora alegre verme.

AGRARIO.

A Deosa que na Lybica alagoa
Em forma virginal apareceo,
Cujo nome tomou que tanto soa,
Os olhos bellos tem da cor do cêo,
Garços os tem, mas hũa que a coroa
Das fermosas do campo meresceo
Da cor do campo os mostra graciosos,
Quem diz que não saõ estes os fermosos?

ALICVTO.

Perdoemme as deidades, mas tu diua
Que no liquido marmol es gerada,
A luz dos olhos teus celeste & viua
Tẽs por vicio amoroso atrauessada,
Nòs pretos lhe chamamos, mas quem priua
Do dia o lume baixa & sossegada,
Traz a do seus nos meus que o não nego,
E comtudo isso inda assi estou cego.

Aßi cantauão ambos os cultores
Do monte & praya, quando os atalhárão
A hum pastores, a outro pescadores,
E quaisquer a seu vate coroarão
De capellas idoneas & fermosas,
Que as Nymphas lhe tecerão & ordenàrão.
A Agrario de mortinhos & de rosas
A Alicuto de hum fio de torcidos
Buzios, & conchas ruiuas & lustrosas.
Estauão n'agoa os peixes embebidos,
Co as cabeças fora, & quasi em terra,
Os musicos delphins estão perdidos.
Iulgauaõ as pastoras que na serra
O cume & preço està do antigo canto,
Que quem o nega contra as Musas erra.
Dizem os pescadores que outro tanto
Tem da sonora frauta quanto teue
O campo pastoril de antigo manto.
Mas ja o pastor de Admeto o carro leue
Molhaua n'agoa amara, & compellia
A recolher a roxa tarde & breue,
E foi fim da contenda o fim do dia.

EGLOGA VII.

Intitulada dos Faunos, dirigida a dom Antonio de Noronha.

AS doces cantilenas, que cantauão
Os semicapros Deoses amadores,
Das Napeas, que os montes habitauão:
Cantando escreuerei, que se os amores
Aos siluestres Deoses maltratârão,
Ia ficão desculpados os pastores.
Vos (senhor dom Antonio) aonde achârão
O claro Apollo & Marte hum ser perfeito,
Em que suas altas mentes assinarão,
Se meu ingenho he rudo & imperfeito,
Bem sabe onde se salua, pois pretende
Leuantar co a causa o baixo effeito.
Em vos minha fraqueza se defende,
Em vos instilla a fonte de Pegaso,
O que meu canto pello mundo estende.
Vedes que altas Musas do Parnaso
Cantando vos estão na doce lyra,
Tomandome das maõs taõ alto caso:

Vedes o louro Apollo, que me tira
De louuar vossa stirpe, & escuresce
O que em vosso louuor meu canto aspira:
Ou por me auer inueja me fallesce,
Ou por não ver soar na frauta rude
O que a sonora cithara meresce.
Pois sei vos, senhor, dizer, que a lingoa muda
Em quanto progne triste o sentimento,
Da corrompida irmã co pranto ajuda.
E em quanto Galathea ao manso vento
Solta os cabellos louros da cabeça,
E Tityro nas sombras faz accento.
E em quanto flor aos campos não falleça,
(Se naõ recebeis isto por affronta)
Farâ que o Douro & o Ganges vos conheça.
E ja que a lingoa nisto fica prompta,
Consenti que a minha Egloga se conte
Em quanto Apollo as vossas cousas conta.
No cume do Parnaso duro monte,
De siluestre aruoredo rodeado,
Nasce hũa cristallina & clara fonte,
Donde hum manso Ribeiro diriuado,
Por cima d'aluas pedras, mansamente
Vay correndo suaue & sossegado.

O murmurar das ondas excellente,
Os passaros excita, que cantando,
Fazem o monte verde mais contente.
Tão claras vão as agoas caminhando
Que no fundo as pedrinhas delicadas
Se pode hũa & hũa estar contando.
Não se verão ao redor pisadas
De fera ou de pastor que alli chegasse,
Porque do espesso monte são vedadas.
Herua se não verà, que alli criasse
O monte ameno, triste, ou venenosa,
Senão que la no centro as igualasse.
O roxo lirio apar da branca rosa,
A cecem branca, & a flor que dos amantes
A cor tem magoada, & saudosa.
Alli se vimos myrthos circunstantes,
Que a cristallina Venus encubrirão,
Da companhia dos Faunos petulantes.
Ortelã, manjarona, alli respirão,
Onde nem frio inuerno, ou quente estio,
As murcharão jamais, ou seccas virão.
Desta arte vay seguindo o curso o rio,
O monte inhabitado, & o deserto,
Sempre com verdes aruores sombrio.

Aqui hũa linda Nympha por acerto
  Perdida da fragueira companhia,
  A quem este alto monte era encuberto.
Cansada ja da caça vindo hum dia,
  Quis descansar â sombra da floresta,
  E tirar nas mãos aluas da agoa fria.
E vendo a nouidade manifesta
  Do sitio, & como as aruores co vento
  As calmas defendião da alta sêsta,
Das aues o lasciuo mouimento,
  Que em seus modulos versos occupadas
  As asas dão ao doce pensamento.
Tendo notado tudo, ja passadas
  As horas da gran sêsta se tornou
  A buscar as irmãs no centro amadas.
Depois que largamente lhes contou
  Do não visto lugar que perto estaua,
  Que tanto por estremo a namorou.
Que ao outro dia fossem lhes rogaua
  A lauarse naquella fonte amena,
  Que tão fermosas agoas distilaua,
Ia tinha dado hum giro a luz serena
  Do gran pastor de Admeto, & ja nascia,
  Aos ditosos amantes noua pena,

Quando as fermosas Nymphas a porfia
Pera o lugar do monte caminhauaõ,
Rompendo a manhã roxa, alegre & fria.
De hũa os cabellos louros se espalhauão,
Pello fermoso collo sem concerto,
Com dous mil nòs suaues se enlaçauão.
Outra leuando o collo descuberto,
Por mais despejo em tranças os atàra,
Auendo por pesado o desconcerto.
Dinamene, & Phire a quem topâra,
Nuas Phebo n'hum rio, & encubriraõ
Seus delicados corpos n'agoa clara,
Sirene, & Nise, que das maõs fugiraõ
Do Tegeo Pan, Amanta & Elysa,
Destras nos arcos, mais que quantas tiraõ.
A linda Daliana, com Belisa,
Ambas vindas do Tejo, que como ellas
Nenhũa taõ fermosa as heruas pisa.
Todas astas Angelicas donzellas,
Pello viçoso monte alegres hião,
Quais no cèo largo as nitidas estrellas.
Mas dous siluestres Deoses que traziaõ
O pensamento em duas occupado,
A quem de longe mais que a si querião.

Não lhe ficaua monte, valle, ou prado,
Nem aruore por onde quer que andauão,
Que não ſoubeſſe delles ſeu cudado.
Quantas vezes os rios que paſſauão
Detiuerão ſeu curſo, ouuindo os dannos,
Que ate os duros montes magoauão.
Quantas vezes amor de tantos annos
Abrandàra qualquer vontade iſenta,
Se em Nymphas corações ouueſſe humanos.
Mas qnem de ſeu cudado ſe contenta,
Offereſça de longe a paciencia,
Que amor de alegres magoas ſe ſuſtenta.
Que o moço Idalio quis neſta ſciencia
Que ſe compadeceſſem dous contrarios,
Digao quem tiuer delle experiencia.
Indo os Deoſes emfim por montes varios,
Exercitando os olhos ſaudoſos,
Ao criſtallino rio tributarios,
Topârão dos pès aluos & mimoſos
As piſadas na terra conhecidas,
As quais forão ſeguindo preſuroſos.
Mas encontrando as Nymphas, que deſpidas
Na clara fonte eſtauão, não cudando
Que d'alguem foſſem viſtas, ou ſentidas,

Deixaraõse estar quedos, contemplando
As feições nunca vistas, de maneira
Que vissem sem ser vistos, espreitando.
Porem a espessa mata, mensageira
Da futura cilada, co rugido
Dos raminhos d'hũa aspera auelleira,
Mostrando a hum dos Deoses escondido,
Todas tam inha grita alleuantàraõ,
Como se fosse o monte destruido.
E logo assi despidas se lançarão
Pella espessura tão ligeiramente,
Que mais então que os ventos auoarão.
Qual o bando das pombas, quando sente
A fermosa Aguia cuja vista pura
Não obedesce ao sol resplandescente.
Emprestalhe o temor da morte dura
Nas asas noua força, & não parando
Cortaõ o ar, & rompem a espessura.
Dest'arte vaõ as Nymphas, que deixando
De seu despojo os ramos carregados
Nuas por entre as siluas vão voando.
Mas os amantes ja desesperados
Que para as alcançar em fim se vião
Nada dos pês caprinos ajudados.

Com:

Com amorosos brados as seguiaõ,
Hum sò, que o outro ainda naõ tomaua
Folego algum da pressa que traziaõ,
Mas despois descansado se queixaua.

Primeiro Satyro.

Ah Nymphas fugitiuas,
Que sô por não vsar humanidade,
Os perigos dos matos não temeis,
Para que sois esquiuas,
Que inda de nos naõ peço piedade,
Mas dessas aluas carnes que offendeis?
Ah Nymphas não vereis
Que Eurydice fugindo dessa sorte
Fugio do amante, & naõ da fera morte?
Tambem assi Alcithoe foi mordida
Da bibora escondida,
Olhay que toda a Nympha na herua verde
Que a condição naõ perde perde a vida.

Que tigre, ou que leão,
Que peçonhenta fera, venenosa,
Ou que inimigo emfim vos vay seguindo?

D'hum

D'hum brando coração,
Que preso dessa vista rigurosa,
De si para vos foge, andais fugindo?
Olhay que em gesto lindo,
Não se consente peito tão disforme,
Se não quereis que tudo se conforme,
Posto que bellas n'agoa vos vejais,
Aa fonte não creais,
Que vos traz enganada sua vingança,
Desta nossa esperança que enganais.

Mas ah que não consinto
Que nem pallaura minha vos offenda,
Posto que me desculpa a magoa pura,
Nymphas digo que minto,
Que não pôde auer nunca quem pretenda
De desfazer em vossa fermosura,
Se amor de tanta dura
Por tanto mal tão pouco bem meresce,
Não estranheis minh'alma, que endoudece,
Que se falla doudices de improuiso,
Sem tento nem auiso,
Queira Deos que dureza tão crescida
Que me não tire a vida alem do siso.

Cousas grandes & estranhas
Tem pello mundo feito & faz natura,
Qu'a quẽ vos não vio (Nymphas) muito espantão,
Nas Libycas montanhas
Os Crocodillos feros, de pintura
Tão singular, que sò co a vista encantão,
A sua voz leuantão
Tão propia & natural â voz humana,
Que a quem a ouue facilmente engana,
E vos (ô gentes feras) cujo aspeito
O mundo tem sogeito
Tendes de natureza juntamente
A vista, & voz de gente, & fero o peito.

Das amorosas leis
Com que liga natura os coraçoẽs
Andais fugindo (Nymphas) na espessura,
Como não vos correis
Que aja em vos tão duras condiçoẽs,
Que possão mais que a prouida natura?
Se vossa fermosura
He sobrenatural, não he forçado
Que assi tenha tambem o peito irado:
Mas antes ao amor em cuja mão

Os corações estão
Por vossa gentileza tão fermosa,
Lhes deueis amorosa condição.

Amor he hum brando affeito,
Que Deos no mundo pos & a natureza,
Para aumentar as cousas que criou,
De amor està sogeito
Tudo quanto possue a redondeza,
Nada sem este affeito se gèrou,
Por elle conseruou
A causa principal o mundo amado,
Donde o pay famulento foi deitado,
As cousas elle as atta & as conforma,
Com o mundo reforma,
A materia, quem ha que não o veja?
Quanto meu mal deseja sempre forma?

Entre as heruas dos prados
Não ha machos & femeas conhescidas
E junto hũa da outra permanesce?
Não estão carregados
Os vlmeiros das vides retorcidas,
Onde o cacho enforcado amaduresce?

Não

Não vedes que padesce
Tanta tristeza a rola pella morte
De sua amada & vnica consorte?
Pois la no Olympo a quantos catiuou
Cupido, & maltrattou?
Milhor qu'eu o dirà a sutil donzella,
Que la na sua tella o dibuxou.

Ah caso grande & graue,
Ah peitos de diamante fabricados,
E das leis absolutas naturais,
Aquelle amor suaue,
Aquelle poder alto, que forçados
Os Deoses obedescem desprezais?
Pois quero que saibais
Que cõtra o fero amor nunca ouue escudo,
O seu costume he vingança em tudo,
Eu vos verei deitar em hum momento,
Sospiros mil ao vento,
Lagrimas, tristes tantos, noua dor,
Por quẽ tenha outro amor no pensamẽto.

Mais quisera dizer
O desditoso amante, que ajudado

Se

Se via então da magoa & da tristeza,
Mas foilho defender
O outro companheiro como irado,
Com tão disforme & aspera dureza,
Aquillo que a rudeza
E a sciencia agreste lhe ensinàra,
Imaginando como que acordàra
D'hum sonho arrancãdo d'alma hũ grito.
O mais que alli foi ditto,
Vos montes o direis, & vos penedos,
Que em voßos aruoredos anda escritto.

Satyro segundo.

Nem vos nascidas sois de gente humana,
Nem foi humano o leite que mamastes,
Mas d'algũa disforme fera Hircana,
La no Caucaso monte vos criastes,
Daqui tomastes a aspereza insana,
Daqui o frio peito congelastes,
Sois Sphinges nos gestos naturais,
Que o rosto sò de humanas amostrais.

Se vos fostes criadas na espessura,
Onde não ouue cousa que se achasse
Animal, herua verde, ou pedra dura,
Que em seu tempo passado não amasse,
Nem a quem a affeição suaue & pura
Nessa presente forma não mudasse:
Porque não deixareis tambem memoria
De vos, em namorada & longa hystoria.

Olhai como na Arcadia soterrando
O namorado Alpheo sua agoa clara
La na ardente Sicilia vay buscando
Por debaixo do mar a Nympha chara,
Assi mesmo vereis passar nadando
Acis, que Galathea tanto amara,
Poronde do Cicople a grande magoa
Conuerteo do mancebo o sangue em agoa.

Virai os olhos (Nymphas) a Erycina
Espessura vereis alli tornarse
Egeria em fonte clara & cristallina,
Pella morte de Numa destillarse
Olhai que a triste Biblis vos ensina
Com perderse de todo & transformarse
Em lagrimas que emfim poderão tanto
Que accescentârão sempre o verde manto.

Se entre as claras agoas ouue amores,
Os penedos tambem forão perdidos,
Olhay os dous conformes amadores,
No monte Ida em pedra conuertidos,
Lethea por cayr em vaõs errores,
De sua fermosura procedidos,
Oleno porque a culpa em si tomaua,
Por não ver castigar quem tanto amaua.

Tomay exemplo, & vede em Cypro aquella
Por quem Iphis no laço pos a vida,
Tambem vereis em pedra a Nympha bella,
Cuja voz foi por Iuno consumida,
E se queixar se quer de sua estrella,
A voz extrema sò lhe he concedida,
E tu tambem (ô Daphne) que trouxeste
Primeiro ao monte o doce verso agreste.

Tamanho amor tinha â branda amiga,
Que em inimiga emfim se foi tornando,
Porque outra Nympha estranha o sogiga
Suas magicas heruas vay buscando,
Olhay a crua dor a quanto obriga,
Que por vingar sua ira, transformando
Se foi em pedra, ô dura confusaõ,
Depois lhe pesaria, mas em vão.

Olhai (Nimphas) as aruores alçadas,
A cuja sombra andais colhendo flores,
Como em seu tempo forão namoradas,
Que inda agora o tronco sente as dores,
Vereis tambem, se fordes alembradas,
Como a cor das amoras he de amores,
Em sangue dos amantes na verdura
Testemunha he de Tisbe a sepultura.

E lâ pella odorifera Sabea,
Não vedes que de lagrimas daquella
Que com seu pay se ajunta & se recrea,
Arabia se enriquesce & viue della,
Vede mais a verde aruore Penea,
Que foi ja noutro tempo Nympha bella,
E Cyparisso angelico mancebo,
Ambos verdes com lagrimas de Phebo.

Está o moço de Phrigia dilizado
No mais alto aruoredo conuertido,
Que tantas vezes fere o vento irado
Galardão de seus erros merescido,
Que da alta Bericinthia sendo amado;
Por hũa Nympha baixa foi perdido,
E a Deosa a quem perdeo do pensamento,
Quis que tambem perdesse o entendimento.

O subito furor lhe afiguraua
Que o monte, as casas, & aruores cahiaõ,
Ia dos pudicos membros se priuaua,
Que a Deosa & a furia grande o constrangiaõ.
Ia no indino monte se lançaua,
De sua morte as feras se doiaõ,
Dest'arte perdeo Athis na espessura
Despois de tantas perdas a figura.

Lembrevos quando as gentes celebrauaõ
Em Grecia as grandes festas de Lyeo,
Onde as fermosas Nymphas se juntauaõ
E os sacros moradores do Lyceo,
Todos em doce sono se occupauaõ
Pello monte depois que anoiteceo,
Mas o Deos do Helesponto naõ durmia,
Que hum nouo amor o sono lhe impedia.

Mas ella emfim os braços estendendo,
Em ramos se lhe foraõ transformando,
Em rayzes os pès se vaõ torcendo,
E o nome Lotho sò lhe vay ficando,
Vede Napeas este caso horrendo,
Que vos està de longe ameaçando,
Que asi tambem aquella a quem seguia
O sacro Pan, a forma sò perdia.

E que

E que direis de Philis, que perdida
Da saudosa dor em que viuia,
Com desesperação emfim trazida
Do comprido esperar de dia em dia,
Por desatar do corpo a triste vida
Ataua ao colo a cinta que trazia,
Mas o tronco sem folha pello monte
Rhodope, abraça o lento Demophonte.

Nas boninas tambem vereis Iacintho,
Por quem Phebo de si se queixa em vaõ,
Vereis o monte Idalio em sangue tinto,
Do neto de seu pai, da mãy irmão,
Chora Venus a dor do moço extinto,
Maldiz o cèo & a terra com razaõ.
A terra porque logo naõ se abrio,
O cêo porque tal morte permittio.

E tu constante Clycie, a quem fallesce
A fê de teus amores enganosos,
No louro amante que de ti se esquece,
Se esquecem os teus olhos saudosos,
Nenhum alegre estado permanesce,
Que saõ do mundo os gostos mintirosos,
E tu ò clara luz por quem suspiras,
Ainda agora em herua a folha viras.

Tragovos estas cousas â lembrança,
Porque se estranhe mais vossa crueza,
Com ver que a criação & longa vsança
Vos não preuerte & muda a natureza,
Dou estas lagrimas minhas em fiança
Que em tudo quanto està na redondeza
Cousa ha de amor isenta, se atentais,
Em quanto a vos não virdes não vejais.

Ia vos disse que de amor sempre tiuerão
As cousas insensiueis pena & gloria,
Vede as sensiueis como se perderaõ,
E dirvos ey das aues larga hystoria,
Que as penas que em sua alma se soffreraõ,
Nas asas lhe ficàrão por memoria.
E aquelle aliuio, & leue mouimento,
Lhe ficou sô por dor do pensamento.

O doce roxinol, & a andorinha,
De donde ellas se foraõ transformando,
Senão do puro amor que o Thracio tinha
Que em Poupa inda armado a anda chamando?
Chama sem culpa â misera auezinha,
Que nas areas de Asis habitando
Do rio toma o nome, & asi se vay,
Chamando à mãy cruel, & Mouro o pay.

Vede a que engeitou Pallas por falar,
Que dos amores he mayor defeito,
E aquella que sucede em seu lugar
Ambas aues do mar vsado effeito.
Hũa porque fugia ao Deos do mar,
Outra por qae temera o patrio leito,
E Silla que a seu pai pos em perigo,
Sò por ser muito amiga do enemigo.

A elle lhe ficàrão ainda as cores
Da purpurea Real que ter soìa
Esaco, que seguindo seus amores
O trouxe a ver tão cedo o estremo dia,
Ou vede os dous tão firmes amadores,
Que amor aues tornou na praya fria,
Do Rei dos ventos era genro o triste,
Mas contra o fado emfim nada resiste.

Estaua a triste Alcyone esperando
Com longos olhos o marido ausente,
Mas os irados ventos assoprando,
Nas agoas o afogarão tristemente,
Em sonhos se lhe està representando
Que o coração presago nunca mente,
Sò do bem as sospeitas mintirão,
Que as do mal futuro certas são.

Ao pranto os olhos seus a triste ensaya,
Buscando o mar com elles hia & vinha,
Quando o corpo sem alma achou na praya,
Sem alma o corpo achou, que n'alma tinha,
Nereidas do Egèo consolaya,
Pois este triste officio vos conuinha,
Consolaya, sabi das vossas agoas,
Se consolação ha em grandes magoas.

Mas ò nescio de mi, que estou fallando
Das auezinhas mansas, & amorosas,
Se tambem teue amor poder & mando
Entre as feras monteses venenosas,
O leão & a leoa, como ou quando
Tais formas alcançàrão temerosas,
Sabeo da Deosa Dindymene o templo,
E a que o deu a Adonis por exemplo.

Quem fosse a mansa vacca diloia,
Mas o gran Nilo o diga que a adora,
Que força tem a Vrsa saber sehia
Do Polo Boreal donde ella mora:
O caso de Acteon tambem diria
Em ceruo transformado, & milhor fora
Que dos olhos perdera a vista escura
Que escolher nos seus galgos sepultura.

Daqui se tirarão duas oitauas.

Tudo isto Acteon vio na fonte clara,
Aonde a si de improuiso em ceruo vio,
Que aßi quem desta arte alli o topàra,
Que se mudasse em ceruo permittio,
Mas como o triste amante em si notàra
A desusada forma, se partio,
Os seus que o não conhecem, o vão chamando,
E estando alli presente o vaõ buscando.

Cos olhos & co gesto lhes fallaua,
Que a voz humana ja mudada tinha,
Qualquer delles por elle entaõ chamaua,
E a multidaõ dos caẽs contra elle vinha,
Que viesse ver hum ceruo lhe gritaua,
Acteon aonde estâs acude asinha,
Que tardar tanto he este, (lhe dizia)
He este, he este, o ecco respondia.

Quantas cousas em vaõ estou fallando,
(ô esquiuas Napeas) sem que veja
O peito de diamante hum pouco brando,
De quem meu danno tanto sò deseja,
Pois por mais que de mĩ andeis tirando,
E por mais longa em fim que a vida seja,
Nunca em mĩ se verá tamanha dor,
Que amor a não converta em mais amor.

Aqui (ò Nymphas minhas) vos pintei
Todo de amores hum jardim ſuaue,
Das aues, pedras, agoas vos contei,
Sem me ficar bonina, fera, ou aue:
Se o amor dos peitos que deixei
Que dos contentamentos tem a chaue,
Por dita em tempo algum determinaſſe
Que de tão longos dannos vos peſſaſſe.

Quanto mais de vagar vos contaria
De minha larga hyſtoria, & não alhea,
E com quanta mais agoa regaria
De contente, que o rio a branca area,
Entre os contentamentos me ſeria
Eſte hum não cudado, & grande idea,
E vos goſtando deſte eſtado vfano,
Zombareis então de voſſo engano.

Mas com quem fallo, ou que eſtou gritando,
Pois não ha nos penedos ſentimento?
Ao vento eſtou pallauras eſpalhando,
A quem as digo corre mais que o vento,
A voz, & a vida, a dor me eſtaõ tirando,
E não me tira o tempo o penſamento,
Direi emfim as duras eſquiuanças,
Que sò na morte tenho as eſperanças.

Aqui o triste Satiro acabou,
Com saluços que a alma lhe arrancauão,
E os montes insensiueis que abalou
Nas vltimas repostas o ajudauão,
Quando Phebo nas agoas se encerrou,
Cos animais que o mundo alumiauão,
E co luzente gado appareceo
A celeste pastora pello cêo.

EGLOGA VIII.
PESCATORIA.

AR de por Galathea branca & loura,
Sereno pescador pobre, forçado
D'hũa estrella cruel, que â miugoa moura.
Os outros pescadores tem lançado
No Tejo as redes, elle sò fazia
Este queixume ao vento descuidado.
Quando virà (fermosa Nympha) o dia
Em que te possa dar a conta estreita,
Desta doudice triste, & vã porfia?
Naõ ves que me foge a alma, & que m'engeita,
Buscando n'hum sò riso da tua boca,
Nos teus olhos azuis mansa colheita?
Se a esse spiritu algũa magoa toca,
Se d'amor fica nelle hũa pègada,
Que te vay, Galathea, nesta troca?
Dart'ei minh'alma, la ma tẽs roubada,
Naõ ta demandarei, dame por ella
Hũa sò volta d'olhos descuidada.

Se muito te paresce, & minha estrella
Não consentir ventura tão ditosa,
Doute as asas do amor perdidas nella.
Que mais te posso dar Nympha fermosa,
Inda que o mar daljofar me cubrira
Toda esta praya leda & graciosa?
Amansaõ ondas, quebra o vento a ira,
Minha tormenta triste não sossega,
Arde o peito em vão, em vaõ sospira.
Ao romper d'alua anda a neuoa cega,
Sobre os montes d'Arrabida viçosos,
Em quanto a elles a luz do sol não chega.
Eu vejo aparecer outros fermosos
Rayos, que a graça & cor ao cêo roubârão,
Ficão meus olhos cegos mais saudosos.
Quantas vezes as ondas se encresparaõ,
Com meus suspiros, quantas com meu pranto
Se parârão com magoa, & me escutàrão.
Se na força da dor a voz leuanto,
E ao som do remo que a agoa vay ferindo,
Por alta lũa meu cudado canto.
Os mauiosos delphins me estão ouuindo,
A noite sossegada, o mar calado
Sò Galathea foges, & vas rindo.

Estra-

Estranhas por ventura o mar cercado
Da fraca rede, a barca ao vento solta,
E hum pobre pescador aqui lançado?
Antes que o sol dê no cèo hũa volta,
Se pode melhorar minha ventura,
Como acontesce aos outros n'agoa envolta.
Igual preço não he da fermosura
Area d'ouro, que o rico Tejo espraya,
Mas hum amor que pera sempre dura.
Vejão teus olhos (bella Nympha) a praya
Veràs teu nome na mimosa area,
Nunca sobre elle o mar com furia saya.
Que ategora nem vento & ar saltea,
Tres dias ha que escritto aqui o deixou
Amor, guardandoo a toda a força alhea.
Elle com suas mãos mesmo ajudou,
Escolher estas conchas, que guardando,
Hũa & hũa para ti sô ajuntou.
Hum ramo te colhi de coral brando,
Antes que o ar lhe désse, parescia
O que eu de tua boca estou cudando,
Ditoso se o soubesse inda algum dia.

Fim da quarta parte.

QVINTA PARTE,

Das redondilhas, motes, esparsas, & grosas.

Sobre os rios que vão
Por Babylonia m'achei,
Onde sentado chorei
As lembranças de Syão,
& quanto nella passei.
Alli o rio corrente
de meus olhos foi manado,
& tudo bem comparado,
Babylonia ao mal presente,
Syão ao tempo passado.

Alli lembranças contentes
n'alma se representârão,
& minhas cousas ausentes,
se fizerão tão presentes
como se nunca passarão.
Alli depois de acordado,
co rosto banhado em agoa,
deste sonho imaginado,
vi que todo o bem passado
não he gosto, mas he magoa.

E vi que todos os danos
se causavão das mudanças,
& as mudanças dos annos,
onde vi quantos enganos,
faz o tempo âs esperanças.
Alli vi o mayor bem,
quão pouco espaço que dura,
o mal quão de pressa vem,
& quam triste estado tem
quem se fia da ventura.

Vi aquillo que mais val,
que então se entende milhor
quando mais perdido for.

Vi

vi o bem ſuceder mal,
& o mal muito pior.
E vi com muito trabalho
comprar arrependimento,
vi nenhum contentamento,
& vejome a mĩ, qu'eſpalho
Triſtes paluuras ao vento.

Bem saõ rios eſtas agoas,
com que banho eſte papel,
bem pareſce ſer cruel,
variedade de magoas,
& confuſaõ de Babel.
Como homem q̃ por exẽplo
dos trances em q̃ ſe achou,
deſpois q̃ a guerra deixou,
pellas paredes do templo
ſuas armas pendurou.

Aſsi deſpois que aſſentei
que tudo o tempo gaſtaua,
da triſteza que tomei
nos ſalgueiros pendurei
os orgaõs com q̃ cantaua.

Aquelle inſtrumento ledo,
deixei da vida paſſada,
dizendo, muſica amada
deixovos neſte aruoredo
â memoria conſagrada.

Frauta minha que tangẽdo
os montes fazieis vir
pera onde eſtaueis correndo
& as agoas que hião decẽdo
tornauão logo a ſubir.
Iamais vos não ouuirão
os tigres que ſe amanſauão,
& as ouelhas que paſtauão
das heruas ſe fartaraõ,
que por vos ouuir deixauão.

Ia não fareis docemente
em roſas tornar abrolhos
na ribeira floreſcente,
nem poreis freo â corrente
e mais ſe for dos meus olhos.
Não mouereis a eſpeſſuras
nem podereis ja trazer

aras vos a fonte pura,
pois não podestes mouer
desconcertos da ventura.

Ficareis offerescida
á fama que sempre vèlla,
frauta de mĩ tão querida,
porque mudandose a vida
se mudão os gostos della.
Acha a tenra mocidade
prazeres accõmodados,
& logo a mayor idade
já sente por pouquidade
aquelles gostos passados.

Hũ gosto que oje se alcãça,
amanhã ja o não vejo,
assi nos traz a mudança
de esperança em esperança,
& de desejo em desejo.
Mas em vida tão escassa
que esperança serà forte?
fraqueza da humana sorte,
que quanto da vida passa

està receitando a morte.

Mas deixar nesta espessura
o canto da mocidade,
não cude a gente futura
que serà obra da idade
o que he força da ventura.
Que idade, tẽpo, o espanto
de ver quam ligeiro passe,
nunca em mĩ poderão tanto
que posto que deixe o canto,
a causa delle deixasse.

Mas em tristezas & enojos
em gosto & contentamento
por sol, por neue, por vẽto,
terne presente alos ojos
por quiẽ muero tan contẽto.
Orgaõs & frauta deixaua,
despojo meu tão querido,
no salgueiro que alli estaua
que para tropheo ficaua
de quem me tinha vencido.

Mas

Mas lembrãças da affeição
que alli catiuo me tinha,
me preguntarão entõ
que era da musica minha,
qu'eu cantâua em Syão?
Que foi daquelle cantar
das gentes tão celebrado,
porq̃ o deixaua de vsar,
pois sempre ajuda a passar
qualquer trabalho passado.

Canta o caminhante ledo
no caminho trabalhoso,
por antr' o espesso aruoredo
& de noite o temeroso
cantando refrea o medo.
Canta o preso docemente,
os duros grilhões tocando,
canta o segador contente,
& o trabalhador cantando
o trabalho menos sente.

Eu qu'estas cousas senti
n'alma de magoas tão chea,
como dirâ, respondi,
quem tão alheo estâ de s
doce canto em terra al
Como poderà cantar
quẽ em choro banh' o p
porque se quem trabalh
canta por menos cansar
eu sò descansos engeito.

Que não paresce razão
nem seria cousa idonia,
por abrandar a paixão
que cantasse em Babylo
as cantigas de Sião.
Que quãdo amuita gra
de saudade quebrante
esta vital fortaleza,
antes moura de tristeza
que por abrandala cant

Que se o fino pensament
sò na tristeza consiste,
não tenho medo ao torm
que morrer de puro trist

que mayor contentamento?
Nem na frauta cantarei
o que passo & passei ja,
nem menos o escreuerei,
porque a pena cansarà,
& eu naõ descansarei.

Que se vida taõ pequena
s'accrescẽta em terra estranha
& se amor aßi o ordena,
rezão he que canse a pena,
de escreuer pena tamanha.
Porem se pera assentar
o que sente o coraçaõ
a pena ja me cansar,
naõ canse para voar,
a memoria em Siaõ.

Terra bemauenturada,
se por algum mouimento
d'alma me fores mudada,
minha pena seja dada
a perpetuo esquecimento.
A pena deste desterro
que eu mais desejo esculpida,
em pedra, ou em duro ferro,
essa nunca seja ouuida,
em castigo de meu erro.

E se eu cantar quiser,
em Babylonia sogeito,
Hierusalem sem te ver,
a voz quando a mouer
se me congele no peito.
A minha lingoa se apegue
âs fauces, pois te perdi,
Se em quanto viuer aßi
ouuer tempo em que te negue
ou que me esqueça de ti.

Mas ò tu terra de gloria,
se eu nunca vi tua essencia,
como me lembras na ausencia?
naõ me lembras na memoria,
senaõ na reminiscencia.
Que a alma he taboa rasa,
que com a escrita doutrina
celeste, tanto imagina,

S que

que voa da propria casa
& sobe â patria diuina.

Naõ he logo a saudade
das terras onde nasceo
a carne, mas he de cèo,
daquella santa cidade,
donde esta alma descendeo.
E aquella humana figura,
que câ me pode alterar,
naõ he quem s'ha de buscar,
he rayo da fermosura,
que sò se deue de amar.

Que os olhos & a luz q̃ atea
o fogo que cà sogeita,
não do sol, mas da candea,
he sombra daquella idea
qu'em Deos està mais perfeita.
E os que cà me catiuârao
saõ poderosos efeitos,
que os corações tem sogeitos,
sophistas que m'ensinârao
maos caminhos por direitos.

Destes o mando tiranno,
me obriga com desatino,
a cantar ao som do danno
cantares de amor profano
por versos de amor diuino.
Mas eu lustrado co santo
rayo na terra de dor,
de confusoẽs & d'espanto,
como ei de cantar o canto
que sò se deue ao Senhor?

Tanto pòde o beneficio,
da graça, que dá saude,
que ordena que a vida mude,
& o que tomei por vicio
me fez grao pera a virtude.
E faz que este natural
amor, que tanto se preza
suba da sombra Real
da particular belleza,
para a belleza gêral.

Fique logo pendurada
a frauta com que tangi,

ò Hierusalem sagrada,
& tome a lyra dourada,
para sò cantar de ti.
Não catiuo & ferrolhado
na Babylonia infernal,
mas dos vicios desatado,
& cà desta ati leuado,
patria minha natural.

E se eu mais der a ceruiz
a munndanos accidentes,
duros, tyrannos, & vrgentes,
risquese quanto ja fiz,
do gran liuro dos viuentes.
E tomando ja na mão
a lyra santa & capaz,
doutra mais alta inuenção,
calese esta confusão,
cantesa a visão da paz.

Ouçame o pastor, & o Rei,
retumbe este accento santo,
mouase no mundo espanto,
que do que ja mal cantei
a palynodia ja canto.
A vos sò me quero ir,
senhor & gran capitão,
da alta torre de Syão,
à qual não posso subir
se me vos não dais a mão.

No gran dia singular
que na lyra o douto som
Hierusalem celebrar,
lembraiuos de castigar
os roins filhos de Edom.
Aquelles que tintos vão
no pobre sangue innocente,
soberbos co poder vão,
arrasayos igualmente,
conheção que humanos são.

E aquelle poder tão duro
dos effeitos com que venho,
que encendẽ alma & engenho,
que ja me entrârão o muro
do liure aluidrio que tenho.

Estes que tão furiosos
gritando vem a escallarme,
maos spiritus dannosos,
que querem como forçosos
do alicerce derrubarme.

Derrubayos, fiquem sòs,
de forças fracos, imbelles,
porque não podemos nôs
nem com elles ir a vos,
nem sem vos tirarnos delles.
Não basta minha fraqueza,
para me dar defensão,
se vos santo capitão
nesta minha fortaleza
naõ poserdes guarnição.

E tu, ô carne, que encantas
filha de Babel tão fea,
toda de miserias chea,
que mil vezes te leuantas,
contra quem te senhorea.
Beato sò pode ser
quem coa ajuda celeste
contra ti preualescer,
& te vier a fazer
o mal que lhe tu fizeste.

Quem com disciplina crua
se fere mais que hũa vez,
cuja alma de vicios nua,
faz nodoas na carne sua,
que ja a carne n'alma fez.
E beato quem tomar
seus pensamentos resentes,
& em nascendo os afogar,
por não virem a parar
em vicios graues & vrgentes.

Quem com elles logo der
na pedra do furor santo,
& batendo os desfizer,
na pedra que veo a ser
emfim cabeça do canto.
Quem logo quando imagina
nos vicios da carne mà,
os pensamentos declina,
àquella carne diuina,

que

que na cruz esteue ja.
Quem do vil contentamento
cá deste mundo visiuel
quanto ao homem for possiuel
passar logo o entendimento
para o mundo intelligiuel.

Alli achará alegria
em tudo perfeita & chea,
de taõ suaue armonia,
que nem por pouca recrea,
nem por sobeja enfastia.
Alli verà taõ profundo
mysterio na summa alteza,
que vencida a natureza
os mòres faustos do mundo
julgue por mayor baixeza.

Ô tu diuino aposento,
minha patria singular,
se sò com te imaginar
tanto sobe o entendimento,
que fara se em ti se achar?
Ditoso quem se partir
para ti, terra excellente,
tão justo, & taõ penitente,
que despois de ati subir
la descanse eternamente.

Carta a hũa dama.

Querendo escreuer hum dia,
o mal que tanto estimei,
cudando no que poria,
vi amor que me dezia
escreue, que eu notarei.

E como para se ler
naõ era hystoria pequena
a que de mĩ quis fazer,
das asas tirou a pena,
com que me fez escreuer.

E logo como a tirou
Me disse, auiua os espritos,
que pois em teu fauor sou,
esta pena que te dou
fara voar teus escrittos.

E dandome a padescer
tudo o que quis que pusesse,
pude emfim delle dizer
que me deu cõ que escreuesse
o que me deu a escreuer.

Eu qu'este engano entendi,
disselhe, Que escreuerei?
respondeo, dizendo assi,
Altos effeitos de ti,
& daquelle a quem te dei.

E ja que te manifesto
todas minhas estranhezas,
escreue pois que te prezas
milagres d'hum claro gesto,
& de quem o vio tristezas.

Ah senhora em quem se apura
a fè de meu pensamento,
escutai & estai a tento,
que com vossa fermosura
iguala amor meu tormento.

E posto que tão remota
estejais de me escutar,
por me não remedear,
ouui, que pois amor nota,
milagres são de notar.

Nota.

Escreuem varios autores,
que junto da clara fonte
do Ganges, os moradores
viuem do cheiro das flores
que nascem naquelle monte.

Se os sentidos podem dar
mantimento ao viuer,
não he logo d'espantar,
se estes viuem de cheirar,
que viua eu sò de vos ver.

Hũa aruore se conhesce,
que na geral alegria
ella sò tanto entristesce,
que como he noite floresce,
& perde as flores de dia.

Eu q̃ em veruos sinto o preço
que em vossa vista consiste,
em a vendo me entristeço,
porque sei que não mereço
a gloria de viuer triste.

Hum Rei de grande poder
com veneno foi criado,
porque sendo costumado,
não lhe pudesse empecer,
se depois lhe fosse dado.

Eu que criei de piquena
a vida a quanto padesce,
desta sorte me acontesce,
que não me faz mal a pena,
senão quando me fallesce.

Quem da doença Real
de longe enfermo se sente
por segredo natural,
fica são vendo somente
hum volatil animal.

Do mal que amor em mĩ cria,
quando aquella Fenix vejo,
são de todo ficaria,
mas ficame hydropesia,
que quanto mais, mais desejo.

Da biuora he verdadeiro
se a consorte vay buscar,
que em se querendo juntar,
deixa a peçonha primeiro,
porque lhe impede o gêrar.

Assi quando me apresento
â vossa vista inhumana,
a peçonha do tormento
deixo a parte, porque danna
tamanho contentamento.

Querendo amor sustentarse
fez hũa vontade esquiua,
d'hũa estatua namorarse,
despois por manifestarse
converteoa em molher viua.

De quem me irei queixando,

ou quem direi que m'engana,
se vou seguindo & buscando
hũa imagem que de humana
em pedra se vay tornando?

De hũa fonte se sabia,
da qual certo se prouaua
que quem sobr'ella juraua,
se falsidade dizia,
dos olhos logo cegaua.

Vos que minha liberdade
senhora tyranizais,
injustamente mandais
quando vos fallo verdade
que vos naõ possa ver mais.

Da palma se escreue & canta
ser taõ dura & taõ forçosa,
que peso naõ a quebranta,
mas antes de presunçosa,
com elle mais se leuanta.

Co peso do mal que dais,
a constancia que em mĩ vejo
não sòmente ma dobrais,
mas do brase meu desejo,
com que entaõ vos quero mais.

Se alguem os olhos quiser
às andorinhas quebrar,
logo a mãy sem se deter
hũa herua lhe vay buscar,
que lhe faz outros nascer.

Eu que os olhos tenho atento
nos vossos que estrellas são,
cegaõse os do entendimento,
mas nascemme os da razaõ,
de folgar com meu tormento.

La para onde o sol sae
Descubrimos nauegando
hum nouo rio admirando,
que o lenho que nelle cae
em pedra se vay tornando.

Naõ se espantẽ disto as gẽtes,

mais razaõ sera que espante,
hum coraçaõ taõ possante,
que com lagrimas ardentes
se conuerte em diamante.

Pòde hum mudo nadador
na linha & cana influir
tão venenoso vigor
que faz mais não se bulir
o braço do pescador.

Se começaõ de beber
deste veneno excellente,
meus olhos sem se deter,
não se sabem mais mouer
a nada que se apresente.

Isto são claros sinais
do muito que em mĩ podeis,
nem podeis desejar mais,
que se veruos desejais,
em mĩ claro vos vereis.

E quereis ver a que fim
em mĩ tanto bem se pos,
porque quis amor aßim
que por vos verdes a vos,
tambem me visseis a mĩ.

Dos males que me ordenais
que inda tenho por pequenos,
sabei se mos escutais,
que ja não sei dizer mais,
nem vos podeis saber menos.

Mas ja que a tanto tormento,
naõ se acha quem resista,
eu senhora me contento,
de terdes meu soffrimento,
por aluo de voßa vista.

Quantos contrarios consente
amor por mais padescer,
que aquella vista excellente
que me faz viuer contente
me faça tão triste ser.

Mas dou este entendimento
ao mal que tanto me offende,

como

como na vella se entende,
que se se apaga co vento,
co mesmo vento se accende.

Exprimentouse algũa hora
da aue que chamão Cámão,
que se da casa onde mora
vê adultera a senhora,
morre de pura paixaõ.

A dor he tão sem medida,
que remedio lhe não val,
mas ò ditoso animal,
que pòde perder a vida
quando vê tamanho mal.

Nos gostos de vos querer
estaua agora enleuado,
senão fora salteado,
das lembranças de temer
ser por outrem desamado.

Estas sospeitas taõ frias,
com que o pensamento sonha,
são asi como as Harpyas,
que as mais doces igoarias
vaõ conuerter em peçonha.

Fazme este mal infinito
naõ poder jamais dizer,
por naõ vir a corromper
os gostos que tenho escritto,
cos males que ey de escreuer.

Não quero que se apregoe
mal tanto para encubrir,
porq̃ em quanto aqui se ouuir
nenhũa outra cousa soe,
que a gloria de vos seruir.

Outras.

Dama d'estranho primor,
se vos for
pesada minha firmeza,
olhai não me deis tristeza,
por que a conuerto em amor.
Se cudais

de

de me matar quando vsais
de esquiuança,
irei tomar por vingança
amaruos cada vez mais.

Porem vosso pensamento
como isento,
seguir à sua tenção,
crendo que em tanta affeição
não aja accrescentamento.
Não creais
que desta arte vos façais
inuenciuel,
que amor sobre o imposiuel
amostra que pòde mais.

Mas ja da tenção que sigo
me desdigo,
que se ha tanto poder nelle
tambẽ vos podeismais qu'elle,
neste mal que vsais comigo.
Mas se for
o vosso poder mayor,
antre nos,
quem poderâ mais que vos,
se vos podeis mais que amor?

Despois que dama vos vi
entendi
que perdêra amor seu preço,
pois o fauor que lh'eu peço
vos pede elle para si.
Nem duuido
que não pòde de sentido
resistir,
pois em vez de vos ferir
ficou de vos ver ferido.

Mas pois vossa vista he tal,
em meu mal,
que posso de vos querer?
que mal poderei valer
onde o mesmo amor não val.
Se atentar,
nenhum bem posso esperar,
& oxalà
que vos alembrasse ja,
sequer para me matar.

Mas nem com isto creais
que façais

meus

meus seruiços mais pequenos,
porqu'eu quãdo espero menos
sabei que então quero mais.
Nada espero,
mas de mi crede este fero,
que em ser vosso,
vos quero tudo o que posso,
& não posso quanto quero.

Sô por esta fantesia
merescia
de meus males algum fruito,
que ainda não quero muito,
para o muito que queria.
De maneira,
que não he na derradeira
grande espanto,
que quẽ, dama, vos quer tanto
que outro tanto de vos queira.

A hũas sospeitas.

Sospeitas que me quereis,
queeu vo quero dar lugar,
que de certas me mateis,
se a causa de que nasceis
vos quisesse confessar.

Que de não lhe achar desculpa
a grande magoa passada
me tem a alma tão cansada,
que se me confessa a culpa
telaey por desculpada.

Ora vede que perigos
tem cercado o coração,
que no meo da oppressiõ,
a seus proprios enimigos
vay pedir a defensão.

Que sospeitas eu bem sei
como se claro vos visse,
que he certo o que ja cudei,
que nunca mal sospeitei,
que certo me não saisse.

Mas queria esta certeza
daquella que me atormenta,
porque

porque em tamanha estreitza,
ver que disso se contenta,
be descanso da tristeza.

Porque se esta sò verdade
me confessa limpa & nua,
de cautella & falsidade,
naõ pòde a minha vontade
desconformarse da sua.

Por segredo namorado,
be certo estar conhescido,
que o mal de ser engeitado
mais atormenta sabido,
mil vezes que sospeitado.

Mas eu sò em quem se ordena
nouo modo de querella,
de medo da dor pequena
venho achar na mayor pena
o refrigerio para ella.

Ia nas iras me inflamei,
nas vinganças nos furores,
que ja doudo imaginei,
& ja mais doudo jurei
d'arrancar dalma os amores.

Ia determinei mudarme
para outra parte com ira,
despois vim a concertarme
que era bom certificarme
no que mostraua a mintira.

mas despois ja de cansadas
as furias do imaginar,
vinha em fim a arrebentar
em lagrimas magoadas,
& bem pera magoar.

E deixandose vencer
os meus fingidos enganos,
de taõ claros desenganos,
não posso menos fazer,
que contentarme cos danos.

E pedir que me tirassem
este mal de sospeitar,

que

que me vejo atormentar,
inda que me confessassem
quanto me pòde matar.

Olhai bem se me trazeis
senhora posto no fim,
pois neste estado a que vim
para que vòs confesseis,
se dão os tratos amim.

Mas para que tudo possa
amor, que tudo encaminha,
tal justiça lhe conuinha,
porque da culpa que he vossa
venha ser a morte minha.

Iustiça tão mal olhada,
olhay com que cor se doura,
que quer no fim da jornada
que vos sejais confesseda
para queeu seja o que moura.

Pois confessainos jágora,
inda que tenho temor
que nem nesta vltima ora
me ha de perdoar amor
vossos peccados senhora.

E assi vou desesperado
porque estes são os costumes
d'amor, qu'he mal empregado
do qual vou ja condenado
ao inferno de ciumes.

Outras a hũa senhora, a quem derão pera hũa filha sua hum pedaço de cetim amarello, de quem se tinha sospeita.

SE diriuais de verdade
està palaura Sitim,
achareis sem falsidade,
que apos o si, tem o tim,
que tine em toda a cidade.

Bem vejo que me entendeis,

mas

mas porque não falle em vão,
sabei que a esta nação
muito que o Si concedeis
o Tim, logo està na mão.

E quem da fama se arreda,
que tudo vay descubrir,
deue sempre de fugir
de Sitis, porque da seda
seu natural he rugir.

Mas pano fino, & delgado
qual raxa, & outros assi,
dura, aquenta, & he calado,
amoroso, & da de si,
mais que sitim, nem borcado.

Mas estes que sedas são
com quẽ s'enganão mil damas
mais vos tomão do que dão,
prometem, mas não darão,
senaõ nodoas para as famas.

E se não me quereis crer
ou tomais outro caminho,
por exemplo o podeis ver
quando la virdes arder
a casa d'algum vezinho.

ô fiminina simpreza,
donde estão culpas a pares,
que por hum dom de nobreza,
deixão dões de natureza,
mais altos & singulares.

Hum dom q̃ anda enxertado
no nome, & nas obras não,
(fallo como exprimentado,)
que sitim desta feição
eu tenho muito cortado.

Dizemme que era amarello,
a quem assi o quis dar,
sò para me Deos vingar,
se vem â maõ amarelo,
o que eu não posso cudar.

Porque quem sabe viuer

por

por estas artes manhosas,
(isto bem pòde não ser,)
daa a mininas fermosas
sòmente polas fazer.

Quem vos isto diz senhora,
seruio nas vossas armadas
muito, mas anda ja fora,
& pòde ser que inda agora
traz abertas as frechadas.

E posto que disfauores
o tirão de seruidor,
quer vos ventura melhor,
que dos antigos amores
inda lhe fica este amor.

A hũa senhora, que estaua rezando por hũas cõtas.

PEçouos que me digais
as orações que rezastes,
se são pellos que matastes,
se por vos que assi matais?

Se são por vos, são perdidas
que qual sera a oração
que seja satisfação
senhora de tantas vidas?

Que se vedes quantos vem
a sò vida vos pedir,
como vos ha Deos de ouuir,
se vos não ouuis ninguem?

Não podeis ser perdoada
cõ mãos a matar tão prontas,
que se n'hũa trazeis contas,
na outra trazeis espada.

Se dizeis que encomendando
os que matastes andais,
se rezais por quẽ matais,
para que matais rezando?

Que se na força do orar
leuantais as mãos aos cèos,

vão as ergueis para Deos,
ergueilas para mattar.

E quando os olhos cerrais
toda enleuada na fè,
cerraõse os de quem vos vè,
pera nunca verem mais.

Pois se aßi forem trattados
os que vos vẽ quando orais
essas horas que rezais,
são as horas dos finados.

Pois logo se sois seruida,
que tantos mortos não sejão,
naõ rezeis onde vos vejaõ,
ou vede para dar vida.

Ou se quereis escusar
estes males que causastes,
resuscitai quem matastes,
naõ tereis por quem rezar.

Cõuite que Luis de Camões fez na India, a certos fidalgos, cujos nomes aqui vão.

¶ A primeira iguaria foi posta a Vasco d'Attaide, entre dous pratos, & dizia,

Se não quereis padescer
hũa ou duas horas tristes,
sabeis que aueis de fazer,
bolueros por do venistes,
que aqui não ha que comer.

E posto que aqui leais
trouinha que vos enlea,
corrido não estejais,
porque por mais que corrais
naõ eis d'alcançar a cea.

A segunda foi posta a Dõ Frãcisco Dalmeida, & dizia.

Heliogabalo zombaua

das pessoas conuidadas,
& de sorte as enganaua,
que as iguarias que daua
vinhaõ nos pratos pintadas,

Naõ temais tal trauessura,
pois ja não pòde ser noua,
que a cea està mui segura
de vos naõ vir em pintura,
mas ha de vir toda em troua.

¶ A terceira foi posta a Eitor da Sylueira, & dizia.

Cea não a papareis,
com tudo porque naõ minta,
para beber achareis.
não Caparica, mas tinta,
& mil cousas que papeis.
E vos torceis o focinho,
com esta amphibologia?
pois sabei que a Poesia
vos dà aqui tinta por vinho,
& papeis por iguaria.

A quarta foi posta a Ioão Lopez Leitão, a quem o autor mandou hũ mote, que vai adiante, sobre hũa peça de cacha, que mandou a hũa dama.

Porque os q̃ vos conuidàraõ
vosso estamago não danem,
Por justa causa ordenàraõ
se trouas vos enganâraõ,
que trouas vos desenganem.

Vos tereis isto por tacha,
conuerter tudo em trouar,
pois se me virdes zombar,
naõ cudeis senhor qu'he cacha
que aqui naõ ha cachar.

Finge que responde Ioã Lopez Leitaõ.

Pesar

Pesar ora naõ de saõ,
eu juro pello cèo bento
se de comer me naõ dão,
que eu não sou Camaleão
que m'ei de manter do vento.

Finge que responde o Autor.

Senhor não vos agasteis,
porque Deos vos prouerà,
& se mais saber quereis,
nas costas deste lereis
as iguarias que ha.

Vira o papel, que dizia assi.

Tendes nem migalha assada,
cousa nenhũa de molho,
& nada feito em empada,
& vento de tigellada,
picar no dente em remolho.

De fumo tendes tassalhos,
aues da pena que sente
quem de fome anda doente,
bocejar de vinho & dalhos,
manjar em branco excellẽte.

A quinta & derradeira, foi posta a Francisco de Mello, & dezia.

D'hum homem que teu'o cetro
da vea marauilhosa,
naõ foi cousa duuidosa,
que se lhe tornaua em metro
o que hia a dizer em prosa.

De mĩ vos quero apostar
que faça cousas mais nouas,
de quanto podeis cudar,
esta cea que he manjar,
vos faça na boca em trouas.

¶ Mote, a Ioão Lopez Leitão, sobre hũa peça de cacha q̃ elle mandou a hũa dama na India, q̃ se lhe fazia dõzella: o qual Ioão Lopez Leitão, he o que elle conuidou no banque atras.

Mote.

Se vossa dama vos dà
tudo quanto vos quisestes,
dizei para que lhe destes
o que vos ella fez ja?

Sendo os restos inuidados:
& vos de cachas mil contos,
sabeis com quam poucos põtos
que lhos achastes quebrados?
Se o que tem isso vos dà,
vos mui bem lho merescestes,
porque se a cacha lhe destes,
tinhauola feita ja.

A dona Francisca d'Aragão, mandaudandolhe esta regra que lha glosasse.

MOTE.

Mas porẽ a q̃ cuidados.

Tanto mayores tormentos
forão sempre os que sofri,
daquillo que cabe em mĩ,
que não sei que pensamentos
são os para que nasci.
Quando vejo este meu peito
a perigos arriscados,
inclinado, bem sospeito
que a cudados sou sogeito,
Mas porem a que cudados?

Outra ao mesmo.

Que vindes em mĩ buscar,
cudados, que sou catiuo?
& não tenho que vos dar?
se vindes a me matar,

ja ha muito que não viuo.
Se vindes porque me dais
tormentos desesperados,
eu que sempre soffri mais,
não digo que nāo venhais,
Mas porem a que, cudados?

Outra ao mesmo.

Se as penas que amor me deu
vem por taõ suaues meos,
naõ ha que temer receos,
que val hum cudado meu
por mil descansos alheos.
Ter n'hũs olhos taõ fermosos
os sentidos enleuados,
bem sei que em baixos estados
saõ cudados perigosos,
Mas porem ah que cudados.

¶ Carta que Luis de Camões mandou a dona Francisca de Aragaõ, com a glosa acima.

Sñora.

Deixeime enterrar no esquecimento de v. m. crendo me seria assi mais seguro: mas agora que he seruida de me tornar a resuscitar, por mostrar seus poderes, lembrolhe que hũa vida trabalhosa he menos de agradescer que hũa morte descansada. Mas se esta vida que agora de nouo me dá for para ma tornar a tomar, seruindose della, não me fica mais que desejar, que poder acertar com este mote de v.m. ao qual dei tres entendimentos, segundo as palauras delle poderaõ soffrer: se forem bõs, he o mote de v. m. se maos, saõ as glosas minhas.

Mote que lhe mandou o Visorei na India, pera lhe fazer hũas voltas.

Muito sou meu enemigo,
pois que não tiro de mi
cudados com que nasci,
que poem a vida em perigo,
oxalà que fora aßi.

Voltas proprias.

Viuer eu sendo mortal
de cudados rodeado,
paresce meu natural,
que a peçonha naõ faz mal
a quem foi nella criado.
Tanto sou meu inimigo
que por naõ tirar de mi
cudados com que nasci,
porei a vida em perigo,
oxalâ que fora aßi.

Tanto vim a accrescentar
cudados que nunca amansaõ,
em quanto a vida durar,
que canso ja de cudar
como cudados não cansaõ.
Se estes cudados que digo
dessem fim a mi, & a si,
fariaõ pazes comigo,
que por a vida em perigo,
o bom fora para mĩ.

Redondilhas mandadas ao Visorei, com o mote atras.

Conde, cujo illustre peito
meresce nome de Rei
do qual muito certo sei
que lhe fica sendo estreito
o cargo de Visorei.

Seruirdesuos de occuparme,
tanto contra meu planeta,
naõ foi senaõ asas darme
cõ as quais vou a queimarme,
como faz a borboleta.

E se eu a pena tomar
que tão mal cortada tenho.

sera

străa para celebrar
vosso valor singular,
dino de mais alto engenho.

Que se o meu vos celebrasse,
necessario me seria
os olhos d' Aguia tomaße,
para que naõ cegasse
no sol de vossa valia.

Vossos feitos sublimados,
nas armas dinos de gloria,
no mundo taõ soados,
que em vos de vosßos passados
resuscita a memoria.

Pois aquelle animo estranho,
pronto para todo effeito,
espanta todo o conceito,
tano coraçaõ tamanho
nos pòde caber no peito.

A clemencia que asserena
coraçăo taõ singular,
s'eu nisso pusesse a pena,
seria encerrar o mar
em coua muito pequena.

Bem basta senhor que agora
vos siruais de me occupar,
que aßi fareis aparar
a pena com que algũa hora
vos vereis ao cêo voar.

Aßi vos irei louuando,
vos a mũ do chaò erguendo,
ambos o mundo espantando,
vos co a espada cortando,
eu co a pena escreuendo.

Glosas do Autor.

Mote alheo.

Campos bemauenturados
tornaiuos agora tristes,
que os dias em que me vistes
alegre, ja são passados.

Glosa.

Campos cheos de prazer,
vos que estais reuerdescendo
ja me alegrei com vos ver,
agora venho a temer,
que entristeçais em me vendo.
E pois a vista alegrais,
dos olhos desesperados,
não quero que me vejais,
para que sempre sejais
Campos bemauenturados.

Porem se por accidente,
vos pesar de meu tormento
sabereis que amor consente
que tudo me descontente,
senão descontentamento.
Por isso vos aruoredos,
que ja nos meus olhos vistes
mais alegrias que medos,
se mos quereis fazer ledos,
tornaiuos agora tristes.

Ia me vistes ledo ser,
mas despois que o falso amor
tão triste me fez viuer,
ledos folgo de vos ver,
porque me dobreis a dor.
E se este gosto sobejo
de minha dor me sentistes,
julgai quanto mais desejo
as oras que vos não vejo,
Que os dias em que me vistes

O tempo que he desigual,
de seccos verdes vos tem,
porque em vosso natural
se muda o mal pera o bem,
mas o meu para mòr mal.
Se preguntais verdes prados
pellos tempos differentes,
que de amor me forão dados
tristes aqui saõ presentes,
Alegres ja saõ passados.

Mote alheo.

Trabalhos descansarião
se para vos trabalhasse,
tempos tristes passarião,
se algũa hora vos lembrasse.

Glosa propria.

Nunca o prazer se conhesce
senão depois da tormenta,
tampouco o bem permanesce,
que se o descanso floresce
logo o trabalho arrebenta.
Sempre os bẽs se lograrião,
mas os males tudo atalhão,
porem ja que assi porfiaõ,
onde descansos trabalhaõ
trabalhos descansariaõ.

Qualquer trabalho me fora
por vos gran contentamento,
nada sentira senhora,
se vira disto algum'hora
em vos hum conhescimento.
Por mal que o mal me tratasse
tudo por bem tomaria,
posto que o corpo cansasse
a alma descansaria,
se para vos trabalhasse.

Quem vossas cruezas ja
soffreo, a tudo se pos,
costumado ficarà,
& muito milhor serâ
se trabalhar para vos.
Tristezas esquecerião,
posto que mal me tratâraõ,
annos naõ me lembrarião,
que como estoutros passaraõ
tempos tristes passariaõ.

Se fosse galardoado
este trabalho tão duro,
naõ viuera magoado,
mas não o foi o passado,
como o serâ o futuro?
De cansar naõ cansaria,

se quisereis que cansasse,
Cauar, morrer, falohia,
tudo emfim me esqueceria,
se algũa hora vos lembrasse.

Mote alheo.

Triste vida se me ordena,
pois quer vossa condição
que os males q̃ dais por pena,
me fiquem por galardaõ.

Glosa propria.

Depois de sempre soffrer
senhora vossas cruezas,
a pesar de meu querer,
me quereis satisfazer
meus seruiços com tristezas.
Mas pois embalde resiste
quẽ vossa vista condena,
prestes estou pera a pena,
que de galardão tão triste
Triste vida se me ordena.

De contente do meu mal
a taõ grande estremo vim,
que consinto em minha fim,
assi que vos & mais eu,
ambos somos contra mĩ.
Mas que sofra meu torment
sem querer mais galardaõ,
naõ he fora de razão,
que queira meu soffrimento,
Pois quer vossa condiçaõ.

O mal que vos dais por bem,
esse senhora he mortal,
que o mal que dais como mal,
em muito menos se tem,
por costume natural.
Mas porem nesta vittoria,
que comigo he bem piquena,
a mayor dor me condena
a pena que dais por gloria,
Que os males q̃ dais por pena.

Que mòr bẽ me pòssa vir
que seruiruos, não o sei,

Pois

pois que mais quero eu pedir,
se quanto mais vos seruir
tanto mais vos deuerei?
Se vossos merescimentos
de taõ alta estima são,
assaz de fauor me daõ,
em querer que meus tormẽtos
Me fiquem por galardaõ.

Mote alheo.

Ia não posso ser contente,
tenho a esperança perdida,
ando perdido entre a gente,
nẽ mouro, nem tenho vida.

Glosa propria.

Depois que meu cruel fado,
destruio hũa esperança,
em que me vi leuantado,
no mal fiquei sem mudança,
& do bem desesperado.
O coraçaõ que isto sente
& sua dor não resiste,
porque vè mui claramente
que pois nasci para triste,
Ia não posso ser contente.

Por isso contentamentos
fugi de quem vos despreza,
ja fiz outros fundamentos
ja fiz senhora a tristeza
de todos meus pensamentos.
O menos que lhe entreguei
foi esta cansada vida,
cuido que nisto acertei,
porque de quanto esperei
Tenho a esperança perdida.

Acabar de me perder
fora ja muito melhor,
teuera fim esta dor,
que não podendo mòr ser,
cada vez a sinto mòr.
De vos desejo esconderme
& de mi principalmente,
onde ninguem possa verme,
q̃ pois me ganho em perderme
ando

Ando perdido antr'a gente.

Gostos de mudanças cheos,
não me busqueis, não vos q̃ro,
tenhovos por tão alheos,
que do bem que não espero,
inda me ficão receos.
Em pena tão sem medida,
em tormento tão esquiuo,
que moura ninguem duuida,
mas eu se mouro, ou se viuo,
Nem mouro, nem tenho vida.

Mote, & glosa do autor, a hũa dama que se chamaua Ana.

A morte pois que sou vosso,
Não na quero, mas se vem,
A de ser todo meu bem.

Glosa.

Amor que em meu pensamẽto
com tanta fè se fundou,
me tem dado hum regimento,
que quando vir meu tormento
me salue com cujo sou,
E cõ esta desensão,
cõ que tudo vencer posso,
diz a causa ao coração,
não tẽ em mĩ jurdição,
A morte, pois que sou vosso.

Por exprimentar hũ dia
amor sem'achaua forte,
nesta fee como dizia,
me conuidou cõ a morte,
sò por ver se a tomaria.
E como elle seja a cousa,
onde està todo meu bẽ,
respondilhe (como quẽ
quer dizer mais, & não ousa)
Não a quero, mas se vẽ,

Não disse mais porq̃ então
entendeo quanto me toca,
& se tinha dito, o não,
muitas vezes diz a boca
o que nega o coração.
Toda a cousa defendida

em

em mais estima se tem,
por isso he cousa sabida,
que perder por vos a vida
ha de ser todo meu bem.

Mote alheo.

Vejo a n'alma pintada,
quando ma pede o desejo,
a natural que não vejo.

Glosa propria.

Se sò no ver puramente
me transformei no que vi,
de vista tão excellente
mal poderei ser ausente,
em quanto o não for de mi.
Porque a alma namorada
a traz tão bem debuxada,
& a memoria tanto voa,
que se a não vejo em pessoa,
Vejo a n'alma pintada.

O desejo que se estende
ao que menos se concede
sobre vos pede & pretende,
como o doente que pede
o que mais se lhe defende.
Eu que em ausencia não vejo,
tenho piedade & pejo,
de me ver tão pobre estar,
que então não tenho que dar,
quando me pede o desejo.

Como aquelle que cegou
he cousa vista & notoria,
que a natureza ordenou
que se lhe dobre em memoria
o que em vista lhe faltou.
Assi a mi que não rejo,
os olhos ao que desejo,
na memoria & na firmeza,
me concede a natureza
a natural que não vejo.

Mote alheo.

Sem vos & com meu cudado,
olhay com quem, & sem quem.

Glosa

Glosa propria.

Vendo amor que com vos ver
mais leuemente soffria
os males que me fazia,
não me póde isto soffrer.
Conjurouse com meu fado,
hum nouo mal me ordenou,
ambos me leuão forçado
não sei onde, pois que vou
Sem vos, & com meu cudado.

Não sei qual he mais estranho
destes dous males que sigo,
se não vos ver, se comigo
leuar imigo tamanho,
O que fica & o que vem,
hum me mata, outro desejo,
com tal mal, & sem tal bem,
em tais estremos me vejo,
olhai com quem, & sem quem.

Outra sua, ao mesmo mote.

Amor cuja prouidencia
foi sempre que não errasse,
porque n'alma vos leuasse,
respeitando o mal de ausencia
quis q̃ em vos me trãsformasse.
E vendome ir maltratado,
eu & meu cudado sós,
proueo nisso d'atentado,
por não me ausentar de vos,
Sem vos, & com meu cudado.

Mas est'alma qu'eu trazia
porque vos nella morais,
deixame cego & sem guia,
que ha por melhor companhia
ficar onde vos ficais.
Aßi me vou de meu bem
onde quer a forte estrella,
sem a alma que em si vos tem,
co mal de viuer sem ella,
Olhai com quem, & sem quẽ.

Mote alheo.

Sem ventura he por demais.

Glosa.

Glosa propria.

Todo o trabalhado bem
promete gostoso frutto,
mas os trabalhos que vem
para quem dita não tem,
valem pouco, & custaõ muito.
Rompem toda a pedra dura,
faz os homẽs immortais,
o trabalho quando atura,
mas querer achar ventura
sem ventura, he por demais.

Mote alheo.

Minh'alma lembrainos della.

Glosa propria.

Pois o veruos tenho em mais
que mil vidas que me deis,
assicomo a que me dais
meu bem ja que mo negais
seus olhos naõ mos negueis.

E se a tal estado vim,
guiado de minha estrella,
quando ouuerdes dò de mĩ
minha vida dailhe a fim,
minh'alma lembrainos della.

Outro mote alheo.

Tudo pode hũa affeição.

Glosa propria.

Tem tal jurdiçaõ amor,
n'alma donde se aposenta,
& de que se faz senhor,
que a liberta & isenta
de todo o humano temor.
E com mui justa razão
como senhor soberano,
que amor naõ consente dano,
& pois me soffre tençaõ,
gritarei por desengano,
Tudo pòde hũa affeiçaõ.

Troua de Boscão.

Justa fue mi perdicion,

de

de mis malles soy contento,
ya no espero galardon,
pues vuestro merescimiento
satisfizo a mi passion.

Glosa propria.

Despues que amor me formò
todo de amor qual me veo,
en las leyes que me dio,
el mirar me consintio,
y defendiome el desseo.
Mas el alma como injusta,
en viendo tal perficion,
dio al desseo occasion,
y pues quebrè ley tan justa
Iusta fue mi perdicion.

Mostrandoseme el amor
mas benigno que cruel,
sobre tyranno traydor,
de celos de mi dolor
quiso tomar parte enel.
Yo que tan dulce tormento
no quiero dallo aunque pecco,
resisto, y no lo consiento,
mas si me lo toma a trueco,
De mis males soy contento.

Señora ved lo que ordena
este amor tan falso nuestro,
por pagar a costa agena
manda q̃ de vn mirar vuestro
haga el premio de mi pena.
Mas vos para que veais
tan engañosa tencion,
aunque muerto me sintais
no mireis, que si mirais
Ya no espero galardão.

Pues que premio (me direis)
esperas que sera bueno,
sabed si no lo sabeis,
que es lo mas delo que peno
lo menos que meresceis.
Quien haze al mal tan vfano
y tan libre al sentimiento?
el desseo? no, ques vano,
el amor? no ques tyranno,

Pue

Pues? vuestro merescimiento.

No pudiẽdo amor robarme
de mis tan charos despojos,
aunque fue por mas hõrarme,
vos sola para matarme
le prestastes vuestros ojos.
Mataronme ambos a dos,
mas a vos con mas razon
deue el la satisfacion,
que a mĩ, por el y por vos,
Satisfizo mi passion.

Trouas a hũa dama que lhe mandou pedir algũas obras suas.

Senhora se eu alcançasse
no tempo que ler quereis,
que a dita dos meus papeis
polla minha se trocasse,
& por ver
tudo o que posso escreuer
em mais breue relação,
indo eu onde elles vão,
por mĩ sò quisesseis ler.

Depois de ver hum cudado
tão contente de seu mal,
vereis o natural
do que aqui vedes pintado,
que o perfeito
amor de que sou sogeito,
vereis aspero & cruel,
aqui com tinta & papel,
em mĩ co sangue no peito.

Que hum contino imaginar,
naquillo que amor ordena,
he pena que emfim por pena
se não pòde declarar,
que se eu leuo
dentro n'alma quanto deuo,
de trasladar em papeis,
vede qual melhor lereis,
se a mĩ, se aquilo que escreuo?

A hũa Dama com quem queria audar damores.

Mote.

Minina fermosa, & crua,
bem sey eu
quem deixàra de ser seu
se vos quizereis ser sua.

Volta.

Minina mais que naydade
se para me querer bem
vos não vejo ter vontade,
l' e porque outrem vola tem
t' muola & faz vola crua,
p' orem eu
ja tomàra não ser meu
se vos não foreis tão sua.

Nos olhos & na feição
vos vi quando vos olhaua,
tanta graça que vos daua
de graça este coração,
não no quisestes de crua,
por ser meu
se outrem vos dera o seu
pòde ser foreis mais sua.

Menina tende maneira
que ainda não venha a ser
pois não quereis quẽ vos quer
q̃ queirais quẽ vos não queira
o lhay não me sejais crua
que pois eu
quero ser vosso, & não meu,
sede vos minha & não sua.

Mote a hũa dama que estaua doente.

Da doença, em que ardeis,
eu fora vossa mezinha
soo com vos ser des a minha.

He muito para notar
cura tão bem acertada:
que podereis ser curada
somente com me curar

se quereis dama trocar
ambos temos a mezinha,
eu a vossa, & vos a minha.

Olhay que não quer amor,
(porque fiquemos iguoais)
pois meu ardor não curais,
que se cure vosso ardor:
eu ca sinto a vossa dor,
& se vos sintis a minha,
day & tomay a mezinha.

Outro a outra dama q̃ estaua tãbem doente.

Deu senhora por sentença
amor que fosseis doente,
para fazerdes aa gente
doce & fermosa a doença.

Não sabendo amor curar
foy a doença fazer
fermosa para se ver,
doce para se passar,
então vendo a differença,
que ha de vos a toda a gente,
mandou que fosseis doente,
para gloria da doença.

E digovos de verdade,
que a saude anda enuejosa
por ver estar tão fermosa
em vos essa insimidade.
Naõ façaes logo detença
senhora em estar doente
porque adoecera a gente
com desejos da doença.

Que eu por ter fermosa dama
a doença que em vos vejo
vos comfesso que desejo
de cair comvosco em cama,
Se consentis que me vença
este mal, naõ ouue gente
da saude taõ contente
como eu serey da doença.

Estancias, a outra dama doente.

Olhai que dura sentença,
foi amor dar contra mĩ,
que porque em vos me perdi,
em vos me busca a doença:
claro està
que em vos sò me acharà,
que em mĩ, se me vem buscar,
não poderà mais achar
que a forma do que fui ja.

Que se em vos amor se pos,
senhora he forçado assi,
que o mal que me busca a mi,
que vos faça mal a vos,
sem mintir,
amor me quis destruir,
por modo nunca cudado,
pois vos ha de ser forçado
pesaruos de vos seruir.

Mas sois tão desconhescida,
& são meus males de sorte
que vos ameaça a morte,
porque me negais a vida,
se por boa
tal justiça se pregoa,
quando desta sorte for,
auei vos perdão d'amor,
que a parte ja vos perdoa.

Mas o que mais temo emfim,
he que nesta differença
que se não torne a doença,
se me não tornais a mĩ,
de verdade
que ja vossa humanidade
de que se queixe não tem,
pois para as almas tambem,
fez amor infirmidade.

A hũa dama que estaua vestida de dó.

De atormentado & perdido,
ja vos não peço senão

que tenhais no coração
o que tendes no vestido.

Se de dò vestida andais
por quem ja vida não tem,
porque não no aueis de quem
vos tantas vezes matais,
que brado sem ser ouuido
& nunca vejo senão
cruezas no coraçam,
& grande dò do vestido.

Outro a dona Guiomar de Blasfe, queimandose com hũa vella no rosto.

Amor que todos offende
teue senhora por gosto
que sentisse o vosso rosto
o que nas almas ascende.
Aquelle rosto que tras
o mundo todo abrasado
se foy da flama tocado,
foy porque sinta o que faz.

Bem sey que amor se lhe rende
porem o seu prosoposto
foy sentir o vosso rosto,
o que nas almas assende.

A hũa molher q̃ foy assoutada por hum homẽ que chamauam foão Coresma na India.

Não estejais agrauada
senam se foi de vos mesma,
porque a molher q̃ he errada
com rezam pella coresma
deue ser desiprinada.
Quererdes profano amor
em coresma he consciencia,
assoutes, & penitencia
vos està muito milhor.

Nam fiqueis disto afrontada

Pois a culpa he vossa mesma
que molher q̃ he tam maluada
he bem que pella coresma
seja bem desciprinada.

Se a penitencia vos val
muy bem assoutada estais
pois por coresma pagais
vossos viços do carnal.
Nam torneis a ser errada.
nem condeneis a vos mesma
pois estais ja emendada,
& nam sereis por coresma
outra vez desiprinada.

Esparsa a hum fidalgo na India que lhe tardaua cõ hũa camisa galante, que lhe pormeteo.

Quem no mundo quiser ser
auido por singular
para mais se engrandescer
ade trazer sempre o dar
nas ancas do prometer.

E ja que vossa merce
largeza tem por diuisa,
como todo mundo vè,
ha mister que tanto dè
que venha dar a camisa.

Mote a hũa dama q̃ lhe chamou diabo, por nome foã dos Anjos.

Senhora pois me chamais
tam sem rezaõ taõ mao nome,
inda o diabo vos tome.

Quem quer que vio, ou q̃ leo,
ter a por nouo, & moderno
ter quem viue no inferno
o pensamento no ceo.
Mas se a vos vos pareceo
que me estaua bem tal nome,
esse diabo vos tome.

Perdido mais que ninguem

onfesso senhora ser
mas o diabo nam quer
os Anjos tamanho bem,
pois logo nam me conuem,
u se me conuem tal nome
era pera que vos tome.

Se vos benzeis com cautella
omo Danjo, & não de luz,
al pòde fugir da Cruz
quem vos tendes posto nella
mas ja que foy minha estrella,
er diabo, & ter tal nome
uardayuos que vos nã tome.

que cheagis tanto ao cabo
om as mãos postas aos ceos,
a sempre pedindo a Deos
e vos leue este diabo,
senhora nam me gabo,
as pois que me dais tal nome
moo para que vos tome.

Mote alheo.

Caterina bem promete
era ma como ella mente.

Voltas propias.

Caterina he mais fermosa
para mim que a luz do dia
mas mais fermosa seria
se nam fosse mentirosa,
oje a vejo piadosa,
a menham tam diferente
que sempre cudo que mente.

Caterina me mentio
muitas vezes sem ter ley,
mas todas lhe perdoey
por hũa soo que cumprio,
se como me consentio
falar o mias me consenta,
nunca mais direy que mente.

Mà mintirosa maluada
dizey para que mentis,
pormeteis, & nam cumpris
pois sem cõprir tudo he nada,
nam sois bem aconselhada
que quem promete se mente
o que perde nam no sente.

Iuroume aquella cadella
de vir, pella alma que tinha,
enganoume tem a minha.
dalhe pouco de perdella,
a vida gasto a pos ella.
porque ma dâ se pormete,
mas tirama quando mente.

Tudo vos consetiria
quanto quisesseis fazer
se esse vosso pormeter
fosse pormeter hum dia,
todo então me desfaria
conuosco, & vos de contente
zombaries de quem mente.

Pormeteome ontem de vir
nunca mais apareceo,
creo que nam prometeo
senam sò por me mentir,
fazme em fim chorar, & ri
rio quando me promete,
mas choro quando me ment

Mas pois folgais de mentir
pormetendo de me ver,
eu vos deixo o pormeter
deixayme vos o comprir
a veis entam de sentir
quanto fica mais contente
o que cumpre, q̃ o que men

Labarinto do autor qu
xandose do mundo.

Corre sem vella, & sem le
o tempo desordenado
d'hum grande vento leuad
o que perigo nam teme
he de pouco esprementado.

redeas trazem na mão
que redeas nam tiuerão
ndo quanto mal fizeram
cubiça, & ambiçam
sfraçados se acolherão.
nao que se vay perder
strue mil esperanças,
ejo o mao que vem a ter
ejo perigos correr
uem não cuda q̃ ha mudãças?

Os que nũca em sella andarão
na sella postos se vem,
de fazer mal não deixaram,
de demonios habito tem
s que o justo profanarão.
Que poderà vir a ser
mal nunca refreado,
anda por serto enganado
aquelle que quer valer
euando o caminho erado.

He pera os bõs confiança
ver que os maos perualecerã,
posto que se detiueram.

com esta simulação
sempre castigos tiueram
Nam porque gouerne o leme
em mar emuolto, & turbado
que tem seu remo mudado
se merece grita, & geme
em tempo desordenado.

Terem justo galardão
& dor dos que merecerão
sempre castigos tiueram:
sem nenhũa redempção
posto que se detiueram.
Na tormenta se vier
desespere na bonança,
quem manhas nam sabe ter
sem que lhe valha gemer
vera falçar a balança,

Os que nunca trabalharam
tendo o que lhe nam conuem,
se ao innocẽte enganaram
perderão o eterno bem,
se do mal nam se apartaram.

A hũa

A hum seu amigo a quẽ não podia ecõtrar.

Mote.

Qual tera culpa de nos
neste mal que todo he meu
quando vindes não vou eu
quando vou nam vindes vos.

Reinãdo amor em dous peitos
tesse tantas falcidades,
que de conformes vontades
faz desconformes, & feitos
Igualmente viue em nos,
mas por desconcerto seu
vos leua se venho eu,
me leua se vindes vos.

Mote seu.

Descalça vay polla neue,
assi faz quem amor serue

Voltas.

Os priuilegios que os Reis
nam podẽ dar, pode amor
que faz qualquer amador
liure das humanas leis,
mortes, & guerras, crueis,
ferro frio, fogo, & neue.
tudo sofre quem o serue.

Moça fermosa despresa
todo o frio. & toda a dor
olhay quanto pòde amor
mais que a propria natureza?
medo nem delicadeza
lhe empede que passe a neue,
assi faz quem amor serue.

Por mais trabalhos que leue
a tudo se offreceria,
passa pella neue fria
mais alua que a propria neue,
com todo o frio se atreue,
vede em que fogo ferue
o triste que o amor serue?

Outro alheo.

A dor que a minha alma sente
não na sabe toda a gente.

Voltas propias.

Que estranho caso de amor,
que desejado tromento
que venho a ser auarento
das dores de minha dor
por me nam tratar pior
se se sabe, ou se se sente,
nã na digo a toda a gente.

Minha dor, & a causa della
de ninguem a ouso fiar
que seria auenturar
a perderme, ou a perdella,
& pois soo com padessella
a minha alma esta contente,
não quero q̃ o sayba a geute.

Ande no peito escondida
dentro nalma sepultada,
de mi soo seja chorada,
de ninguem seja sentida,
ou me mate, ou me de vida,
ou viua triste. ou contente
não ma sayba toda a gente,

Otro seu.

Dalma, & de quanto tiues
quero que me despojeis,
com tanto quẽ me dexeis
os olhos pera vos ver.

Volta.

Cousa este corpo nam tem
que ja não tenhais rendida
depois de tirarlhe a vida,
tiraylhe a morte tambem:
se mais tenho que perder
mais quero que me leueis,
com tanto que me deixeis
os olhos pera vos ver.

mote

Mote alheo.

Amores de hũa casada
que eu vi pollo meu mal

Voltas propias.

Nũa casada fuy por
os olhos de si senhores,
cuidey que fossem amores
elles fizerãose amor,
fasse o desejo mayor
donde o remedio nam val
em perigo de meu mal.

Nam me pareceo que amor
podesse tanto comigo
que dõde entra por amigo
se leuante por senhor,
leuame de dor em dor
& de sinal em sinal,
cada vez pera mòr mal.

Outro seu.

Enforquey minha esperança
mas amor foy tam madraço
que lhe cortou o baraço.

Voltas.

foy a esperança julgada
por sentença da ventura,
que pois me teue apindura
que fosse depindurada,
vem Cupido coa espada
cortalhe serçeo o baraço,
Cupido foste madraço.

Outro seu.

Pus o coração nos olhos
& os olhos pus no chão
por vingar o coração,

Volta.

O coraçam enuejoso
como dos olhos andaua
sempre remoques me daua
que nam era o meu mimoso
venho eu de piadoso
do senhor meu coraçam
boto os meos olhos no chaõ.

Outro seu.

Pus meus olhos n'hũa funda,
& fiz hum tiro com ella,
às grades de hũa janella.

Voltas.

Hũa dama de maluada,
tomou seus olhos na maõ,
& tiroume hũa pedrada
com elles ao coraçaõ,
armei minha funda entaõ
& pus os meus olhos nella,
trape, quebrolh'a janella.

Endechas, A hũa catiua com quẽ andaua d'amores na India, chamada Barbora.

Aquella cattiua
que me tem cattiuo,
porque nella viuo
ja não quer que viua,
eu nunca vi rosa
em suaues molhos,
que para meus olhos
fosse mais fermosa.

Nem no cêo estrellas,
nem no campo flores,
me parescem bellas,
como os meus amores,
rosto singular,
olhos sossegados,
pretos & cansados
mas naõ de mattar.

Hũa graça viua,
que nelles lhe mora,
para ser senhora
de quem he cattiua,
pretos os cabellos,
onde o pouo vaõ
perde opinião
que os louros saõ bellos.

Pretidão de amor,
taõ doce a figura,

que a neue lhe jura
que trocâra a cor.
Leda mansidaõ
que o siso a companha.
bem paresse estranha
mas barbora naõ.

Presença serena
que a tromenta amansa
nella em fim descansa
toda a minha pena.
Esta he a catiua
que me tem catiuo
& pois nella viuo
he força que viua.

Chiste.

Quem ora soubesse
onde o amor nasce
que o se me aße.

Da mor & seus danos
me fiz laurador,
semeaua amor
& colhia enganos,
naõ vi em meus annos
homẽ que apanhasse
o que semeasse.

Vi terra florida
de lindos abrolhos,
lindos para os olhos
duros para a vida
mas a Res perdida
que tal erua passe
em forte hora nasce.

Com quanto perdi,
trabalhaua em vaõ
se semeey graõ
grande dor colhy,
amor nunca vy
que muito durasse
que naõ magoasse

Alheo.

Se me leuaõ agoas
nos olhos as leuo.

propria

Propias.

Se de ſaudade
morrerey ou não
meus olhos dirão
de mim a verdade.
Por elles me atreuo
alcanſar as agoas
que moſtrem as magoas
que neſta alma leuo.

As agoas que em vão
me fazem chorar
ſe ellas ſão do mar
eſtas do mar ſão.
Por ellas releuo
todas minhas magoas
que ſe força d'agoas
me leuão, eu as leuo.

Todas me entriſteſcem,
todas ſão ſalgadas,
porem as choradas
doces me parecem.
Correy doces agoas
que ſe em vos me enleuo
não doem as magoas
que no peito leuo?

Outra alheo.

Minina dos olhos verdes
porque me não vedes?

Propias.

Elles verdes ſão
& tem por vſança
na cor eſperança
& nas obras não.
voſſa condição
não he dolhos verdes
porque me não vedes.

Inſenções a molhos
que elles dizem terdes
não ſão d'olhos verdes

nem

nem de verdes olhos,
siruo de giolhos,
& vos não me credes,
por que me não vedes?

Auião de ser
porque possa vellos,
que hũs olhos tão bellos
não se hão d'esconder,
mas fazeisme crer
que ja não são verdes,
porque me não vedes.

Verdes não o são
no que alcanço delles,
verdes são aquelles
que esperança dão,
se na condição
està serem verdes,
porque me não vedes?

Outro alheo.

Trocai o cudado
senhora comigo,
vereis o perigo
que he ser desamado.

Voltas proprias.

Se trocar desejo
o amor entre nòs,
he para que em vos
vejais o que vejo,
& sendo trocado,
este amor comigo,
servosha castigo,
terdes meu cudado.

Tendes o sentido
d'amor liure, & isento,
& cudais que he vento
ser tão mal querido,
não seja o cudado
tão vosso inimigo,
que quero o perigo
de ser desamado.

Mas nunca foi tal
este meu querer,
que quem tanto quer
queira tanto mal,

seja

seja eu mal tratado,
& nunca o castigo
vos mostre o perigo
que he ser desamado.

Outra à tençam de Miraguarda.

Ver, & mais guardar
de ver outro dia
quem o acabaria?

A lindesa vossa,
dama quem a vè
impossiuel he
que guardar se possa
se faz tanta mossa,
veruos hum soo dia
quem se guardaria?

Milhor deue ser
neste auenturar,
ver, & nam guardar
que guardar de ver,
Ver, & defender
muito bom seria,
mas quem poderia?

Alheo.

De piquena tomey amor
porque o nam entendi,
agora que o conheci
matame com disfauor.

Voltas propias.

Vio moço, & pequinino
& a mesma idade ensina
que se encline hũa minina,
as mostras de hum minino.
Ouuilhe chamar amor
pello nome me vensci,
nunca tal engano vi,
nem tamanho desamor.

Cresceume de dia em dia
com a idāde a affeição,
porque amor de criação

nalma ena vida se cria,
criose em mim este amor
& senhoreouse de mim,
agora que o conheci
matame com disfauor.

As flores me torna abrolhos,
amorte meditrimina
quem eu troxe de menina
nas meninas dos meus olhos.
desta magoa & desta dor
tenho satido em fim,
por amor me perco a mim,
porquẽ de mim perde o amor.

Parece ser caso estranho
o que amor em mim ordena,
que em jdade tão pequena
aja tormento tamanho.
Sejão milagres de amor,
ey os de sofrer assi,
ate que aja dô de mim
quem entender esta dor.

Cantiga velha.

Apartaraõse os meus olhos
de mim tão longe,
falsos amores
falsos maos enganadores.

Voltas propias.

Trataraome con cautella
por me enganar mais azinha
deilhe posse da alma minha
foraome fogir com ella.
Não ha vellos, nem ha vella
de mi tão longe,
falsos amores
falsos maos enganadores.

Entregueilhe a liberdade,
& em fim da vida o melhor
foraõse, & do desamor

fizerão necisidade,
quem teue a sua vontade
de mim tan longe
falsos amores
erão crueis matadores.

Não se pos terra nem mar
entre vos que forão em vão,
posse vossa condição,
que tão doçe he de passar
soo ella vos quis leuar
de mim tão longe
falsos amores,
& o xala que enganadores.

Outra cantiga velha.

Falso caualeiro ingrato
enganaisme:
vos dizeis que eu vos mato,
& vos mataisme.

Voltas propias.

Costumadas artes são
para enganar inocencias
piadosas aparencias
sobre yzento coração:
eu vos amo, & vos ingrato,
magoaisme,
dizendo que eu vos mato
& vos mataisme.

Vede agora qual de nos
anda mais perto do fim
que a justiça fazse em mim
& o pregão diz que sois vos
quando mais verdade trato
leuantaisme
que vos desamo & vos mato,
& vos mataisme.

Proprio.

Se de meu mal me contento,
he por que para vos vejo
em todo o mundo desejo
& em ningem merecimento.

Voltas propias.

Para quem vos soube olhar
tam imposiuel foy ser
o poderuos merecer,
como o nam vos desejar.
Pois logo a meu pensamento
nenhũ remedio lhe vejo,
se nam se der o desejo
asas ao meriscimento.

Otro alheo.

Vos senhora tudo tendes
senão q̃ tẽdes os olhos verdes.

Voltas propias.

Dotou em vos natureza
o sumo da perfeiçam,
que o que em vos he senam,
he em outras gentileza:
o verde nam se despreza,
que agora que vos o tendes,
sam bellos os olhos verdes.

Ouro & azul he a milhor
cor porque a gente se perde,
mas a graça desse verde
tira a graça a toda a cor,
fica agora sendo a flor
a cor que nos olhos tendes,
porque sam vossos, & verd

Otro mote alheo.

Para que me dan tormento
aprouechando tam poco
perdido mas no tam loco
que discubra lo que siento.

Voltas propias.

Tiempo perdido es aquel
que se passa en darme affan
pues quanto mas me lo dan
tanto menos siento del.
que descubra lo que siento:
no lo hare que no es tan poc

que no puede ser tan loco
quien tiene tal pensamiento.

Sepan que me manda amor,
que de tan dulce querella,
a nadie dè parte della,
porque la sienta mayor,
es tan dulce mi tormiento
que aun semantoja poco:
y si es mucho quedo loco
de gusto de lo que siento.

Otro mote alheo.

De vuestros ojos sentellas,
que ensienden pechos de yello,
suben por el ayre al cielo
y en llegando son estrelles.

Voltas propias.

Falsos loores os dan
que essas sentellas tan raras,
no son nel cielo mas claras,
que en los ojos donde estan,
Porque quando miro en ellas
de como alumbran al cielo
no se que seran nel cielo
mas se que a ca son estrellas.

Ni se puede presumir,
que al cielo suban señora
que la lumbre que en vos mora
no tiene mas que subir,
mas pienso que dan querellas
a Dios nel octauo cielo,
porque son a ca en el suelo,
dos tan hermosas estrellas.

Otro alheo.

De dentro tengo mi mal
que de fora no ay señal.

Voltas propias.

Mi nueua, y dulce querella,
es inuisible a la gente,
el alma sola la siente,
que el cuerpo no es dino della.

como la viua sentella
se encubre en el pedernal:
de dentro tengo mi mal.

Otro mote alheo.

Amor loco, amor loco,
yo por vos, y vos por otro.

Voltas proprias.

Diome amor tormentos dos
para que pene doblado
vno es verme desamado
otro es mansilla de vos,
ved que ordena amor en nos,
porque me vos hazeis loco,
que seais loca por otro.

Tratais amor de manera
que porque assi me tratais
quiere que pues no me amais
que amais otro q̃ no os quiera
mas con todo sino os viera
de todo loca por otro
con mas razon fuera loco.

Y tan contrario viuiendo
alfin al fin conformamos,
pues ambos a dos buscamos
lo que mas nos va huyendo
voy tras vos siempre siguiẽdo,
y vos huyendo por otro
andais loca, y me hazeis loco.

Chiste.

Irme quiero madre
aquella galera,
con el marinero
a ser marinera.

Voltas propias.

Madre si me fuere
do quiera que vò
no lo quiero yo
quel amor lo quiere,
a quel ninbo fiero
haze que me muera,
por vn marinero,
a ser marinera.

El que todo puede
madre no podrà,
pues el alma và
que el cuerpo se quede,
con el por quien muero,
voy porque no muera
que si es marinero,
serè marinera.

Es tirana ley,
del niño senhor
que por vn amor
se deseche vn Rey:
pues desta manera
quiere, yo me quiero,
por vn marinero
hazer marinera.

Disid ondas quando
vistes vos donzella,
siendo tierna y bella,
andar nauegando
mas no se espera
daquel ninho fiero,
vea yo quien quiero,
sea marinera.

Outra cantiga velha.

Saudade minha
quando vos veria?

Volta propia.

Este tempo vam,
esta vida escassa
para todos passa
soo para mim nam,
os dias se vam
sem ver este dia
quando vos veria?

Vede esta mudança
se està bem perdida,
em tam curta vida
tam longa esperança,

ſe eſte bem ſe alcança,
tudo ſofreria,
quando vos viria.

Saudoſa dor
eu bem vos entendo
mas nam me deffendo,
porque offendo amor,
ſe foſſeis mayor
em mayor valia
vos eſtimaria.

Minha ſaudade
caro penhor meu,
a quem direy eu
tamanha verdade
na minha vontade
de noite, & de dia,
ſempre vos teria.

Outra alhea.

Vida da minhalma
nam vos poſſo ver,
iſto nam he vida
para ſe ſofrer.

Voltas propias.

Quando vos eu via
eſſe bem lograua,
a vida eſtimaua,
mais então viuia,
porque vos ſeruia,
ſoo para vos ver,
ja que vos nam vejo,
para que he viuer.

Viuo ſem rezão
porque em minha dor
nam a pos amor
que enimiguos ſam
muy grande treyçam,
me obriga a fazer
que viua ſenhora
ſem vos poder ver.

nam me atreuo ja
minha tam querida,

achamarnos vida
porque a tenho mà,
ningem cuidara
que isto pode ser
sendome vos vida,
nam poder viuer.

Trouas que mandou cõ hum papel dalfenetes a hũa dama.

Esses alfinetes vam
a vos picarem nam mais,
soo porque julgueis então,
o como me picaram
os com que vos me picais.

Mas os que dessas estrellas
vem, tem pontas tam agudas,
q em que estoutros vão cõ ellas
podem vos dar picadellas,
mas os vossos dam feridas,

Assi que se bem notais,
no como ambos debatem,
nunca podem ser yguais,
que inda que estes la maltratẽ
esses ca maltratam mais.

Porem ja que amor consente
em piques tam disiguais,
onde vos sois mais valente:
eu senhora sou contente
do que vos contentar mais.

Venham os alfinetes ca,
desses olhos porque assertem
donde acerto ja nam ha,
porem os meus que vam la
soo quero que vos apertem.

E deixando o mais passado,
fazey queste papel seja
pregado, digo empregado,
porque do seu gasalhado
eu mesmo lhe tenho enueja.

E se elles em vos se pregão,
por força os ey de enuejar,
não

nam ſo porq̃ bem ſe empregaõ
mas porque ſenhora chegaõ
onde eu nam poſſo chegar.

La vam, & la ficaram
a donde continuamente
a par de ſi vos teram,
em fim la vos picaram,
eu ca picarey no dente.

Mote alheo.

Todo es poco lo poſible.

Gloſa propia.

Ved que engaños ſeñorea
nueſtro juyzio tan loco,
que por mucho que ſe crea,
todo el bien que ſe deſea
alcançado queda poco
vn bien de qual quiera grado
ſe de a verſe es impoſible,
queda mucho deſeado,
mas para mucho alcanſado,
Todo es poco lo poſsible

Otra.

Poſsible es a mi cudado
poderme hazer ſatisfecho,
ſi fuera poſible al hado
hazer no echo lo echo
y futuro lo paſſado.
Si oluido pudiera auer,
fuera remedio ſufrible
mas ya que no puede ſer
para contento me hazer,
todo es poco lo poſible.

Mote alheo.

Vede bem ſe nos meus dias
os deſgoſtos vi ſobejos,
pois tenho medo a deſejos,
& quero mal à alegrias.

Voltas propias.

Se deſejos fuy ja ter,
ſeruiran de atormentarme,
ſe algum bem pode alegrarme
quiſme

...ifme antes entriſtecer
...ſſey annos paſſey dias,
...m deſgoſtos tam ſobejos,
...ue ſoo por não ter deſejos,
...erderey mil allegria.

Mote ſeu.

Pois he mais voſſo que meu
ſenhora meu coração
eu voſſo captiuo ſam
meus olhos lembreuos eu.

Volta.

Lembreuos minha triſteza
que ja mais nunca me deixa,
lembreuos com quanta queixa
ſe queixa minha firmeza
lembrenos que nam he meu
eſte triſte coraçam,
...r pois ha tanta rezão
meus olhos lembreuos eu.

Otro mote ſeu.

Senhora pois minha vida
tendes em voſſo poder
por ſerdes della ſiruida,
não queiraes que deſtruyda
poſſa ſer

Volta.

Iſto nam por me peſar
de morrer ſe vos quiſeres,
que milhor me he a cabar
mil vezes que ſoportar
os males que me fizerdes,
mas ſoo por ſerdes ſiruida,
de mi em quanto viuer,
vos peſſo que miuha vida
não queirais que diſtruyda
poſſa ſer.

Outro ſeu a hũa dama.

Pois me faz danno olharuos
não quero por não quereruos,
que ninguem me veja veruos.

Volta.

De veruos a nam vos ver
ha dous eſtremos mortais,

E sam elles em si tais
que hum por hũ me faz morrer
mas antes quero escolher
que possa viuer sem veruos
minhalma por não perderuos.

Deste tamanho perigo,
que remedio posso ter?
se viuo soo com vos ver
se vos nam vejo perigo,
quero acabar comiguo
que ninguem me veja veruos,
senhora por nam perderuos.

Mote a tres damas que lhe diziam que o amauão.

Não sey se me engana Helena
se Maria, se Ioana,
não sey qual dellas menganã?

Volta.

Hũa diz que me quer bem,
outra jura que mo quer,
mas em jura de molher
quem crerâ, sellas não crem,
não posso não crer a Helena
a Maria, nem Ioana,
mas nã sey qual mais mẽgana

Hũa fasme juramentos
que soo meu amor estima,
a outra diz que se fina,
Ioana que bebe o veetos,
se cudo que mente Helena,
tambem mintirà Ioana,
mas quem mente não engana

Otro seu a hũa dama mal empregada.

Minina nam sey dizer
vendouos tam acabada,
quam triste estou por vos ver
fermosa, & mal empregada.

Voltas.

Quem taõ mal vos empregou

pouc

pouco de mi se dohia
pois nam vio quanto me hia
em tirarme o que tirou,
obriga o primor que tem
lindesa tam estremada,
que digam quantos a vem
fermosa, & mal empregada.

Tomastes da fermosura
quanto della desejastes,
& com ella me guardastes
para tam triste ventura,
mataueis sendo solteyra
matais agora em casada,
matais de toda a maneyra:
fermosa, & mal empregada.

Otro a hũa foã Gonçalues.

Mote.

Com vosses olhos gonçalues
senhora captiuo tendes
este meu coração mendez.

Volta.

Eu sou boa testemunha
que amor tem por cousa mâ,
que olhos que sam homẽs ja
se nomeyem sem alcunha
pois o coração apunha,
& diz olhos pois vos tendes
chamayme coraçam mendes.

Outro seu.

De que me serue fugir
de morte, dor, & perigo
se me eu leuo comigo?

Voltas.

Tenhome perssuadido
por rezão conueniente,
que não posso ser contente
pois que pude ser nacido,
anda sempre tam vnido
o meu tormento comigo
que eu mesmo sou meu perigo.

E se de mi me liurasse
nenhum gosto me seria
que nam sendo eu nam teria
mal que esse bem me tirasse,
força he logo que assi passe
ou com desgosto comigo,
ou sem gosto, & sem perigo.

Disbarates seus na India.

Este mundo es el camino
ado ay dozientos vaos
por onde roins, bons, & maos
todos somos del mirino
mas os maos são de teor
que des q̃ mudão a cor
chamão logo al Rey cõpadre
& emfim dexaldos mimadre
que sempre tem hũ sabor.

De quem torto nace tarde
se endireyta.

Deixay a hum que sea bone,
diz logo de muito sengo
villas & castilhos tengo,
todos a mi mandar sone.
então eu que estou de molho,
com alagrima no olho,
e lo virar do en vez,
digolhe tu insanus es,
& por isso não to tolho.

Pois honra & porueito
não cabẽ num saco.

Vereis hũs, que no seu seyo
cudãoque trazem Paris,
& querem con dous seitis
fender a anca pello meyo
vereis mancebinhos darte
com espada emtalabarte
não ha mais ytaliano:
e este direis meu mano
vos sois galante que farte.

Mas pan & vino anda el
camino, que no moço
garrido.

utros em cada treatro
or officio lhe o uuireis
ue se matarancontres
lo mismo haran con quatro
rezaõse de dar repostas
ompalauras bem compostas,
nas se lhe meteis a mão
a paz mostrão coração
a guerra mostrão as costas,
Porque aqui troce a porca
o rabo.

utros vejo por aqui
que seacha mal o fundo
andão emendando o mũdo,
& não se emendão a si,
stes respondem aquem
elles não entende bem
dolor que estaa secreto
as porem quem for discreto
sponderlhe ha muyto bem.
Assi entrou o mundo, assi
a de sair.

Achareis rafeyro velho
que se quer vender por galgo
diz q̃ o dinheiro he fidalgo,
que o sange todo he vermelho
selle mais alto o disera
este pellote pusera
que o seu ecco lhe responda
que su padre era de Ronda,
& su madre de ante quera.
E quer cubrir o ceo cuma
joeyra.

Fraldas largas graue aspeito
para senador Romano
ò que grandissimo engano
que momo lhe abrisse o peito,
conciencia que sobeja,
siso com que o mũdo reja
mansidão outro que si
mas que lobo esta em ti
metido empelle de o veja.
E sabem no poucos.

Guardainos d'hũs meus sñores
que a inda comprão e vendem

hũs que he serto que decendẽ,
da geraçam de pastores,
mostranse vos bõs amigos
mas se vos vem em perigos
escarrãuos nas paredes,
que de fora dormiredes,
irmão que he tempo de figos
porque de rabo de porco
nunca bom virote.

A hũa dama que lhe jurava sempre pellos seus olhos.

Quando me quer enganar
a minha bella perjura,
para mais me confirmar
o que quer sertificar,
pellos seus olhos mo jura.

Como meu contentamento
todo se rege por elles,
ymagina o pensamento
que se faz agrauo a elles,
não crer tam gram juramento

Porem como em casos tais
ando ja visto, & corrente
sem outros sertos sinais
quanto mella jura mais,
tanto mais cudo que mente.

Então vendolhe offender
hũs tais olhos como aquelles
deixo me antes tudo crer
soo pella nam constranger,
a jurar falço por elles.

Mote.

Vos teneis mi coraçon.

Glosa propia.

Mi coraçon me an robado
y amor viendo mis enojos,
me dixo fuete lleuado
por los mas hermosos ojos
que des que viuo he mirado.
gracias sobre naturales,
te lo tienen en prision,

si amor tiene razon
senhora por la senhales
vos teneis mim coraçon.

¶ Coyfa de Beirame
namorou Ioane.

Voltas proprias.

Por cousa tão pouca
andas namorado?
amas a toucado
& não quem o touca?
ando sega & louca
por ty meu Ioane
tu pello beirame

Amas o vistido
es falso amador
tu não ves que amor
se pinta dispido
cego & perdido?
andas por beirame
& eu por ty Ioane.

Se alguem te vir
que dira de ty
que deixas a mim
por cousa tão vil?
terâ bem que rir
pois amas beirame
& a mim não Ioane.

Quem ama assi
a de ser amada
ando maltratada
damores por ti
amame a mim
& deixa o beirame
que he rezão Ioane.

A todos encanta
tua paruoise
de tua doudise
gonsalo se espanta
& zonbando canta
coyfa de beirame
namorou Ioane.

Eu não sey que viste
neste meu toucado
que tão namorado
delle te sentiste
não te veja triste
amame Ioane
& deixa o beirame.

Ioane gimia
Maria choraua
assi lamentaua
o mal que sentia
Os olhos firia
& não o beirame
que matou Ioane.

Não sey de que vem
andares vistido
que o mesmo Cupido
vistido não tem
sabes de que vem
amores beirame
vem de ser Ioane.

Mote alheo.

Ha hum bẽ que chega & foge
& chamase este bem tal
ter bem para sentir mal.

Volta propia.

Quem viueo sempre num se[r]
inda que seja em pobreza
não vio o bem da riqueza
nem o mal de empobrecer
não ganhou pera perder
mas ganhou cõ vida igual
não ter bẽ nem sentir mal.

Outras a hũa dama q̃ l[he]
virou o rosto.

Olhos não vos mereci
que tenhais tal condição
tão liberais pera o chão
tão irosos pera mi.

Voltas proprias.

Bayxos & onestos andais
por vos negardes a quem
não quer mais que aquelle
que vos no chão espalhais.
Se pouco vos mereci
não me estimais mais q̃ o ch[ão]
a quem vos o galardão
dais, & mo negais a mi.

Sentenç[a]

emtenças do autor por
fim do liuro.

ay o bem fugindo
ese o mal cos annos
anse descubrindo
tempo os enganos.

mor & alegria
enos tempo dura
iste de quem fia
os bens da ventura.

em sem fundamento
m certa mudança
erto sentimento
a dor da lembrança.

uem viue contente
iua receoso
al que se não sente
e mais piriguosso.

uem males sintio
saiba ja temer
& pello que vio
julge o que a de ser.

Alegre viuia
triste viuo agora
chora a alma de dia
& de noite chora.

Confesso os enganos
do meu pensamento
bem de tantos annos
foise num momento.

Meus olhos que vistes
pois vos atreuestes
choray olhos tristes
o bem que perdestes.

A luz do sol pura
so a vos se nega
seja anoite escura
nunca a menhã chege.

O campo floreça
mormurem as agoas,
tudo me entristeça
creção minhas magoas.

Quisera mostrar
o mal que padeço
nam lhe da lugar.
quem lhe deu começo.

Em tristes cudados,
passo a triste vida.
cudados cansados.
vida aborreçida.

Nunca pude crer.
o que agora creo,
segoume o prazer
do mal que me veo.

Ah ventura minha.
como me negaste
hum soo bem que tinha:
porque mo roubaste?.

Triste fantesia
quanta cousa guarda
quem ja visse o dia
que tanto lhe tarda.

Nesta idade sega:
nada permaneçe
o que inda não chega.
ja desapareçe.

Qual quer esperança:
foge como o vento:
tudo fas mudansa.
saluo meu tromento.

Amor sego & triste:
quem o tem padeçe:
mal quem lhe resiste:
mal quem lhe obedese.

Nõ meu mal esquiuo,
sey como amor trata.
& pois nelle viuo,
nenhũ amor mata.

LAVS DEO.

TABOADA.

SONETOS.

A Alma minha gentil que te partiste, Fol. 4
Aquella triste & leda madrugada, fol. 6
Alegres campos, verdes aruoredos, fol. 10
Amor com esperança ja perdida, fol. 14
Apollo, & as noue Musas discantando, fol. 14
Apartauase Nise de Montano 15.
B Busca amor nouas artes, nouo engenho. 3
C Clara minha enemiga em cuja mão, 5
Como fezeste doce a tal ferida, 18
D Doces lembranças da passada gloria, 4
De vos me aparto ò Nymphas em tal mudança, 5
Depois de tantos dias mal gastados, 15
De tão diuino assento, & voz humana, 19
Debaixo desta pedra està metido, ibid.
Daime hũa lei senhora de querervos. 21
E Em quanto quis fortuna que tiuesse, 1
Eu cantarei de amor tão docemente. ibidem.
Em flor vos arrancou de então crescida, 3
Espanta crecer tanto o Crocodilo, 6
Em fermosa Lathea se confia, 6
Estase a Primauera trasladãdo, 7
Està o lasciuo & doce passarinho, 7
Eu me aparto de vos Nymphas do Tejo, 20

F Fermosos olhos que na idade nossa. 10
Fermosura do ceo a nos decida,. 21
G Gran tempo ha que soube da ventura, 12.
H Hum mouer d'olhos brādo & piadoso, 9.
L Lindo & subtil trançado que ficaste, 11
Lembranças saudosas se cudaes.. 14
M Males que contra mī vos conjurastes, 7
Mudase o tempo mudanse as vontades. 16.
N Num iardim adornado de verdura.. 3.
Num bosque que das nimphas se abitaua. 5.
Não passes caminhante, quem me chama. 10.
Nayadas que os rios abitaes.. 15.
O Os Reinos, & os Imperios poderosos. 5.
O fogo que na branda cera ardia.. 10.
O Cisne quando sente ser cheguada.. 12.
O como se me alongua de anno em anno. 13.
P. Passo por mens trabalhos tam isento. 2.
Pedeme o desejo dama que vos veja.. 8.
Porque quereis senhora que o fereça.. ibidem.
Pellos estremos raros que mostrou.. 12.
Pois meus olhos não cansaõ de chorar. 21
Q Que vè senhora claro, & manifesto. 4.
Quando da bella vista & doce riso.. ibidem.
Quando o Sol emcuberto vay mostrando. 8.

Quanta

Quantas veses do fuso se esquecia. 11.
Quando vejo que meu destino ordena. 15.
Quem jaz no grão Sepulchro que descreue. 17
Quem pode liure ser gintil senhora. ibidem.
Quem he este que na arpa Lusitana. 18.
Que vençais no Oriente tantos Reys. 20.
S Se quando vos perdi minha esperança. 6.
Sete annos de pastor Iacob seruia. 7.
Se tanta pena tenho merecida. 8.
Se algũa hora em vos a piedade. 13.
Se as penas com que amor tam mal me trata. 16.
T Tanto de meu estado me acho incerto. 12.
Trasformase o amador na cousa amada. 2.
Todo animal da calma repousaua. 3.
Tomoume vossa vista soberana. 9.
Tomaua Deliana por vinguança. 12.
Tempo he ja que minha confiança. 14.
V Vossos olhos senhora que competem. 21.

Canções.

A A instabilidade da fortuna. 23.
C. Com força desusada. 30.
F Fermosa & gentil dama quando vejo. 22.
I. Ia a Roxa menha clara. 25.
Iunto de hum seco fero, & esteril monte. 35.

Mandame

Mandame amor que cante docemente. 32.
S Se este meu pensamento. 28.
T Tomey a triste pena. 34.
V Vão as serenas agoas. 27.
Vinde quâ meu tam serto secretario. 38.

Sextina.

F Fogeme pouco a pouco a curta vida.

Odes.

D Detem hum pouco Musa o largo pranto. 43.
F Fermosa fera humana. 48.
N Nunca manhã suaue. 50.
S Se de meu pensamento. 46.
T Tam suaue, tam fresca, & tam fermosa. 45.

Elegias.

A Aquella de amor descomedido. 55.
O O poeta Simonides falando. 51.
O Sulmonense Ouuidio desterrado. 57.

Capitulo.

A Aquelle mouer de olhos excellente. 59.

Oitaua Rima.

C Como nos vossos hombros tam constantes. 65.

Mu

Muy alto Rey aquem os ceos en ſorte. fol. 69.
Quem pode ſer no mundo tam quieto. fol. 60.

Eglogas.

A Ao longo do ſereno. fol. 81.
A quem darei queixumes namorados fol. 108.
A ruſtica contenda deſuſadas. fol. 115.
As doçes cantilenas que cantauão. fol. 121.
Arde por gualathea branca, & loura. fol. 133.
C Cantando por hum valle docemente. fol. 100.
P Paſsado ja algum tempo que os amores. fol. 93.
Q Que grande variedade vão fazendo. fol. 71.

Taboada das redondilhas, motes, ſparſas, & gloſas.

A A morte pois que ſou voſſo. fol. 150.
Amor que todos offende. ibid.
A dor que minha alma ſente. 158.
Amores de hũa caſada. ibidem.
Aquell catiua. 159.
Apartarãoſe os meus olhos. 161.
Amor loco, amor loco. 163.
C Conde cuyo elustre peito 147.
Campos bemauenturados. 148.
Caterina bem promete 156.
Corre ſem vela, & ſem leme. 156.

Com

Com vossos olhos gonçalues.

D Dama de estranho primor. fol. 141.
Da doença en que ardeis. fol. 153.
Deu senhora por sentença. fol. 154.
De atormentado & perdido. fol. 154.
Descalça vay pola neue. fol. 157.
Dalma, & de quanto tiuer. fol. 158.
De piquena tomey amor. fol. 161.
De vuestros ojos centellas. fol. 163.
De dentro tengo mi mal. fol. 163.
De que me serue fogir. fol. 167.

E Enforquey minha esperança. fol. 158.
Esses alfinetes vão. fol. 165.
Este mundo es el camino. fol. 167.

F Falso caualeiro ingrato. fol. 162.

I Ia não posso ser contente. fol. 150.
Iusta fue mi perdicion. fol. 152.
Irme quiero madre. fol. 163.

M Mas porem aque cudados. fol. 145.
Muito sois meu enemiguo. fol. 145.
Minha alma lembraiuos della. fol. 152.
Menina fermosa & crua. fol. 153.
Menina dos olhos verdes. fol. 160.
Menina não sey dizer. fol. 166.

N Não estejaes agrauada. fol. 155.
Não sey se me engana Elena. fol. 166.
O Olhay que dura sentença. fol. 154.
P Peçouos que mediguaes. fol. 144.
Pus o coração nos olhos. fol. 158.
Pus meus olhos nũa funda. fol. 159.
Para que me dão tormentos. fol. 192.
Pois he mais vosso que meu. fol. 166.
Pois me faz dano olharuos. fol. 166.
Q Querendo escreuer hum dia. fol. 139.
Quem no mundo quizer ser. fol. 155.
Qual tera culpa de nos. fol. 157.
Quem bora soubese. fol. 159.
Quando me quer enganar. fol. 168.
S Sobre os rios que vão. fol. 135.
Sospeitas que me quereis. fol. 142.
Se deriuaes de verdade. fol. 143.
Se não quereis padecer. fol. 145.
Se vossa dama vos da. fol. 145.
Sem vos, & com meu cudado. fol. 151.
Sem ventura he por demais. fol. 151.
Senhora se eu alcançasse. fol. 153.
Senhora pois me chamais. fol. 155.
Se me leuão aguas. fol. 156.

Se de

Se de meu mal me contento. fol. 162.
Saudade minha. fol. 163.
Senhora pois minha vida. fol. 166.
T Trabalhos descansarião. fol. 149.
Triste vida se me ordena. fol. 149.
Tudo pode hũa afeição. fol. 152.
Trocay o cudado. fol. 160.
Todo es poco lo posible.
V Vejo nalma pintada. fol. 151.
Ver, & mais guardar. fol 161.
Vos senhora tudo tendes. fol. 161.
Vida da minha alma. fol. 164.
Vede bem senos meus dias. fol. 165.
Vos teneis mi coraçon. fol. 168.
Vay o bem fugindo. ibidem.

LAVS DEO.

BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA

Soneto.

Ferido sem ter cura pereçia
o forte e duro Telepho temido
por aquelle que na agoa foi metido
a quem ferro nenhu cortar podia.
Ao Appollineo oraculo pedia
conselho p. ser restituido,
respondeu q. tornasse a ser ferido
por quem o ja ferira, E sararia.
Assi (Senhora) quer minha ventura
que ferido de ver uos claramente
com uos tornar a uer Amor me Cura
Mas he tam doce vossa fermosura
que fico como hydropico doente,
que co beber lhe cresse mor secura

Soneto.

Na metade do Ceo subido ardia,
o claro Almo pastor, quando deixauão
o verde pasto as Cabras, e buscauão
a frescura suaue dagoa fria
Co a folha da aruore sombria
Do rajo ardente as aues s'emparauão,
o modulo Cantar de q' cessauão
Sô nas roucas Cigarras se sentia.
Quando Liso pastor nhum campo verde
Natercia crua Nimpha so buscaua
co mil sospiros tristes q̃ derrama
Porque te vas de quem por ti se perde
p. quem pouco te ama. (suspiraua)
Ô Ecco lhe responde, pouco te ama

Soneto

Ia a saudosa Aurora destrancaua
os seus cabellos, de ouro, delicados
E as flores nos campos esmaltados
do cristalino oualho borrifaua:
Quando o formoso gado s'espalhaua
De Siluio, E de Laurente pellos prados,
pastores ambos, E ambos apartados
De quem o mesmo Amor naõ apartaua.
Com verdad^as lagrimas Laurente
Naõ sei o Limpha (dizia) delicada.
q que naõ morre ia que viue ausente
Pois a vida sem ti naõ presta nada.
Responde Siluio, Amor naõ o consente
que offende as speranças da tornada.

Soneto

Quando de minhas magoas, a comprida
Maginação, os olhos m' adormesse,
Em sonhos aquell'alma m'aparesse
que p.ª mi foj sonho nesta uida.
La n'hũa soydade, onde astendida
a uista pello campo desfallece,
corro p.ª ella, e ella então parece
que mais de mi se alonga, compellida.
Brado, não me fujais sombra diuina
Ella cos olhos em my, c'hũ brando pejo
como que dis que ja não pode ser
torna a fugirme: e eu gritando, Dina
antes que diga Mene, acordo e uejo
que nẽ hũ breue engano posso te

Soneto

Sospiros inflamados, que Cantaes
atristeza co que Eu uiui tam ledo,
Eu mouro, E nao uos leuo, p que ei medo
que ao passar do Lethe uos percaes.
Escritos pera sempre ia ficaes
onde uos mostrarão todos co dedo
como exemplo de males q Eu Concedo
que pa auiso doutros estejais
Em quem, pois, uirdes falsas Esperanças
De Amor E da Fortuna, cuios danos
alguns teram p bemauenturanças,
Diceilhe, que os seruistes muitos annos
E que Em Fortuna tudo sao mudanças
E que Em Amor nao ha senao enganos

Soneto

Aquella fora humana, qu' enriquesse
sua presumptuosa tirania,
destas minhas entranhas, onde cria
Amor hu' mal q̃ falta quando cresce.
Se nella mostrar o ceo (como parece)
quanto mostrar ao mundo pertendia,
porque da minha vida s'injuria?
porque de minha morte s'ennobrece?
Hora enfim sublimai vossa vittoria
Senhora co' vencerme, e captivarme,
fasei dito no mundo larga historia
Que por mais q̃ uos ueja maltratarme
Ja me fico gozando desta gloria
De ver q̃ tendes tanta de matarme

Soneto

Ditoso seja aquelle que somente
Se queixa d'amorosas esquivanças
Pois por ellas naõ perde as speranças
de poder E'algum tempo ser contente
Ditoso seja quem estando absente
naõ sente mais q. apena das lembranças
porque inda q se tema de mudanças
menos se sente a dor quando se sente
Ditoso seja (emfim) qualquer estado
Onde enganos, desprezos & isensaõ
trasem o coraçaõ atormentado.
Mas triste que se sente magoado
d'erros Em que naõ pode auer perdaõ
Sem ficar n'alma amagoa do peccado

Soneto

Quem fosse acompanhando juntamente
por esses verdes campos à Avesinha
que despois de perder seu bem Ce finha
não sabe mais Ce Cousa se ser contente
Quem fosse apartandose da gente
Ella q Companheira, & q uisinha
M'aiudasse a chorar a pena minha
E eu a Ella o pezar q tanto sente.
Ditosa ave q. ao menos s'a Natura
a seu p.ro bem não da segundo
Dalhe ser triste a seu Contentamento
Mas triste quem de longe quis ventura
que p.a respirar lhe falte o vento,
E p.a tudo Em fim, lhe falte o Mun

Soneto

Culto Divinal se celebraua
No templo donde toda a Criatura
Louua o feitor diuino que a feitura
co seu sagrado sangue restauraua.
Ali Amor que o tempo me aguardaua
onde a vontade tinha mais segura.
Hua celeste e angelica figura
A vista da resaõ me salteaua.
Eu crendo que o lugar me defendia
e seu liure costume naõ sabendo
que nenhu confiado lhe fugia
Deixeime captiuar, mas ia entendo
Senhora, que por uosso me queria
do tempo que fui liure m'arrependo

Soneto

Leda serenidade deleitosa.
que representa em terra hu' paraiso
entre rubis e perlas doce riso
debaixo d'ouro e neue, cor de rosa.
Presensa moderada graciosa.
onde ensinando estaõ desejo e siso
que se pode por arte e por auiso
como por natureza ser formosa:
Falla de quem amorte e a vida pende
Rara, suaue, em fim sea uossa.
repouso nella alegre e comedido:
Estas as armas saõ com que me rende,
e me captiua Amor mas naõ q' possa
des pojarme da gloria de rendido.

Soneto (a)

Illustre e diuino Ramo dos Menezes
aos quais o prudente, e largo Ceo
(que errar não sabe) concedeo
Rompessem os Mahometicos arneses,
Despresando a fortuna e seus reueses
Ide aonde o fado uos moueo
Ergueij flamas no alto Eritreo,
E sereis noua lus aos portugeses.
Opprimi com tam duro e forte peito
o pirata insolente que se espante
E trema a trapobana e guadrosia
Dais noua causa a cor do Arabo Estreito
assi q. o roxo mar daqui e diante
o seja so co sangue de turquia

Soneto

Rezão he ja q minha confiança
Se dessa de sua falssa opinião
Mas Amor não se rege p. rezão
não posso perder logo a esperança:
A vida diz: q hua aspera mudança
não deixa viver tanto hu coração,
E eu tenho na morte a salvação
Diz: mas quem a desija não a alcança
Forçado he logo assi q espere e viva
O dura lei de Amor q não consente
quietação nhua alma q he catiua
Se hede viver em fim forçadamente
pera q quero a gloria fugitiua
D'hua esperança vam q me atormen

Soneto

No tempo q. de Amor viuer soia
nem sempre andaua ao remo ferrolhado
antes agora liure, agora atado
Em varias flamas, variamẽte ardia.
Q'ardesse Em hum so fogo não queria
O Ceo q que tiuesse exprimentado
que nem mudar as causas ao Cuidado
mudança na Ventura me faria.
E se algum pouquo tempo andaua izento
Fui como quem co pezo descansou
q tornar a cansar com mais alento
Louuado seja Amor Em meu tormẽto
pois p.ª passatempo seu tomou
Este meu tão cansado sofrimento.

Soneto

Amor he o gesto humano n'alma escreve
vivas faiscas me mostrou hum dia
donde hum puro cristal se derretia
por entre vivas rosas e alva neve.
A vista que em si mesma não s'atreve
por se certificar do que ali via
foi convertida em fonte e se fazia
cador ao sufrim.to doce, e leve.
Jura Amor he brandura d'vontade
Causa o p.º effeito: o pensamento
endoudece, se cuida he se verdade
olhai como Amor gera n'hum mom.to
de lagrimas de honesta piedade
lagrimas de immortal contentam.to

Soneto

Como quando do mar tempestuoso
o marinheiro lasso & trabalhado
d'hum naufragio cruel, ia saluo anado,
so ouuir falar nelle o faz medroso;
E iura q. em que ueja bonancoso
o uiolento mar & soçegado:
não entre nelle mais; mas uai forçado
pello muito interesse cobiçoso:
Assi, Senhora, eu que da tormenta
de uossa uista fujo por saluarme
jurando de não mais em outra uerme,
Minh'alma que de uos nunca s'ausenta
dame por preço uervos, faz tornarme
donde fugi tam perto da perderme

Soneto

Amor he hum fogo q̃ arde sem se ver
He ferida q̃ doe, E nao se sente
He hum contentamento descontente,
He dor q̃ desatina sem doer.
He hu nao querer mais q̃ bem querer
He hum andar solitario entre agente
He nunca contentarse de contente.
He hum cuidar q̃ ganha em se perder.
He querer estar preso q̃ vontade
He servir aquem vence overcedor,
He ter (com quem nos mata) lealdade
Nao sei como causar pode seu favor
Nos coracoins humanos amizade
Se tao contrario assi he omesmo Amor

Soneto

Se pena por amaruos se merece
Quem della liure está? ou quem izento?
Que alma, que rezaõ, que entendimento
Em ueruos se naõ rende, & obedece?
Que mor gloria na uida se offerece
Que occuparse em uos o pensamento?
Toda a pena cruel, todo o tormento
Em ueruos se naõ sente, mas esquece
Mas se merece pena quem amando
continuo uos está, se uos offende
o mundo matareis q̃ todo he uosso:
Em mi podeis Snhora, ir começando
quã claro se conhece & bem se entende
Amaruos quanto deuo & quanto posso

Soneto

A morte de D. Maria de Tauora.

Que leuas cruel morte? Hũ claro Dia
A que horas o tomaste? Amanhecendo.
Entendes o que leuas? naõ o entendo.
Pois quem to fas leuar? Quem o entendia
Seu corpo quem o goza? A terra fria.
Como ficou sua lus? Anoitecendo.
Lusitania q̃. dis? fica dizendo
Em fim naõ mereceo Dona Maria.
Mataste quem a uiu? Ja morto estaua.
Que dis o cru Amor? falar naõ ousa.
E quem o fes calar? minha vontade
Na corte q̃ ficou? Saudade braua.
Que fica la que uer? nenhũa cousa
Mas fica q̃ chorar sua beldade.

Soneto

Ondados fios d'ouro reluzente
que agora da mão bella recolhidos
fazeis que sua bellesa s'acrecente:
agora sobre as rosas estendidos.
Olhos que vos moveis tam doce mente
Em mil divinos rajos encendidos
Se de câ me levais alma e sentidos
Que fora se de vos não fora ausente?
Honesto riso que entre amor finesa
De perlas e coraes nasce e parece
Se n'alma em doces ecos não ouvisse
S'imaginando so tanta bellesa
De si em nova gloria a alma s'esquece
Que sera quando a vir? ah quem a visse.

Soneto

Foj ja nhum tempo doce cousa amar
Em quanto me enganaua a Esperança
O coraçaõ co esta confiança
Todo se desfasia em desejar.
O vam caduco e debil esperar,
Como se desengana hua mudança,
que quanto he mor abemauenturança
tanto menos se cree que ade durar.
Quem ia se uiu contente, e prosperado
uendose em breue tempo em pena tanta
resaõ tem de uiuer bem magoado.
Porem quem tem omundo exprimentado,
naõ omagoa apena, nem o espanta
Que mal se estranhara o costumado

Soneto

Dos Illustres antigos que deixarão
Tal nome qu'ygualou fama a memoria
ficou por luz do tempo a larga historia
dos feitos em que mais se assinalarão.
Se se com cousas destes cotejarão
mil uossas cada hua tam notoria
uencera a menor dellas a mor gloria
qu'elles em tantos annos alcançarão.
A gloria sua foj, ninguem lha tome
seguindo cada hum uarios caminhos
Estatuas leuantando no seu templo.
Vos onra portuguesa e dos coutinhos
Illustre Dom Ioão co milhor nome
a uos encheis de gloria, e a nos d'exemplo

Soneto

Conversasaõ domestica afeiçoa,
Hora em forma de boa, e saã vontade
Hora de sua amorosa piedade
Sem buscar qualidade de pessoa.
Se despois q̃ ventura vos magoa
Com desamor e pouca lealdade
Logo vos fas mentira da verdade.
O brando Amor q̃ tudo em si perdoa.
Naõ saõ isto que falo conjecturas
que o pensamento julga na apparencia.
Q̃ faser delicadas escrituras
Metido tenho a maõ na consciencia
E naõ falo senaõ verdades puras
que me ensinou a viua experiencia.

13 o Roxo

Epitaphio á sepultura de Dom Henrrique de meneses Governador da India

Esforço grande igual ao pencamento,
Pencamentos em obras diuulgados
E naõ em peito temido encerrados,
E desfeitos depois em chuua e vento:
Animo da cobiça baixa izento,
Digno por isso só d'altos estados.
Fero açoute dos nunqua bem domados
Povos, do Malabar sanguinolento.
Gentilesa de membros corporais
ornados de pudica continencia
Obra por certo rara de Natura.
Estas virtudes e outras muitas mais
Dignas todas da Homerica eloquencia
Jazem nesta lapidea sepultura

Soneto

No mundo quis hum tempo q̃ s'achasse
o bem que p. acerto ou sorte vinha;
E por esprimentar que dita tinha,
quis que a fortuna em mi s'esprimentasse
Mas porque meu destino me mostrasse
Que nem ter esperanças me conuinha,
nunca nesta tam longa uida minha
Cousa me deixou uer q̃ desejasse.
Mudando andei costume, terra, e estado
por uer se se mudaua a sorte dura,
a uida pus nas mãos de hũ leue lenho:
Mas segundo o que o Ceo me tem mostrado
Ja sei que deste meu buscar uentura
achado tenho, ia, que nao a tenho.

Soneto

Aperfeicaõ a graca, o doce geito
A prima uera chea de fresura
que sempre Em uos florese, a que a Ventura
Ea rezaõ entregaraõ este peito:
Aquelle cristalino & doce aspeito puro
que em si comprende toda a fermosura,
o resplandor dos olhos & a brandura
De que o amor a ninguem quis ter respeito:
Se isto q Em uos se uee, uer deseijais
como diano de uerse claramente,
por mais que d'Amor uos isentaes
Tradusido o uereis tam fielmente
no meio deste esperito donde estaes
que uendo uos sintaes o que elle sente

Soneto

Vos que de olhos suaves e serenos
Com iusta causa a vida catiuais
E q os outros cuidados condenais
por indiuidos baixos e pequenos
Se ainda do Amor domesticos venenos
nunqua prouastes: quero q saibais
que he tanto mais o Amor depois q ama
quanto saõ mais as causas de ser meno
E naõ cude ninguem q algũ defeito
quando na cousa amada se apresenta
possa diminuir o amor perfeito.
Antes o dobra mais: E se atormenta,
pouco e pouco o desculpa o brando peito
que Amor com seus contrarios se acrece

Soneto

Que poderei do mundo ia querer?
que naquillo em q pus tamanho Amor,
naõ uj. senaõ desgosto e desamor
e morte em fim q. mais naõ pode ser.
Pois uida me naõ farta de viuer,
pois ia sej q naõ mata grande dor
se cousa ha y q magoa dee maior
eu a uerei q tudo posso uer.
A morte ameu pezar me assegurou
De quanto mal me uinha, ia perdi
o que perder omedo m' ensinou.
Na uida desamor somentes ui,
Na morte a grande dor q. me ficou
parece q pera isto so naci.

Soneto

Pensamentos que agora nouamente
Cuidados uaõs em mi recusitais,
Diseime ainda naõ uos contentais
De terdes quem uos tem taõ descontente
Que fantesia he esta q' presente
Cad' hora ante meus olhos me mostrais
Com sonhos, e com sombras attentais
Quem nem p sonhos pode ser contente.
Veiouos pensamentos alterados
E naõ quereis d'esquiuos declararme
Que he isto q. uos traz taõ enleuados
Naõ me negueis se andais pera negarme,
Que se contra mi estais aleuantados
Eu uos ajudarei mesmo a matarme.

Soneto

Se tomar minha pena Em penitencia
Do erro em que cahio o pensam.to
naõ abranda mas dobra meu tormento,
A isto, E amais obriga a paciencia
E se ~~iste~~ hua Cor de morto na apparencia,
hum espalhar sospiros uaõs aos uento,
Em uos naõ fas inda hora, mouimento,
fique meu mal em uossa Consciencia.
E se de qualquer aspera mudança
Toda auontade izenta Amor Castiga,
(como Eu ui bem, no mal q me condena)
E se Em uos naõ se entende auer uingança
sera forçado (pois Amor m' obriga)
que eu so de uossa Culpa pague apena.

Soneto a Lucrecia

Aquella q de pura Castidade
De si mesma tomou Cruel vingança
Por sua breve & subita mudança
contraria a sua onra & qualidade:
Venceo a fermosura a honestidade,
Venceo em fim da vida a esperança
porque ficasse uma tal lembrança
tal Amor, tanta fee, tanta verdade;
De sy, da gente, & do mundo esquecida
Ferio com duro ferro o brando peito
Banhado em sangue a força do tyramo
Estranha ousadia, estranho feito
que dando morte ~~breve~~ ao corpo humano
tenha sua memoria larga vida

Soneto a Rainha Dido

Os vestidos Elisa revolvia
 que lhe Eneas deixara ę memoria,
 Doces despojos da passada gloria
 Doces quando seu fado o consentia.
Entre elles a fermosa espada via
 que instrumento foj da triste historia
 E como quem de si tinha a uitoria,
 falando so com ella, assi disia
formosa e nova espada, se ficaste
 so pera executares os enganos
 De quem te quis deixar, em minha vida,
Sabe que tu comigo te enganaste,
 que pera me tirar de tantos danos,
 sobejame a tristesa da partida.

Soneto

Ô quam caro me custa o entenderte
Molesto Amor, que so por alcançarte,
de dor em dor me tens trazido aparte
onde em ti odio e ira se converte.
Cuidei eu que para em tudo conhecerte
me nao faltasse experiencia, e arte,
agora vejo nalma acrecentarte
aquillo que era causa de perderte.
Estavas tam secreto no meu peito
que eu mesmo que te tinha, nao sabia
que me senhoreavas deste geito.
Descobriste te agora, e foj por via
que teu descobrimento e meu defeito
hum m'envergonha, e outro m'injuria

Soneto

Se despois d'esperança tão comprida ati perdida
Amor polla ventura consentisse
que ainda algum hora alegre uisse
De quantas tristes uiu tam longa uida.
Hua alma ja tão fraca e tão caida
por mais alto q asorte me subisse
Mas tenho pera mim q consentisse
alegria tam tarde consentida.
Mas tam somente Amor me nao mostrou
Hum hora em q. uiuesse alegremente
de quantas nesta uida me negou;
Mas inda tanta pena me consente
que co contentamento me negou tirou
o gosto dalgum hora ser contente

Soneto

O rayo cristalino s'estendia
Pello mundo, da aurora marchetada
Quando Elise pastora delicada
donde a uida deixaua, se partia
Dos olhos cõ que o Sol escurecia
leuando a uista Em lagrimas banhada,
De sy, do fado, do tempo, magoada:
Pondo os olhos no Ceo: assi disia.
Nace sereno Sol, puro E luzente
Resplandesca formosa, E roxa Aurora
qualquer alma alegrando descontente:
Que a minha sabe tu q. desde agora
Ja mais na uida a podes uir contente
Nem tam triste, nenhũa outra Pastora.

Soneto

A pero Moniz q morreu no mar
de Monte feliz Em Epitaphio

No mundo poucos annos, e cansados
Vivi, cheos de vil miseria dura.
foime tam cedo a luz do dia escura,
que não vi sinco lustres acabados.
Corri terras, e mares apartados
buscando à vida algũ remedio ou cura.
mas aquillo q Emfim não quer ventura,
não o alcanção trabalhos arriscados.
Criou me Portugal na verde, e chara
Patria minha Alanquer, mas ar corrupto
que neste meu terreno vaso tinha,
Me fes manjar de peixes, Em ti bruto;
Mar: que bates na Abassia fera, e avara
tão longe da ditosa patria minha.

Soneto

Que me quereis perpetuas saudades?
Com que esperança ainda m'enganais?
Que o tempo que se vaj nao torna mais
E se torna nao tornao as idades.
Rezao he ia ô annos que vos vades
porque estes tao ligeiros q. passais,
nem todos p.ª hum gosto sao iguais,
nem sempre sao conformes as vontades
Aquillo a que ia quis he tao mudado,
Que quasi he outra cousa; pois os dias
tem o primeiro gosto ia danado
Esperanças de novas alegrias
nao mas deixa a fortuna, e o tempo errado
que do contentamento sao espias.

Soneto

Verdade, Amor, rezaõ, merecimento,
qualquer Alma faraõ segura e forte
porem fortuna, caso, tempo e sorte
tem do confuso mundo o regimento.
Effeitos mil revolve o pençamento
e naõ sabe aque causas se reporte,
mas sabe q̃ o que he mais q̃ vida e morte,
que naõ o alcança humano entendimento.
Doctos varoins daraõ rezoins subidas,
mas saõ experiencias mais provadas,
e porisso he milhor ter muito visto
Cousas ha q̃ passaõ sem ser cridas,
e cousas cridas ha sem ser passadas
mas o milhor de tudo he crer em Christo.

Soneto

De Antiocho a Hyppolito

Fiouse o Coraçaõ de muito izento
dese sy cuidando mal, que tomaria
tam illicito Amor, tal ousadia,
tal modo nunca visto de tormento.
Mas os olhos pintaraõ tam attento
outros que visto tem na fantasia
qu' a resaõ temerosa do que via,
fugui deixando o Campo ao pensamento
O Hyppolito casto, que de geito
De Phedra tua madrasta foste amado,
que naõ sabia ter nenhũ respeito;
Em mŷ vingou o amor teu casto peito
Mas esta desse agrauo tam vingado
que se arependeria do que tem feito

Soneto

Quem quiser ver d'Amor sua excellencia
Onde sua finesa mais se appura
attente ond' me poem minha ventura
por ter de minha fee experiencia.
Onde lembranças matão e longa auzencia
Em temeroso mar, e gerra dura
Ali a saudade esta segura
quando mor risquo corre a paciencia
Mas ponhame fortuna, e o duro fado
Em nojo morte, dano, e perdição,
ou Em sublime e prospera ventura:
Ponhame Em fim, em alto ou baixo estado
que ate na dura morte, me acharão
na lingoa o nome, n'alma a vista pura

Vejase este soneto na ulta spa
rece ficar milhor do modo
vaj 2ª ves scritto

Soneto

Quem quiser ver d'Amor hũa excellencia
Onde sua fineza mais se appura
attente onde me poem minha ventura
q. ter de minha fee experiencia
Onde esperanças matão, longa auzensia
Em temeroso mar, Guerra dura
Alli coa saudade esta segura
onde mor risquo corre a paciencia.
Mas ponhame fortuna em triste estado
Em nojo morte, dano, e perdição
ou em outra qualquer alta ventura:
Ponhame onde quiser meu duro fado
que ate despois de morto me acharão
na lingoa o nome, e n'alma a Imagem
pura

Terceto a Dom Lionis P.ra sobre
o Liuro que P.o de Magalhais
lhe offereceo do descobri
mento da terra santa
Crus.

Despois que Magalhains teue tecida
a breue historia sua q̃ illustrasse
a terra santa Crus, pouco sabida
Imaginando a quem a dedicasse
ou com cujo fauor defenderia
seu liuro dalgum Zoilo q̃ ladrasse
Tendo nisto occupado a fantesia
lhe sobreueo hum sonno reposado
antes q̃ o sol abrisse o claro dia.
Em sonhos lhe aparesse todo armado,
Marte; brandindo a lança furiosa
com que fes quem cujo todo enfiado,
Disendo com uos pezada & espantosa:
não he justo que a outrem se offereça
nenhuã obra que possa ser formosa
senão a quem por armas resplandessa
no mundo todo com tal nome & famo
que louuor immortal sempre mereça

Isto assi dito: Apollo, q̃ da flama
Celeste guia os Carros, d'outra parte
se lhe apresenta, E por seu nome o cham
Dizendo: Magalhains, posto q̃ Marte
com seu terror te espante, todauia
Comigo deues só de aconselharte.
Alum varaõ sapiente, E quem Italia
por seus thesouros E eu minha sciencia
defender tuas obras poderia.
He Justo q̃ a soberba na prudencia
ache sua defensaõ, porque a duresa
das armas he contraria da Eloquencia;
Assi dise: E tocando com destresa
a Cythara dourada començou
de mitigar de Marte a fortalesa
Mas Mercurio q̃ sempre costumou
a desfazer porfias duuidosas
co Caduceo namaõ q̃ sempre usou
Detrimina compor as perigosas
Opinioins dos Deoses inimigos
com resoins boas, iustas, E amorosas;
E dise: bem sabemos dos antigos
Heroes, E dos modernos q̃ prouaraõ
de Bellona os grauissimos perigos

Que tambem muitas uezes aiuntaraõ
Aas armas Eloquencia porque as Musas
mil Capitains nas gerras acompanharaõ
Nunca Alexandre, ou Cesar nas confusas;
gerras deixaraõ o estudo humbreue espaço
nem armas da sciencia saõ escusas
Hũa mao liuros noutra ferro, & aço
A hũa rege, & ensina, a outra fere,
mais co saber se uence, que co braço:
Pois logo uaraõ grande, se requere
que com teus does Apollo illustre seja
E de ti Marte Palma, & gloria espere.
Este uos darei Eu, Em quem se ueja
saber, & esforço no sereno peito
que he D. Dionis que fas a o mundo inueja.
Este as bimãs Em uendo o bem sugeito
todas noue nos braços o tomaraõ
criandoo co seu leite, no seu leito.
As artes, & sciencia lhe ensinaraõ,
inclinaçaõ diuina lhe influiraõ
as uirtudes morais que logo o ornaraõ.
Daqui os exercicios o seguiraõ
dos armas do oriente, onde espanto
teu soldado gentil instituiraõ

Ali taes prouas fes de Caualeiro
que de Christão magnanimo, & seguro,
assi mesmo venceo por derradeiro.
Depois ia Capitão forte & maduro
gouernando toda a aurea Chersoneso
lhe defendeo cobrado o debil muro.
Porque vindo a cerqualla todo o peso
do poder dos Athenienses q. se sostenta
do sangue alheo, em perja todo aceso,
Este so que a ti Marte representa
o castigou de sorte q. o vencido
de ter quem fique viuo se contenta.
Pois tanto bem o estado Reino defendido;
deixou; segunda ves com maior gloria
p.ª o vir gouernar foj elegido.
E não perdendo inda da memoria
os amigos o seu gouerno brando
os imigos o dano da vittoria;
Suns com amor intrinseco, esperando
estão por elle; & os outros congelados
o vão (com temor frio) receando,
Pois vede se serão desbaratados
de todo por seu braço de tornarse:
E los mares da India degradados

Porque he justo q nunca lhe negasse.
O Conselho do Olympo alto e subido
fauor, e ajuda com q peleijasse.
Pois aqui certo esta bem dirigido
De Magalhains o liuro, este so deue
De ser de uos ó Deoses, escolhido.
Isto Mercurio disse: e logo em breue
se confirmarão nisto Appollo e Marte
e uoou juntamente o Throno leue.
Acorda Magalhainis, e ja te parte
a uos offereser o teu famoso
tido o teu nelle por sciencia e arte.
Tem claro estillo, engenho curioso
pera poder de uos ser resebido.
com mão benigna d'animo amoroso
Porque so de não ser fauoresido
hum claro spirito, fica baixo e escuro:
pois seja elle com uosco defendido
Como o foi de Malaca o forte muro

Do mesmo A. ao ssprio D. Lionis
a cerqua da Vitoria q ouue,
Contra El-Rei do Achem e
Malaca.

Soneto.

Vos Nimphas da Gangetica espessura
Cantaj suauemente, em vos sonora
hum grande Capitaõ q. a Roxa Aurora
dos filhos defendeo da noite escura.
Aiuntouse a Caterua negra, e dura
que na aurea Chersoneso afoita mora,
pera lançar do charo ninho fora
aquelles q. mais podem q. a ventura.
Mas hum forte Leam com pouca gente
a multidaõ tam fera, como nesia,
destruindo castiga: e torna fraca
Pois ô Nimphas Cantaj, q claramente,
mais do q. Leonidas fes em Grecia
o nobre Lionis fes em Malaca.

Ode a D. Fr.ca d'aragam

Pode hum desejo tanto immenso
arder no peito tanto
qu'abranda, e auiua alma, e fogo interno
lhe gasta as nodoas do terreno manto:
e purifica em tanta altesa o Sprito
Com olhos immortais,
que fas q lea mais do que vee scripto.
Que aflama e se ascende
alto tanto alumia
que s'onobre desejo ao bem s'estende
que nunca viu, ia sente o claro dia.
e la vee, do que busca o natural,
a graca auiua cor
noutra specie milhor, que corporal.
Pois vos o claro exemplo.
diuina formosura
que de tao longe ja noto, e contemplo
n'alma qu'este desejo sobe, e appura,
nao creais q. nao vejo aquella imagem
que as gentes nunca vem,
Se de humanos nao tem m.ta ventagem

Que se os olhos absentes
nao vem a compassada, e
proporcao, e das cores excellentes
de pureza, e vergonha variada
da qual a poesia ja cantou
a ti, e so pinturas
com mortaes formosuras igualou:

Se nao vem os cabellos
que o vulgo chama d'ouro,
e se nao vem os claros bellos olhos
de quem cantam, e sao do sol thesouro;
e se nao vem do rosto as excellencias,
a quem dirao que deve
rosa, crystal, e neve as apparencias.

Vem logo a graca pura
a luz alta, e serena
que he raio da diuina formosura
qu' a alma imprime, e fora reuerbera
assi como crystal do sol ferido
que por fora derrama
a recebida flama, esclaresido

e vem

Vuem agrauidade
com aniua alegria
que misturada tem, degualidade
que hua da outra nunca se desuia
nem deixa hua de ser arreceada
por leda & por suaue,
nem outra por ser graue, muito amada.
Vuem do honesto siso
os altos resplandores
temperados cõ doce, e alegre riso
a cujo riso no campo abrem as flores:
as palauras discretas, e suaues
das quais o mouimento
fara deter o vento, e altas aues.
Dos olhos o uirar
(que torna tudo raso)
do qual não sabe o engenho diuisar
se foi q artificio. ou feito acaso:
da presensa os meneos, e a postura
o andar e o mouerse
donde pode aprenderse formosura.

Aquelle

Aquelle nao sei que
que aspira nao sei como
que inuisiuel saindo, a uista o vee
mas pera o comprehender, nao lh' acho tomo,
o qual toda a toscana poesia
que mais Phebo restaura
em Beatriz, nem em Laura nunqua uia.

Em uos a nossa idade
senhora, o pode uer,
s' engenho sciencia, e abilidade
igual a fermosura uossa der:
eu a ui no meu longo apartamento
qual em presensa a uejo.
tais azas da o desejo ao pensamento.

Pois s' o desejo affina
hua alma acesa tanto
que por uos use as partes da diuina,
por uos leuantarei nao uisto canto,
que o Bethis ~~[illegible]~~ m' ouca e o Tigris m' leuante
que o nosso dourado tejo
em uolto hum pouco o uejo, e dissonante.

Camões

O campo não o esmaltão
flores, mas sô abrolhos
o fasem feo, e cuido que lhe faltão
ouuidos pera mim: pera uos olhos:
mas faça o q̃ quiser o uil costume,
que o Sol que em uos està
na escuridão darà; mais claro lume.

Ode a D. Manoel Portugal.

A quem darão de Pindo as moradoras
tão doutas, como bellas,
florescentes capellas
de triumphante louro ou myrto uerde
da gloriosa palma q̃ não perde
a presunção sublime,
nem p̃ força de peso algũ s'opprime?

A quem trarão na fralda
rosas a roxa Cloris
conchas a branca Doris,
estas flores do mar, da terra aquellas
argenteas, ruiuas, brancas, e amarelas
com danças, e choreas
De fermosas Nereidas, e Napeas?

A quem

A quem farão os hymnos, odes, cantos
Em thebas Amphion,
Em lesbos Arion
Senão a vos, porquem restituida
Se vee da poesia ja perdida
a honra, e a gloria igual.
Snor Dom Manoel de Portugal.

Imitando os spiritos ja passados
gentis, altos, reais,
honra benigna dais
A meu tam baixo, quã rudo engenho:
Q Mecenas a vos celebro, e tenho,
E sacro o nome vosso
farei; se algũa cousa em verso posso.

O rudo canto meu, que resuscita
as onras sepultadas,
as palmas ja passadas
dos bellicosos nossos Lusitanos,
para thesouro dos futuros annos
com vosco se defenda
da Lei lethea, â qual tudo se rende.

Ha.

Na nossa aruore ornada d'honra e gloria
achou tronquo excellente
A era florescente
para a minha, ate qui de baixa ~~gente~~ estima
naqual para trepar s'encosta e arrima
e nella subireis
tam alto quanto os ramos estendeis.

Sempre forao engenhos peregrinos
Da fortuna enuejados:
que quantos leuantados
por hum braco das azas sao da fama,
tanto por outra (a sorte qu'os desama)
co pezo e gravidade
os opprime da uil necessidade.

Mas altos coracoins dinos d'imperio
que uencem a fortuna
forao sempre coluna
de sciencia gentil: Octauiano,
Scipiao, Alexandre, e ~~Justiniano~~ Gratiano
que uemos immortaes
e uos que o nosso seculo dourais

Pois

Epois logo em quanto a Cythara sonora
se estimar pello mundo
com som docto e iocundo
e em quanto produsir o Tejo, e o douro
peitos de Marte, Phebo tersso e Louro
tereis gloria immortal.
Senhor D. manoel de Portugal.

Ode a Dom francisco Coutinho sobre o livro que compos o Doutor orta de simplicibus.

Daquelle unico exemplo
de fortalesa heroica, e ousadia,
que mereceo no templo
da fama aeterna, ter perpetuo dia
o grão filho de Thetis que des annos
flagello foi dos miseros troianos

Nao menos que ensinado
foy nas cruas, e medica pollicia
que destro e costumado
no soberbo exercisio da milicia:
assi que as maos que a tantos morte deraõ
tambem a muitos vida dar puderaõ

E naõ se desprezou
aquelle fero e indomito mancebo
das artes que ensinou
para o languido corpo, o intenso Phebo:
que se o timido Hector matar podia
tambem chagas mortais curar sabia

Tais artes aprendeo
do semiuiro mestre, e douto velho,
onde tanto cresceo
em virtude, sciencia e em conselho
que Thelepho por elle vulnerado
so delle pode ser depois curado.

Pois

Pois a vos Illustri ô excelente
e Illustrissimo Conde do Ceo dado
pera fazer presente
de altos heroes o tempo passado,
em quem bem trasladada esta a memoria
De vossos ascendentes onra e gloria.

Posto que o pensamento
occupado tenhais na guerra infesta,
ou cô sanguinolento
Taprobano, ou Achem que o mar molesta,
ou cô Cambajo occulto imigo nosso
que qualquer delles teme o nome vosso.

Favorecei a antiga
sciencia que ja Achiles estimou
olhai que vos obriga
verdes que em vosso tempo arrebentou
o fruto daquella orta onde florescem
Plantas novas, que os doutos não conhecem.

Olhai que em vossos annos
produsem hũa orta varias ervas
nos campos Indianos,
as quais aquellas doctas, e protervas
Medea e Circe nunca conhecerão
posto que a lei da Magica excederão

Vuede Carregado
D'annos, se tras a uossa experiencia
hum uelho que ensinado
das Gargetteas musas na sciencia
Pode a lyra sutil, e arte sylvestre
uencer o uelho Achyron, de Achylles mestre

O qual esta pedindo
uosso fauor e ainda ao grão uolume
que impresso a luz saindo
dara de medicina hu' uiuo lume
e descobrirnos a segredos certos
a todos os antigos encubertos

Assi Ss. nao podeis
Negar (como uos pede) benigna aura,
que se muito ualeis
na sanguinosa guerra, indigna e Maura,
ajudai quem ajuda contra a Morte,
sereis semelhante, ao grego forte.

Ode Da breuidade
Da uida.

Ode da breuidade da vida

Fogem as neues frias
Dos altos montes ia reuerdecem
As aruores sombrias,
As uerdes eruas crecem
e o prado ameno de mil cores tecem.

Zephiro brando aspira.
Suas setas Amor afia agora,
Progne triste suspira,
e philomela chora,
o Ceo da fresca terra se namora.

Vaj venus Cytharea
com os coros das Nimphas rodeada
A linda Panopea
despida e delicada
co as duas irmãs acompanhada.

Em quanto as officinas
os Ciclopes Vulcano esta queimando
vão colhendo boninas
as Nimphas, e cantando
A terra co ligeiro pée tocando.

Dece do duro monte
Diana ia cançada d'espessura
buscando a clara fonte
onde por sorte dura.
perdeo Acteon a natural figura.

Ode de obscuridade. Salvada

(a)

Assi se vaj passando
a verde primavera e seco estio
tras elle vem chegando
Depois o inverno frio,
que tambem passara por certo fio

Ir-se-a embranquecendo
com frigida neve, o seco Monte
e Jupiter chovendo
turbara a clara fonte
temera o marinheiro o oritonte.

Porque em fim tudo passa
naõ sabe o tempo ter firmesa em nada
e nossa vida escassa
foge taõ apressada,
que quando se começa he acabada

Que foraõ dos troianos
~~naõ sabe o tempo ter firmesa em nada~~
Heitor temido Eneas piedoso?
consumiraõ-te os annos.
ò Creso taõ famoso
Sem te valer teu ouro precioso

Todo o Contentamento
crias que estava em ter thesouro de fano:
o falso pencamento
qu' a custa de teu damno
do docto Solon cortes o desengano

O bem qu' aqui s' alcança
não dura por possante, nẽ por forte,
qu' a bemaventurança
duravel d' outra sorte
se ha de alcançar da vida pera a morte

Porqu' emfim nada basta
contra o terribel fim da noite eterna
nem pode a Deosa casta
tornar se a luz superna
Hypolito da escura noite averna

Nem Theseo esforçado
com manha, nem cõ força rigurosa
livrar póde o ousado
Pirithoo da espantosa
prisão Lethea, escura e tenebrosa

Que contra Amor não val
peito forte, nẽ sabẽ

Aquelle moço fero
na Pelitronio cova doutrinado
do centauro severo
cujo peito esforçado
com tutanos de tigres foi criado

Na agoa fatal menino
o laua a mai presaga do futuro.
para que o ferro frio
naõ passe o peito duro
que de si mesmo assi so tem por muro

A carne lhe endurece
que ser naõ possa d'armas offendida
cega q. naõ conhece
qu' pode auer ferida
n'alma que menos doe perder a uida

Por onde o braço irado
dos troianos passaua arnes, e escudo
ali s'uiu passado
d'aquelle ferro agudo
o menino que em todos pode tudo

Ali s'uiu ~~passado~~ catiuo
da Cattiua gentil que serue, e adora
ali s'uiu, qu' uiuo
em uiuo fogo mora
porqu' de seu amor seja senhora.

Ja toma a branda lyra
na mão qu' a dura Pallas meneara
ali canta, e suspira
naõ como lhe ensinara
o uelho. mas conforme que o cegara

Pois logo quem culpado
Sera se de pequeno;
foi logo a seu cuidado
no berço instituindo
a naõ poder deixar de ser ferido

Quem logo quem fraco infante
d'outro mais poderoso foi sogeito,
que para cego amante
foi de principio feito
com lagrimas banhando o brando peito

S'agora foi ferido
da penetrante seta, e força d'erua
e s'Amor he seruido,
que seruá a linda serua
para o que minha estrella me reserua:

O gesto bem talhado
airoso no meneo, e na postura
o rosto dilicado
que na uista e figura
por arte nos ensina a fermosura

[C]omo pode deixar
de catiuar quem tenha entendimento
que quem naõ penetrar
hum doce gesto atento,
naõ lhe ha nenhum louuar ou uir contento.

gres

Qu' aquelles caros peitos
ornou d' altas sciencias o de[s]tino,
esses forão soggeitos
ao cego, e vão menino,
arrebatados do furor diuino

O primeiro Hebreo
que mais que todos soube, mais amou;
tanto qu' a Deos alheo
falsso sacrificou;
se muito soube, e teue, muito errou.

Logo o sabio qu' ensina
passeando os segredos da sophia
À baixa concubina
do uil Eunucho Hermia
Aras ergueo qu' aos Deoses sò deuia.

Aras ergue a quem ama
o philosopho insigne namorado
dandolhe a perpetua fama
e grita, que culpado
e da lesa diuindade, se accasado.

Ia foge donde habita
la paga a culpa enorme, co desterro;
mas ô grande desdita
bem mostra tamanho erro
que doctos coracoins nao sao di ferro

Antes n'altiua Monte
no sotil Sangue e engenho mais perfeito
he mais conueniente,
e conforme sogeito
onde se imprima brando e doce effeito

Mote do Autor

Venceome Amor nao o nego
tem mais força que eu assas
que como he cego e rapas
dame porrada de cego.

Volta.

So porqu' se rapas vim
deilhe hua sombassombando
disme; ô mao estais me dando
porque sois maior que mim?
pois se uos eu descarrego;
e em dizendo isto chas;
torname outra: Tê rapas
que das porrada de cego.

alheo

Verdes sao os Campos
de cor de limao,
assi sao os olhos,
do meu coração

Voltas suas

Campo que te estendes
cõ verdura bella,
ovelhas que nella
vosso pasto tendes
d'hervas vos mantendes
que traz o verão
e cudas lembranças
do meu Coração

~~Alheo~~

Gado que passeis
com contentamento,
vosso mantimento
não o entendeis:
isso que comeis
não são hervas não:
são graças dos olhos
do meu Coração

Alheo

Verdes são as hortas
com rosas e flores,
moças, qu'as regão
matão me d'amores

Voltas suas

Entre estes penedos
que daqui parecem
verdes hervas crecem
altos arvoredos

1

Vai destes ‹…›

agoa, co' qu'as flores

d'outres, saõ regadas

que mataõ d'amores

2

Coa agoa que sai

daquella spessura

que dos olhos vai:

toda iunta vai

regar branca flores

ond' ha outros olhos

que mataõ d'amores

Mote do A.

Se Helena apartare

do campo seus olhos

naceraõ abrolhos

voltas

A verdura amena

gados, que passeis

sabei que adeveis

aos olhos d'helena.

os ventos serena,

fas flores d'abrolhos

ô ar de seus olhos

fas

fas serras floridas,

fas claras as fontes:

s'isto fas nos montes

que fara nas vidas!

tralas sorpendidas

como herguas, s'mmol‹…›

nos raios dos olhos –

os coracoins prende

cõ graca inhumana

de cada pestana

hua alma lhe pende.

Amor se lhe rende

e posto em giolhos

lhe atrea seus olhos

3.

Celestes jardins,

as flores estrellas,

horteloas dellas

saõ huns seraphins

rosas e iasmins

de diversas cores

Anjos qu'as regaõ

mataime d'amores

Esparsa sua as des
concerto do mundo

Os bons vi sempre passar
no mundo graues tormentos
e para mais m'espantar,
os maos vi sempre nadar
em mar de contentamentos.
Cuidando alcançar assim
o bem tão mal ordenado,
fui mao, mas fui castigado:
assi que so para mi
anda o mundo concertado.

Esparsa a hũa dama
que lhe deu hũa pena

Na alma onde pençamento
por uosso me manifesto,
não me peza do que sinto
que se não sofrer tormento
faço ofença a uosso gesto.
E pois quanto Amor ordena,
a quanto esta alma ~~ordena~~ deseja
tudo á morte me condena,
não quero senão que seja
tudo pena pena, pena.

Esparsa a hũa dama
que lhe chamou
cara sem olhos

Sem olhos vi o mal claro
que dos olhos se seguio:
pois cara sem olhos vio
olhos que lhe custão caro
de olhos não faço menção
pois quereis que olhos não se[jão]
vendouos: olhos sobejão,
não uos uendo, olhos não [...]

A hũa dama pergun
tandolhe quem
o mataua.

Mote

Pergunta ismé quem mata
não quero responder nada
por uos não fazer culpada.

Volta

Desta pena não me atiça
dizer pena tão forte
queromo entregar á morte
antes que a uos á Iustiça
porem se tendes cobiça
de uos uerdes tão culpada,
direi que não sinto nada

Mote

E's comuidóte domingas
pois me das tanto cudado
que me digas se te uingas
uiuires menos penado

Voltas

Juraua-sme q outras cabras
folgauas d'apassentar
Vole nas me magoar,
fingia q eras palauras.
Agora d'arte te uingas
dalgum meu doudo peccado
que inda ls quiras domigas
nas posso ser enganado

Qualquer cousa busca o seu
a fonte uaj para o tejo,
e he para o teu desejo,
la te uingares do meu.
de mj te esqueçes domingas
com'eu faço do meu gado
praza a D.s que se te uingas
que moura desesperado

Na fantesia te pinto,
falote, responde o monte
busco

Busco o rio busco a fonte
endoudeco, e nas o sinto
Domingas no brado,
respondy, o Zeco domingas
e lhe inda te nas uingas
de me uer doudo tornado

Mote

S'alma uerse nas podera
onde penceam os ferem
q farej para me querem

Voltas suas

Na alma hua so ferida
fas na uida mil sinais,
tanto se desecobre mais
quanto se mais escondida
se estados tas conhecida
me nas uem q nas quem
q farei p.a me crerem.

Se se pudesse bem uer
quanto callo, e q sento
despois de tanto torm.to
cuidarea alegre ser
mas nas me querem crer
olhos ls tas mal me forem
q farei p.a me crerem

Alheo

Vosso bem querer tẽa
uosso mal melhor me fora

Voltas suas

Ja agora certo conheço
ser milhor todo o ruim
ond' o arrependimento
se compra p° iusto preço
engaroum' hu' bem começo
mas o fim me dis agora
que o mal milhor m' fora

Quando hum bem he tão danoso
que sendo bem da cuidado,
o dano fica obrigado
a ser menos perigoso
mas se a mi p° deditoso
co bem me foj mal tẽa
co uosso mal bem me fora

Alheo

Se me desta terra for
eu uos leuarei Amor

Voltas suas

Se me for, e uos deixar
porque p° Caso que possa
Esta alma minha q̃ he uossa
com uosso m' ade ficar
assi que so por leuar
a minh' alma se me for
uos leuarej meu Amor

Que mal pode maltratar
que com uosco será mal
ou que bem pode ser tal
que sem uos possa alegrarme
o mal não pode enojarme
o bem me sera maior
se uos leuar meu Amor

Alheo

Pequenos contentamentos
Ei buscar quem contente
qu' a mi não me conheceis

Voltas do A.

os gostos q̃ tantas doueis
Fisestes de ualer menos
não os aceita pequenos
quem nunca teue maiores
bem parece uão fauores
pois tão tarde me quereis
q̃ inda me não conheceis

ffereceisme alegria
tendome ia sego e mongue
he baixesa aceitare porque
quem tanto vos meresse
devos que outra via
pois o bem que me ~~quereis~~ deveis
nunca mo satisfareis

Alheo

Perdigão perdeu apena
não ha mal que lhe não
venha

voltas suas

Perdigão que o pencamento
sobio em alto lugar
perde apena de voar
ganha a perda do tromento
não tem no ar nem no vento
asas com que se sostenha
não ha mal que lhe não venha

Quis voar a hũa alta torre
mas achouse desazado
e vendosse depenado
depuro penado morre
se

Se aquixumes socorre
lança no fogo mais lenha
não ha mal que lhe não venha

Alheo

Menina formosa
dizei de que vem
sordes rigurosa
a quem vos quer bem

voltas do A.

Não sei quem assella
vossa formosura
que quem he tão dura
não pode ser bella
vos sereis formosa
mas a resão tem
que quem he viosa
não parece bem

A mostra he de bella
as obras são cruas
pois qual destas duas
ficara na sella
se ficar viosa
Não

Naõ vos esta bem
fique antes formosa
que mais força tem

O amor formoso
s'pinta, e s'chama
s'he amor, ama
s'ama, he piedoso.
dis agora a grossa
qu' este texto tem
que quem he formosa
A de querer bem

Avei dô Minina
dessa formosura
que s' aterra he dura
se casse abonina
se de piedosa
naõ veja ninguem
que pq rigurosa
percaes tanto bem

Alheo

Tende me maõ nelle
que hum real m' deve

Voltas do A.

Com hu' real d' amor
e dous de confiança
e tres d' esperança
me foge o tredor
falsso des amor
s' encerra naquelle
q' hum real me deve.

Pedi-me empechado
naõ lhe quis penhor,
he maõ pagador
tendemo afferrado
co' hum cordel atado
ao tronquo se leve
q' hum real me deve.

Por essa travessa
teu a j acolhendo
e isto vai correndo
fugindo a gram pressa
ne esta maõ, e nesso
falsso. s' atreve
que hum real me deve

Com perceme

Com

Comprou me Amor
Sem lhe fazer prees
E nam lhe mereço
darme des favor
dame tanta dor
que ando a por elle
pello q. me deue

E ude qua bradando
elle vai fugindo
elle sempre vindo
Eu sempre chorando
De quando em quando
no Amor s'atreue
como que nam deue

A falar verdade
elle ia pagou
mas inda ficou
deuendo ametade
minha liberdade
he a q. me teue
E nella s'atreue

A huas

A huas trias que o
uiam de ser terceiras
q. com hua dama su

Pois a tantas perdicoins
trias quereis dar vida
ditosa seja a ferida
que tem tais cirurgioins
pois ventura
me sobiu a tanta altura
que me sejais ualadoras
ditosa seja a tristura
que se cura
co vossos rogos senhoras

Por minha pena mostrar
q. entendeis que he assi
nam quero falar por mi
que o mi fala meu mal
sois formosas
aveis de ser piedosas
E ser tudo de hua cor
E pois Amor vos fes tam
milagrosas
Fazei milagres d'Amor

Pedi a quẽ uos sabeis
q̃ saiba d' meu trabalho
nam pello q̃ eu nisto ualho
mas pello q̃ uos ualeis
q̃ ualer
d' uosso alto mereser
com lho pedir d' giolhos
para que em meu padecer
possa auer
poder q̃ bem uus olhos
da
vossa m formosura
coa sua tanto val
q̃ me rio d' meu mal
quando cudo em quẽ mo cura
A meus Ays
peço uos q̃ lhe ualhais
damos d' Amor tão ualidos
q̃ nunca tal dor sintais
q̃ queirais
onde nam sejais queridos

Villancete

De dentro tengo mi mal
que de fuera, no ay al.

Voltas da A.

Mi nueua, y dulce querella
q̃ es inuisible, a la gente
el alma sola la siente
q̃ el cuerpo, no es digna della

Como la biua centella
s' encubre en el pedernal
De dentro tengo mi mal

Ved si es dulce mal aquel
q̃ el alma misma le cela
q̃ a nadie mostrar s' puede
De celos que tiene del.

abracada esta con el
que para cuerpo mortal
no nasció tan dulce mal

Desbarates q̃ uaõ continuando
Com os mays q̃ estaõ im
pressos a fol. 167. na
volta dello

Que dises de huns q̃ as entranhas
lhe estaõ ardendo em esbico
e se tem mando a Rustico
fasem de teas d'aranhas?
com suas hypocresias
que saõ deuassas esprās:
para os pequenos huns Neros,
para os grandes tudo feios
pois tu pareço naõ sabias
que la uaõ leis, onde querem Cruzados.

Mas tornando a hũs enfadonhos
Cuias cousas saõ notorias
huns q̃ contaõ mil historias
mais desmanchadas q̃ sonhos

Huns

Aluns mais paruos ls Gamboas
que co[illegible] palauras boas
co[illegible] paguem por [illegible]
que tem morto mil pessoas
por iuda de quanto quero.

Adonde tienen las mentes
tus secretos [illegible]
que fazem cartas d'amores
de que ficaõ mui contentes
naõ querem saui aspraca
trazem troua q̃ negaca
V selha gabais q̃ he boo,
dis que he de certa pessoo.
hora ls. queceis ls faca.
senaõ vime dis este mundo?

Ou ce como me ataraca
escudeiro de solia.
com bocais de fidalguia
trasdos quasi com vacca

Importunos a Amphenar
mortos q desenterrar
parentes q elairaõ la:
ueito atal q me farea
tem debtes nunca falar
mais com uiua alma

Huns que falaõ muito uj.
de que quizera fugir
huns que sempri sem se sintir
andaõ falando entre sy:
q riosos sem resaõ
q desque tomaõ amaõ
falaõ sem necessidade
q se algum hora he uerdade
deue ser na confissaõ
porque quem naõ mente tarde entendeis

V61

O Vos quem quer que melidas
que aueis de ser auisado
que dizeis a namorado
que caca vento com redes
vera q̃ vida da dama
fala com sigo na cama
passa de noite c'escarro
por falsete na guitarra
proom sempre, viuo quem ama
porque calca a seu proposito

Mas deixemos seguir verdes
q̃ hum pouco as tra[v]essuras
porque entre quatro maduras
se veis tambem sinco verdes
deixemonos mais ao mar
e se algum se arecear
passe tres ou quatro trouas
e uos tomai cores nouas
mas nao he p.ᵃ espantar
que quem porque os ha menos em cada
mercê lhe renguam

Vos que sois secretarios
das Consciencias reais
que entre os homes estais
por tais ordinarios:
Como nao pondes hu freo
ao roubar, q nao tem meio
debaixo de bem governo
pois hum pedaço de inferno
por pouco dinh.º alheio
se vende a Mouro ou Judeo.

Porque a mente afficoada
sempre a real divindade
vos fas julgar q a bondade
a malicia da disculpa da
nove apresenta Real
hua afeiçao natural
que logo inclina a seus
a seu favor e nao dis
hum ipso muito geral
q o alade donde lança ahi lança

E uos bailay aqle som
por isso gentis Pastores
uos chama a uos merecedores
hum so foi pastor bom

BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA

CAM
10P

O restauro desta obra deve-se a:

Salve um Livro !